

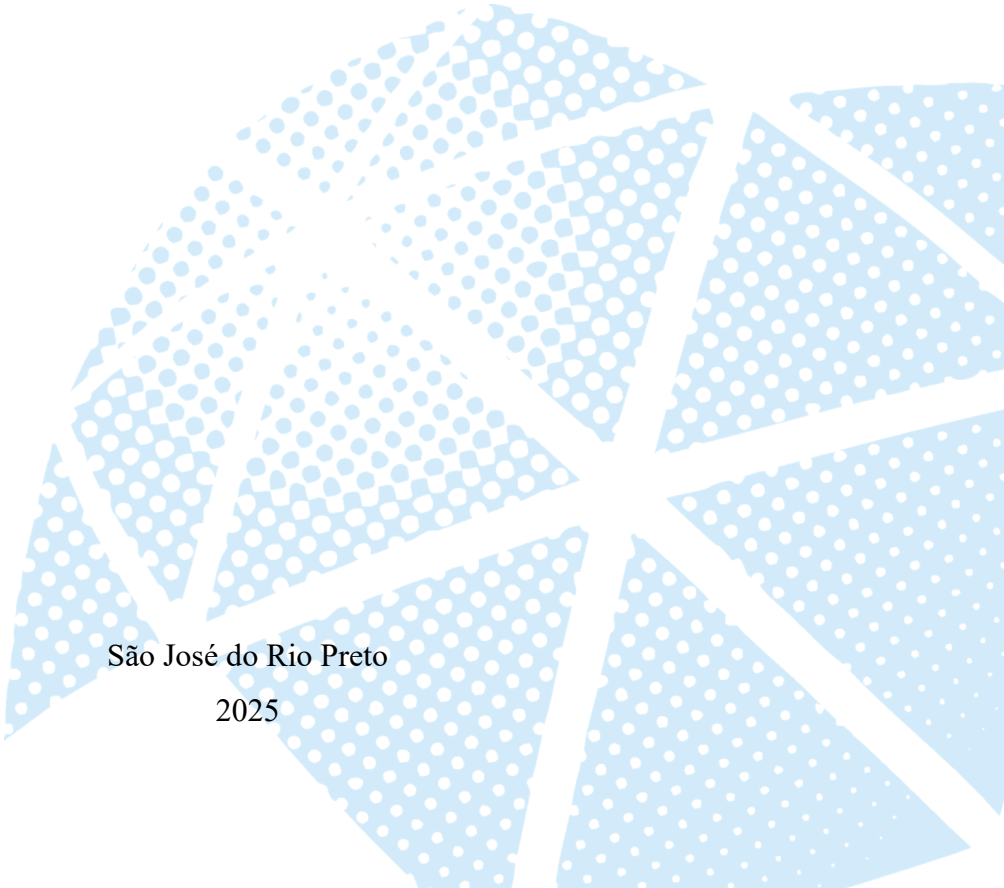
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP
Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas - Campus de São José do Rio Preto

Matheus Vinícius Paixão Pitelli

Aspectos da amizade em *História do rei Apolônio de Tiro*

São José do Rio Preto

2025



Matheus Vinícius Paixão Pitelli

Aspectos da amizade em *História do rei Apolônio de Tiro*

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Literatura

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Aquati

São José do Rio Preto

2025

P682a

Pitelli, Matheus Vinícius Paixão

Aspectos da amizade em História do rei Apolônio de Tiro /
Matheus Vinícius Paixão Pitelli. -- São José do Rio Preto, 2025
155 f.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP),
Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio
Preto

Orientador: Cláudio Aquati

1. história do rei Apolônio de Tiro. 2. amizade. 3. amizade na
literatura. 4. romance antigo grego. 5. romance antigo romano. I.
Título.

Matheus Vinícius Paixão Pitelli

Aspectos da amizade em *História do rei Apolônio de Tiro*

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Literatura

Data da defesa: 24 de junho de 2025

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Cláudio Aquati
UNESP - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Campus de São José do Rio Preto

Prof. Dr. Emerson Cerdas
UNESP – Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Araraquara

Prof. Dr. Luís Augusto Schmidt Totti
UNESP - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Campus de São José do Rio Preto

*À inefável Jéssi, minha esposa e companheira.
E a todos aqueles que mantiveram vivas
as aventuras de Apolônio.*

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por seu infinito amor e misericórdia, sem os quais eu não teria condições de ter chegado até aqui. Toda honra e louvor a Ele.

Toda minha gratidão aos meus pais, Andressa e Ely, aos meus avós, Joana e Odair, e a minha tia, Gisele, anjos colocados em minha vida para me educar, orientar, ensinar e incentivar. Se pude ter uma trajetória acadêmica, foi em razão dos sacrifícios realizados pelos meus pais e avós, os quais sempre proporcionaram os recursos e o amparo necessários para que eu pudesse me dedicar integralmente aos estudos. Agradeço a meus irmãos, os quais enchem meu coração de esperança quando os vejo.

Uma dádiva em minha vida, minha esposa Jéssica foi um dos pilares ao longo de toda a jornada desta investigação. Sem sua motivação e apoio incondicional, este trabalho não teria sido possível. Sem sua companhia, amor e amizade seriam apenas palavras do dicionário.

Agradeço ao Guilherme Sonsino e ao Vinícius Medeiros pelo companheirismo de todas as horas e pelas boas conversas. Eles são grandes amigos, irmãos que a Unesp me proporcionou e que ampliam o deleite que é viver a vida.

Meus sinceros agradecimentos ao Gelbart Silva, cujas conversas, conselhos e recomendações foram decisivas para a elaboração desta dissertação.

Sou grato aos meus Professores da Educação Básica e do Cursinho Metamorfose, os quais construíram as estradas por onde percorri para chegar à universidade. Não seria possível citar o nome de todos, mas, nos seguintes nomes, evoco o meu reconhecimento a todos os que acreditaram em mim: Reni Tomas, Maria de Lourdes, Silmara Teixeira, Sandra Tarifa, Luís Paulo, Maraynna C. Simão, Thiago H. Abraão e Elaine Silva, Viviane Freitas e Vanessa Freitas, e Manoel V. F. Barrionuevo.

Brindo aos Professores da Graduação e da Pós-Graduação, bem como aos meus companheiros das disciplinas cursadas, pessoas fundamentais para que eu me construísse como estudante, profissional e pesquisador.

Agradeço à Universidade Pública, gratuita e de qualidade, especialmente à Unesp de São José do Rio Preto – um sonho realizado – por todo aprendizado e experiências vivenciadas. A Unesp foi a grande responsável por eu me encontrar no mundo, por eu descobrir nos Estudos Literários aquilo que me move. Agradeço, ainda, a todos os funcionários do IBILCE, especialmente aos da biblioteca e aos da administração.

Minha gratidão às Bancas de Qualificação e de Defesa, evocadas nas pessoas da Profa. Dra. Cláudia Nigro, do Prof. Dr. Emerson Cerdas e do Prof. Dr. Luís Augusto Schmidt Totti,

os quais, além de aceitarem gentilmente o convite de participação, ainda mais, aprimoraram este trabalho com suas valiosas considerações e sugestões.

Meus mais profundos agradecimentos ao Prof. Dr. Cláudio Aquati, quem, desde a primeira aula da graduação, cativou-me com sua forma apaixonada de ensinar, tornando-se, assim, instantaneamente minha inspiração como professor e pesquisador. Não bastasse essa admiração que eu trazia comigo, conforme passamos a trabalhar juntos, ele passou a ser, para mim, um mentor, um exemplo, um amigo. Serei eternamente grato a toda sua gentileza, disponibilidade e auxílio. Se este percurso foi menos árduo e mais enriquecedor, foi graças a ele.

Manifesto minha gratidão àqueles que, ao longo dos séculos, contribuíram de alguma forma para a preservação de informações remanescentes sobre a *História do rei Apolônio de Tiro*. Agradeço, também, aos que se juntarão a nós nos estudos de HA.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Percebia agora que não raro os livros falam de livros, ou seja, é como se falassem entre si. [...] Era então o lugar de um longo e secular sussurro, de um diálogo imperceptível entre pergaminho e pergaminho, uma coisa viva, um receptáculo de forças não domáveis por uma mente humana, tesouro de segredos emanados de muitas mentes, e sobrevividos à morte daqueles que os produziram, ou os tinham utilizado.

Umberto Eco (2011, p. 303).

RESUMO

O objeto desta dissertação é o romance antigo *Historia Apollonii regis Tyri*, *História do rei Apolônio de Tiro*. Nessa narrativa de ficção em prosa romana, de composição localizável entre os séculos III e VI d.C., investigaremos as relações de amizade que se desenvolvem entre suas personagens. Em primeiro lugar, interessa-nos compreender, panoramicamente, a relação existente entre a produção romanesca greco-latina e nosso corpus, isto é, quais semelhanças e diferenças se verificam entre os textos desse conjunto. Em segundo lugar, importa-nos identificar e discutir os vínculos estabelecidos entre os protagonistas (Apolônio e Társia) e as demais personagens relevantes na narrativa. Para essa investigação, recorreremos aos conceitos de amizade articulados tanto por pensadores da Antiguidade, como Aristóteles (em *Ética a Nicômaco*) e Cícero (em *Sobre a amizade*), quanto por pensadores modernos, os quais se propõem a refletir a amizade no período antigo, quais sejam, Ortega (em *Genealogias da amizade*) e Konstan (em *A amizade no mundo clássico*). Com base nesses conceitos, concluímos que, na trama desse romance, podemos encontrar não somente verdadeiros amigos como Helênico, o rei Arquístrates e o pescador na praia, mas também hediondos inimigos, como o rei Antíoco e o leno que explora a filha de Apolônio; bem como falsos amigos tais que Estranguilião e Dionísia. Enquanto os amigos atuam como adjuvantes dos protagonistas, os inimigos (incluindo-se os falsos amigos) atuam como opositores a Apolônio e Társia, colocando em risco tanto sua vida como sua integridade física e moral.

Palavras-chave: *história do rei Apolônio de Tiro*; amizade; amizade na literatura; romance antigo grego; romance antigo romano.

ABSTRACT

The present dissertation is dedicated to the ancient novel *Historia Apollonii regis Tyri*, “The History of Apollonius King of Tyre”. In Roman work of prose fiction mentioned, composed amidst the 3rd and 6th century CE, we will investigate the development of friendship among its characters. First and foremost, we aim to understand the broad spectrum of correlations between the Greco-Roman novelistic production and our specific *corpus* – that is, which correspondences and differences are identifiable in the works grouped in said literary context. Secondly, we intend to identify and discuss the relationships established between the protagonists (Apollonius and Tarsia), as well as between other significant characters in the narrative. In order to proceed with such investigation, we turn to concepts of friendship as articulated by Ancient authors, such as Aristotle (*Nicomachean Ethics*) and Cicero (*On Friendship*), as much as modern scholars who reflect on friendship in antiquity, namely Ortega (*Genealogies of Friendship*) and Konstan (*Friendship in the Classical World*). From said theoretical framework we conclude that, in this novel’s plot, we are able to attest not only true friends, such as the fisherman on the shore and Hellenicus, the Archistrates king, but also heinous enemies, exemplified by the king Antiochus and the brothel-keeper who exploits Apollonius’ daughter, in addition to false friends, such as Stranguillio and Dionysias. While the true friends act as allies to the protagonists, the enemies (including the false friends) act as opponents to Apollonius and Tarsia, placing at risk both their lives and their physical and moral integrity.

Keywords: the *history of Apollonius king of Tyre*; friendship; friendship in literature; ancient greek novel; ancient roman novel.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. O CORPUS LITERÁRIO	14
2.1. O ROMANCE ANTIGO	14
2.1.1. O romance antigo grego	18
2.1.2. O romance antigo romano	21
2.2. ESTUDO SOBRE <i>HISTÓRIA DO REI APOLÔNIO DE TIRO</i>	25
2.2.1. Síntese de <i>História do rei Apolônio de Tiro</i>	32
2.2.2. A ambiência de <i>História do rei Apolônio de Tiro</i> : aspectos sociais, culturais e econômicos....	41
2.2.3. Aspectos histórico-literários	45
2.2.4. A estrutura de <i>História do rei Apolônio de Tiro</i>	53
3. A QUESTÃO DA AMIZADE	69
3.1. OS ANTIGOS.....	69
3.1.1. Aristóteles: <i>Ética a Nicômaco</i>	69
3.1.2. Cícero: <i>Sobre a Amizade</i>	74
3.2. OS MODERNOS	78
3.2.1. Francisco Ortega: <i>Genealogias da Amizade</i>	78
3.2.2. David Konstan: <i>A amizade no mundo clássico</i>	86
4. A AMIZADE EM <i>HISTÓRIA DO REI APOLÔNIO DE TIRO</i>	89
4.1. APOLÔNIO E SUAS AMIZADES	89
4.1.1. Helênico.....	89
4.1.2. O pescador na praia	92
4.1.3. Arquístrates.....	97
4.1.4. A filha de Arquístrates.....	101
4.1.5. Atenágoras.....	110
4.1.6. Társia	115
4.1.7. Habitantes de Tarso	120
4.2. TÁRSIA E SUAS AMIZADES	124
4.2.1. Atenágoras.....	124
4.3. APOLÔNIO E SUAS INIMIZADES	130
4.3.1. Antíoco	130
4.3.2. Estranguilião e Dionísia.....	132
4.4. TÁRSIA E A INIMIZADE.....	143
4.4.1. Leno.....	143
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	147
REFERÊNCIAS.....	153

1. INTRODUÇÃO

Nesta dissertação, analisamos o tema da amizade em *Historia Apolonii regis Tyri* (*História do rei Apolônio de Tiro*), doravante HA, produção latina anônima, concebida possivelmente entre os séculos III e VI d.C. Mesmo que tenha caído no esquecimento ao longo dos últimos séculos, como pontua Schmeling (1996, p. 551), esse romance teve muito prestígio especialmente na Europa medieval, como atestam as centenas de manuscritos preservadas ao longo do tempo, seja em prosa ou em verso. No rol dos romances antigos, HA figura como um texto cujo projeto narrativo se assemelha ao dos cinco grandes romances gregos, embora em lugar de tratar de um casal de amantes, sua grande inovação seja narrar principalmente as relações de amor entre pai e filha. No que tange aos romances antigos romanos, uma das semelhanças mais marcantes é o idioma conservado no texto, o latim; contudo, apesar dessa semelhança com o *Satíricon*, de Petrônio, e com *O asno de ouro*, de Apuleio, HA é um romance que tende à perspectiva idealista, enquanto os outros dois, à hiper-realista.

Como HA ainda não está disponível em língua portuguesa, a versão utilizada neste trabalho é uma tradução do latim para o espanhol realizada por López (1997) – tendo como fonte a Recensão A –, organizada em cinquenta e um capítulos. Com o objetivo de conservar os sentidos literários de nosso corpus, quando necessário citar o texto de HA no corpo do texto desta dissertação, reproduzimos essa tradução de López apondo-lhe em nota de rodapé o texto latino estabelecido por Schmeling (1988). No decorrer de nosso estudo, a presença de longos trechos de HA justifica-se, em primeiro lugar, pelo compromisso de conduzirmos nossa análise tendo sempre o texto literário como parâmetro, com o que buscamos diminuir o risco da perda de objetividade em nossa reflexão.

Em segundo lugar, compreendemos que esses longos trechos em espanhol podem tornar nosso trabalho mais uma fonte de acesso ao HA, especialmente àqueles não versados na língua latina ou inglesa; é por essa razão que decidimos inserir essas passagens alongadas e correr o risco de que, dada sua extensão, elas talvez suscitem alguma dificuldade para que o leitor mantenha seu fluxo de leitura. Isto é, conforme pensamos, oferecer ao nosso leitor o contato direto com HA é tão importante quanto estudá-lo neste trabalho. Assim, mesmo que nesta dissertação HA não esteja reproduzido integralmente, ao menos as citações, junto à síntese expandida realizada no cap. 2.2.1., possibilitarão ao leitor uma melhor noção de como se preserva nosso corpus atualmente. Destaque-se também que todas as traduções neste trabalho cujo original em língua moderna é remetido em nota de rodapé são de nossa responsabilidade, salvo quando há referência ao tradutor.

Além do mais, tratando-se do enredo de HA, acompanhamos as aventuras de Apolônio e, em menor escala, as de sua filha, Társia, e as de sua esposa, os quais, amiúde, enfrentam situações perigosas e desafios que só podem ser transpostos, em grande parte, graças ao auxílio dispensado pelos amigos que surgem em seu caminho. Nossa hipótese inicial é a de que a amizade, para além de ser “o motor das relações humanas” (Ortega, 2002, p. 54), é fundamental para que os protagonistas logrem êxito em sua trajetória.

Assim, dentre o grande número de vínculos que se poderia apontar na trama de HA, realizamos um recorte e refletimos sobre os laços que, em nossa análise, são mais significativos neste romance, a saber, os estabelecidos entre Apolônio, Társia e as demais personagens. Além do mais, é preciso observar que uma investigação dos vínculos amistosos deve abarcar, ainda, um estudo dos laços de inimizade, pois os inimigos também têm uma relação de amizade, mas o vetor dessa relação é em sentido oposto.

A fim de melhor organizar as reflexões propostas neste trabalho, a divisão em capítulos contemplou (i) a apresentação de um panorama do romance antigo, (ii) a revisão dos principais conceitos de amizade adotados em nosso estudo e (iii) a realização da análise dos laços de amizade (e inimizade) conforme o recorte já indicado. Dessa forma, no Capítulo 2 “O *cópus literário*”, em primeiro lugar, retomamos os principais conceitos a respeito do romance antigo, abarcando a produção ficcional grega e romana a fim de situar HA, temporal e literariamente, dentre as demais produções romanescas da Antiguidade. Em seguida, passamos à discussão de nosso *cópus*, quando apresentamos uma síntese dilatada do seu enredo; tratamos de aspectos sociais, culturais e econômicos de seu universo *diegético*; salientamos algumas das principais informações histórico-literárias dessa obra (o tema das recensões, versões e traduções conservadas); e, finalmente, indicamos particularidades de sua estrutura narrativa.

No Capítulo 3 “A questão da amizade”, reunimos as principais ideias de quatro pensadores que se propuseram a analisar o tema da amizade, dois dos quais situam-se em um período histórico mais próximo da Antiguidade, quais sejam Aristóteles (*Ética a Nicômaco*) e Cícero (*Sobre a Amizade*), e outros dois, Ortega (*Genealogias da Amizade*) e Konstan (*A amizade no mundo Clássico*), que, embora localizados temporalmente na modernidade, refletem sobre a amizade do período antigo.

As concepções de amizade desses pensadores são a base de nossa análise, a qual se desenvolve no Capítulo 4 “A amizade em *História do rei Apolônio de Tiro*”, onde discutimos os vínculos estabelecidos entre Apolônio, Társia e as personagens que com eles se relacionam como verdadeiros amigos. Também discorreremos sobre os vínculos de inimizade, a saber, a

relação entre Apolônio e Antíoco; Apolônio e os falsos amigos Estranguilião e Dionísia; e entre Társia e o leno.

Finalmente, concluímos nosso trabalho retomando os principais pontos refletidos nesta dissertação e pontuando a natureza da amizade estabelecida entre os protagonistas de HA e as demais personagens. Nas relações amistosas, esperamos encontrar indícios do estabelecimento de vínculos positivos, os quais possibilitem aos protagonistas a superação de suas adversidades. Por outro lado, nos laços de inimizade, pressupomos a configuração de relações prejudiciais, maléficas e destrutivas, por meio das quais os inimigos ou os falsos amigos constantemente colocam em perigo a integridade física e moral dos protagonistas.

2. O CÓRPUS LITERÁRIO

2.1. O ROMANCE ANTIGO

Há indícios suficientes para atestar que, historicamente, um dos surgimentos do romance se situa na Antiguidade com vertente greco-romana daquilo que hoje se denomina romance antigo. A esse respeito, Mikhail Bakhtin desenvolve ideias de grande importância para a discussão do romance e seu aparecimento. Parte de seus estudos sobre o romance antigo encontra-se na obra *Problemas da poética de Dostoiévski*, na qual ele afirma que, entre o final da Antiguidade Clássica e o Helenismo, constituíram-se vários gêneros pertencentes ao campo por ele denominado “sério-cômico”, dentre os quais, seria possível citar os mimos, o diálogo socrático, a poesia bucólica e a sátira menipeia.¹ Esses gêneros se oporiam aos pertencentes ao campo do “sério”, tais como a retórica clássica, a tragédia e a epopeia.

Bakhtin demonstra que, dentre os gêneros do “sério-cômico”, pelo menos dois estariam mais associados à origem greco-romana do romance, a saber, os gêneros diálogo socrático e a sátira menipeia. O pensador russo aponta ainda para um elemento cultural e sócio-histórico de grande relevância para o aparecimento do romance, elemento esse que, embora externo ao âmbito literário, é intrínseco a ele: a carnavalização.²

Conforme aponta Bakhtin, a carnavalização literária provém da cosmovisão ocidental existente nas festas folclóricas de carnaval. Tradicionalmente, essas comemorações simulavam um rearranjo da organização social, possibilitando, ainda que apenas nos dias de festa, uma inversão de papéis dos indivíduos nas sociedades. Essa inversão manifestava-se, por exemplo, no fato de que o rei e um bufão³ (ou alguém hierarquicamente muito inferior) trocavam de papel durante as festividades, isto é, o segundo passava a reinar, enquanto o primeiro era ridicularizado pela multidão; todavia, ao fim da festa, cada um voltava a seu posto natural.

Esse contraste tão marcado, essa inversão da ordem social instituída afetou o âmbito literário, pois as obras passam paulatinamente a manifestar uma fusão de motivos e temas de natureza oposta, envolvendo o sublime e o vulgar, a vida e a morte, a juventude e a velhice, o elogio e o impropério, o sagrado e o profano, num paradigma interminável.⁴ Nesse sentido, aquilo que era mal visto pela sociedade, passa a figurar juntamente com o que era estimado,

¹ BAKHTIN, 2010, p. 120-121.

² *Ibid.*, p. 121.

³ *Ibid.*, p. 139.

⁴ *Ibid.*, p. 140 e 141.

provocando reações diversas nos leitores e autenticando uma produção que reinventa e (re)cria a literatura ao romper com a tradição. A sociedade, antes estática, passa por uma revisão.

O diálogo socrático, por sua vez, diz respeito aos textos reunidos dos discursos, das falas e das conversas nas quais participaram Sócrates. Bakhtin (2010, p. 123-124) destaca o fato de que essas obras conservavam o método socrático de obter a verdade, ou seja, o diálogo, o confronto de ideias como o meio de se trazer à luz a verdade ou o conhecimento.

Por seu turno, a sátira menipeia formou-se da fragmentação do diálogo socrático,⁵ em um contexto sociocultural em que as pessoas discutiam a respeito de vários temas, haja vista que se vivia em um momento de afluxo cultural e de ideias.⁶ O estudioso russo esclarece que a denominação desse gênero é herança de uma obra de Menipo de Gádara, escritor sírio do séc. II a.C. Alega ele que, antes disso, outros autores já escreviam textos de teor semelhante.⁷

Para a constituição da sátira menipeia, Bakhtin elenca catorze elementos principais,⁸ dentre os quais salientamos: viagem; presença de sonhos (os quais manifestam uma profecia, motivam ações ou oferecem orientações); contrastes muito expressivos; e uso de gêneros textuais intercalados. Como exemplos de sátiras menipeias ocidentais, podemos citar as *Saturae Mennipeae*, de Varrão (116–27 a.C.), e *Apocolocintose do divino Cláudio*, de Sêneca (4 a.C.–65 d.C.).

De acordo com as características da sátira menipeia detalhadas por Bakhtin, nota-se uma tendência específica em sua transição para a constituição do gênero romanesco, qual seja, a de tomar emprestados de outros gêneros elementos diversos que o constituem: da épica, o romance alimenta-se do tema mítico e das aventuras; da tragédia, ele se vale do *pathos*; da comédia, ele toma a *vis cômica*; da sátira, ele se aproveita da criticidade; da lírica, ele evoca o sentimento amoroso; da historiografia, ele se apropria do relato; e, da retórica, ele se vale da técnica persuasiva. Em outras palavras, o romance “[...] utilizou e fundiu em sua estrutura quase todos os gêneros da literatura clássica” (Bakhtin, 2014, p. 215). Esse caráter do romance levou Gual (1972, p. 389) a caracterizá-lo como “onívoro” e, semelhantemente, Jacyntho Lins Brandão (2005, p. 131) tratou-o como um gênero “gramatofágico”. Assim, se é essência do romance o alimentar-se de outros gêneros para (re)inventar-se, pode-se compreender que ele não é, e nem pode ser, um gênero acabado, mas que sua existência consiste, sim, exatamente numa perpétua transformação.

⁵ BAKHTIN, 2010, p. 126.

⁶ *Ibid.*, p. 133-134.

⁷ *Ibid.*, p. 126.

⁸ *Ibid.*, p. 128 a 133.

“Romance”, o termo com o qual o denominamos, consiste num anacronismo. Para compreender o uso desse termo, é preciso recuar no tempo ao momento em que o Império Romano se fragmentava: nessa época, conforme Brandão (2005), coexistiam ao menos duas formas de comunicação oral, o *latine loqui* – latim culto ensinado nas escolas – e o *romanice loqui* – uma forma de latim mesclada com as línguas de outros povos subjugados pelos romanos, uma fala popular e destituída do prestígio atribuído ao *latine loqui*. O “*romanice loqui*” difundiu-se mais amplamente, enquanto o “*latine loqui*” reservou-se a contextos de maior formalidade oral e principalmente para a escrita de documentos e obras consideradas importantes.

Já na Idade Média, a palavra “romance” tem seu sentido transposto para além da denominação de uma variante linguística e passa a abranger, também, uma produção ficcional, escrita em prosa ou em verso, com o objetivo de levar o leitor a uma sensação de entretenimento.⁹ Brandão (2005, p. 25) enfatiza que o fato de essas obras serem redigidas em língua românica (e não em latim formal) de modo algum é uma escolha acidental; ao contrário, trata-se da ideia de melhor difundir esses textos, uma vez que o material linguístico empregado nessas composições era o popular dessa época.

Tal qual é conhecido atualmente, isto é, narrativa de ficção em prosa, com um considerável volume de texto e dotado de narrador e narratário,¹⁰ em língua portuguesa o gênero romanesco recebe a designação “romance” no século XVII.¹¹ Sabe-se que as línguas modernas adotam vocábulos de etimologia diversa para designá-lo, como o inglês, que recorre a “*novel*”, e o espanhol, que recorre a “*novela*”. Como o grego antigo, por seu turno, não dispunha de um nome específico para os textos romanceados, uma vez que essas narrativas não fruíam da relevância social dedicada, por exemplo, à epopeia ou à tragédia, essas obras estavam relegadas, portanto, à marginalidade. Isso posto, é um notório anacronismo utilizar um termo do séc. XVII para nomear textos cuja produção situa-se em séculos anteriores.

No entanto, o uso da palavra “romance” para designar a obra ficcional em prosa da Antiguidade não acarreta prejuízos à análise literária, uma vez que, em primeiro lugar, é possível encontrar correspondências formais entre essa produção predecessora, nomeada como “romance antigo”, e o romance moderno. Em segundo lugar, dado que os gregos se abstiveram de nomear essas composições, precisamos fazê-lo posteriormente, pois, afinal, toda uma

⁹ BRANDÃO, 2005, p. 25-26.

¹⁰ *Ibid.*, p. 32-33.

¹¹ MOISÉS, 2006, p. 158.

tradição literária não pode carecer de identificação. Sobre essa questão, Brandão (2005, p. 268) esclarece que

[...] Se os gregos antigos não sabiam que eram gregos - nem antigos! -, não deve causar estranheza que sua última criação não tenha sido batizada com um nome grego, até porque o processo ininterrupto de sua transmissão dinâmica, como um gênero vivo, em formação e em transformação, resultou na sua denominação, significativamente, por um termo romano. Dizer *romance grego antigo*, portanto, é um despropósito apenas cronológico; do ponto de vista da história de como se constituem os sentidos, não se poderia encontrar designação mais adequada [...] (itálicos do autor).

Os textos que se consideram produção romanesca da Antiguidade situam-se temporalmente em um período que vai desde os entornos do século II a.C. até o séc. VI d.C. No tocante ao plano geográfico, entende-se que o advento do romance recobre a porção nordeste da bacia do mediterrâneo, territórios do norte africano, bem como do Oriente Médio e da Ásia. Conforme Gual (1972, p. 18-19), o contexto cultural onde nasceu o romance era permeado pelas ideias gregas, fato possibilitado pela helenização do mundo conhecido, transformação cultural que decorreu dos avanços militares e das conquistas de Alexandre Magno.

A língua de comunicação, nessa vasta região conquistada, era o grego koiné, idioma franco que permitia o diálogo entre diferentes povos, cada qual com uma cultura também distinta; nesse cenário multicultural e no qual inúmeras ideias efervesciam, era possível usufruir a produção literária grega por meio da koiné. Com Gual (1972, p. 47), aprendemos ainda que o romance era um gênero literário diferente daqueles conhecidos nessa conjuntura, pois ele facultava a plena ficcionalização e, por isso mesmo, permitia também a fuga da vida cotidiana e a experimentação de sensações e emoções libertadoras aos leitores da Antiguidade.

Embora suponha-se que, na Antiguidade, a produção de romances tenha sido profícua, atualmente dispomos de um número bem reduzido de obras conservadas total ou parcialmente, tanto em idioma grego quanto em latim, pois o material em que se exarava – pergaminho, papiro, tábua de argila, entre outros – era de natureza muito frágil. Embora a crítica não seja de todo unânime, para efeito didático, frequentemente recorre-se à seguinte datação estimada para o *cópus* do romance antigo:

Fabulae Milesiae, de Aristides de Mileto (séc. II a.C.);
Utopia de viagens, de Iâmbulo (séc. II a.C.);
Vida de Alexandre, de Pseudo Calístenes (séc. II a.C.);
Quéreas e Calírroe, de Cáriton de Afrodísia (entre 41-62 d.C.);
Metíoco e Partênopo, anônimo (séc. I d.C. – próximo a Cáriton);
Nino e Semíramis (Nino), anônimo (63-75d.C., provavelmente);

Ântia e Habrócomes (Efesiacas), de Xenofonte de Éfeso (após 65 d.C.);
Satíricon, de Petrônio (até 66 d.C.);
História de Alexandre Magno da Macedônia (O romance de Alexandre – I), de Quinto Cúrcio Rufo (séc. I d.C.);
Sesôncosis, anônimo (séc. I a III d.C.);
A vida de Apolônio de Tiana, de Filóstrato (primeiro quartel do séc. II d.C.);
Lúcio ou O asno, do Pseudo Luciano (séc. II d.C.);
Metamorfoses (O asno de ouro), de Apuleio (entre 165 e 175 d.C.);
Leucipe e Clitofonte, de Aquiles Tácio (séc. II d.C.);
Das narrativas verdadeiras, de Luciano de Samósata (séc. II d.C.);
Dáfnis e Cloé (As pastorais), de Longo (séc. II ou III d.C.);
A história de Alexandre (O romance de Alexandre – II), de Júlio Valério Polêmio (séc. II d.C.);
As coisas incríveis além de Tule, de Antônio Diógenes (séc. II d.C.);
As feniciacas, de Loliano (séc. II d.C.);
Babilônicas, de Jâmblico (séc. II d.C.);
Teágenes e Caricleia (Etiópicas), de Heliodoro (séc. III d.C.);
História do rei Apolônio de Tiro, anônimo (entre o séc. III e VI d.C.);
Crônica da Guerra de Troia de Dictis Cretense, anônimo (séc. IV d.C.);
O itinerário de Alexandre Magno (O romance de Alexandre – III), anônimo (séc. IV d.C.);
Epítome das façanhas de Alexandre Magno (O romance de Alexandre – IV), anônimo (séc. IV d.C.);
O livro da morte de Alexandre e de seu testamento (O romance de Alexandre – V), anônimo (séc. IV d.C.);
História da destruição de Troia de Dares Frígio, anônimo (final do século V d.C.).

2.1.1. O romance antigo grego

Dentre os títulos mencionados na seção anterior, destacam-se cinco, os quais frequentemente são designados pela crítica como *Big Five*, isto é, as cinco grandes obras gregas, que atendem àquilo que se conserva como características mais frequentes na convenção do gênero. Ruiz-Montero (2006, p. 16) aponta que a tradição encaixa as seguintes produções gregas na categoria de romance “sério, ideal ou sentimental”: *Quéreas e Calírooe*, de Cáriton de Afrodísias; as *Efesiacas (Ântia e Habrócomes)*, de Xenofonte de Éfeso; os *Relatos Pastoris*

(*Dáfnis e Cloé*), de Longo; *Leucipe e Clitfonte*, de Aquiles Tácio; e as *Etiópicas* (*Tedágenes e Claricleia*) de Heliodoro.¹²

Em geral, os estudiosos têm chamado o romance antigo grego – gênero que surgiu no Império Romano – de *romance de aventura e proações*,¹³ dado que, em conteúdos, é muito frequente encontrar-se o desenvolvimento de viagens; visitas a lugares exóticos; enfrentamento de situações perigosas; luta contra piratas, contra criminosos e outras pessoas maldosas, além de uma série de outras situações repletas de surpresas e tensão. Acerca das obras desse gênero, os pesquisadores também têm percebido algo repetitivo, pois tais obras, não raramente, apresentam um belíssimo e jovem casal que se apaixona perdidamente; esses amantes se unem em um relacionamento, mas, ao longo de sua trajetória surgem adversidades e obstáculos que os distanciam um do outro. O casal busca, constantemente, reencontrar-se, mas não obtém sucesso; nesse ínterim, a castidade de ambos é posta à prova mediante o assédio perpetrado por outras personagens, ao qual, contudo, nenhum cede. Finalmente, após uma longa viagem com muitas aventuras e perigos, os protagonistas reencontram-se e casam-se, consumando-se um desfecho feliz.¹⁴

Nessas produções ficcionais, destaca-se o fato de que mesmo os protagonistas vivenciando uma quantidade considerável de aventuras, o tempo transcorrido não impacta em sua fisionomia ou beleza, pois, “[...] simplesmente, esses dias, noites, horas, instantes, são medidos tecnicamente apenas nos limites de cada aventura em particular. Esse tempo de aventuras extraordinariamente intenso mas indeterminado na idade dos heróis, não é absolutamente computado” (Bakhtin, 2014, p. 216), e, por essa razão, ao final da narrativa, os heróis continuam tão belos e jovens como o eram no início.

Gual (2006, p. 96) ensina que

[...] Com eles [os *Big Five*] se inaugura no Ocidente esse gênero literário, o último inventado pela tradição helênica. Os autores desses cinco romances nos são conhecidos de um modo muito precário, apenas por suas obras (como é o caso de Cáriton, Xenofonte de Éfeso, Longo) ou por muito pouco mais (Aquiles Tácio e Heliodoro). A época em que viveram, sua cultura e suas intenções literárias tivemos de deduzi-las de seus próprios relatos em um

¹² “Si queremos establecer una tipología de la novela griega, los fragmentos aparecidos en los últimos años nos impiden aceptar la simple división tradicional entre ‘novela seria, ideal o sentimental’ y ‘novela cómica, paródica o satírica’, perteneciendo a la primera la *Calíroe* de Caritón de Afrodísias, las *Efesíacas* de Jenofonte de Éfeso, los *Relatos pastoriles* de Longo, [...] *Leucipay Clitofonte* de Aquiles Tacio, las *Etiópicas* de Heliodoro [...]” (RUIZ-MONTERO, 2006, p. 16, itálicos da autora).

¹³ BAKHTIN, 2014, p. 213.

¹⁴ BAKHTIN, 2014, p. 214; ALBRECHT, 1999, p. 1103.

gênero tardio e menosprezado pelos eruditos, que floresceu no anonimato e à margem do cânone literário da Antiguidade.¹⁵

É justamente em razão desse caráter fragmentário das informações que chegaram até nós a respeito desses autores ou mesmo de suas obras que o pesquisador desses temas se confronta com uma série de desafios, limitado de alcançar dados mais precisos e impedido de, por meio de análises, propor respostas mais efetivas.

No que tange à estrutura dos romances antigos gregos, Gual (2006, p. 105) considera que tanto o tema erótico (o amor), quanto as viagens são-lhes imprescindíveis. Para ele, a prova de amor é manifestada por meio de situações em que os protagonistas precisam se mostrar fiéis a seus cônjuges; a falsa morte é um outro tema bastante repetido. Em sua análise, as viagens por países estrangeiros e exóticos são um terreno fértil para a ocorrência de situações perigosas, o que sustenta a aura emotiva e sentimental dessas narrativas, bem como suscita as surpresas e o suspense, os quais propiciam a comoção dos leitores. Veremos mais adiante (cap. 2.2.4. A estrutura de *História do rei Apolônio de Tiro*) que essas características, em alguma medida, também se materializam em HA, embora com particularidades que distanciam nosso *cópus* do esquema compositivo das obras gregas.

Segundo Gil (1978, p. 375), “[...] La novelística griega está en estrecha conexión con el surgir de una «burguesía»”.¹⁶ Gil refere-se a uma espécie de camada média da população composta por aqueles que não eram nem nobres nem escravizados, como artesãos, pequenos comerciantes e alguns funcionários públicos, indivíduos que, embora vivessem em um contexto cosmopolita, eram órfãos de ideais; essa mesma camada nutria um desejo de evasão da rotina monótona e, para tanto, buscava entretenimento na leitura de ficções em que viam os bons sendo recompensados e os malvados sofrendo o castigo que lhes cabia. Dessa forma, esclarece Gil, nasce o romance, gênero no qual “[...] o Amor triunfa sempre: o mundo já não está preparado para a repulsiva catarse da tragédia; ao contrário, prefere fechar os olhos para a realidade” (Gil, 1978, p. 375).¹⁷ Nesse sentido, não é de se estranhar que, de modo geral, “os protagonistas do

¹⁵ “[...] Con ellas se inaugura en Occidente este género literario, el último inventado por la tradición helénica. Los autores de estas cinco novelas nos son conocidos de un modo muy precario, tan sólo por sus obras (como es el caso de Caritón, Jenofonte de Éfeso, Longo) o por muy poco más (Aquiles Tacio y Heliodoro). La época en que vivieron, su cultura y sus intenciones literarias hemos de deducirlas de sus propios relatos en un género tardío y menospreciado de los doctos, que floreció en el anonimato y al margen de las preceptivas literarias de la Antigüedad” (GUAL, 2006, p. 96).

¹⁶ “[...] A novelística grega está em íntima conexão com o surgimento de uma ‘burguesia’” (GIL, 1978, p. 375).

¹⁷ “[...] el Amor triunfa siempre: el mundo no está preparado ya para la revulsiva catarsis de la tragedia; mejor dicho, prefiere cerrar los ojos a la realidad” (GIL, 1978, p. 375).

romance grego são limpos de manchas; tanto seu amor como seu coração são puros” (GIL, 1978, p. 383).¹⁸

Esses mesmos protagonistas vivem suas aventuras entregues ao sabor do acaso, já que “[...] o traço mais característico da dinâmica narrativa, segundo Brandão, adviria da ação da *Tykhe*,¹⁹ este aspecto que sinaliza a presença do imprevisto e do acaso, mas que também se refere à coincidência de vários planos narrativos” (Ipiranga Jr, 2014, p. 52), ou seja, nas narrativas gregas, “[...] Se alguma coisa acontecesse um minuto antes ou um minuto depois, [...] se não houvesse nenhuma concomitância ou não concomitância fortuita, então também não haveria enredo algum e não haveria sobre o que escrever no romance”.²⁰ Dessa forma, cada acontecimento da trama revela-se submetida às leis do acaso, sem o qual os episódios não poderiam existir.

Essas obras gregas eram ainda comumente consideradas idealistas, pois frequentemente encontram-se em sua estrutura narrativa certos elementos constitutivos como o reencontro de parentes perdidos, o desvelamento dos mistérios, a punição dos malvados e a recompensa dos bons, bem como a consumação do amor com o casamento dos protagonistas.²¹

2.1.2. O romance antigo romano

No que concerne à produção romanesca antiga romana, dispõe-se atualmente dos seguintes títulos:

Satíricon, de Petrônio;

História de Alexandre Magno (vários textos de autores distintos);

Metamorfoses (O asno de ouro), de Apuleio;

História do rei Apolônio de Tiro, anônimo;

Crônica da Guerra de Troia, de Dícitis Cretense, anônimo;

História da destruição de Troia, de Dares Frígio, anônimo.

Dentre essas produções, destaca-se uma Tríade Romana, constituída pelo *Satíricon*, *O asno de ouro* e, mais recentemente, HA. A tradição tem designado o termo narrativas de

¹⁸ “Los protagonistas de la novela griega están limpios de toda mancha; tanto su amor como su corazón son puros” (GIL, 1978, p. 383).

¹⁹ *Tykhe* é uma figura da mitologia grega que personifica a sorte e o destino.

²⁰ BAKHTIN, 2014, p. 218.

²¹ GUAL, 1972, p. 178.

aventuras e costumes para distinguir as produções de ficção em prosa latinas, as quais tomam como base as viagens, as aventuras e o enfrentamento de situações perigosas que já se encontravam presentes nos romances gregos, mas insere a crítica ao modo supostamente reprovável como viviam certos cidadãos romanos.²² Em Petrônio e em Apuleio, não se trata de assistir à punição dos maus, bem como praticamente inexistente a figura de personagens classificadas como boas, o que coloca esses dois textos como polos opostos à produção romanesca grega remanescente nos *Big Five*.

O *Satíricon* e *O asno de ouro* – o Duo Romano –, não raro, são também designados obras de perspectiva *realista*, pois tais obras não recorreriam a uma visão idealizada do mundo, mas, antes, evocariam uma compreensão das ações humanas mais próxima de sua face contraditória, falha e – por que não dizer – perversa. No entanto, já se tem notado que o termo *realista* não seria exatamente o melhor adjetivo para classificar tais produções, pois o Duo Romano prende-se à realidade coetânea com conteúdo crítico por meio de uma expressão realística ou fantasiosa. Na verdade, ao observarmos a obra de Petrônio e a de Apuleio, talvez seja melhor compreendê-las como produtos de uma visão hiper-realista, uma “observação satírica e irônica do mundo circundante” (Gil, 1978, p. 377) a partir da qual seus respectivos autores procuram exagerar a realidade a fim de que o público pense sobre as tensões e desvios de norma existentes em sua contemporaneidade, isto é, “[...] o exagero, o absurdo, o cômico, a justaposição de elementos incompatíveis trazem à tona, para o leitor [...] a reflexão da realidade” (Aquati, 1997, p. 105).

O Duo Romano foi considerado durante muito tempo como um núcleo oposto aos *Big Five*, visto que tanto seu idioma de escrita quanto a perspectiva adotada na constituição das obras eram distintas: enquanto os cinco grandes romances foram escritos em idioma grego e adotavam uma perspectiva idealista, de outro lado, o Duo Romano foi exarado em latim e adotava a perspectiva hiper-realista. Mais tarde HA foi inserido ao grupo de produções latinas, dada a extensão de seus textos remanescentes e do idioma em que se preservou – o latim.

Com respeito ao *Satíricon*, sabe-se que o texto hoje disponível está longe de ser seu conteúdo completo, pois o material preservado desse romance é apenas uma parte muito pequena do que teria sido o original romano.²³ No material remanescente, narram-se as andanças de Encólpio e Gitão pelo sul da Itália, ora acompanhados de Ascilto, ora de Eumolpo, os quais sempre se envolvem em confusões de natureza vária. O narrador revela de forma um

²² Na trama de HA, diferentemente de *Satíricon* e de *O asno de ouro*, inexistem críticas à forma supostamente condenável como viviam alguns romanos.

²³ AQUATI, 2021, p. 7.

tanto hiperbólica situações e atitudes humanas repletas de violência, devassidão e mau gosto e, nesses momentos, os protagonistas testemunham e reproduzem o mesmo comportamento reprovável que encontram. Conforme Aquati (1997, p. 106), mesmo que tanto os nomes presentes no *Satiricon* quanto as histórias neles inseridas sejam de origem grega, a sociedade evocada e observada é justamente a romana, onde vemos desde o “retórico moralista”, o “novorico vulgar”, até os “caçadores de herança” e o “religioso imprudente”.

Já no romance de Apuleio, o protagonista Lúcio vive inúmeras situações inusitadas após se transformar num burro por meio de um unguento mágico, numa metamorfose que acontece logo no início da fábula. Contudo, se a solução para o problema que se instaurou seria relativamente simples – bastaria que Lúcio comesse rosas –, circunstâncias dificultosas (Lúcio não encontra rosas) impedem, no entanto, que o moço-burro reverta o encanto. Assim, ele vive a partir desse momento uma série de aventuras e desafios dispondo do corpo de um quadrúpede, embora conservasse sua mente humana.

Essa configuração lhe possibilitará observar, desde outra perspectiva, o comportamento supostamente reprovável de várias personagens e perceber quão indigno, na sua opinião, era o gênero humano. Essa outra perspectiva é a seguinte: como a aparência do protagonista no cronotopo do romance é a de um asno, as personagens que ele encontra no decorrer de sua trajetória não se importam de procederem livremente diante dele, permitindo-se agir do modo como não o fariam perto de outra pessoa, o que outorga a Lúcio uma perspectiva privilegiada, haja vista que, agora, sem quaisquer obstáculos, ele pode ver os atos e atitudes pelos quais transparece a natureza humana.

Conhecer a natureza humana, além de sofrer os tormentos de que padece, leva o rapaz, ao final da história, a converter-se em um sacerdote de Ísis, deusa que o ajuda a encontrar as rosas necessárias para que retomasse sua forma humana original. Cumpria-se, finalmente, uma dupla metamorfose: uma primeira, que seria a mudança do estado de asno para o de homem, e a segunda, que remetia à superação de suas próprias imperfeições, ficando para trás o comportamento juvenil, curioso e interessado em bruxaria para, então transformado num homem adulto, seguir uma vida dedicada à religião.

Além dos textos destacados anteriormente, há ainda outras obras romanas. *História de Alexandre Magno* (*Historiae Alexandri Magni*) é o nome que se dá a um conjunto de textos, cada um com um autor diferente, a saber, *História de Alexandre Magno da Macedônia* (*O romance de Alexandre – I*), de Quinto Cúrcio Rufo; *A história de Alexandre* (*O romance de Alexandre – II*), de Júlio Valério Polêmio; *O itinerário de Alexandre Magno* (*O romance de Alexandre – III*), anônimo; *Epítome das façanhas de Alexandre Magno* (*O romance de*

Alexandre – IV), anônimo; e *O livro da morte de Alexandre e de seu testamento* (*O romance de Alexandre – V*), anônimo. Embora essas produções romanescas ficcionais em prosa se encontrem em latim, supõe-se que cada uma delas seja a tradução de um texto anterior, em grego. Ademais, mesmo que sejam considerados romances, esses textos também se avizinham de outros gêneros como a biografia e a historiografia, e, neles, o conteúdo abarcado, em geral, diz respeito à vida, às aventuras e às façanhas de Alexandre, o Grande.²⁴

Já *Crônica da Guerra de Troia de Díctis Cretense* (*Ephemeris belli Troiani*) e *História da destruição de Troia de Dares Frígio* (*De excidio Troiae historia*) são narrativas ficcionais em prosa sobre a guerra de Tróia e diferentes dos relatos encontrados na *Iliada*, de Homero. Conforme Silva (2023, p. 12), essas produções romanescas encontram-se em idioma latino, e, em suas respectivas introduções, informa-se que cada uma delas é uma tradução de um outro texto, originalmente em língua grega, cujos autores seriam o soldado grego Díctis no primeiro caso, e o soldado troiano Dares no segundo caso, os quais teriam vivenciado os eventos que contam sobre a guerra. Enquanto Díctis narraria a guerra de Tróia desde a perspectiva grega, Dares o faria a partir do ponto vista de seu povo troiano. Entretanto, Silva (2023) explica que os dois autores mencionados são componentes fictícios de cada uma das obras, isto é, são autores inventados; assim, por essa razão, ainda hoje se desconhece a identidade de quem escreveu, de fato, cada um desses romances.

Há, finalmente, os textos hagiográficos, os quais são, conforme Huber-Rebenich (1999), produções ficcionais a respeito da vida dos apóstolos, de santos e de mártires, isto é, são narrativas que mesclam estruturas do gênero romanescos com temas cristãos. Dentre os vários exemplos, podem-se citar *Atos de Paulo e Tecla*, em cuja trama conta-se que Tecla se apaixona pelo apóstolo Paulo – sentimento não correspondido por ele – e vive uma série de aventuras e perigos semelhantes aos experimentados pelos protagonistas do romance grego; após uma longa jornada e depois de superar vários desafios, ela consegue chegar ao final feliz, nesse caso, ser enviada por Paulo para anunciar a fé cristã.²⁵

Outro exemplo de hagiografia é *Pseudo-Clementino*,²⁶ romance que trata de um jovem romano chamado Clemente, cuja família foi dele se separando até que ele ficasse sozinho. Após algum tempo nessa condição solitária, o rapaz encontra o apóstolo Pedro e, acompanhando-o nas missões religiosas, Clemente narra as atividades missionárias desse apóstolo, bem como

²⁴ STONEMAN, 1999, *passim*.

²⁵ HUBER-REBENICH, 1999, p. 162.

²⁶ “*Pseudo-Clementines*” (HUBER-REBENICH, 1999, p. 163).

sua disputa com o mago Simão. Em determinado momento da história, Pedro propicia o reencontro entre Clemente e os familiares antes desaparecidos (seu pai, sua mãe e dois irmãos), os quais se convertem ao cristianismo.²⁷

2.2. ESTUDO SOBRE *HISTÓRIA DO REI APOLÔNIO DE TIRO*

Tendo sido composto entre o séc. III e VI d.C., *Historia Apolonii regis Tyri* (*História do rei Apolônio de Tiro*) teve uma grande circulação ao longo da Idade Média e do Renascimento, como comprovam o grande número de versões, traduções e adaptações sobre as quais se tem informação. Archibald (1991, p. 03 e 08) e Schmeling (1996, p. 526) apontam a existência de ao menos cento e catorze manuscritos conservados, os quais, embora não contenham exatamente a mesma trama, preservam as aventuras de Apolônio e sua família.

Como os manuscritos mais antigos conservados datam do séc. IX,²⁸ e tendo em vista que esses documentos não constituem o texto original, há uma ampla diversidade de pontos de vista entre os pesquisadores no que se refere a diferentes aspectos de HA. Por exemplo, enquanto para alguns autores o primeiro exemplar seria um texto grego traduzido posteriormente para o latim,²⁹ outros encontram na obra elementos indicadores de um original em língua latina.³⁰ Para defender o primeiro posicionamento, os teóricos valem-se de alguns argumentos como o de que (i) a estrutura de HA é semelhante à dos romances gregos, (ii) o nome das personagens seriam nomes gregos traduzidos para o latim, e também apontam o fato de que (iii) determinadas expressões utilizadas na narrativa são estranhas em latim, mas que parecem traduções do grego, idioma em que fazem mais sentido.³¹

Dentre os argumentos para sustentar um original latino, López (1997, p. 29-30) explica que Klebs se embasa em conhecimentos numismáticos – isto é, o estudo de moedas – para defender as aventuras de Apolônio como obra escrita originalmente em latim no séc. III d.C.³²

²⁷ HUBER-REBENICH, 1999, p. 163-164.

²⁸ LÓPEZ, 1997, p. 72-73.

²⁹ López (1997, p. 27-31) indica os seguintes pesquisadores como partidários de que HA surge de um texto original grego: Welser, Riese, W. Teuffel, C. Lanza, E. Rohde, Fr. Garin, P. J. Enk, K. Svoboda, Kortekaas. A própria López (1997) mostra-se favorável a essa perspectiva. A pesquisadora Ruiz-Montero (2006, p. 64) demonstra-se mais propensa à ideia de um texto original grego.

³⁰ López (1997, p. 29-30) aponta os seguintes pesquisadores como defensores de um original latino de HA: M. Haupt, Ph. Thielmann, Klebs, Schanz-Hosius, Goepf, B. E. Perry, J. M. Hunt, E. Badian, R. Ziegler e Schmeling.

³¹ LÓPEZ, 1997, p. 28.

³² Schmeling (1996, p. 530) também acrescenta que Klebs demonstrou existir em HA, além das moedas, inúmeras menções a medidas e referências a metais todas seguindo o modelo latino – e não o grego.

Outros argumentos utilizados para fundamentar a perspectiva de um original latino são os costumes e as instituições mencionadas ao longo da trama, bem como a inserção de citações de autores latinos³³ – como Virgílio e Ovídio, por exemplo. Sobre esse último elemento, Schmeling (1996, p. 530) argumenta que, caso o texto original fosse grego, seria natural que houvesse menções a obras gregas clássicas, o que não se realiza em HA. Nesse sentido, portanto, as referências a obras e a autores latinos indicam ser essa a mais provável origem de HA. Além do mais, esse mesmo teórico acrescenta, ainda, outro argumento contra a origem grega das aventuras de Apolônio: as palavras de educação e os termos de afeto são, igualmente, de origem latina.³⁴

Além disso, a datação da obra também é problemática. López (1997, p. 29) aponta que, para Kortekaas, tendo havido um texto grego, este foi provavelmente composto na Síria entre o final do século II d.C. e o início do III d.C., e que esse texto foi base para a adaptação latina, realizada entre o final do século V d.C. e o começo do séc. VI d.C. Na perspectiva Klebs,³⁵ conforme assinalamos anteriormente, a escrita do original latino teria sido no século III d.C., o qual passara pelas mãos de um revisor cristão no séc. V d.C. Schmeling (1996, p. 535), por seu turno, tem uma opinião ligeiramente distinta das demais, pois, segundo ele, o texto latino de HA teria sido concebido no início do século terceiro – informação fundamentada nos estudos de valores monetários inseridos na obra –; esse pesquisador afirma, ainda, que a versão disponível atualmente aponta para um texto produzido entre os séculos V e VI d.C. por um escriba cristão, e assegura, finalmente, que os manuscritos mais antigos pertencem ao século IX d.C. Assim, diante de tantas variantes, entendemos neste trabalho os séculos III d.C. e VI d.C. como balizas temporais para a produção de nosso corpus.

É importante destacar que, como mencionamos anteriormente, os manuscritos que preservam HA não são idênticos. Uma possível explicação para esse fato, no entendimento de López (1997, p. 14), estaria no envolvimento dos copistas com o texto, ou seja, apesar de a sua função ser apenas a de copiar a história a fim de preservá-la, eles (os copistas) se sentiam tão envolvidos com a história que se permitiam o direito de propor soluções para as lacunas do texto primário ou então até mesmo tomavam a liberdade de alterar determinadas passagens com o propósito de, a seu critério, aperfeiçoá-las em diversos sentidos. Se, por um lado, todas essas atitudes, claro, inviabilizaram a preservação de documentos mais próximos de um original, por

³³ LÓPEZ, 1997, p. 29-30.

³⁴ SCHMELING, 1996, p. 530.

³⁵ LÓPEZ, 1997, p. 29-30.

outro lado, propiciaram a sobrevivência de dezenas de versões, as quais se difundiram por toda a Europa.

Atualmente, são tantas as variações de HA que a crítica tem dividido os documentos remanescentes em grupos, os quais, chamados “Recensões”, subdividem-se em Recensão A, B e C. Trataremos desse assunto no tópico 2.2.3. *Aspectos histórico-literários*.

Entendemos que diversas vezes a fábula de HA aproxima-se da dos cinco grandes romances gregos:

as personagens, de modo geral, são sempre dotadas de muita beleza (Apolônio e sua esposa são confundidos com os deuses Apolo e Diana; a filha deles, Társia, é tão bela que causa inveja à pérfida Dionísia);

as personagens enredadas em laço amoroso veem-se separadas e impossibilitadas de fruir do amor que sentem (Apolônio distanciado de sua esposa; Apolônio separado de sua filha);

personagens secundárias colocam em risco a integridade física dos protagonistas (rei Antíoco, Dionísia e Ieno);

é recorrente a vivência de aventuras marítimas;

muitas vezes ocorrem naufrágios;

falsas mortes criam a ilusão da perpétua separação entre os amantes (se a esposa de Apolônio vive um episódio de falsa morte, Társia, sua filha, é sequestrada por piratas, e, em dado momento, é tida como morta);

a tópica dos cinco grandes romances antigos e a de HA é séria.³⁶

Além disso, a fábula de HA e as de vários romances gregos

[...] são organizadas como provas do herói e da heroína, sobretudo como provas de sua castidade e de sua fidelidade recíprocas. Mas além disso também são provadas sua dignidade, sua coragem, seu destemor, e mais raramente sua inteligência. O acaso espalha pelo caminho dos heróis não só perigos mas também tentações de toda espécie, coloca-os nas situações mais delicadas, mas sempre conseguem sair delas com honra (Bakhtin, 2014, p. 230).

Apesar de haver tantos pontos em comum entre as produções romanescas gregas e HA, este apresenta uma particularidade que o distancia radicalmente daquelas narrativas: enquanto nos *Big Five* o afeto amoroso apresenta-se fundamentalmente entre um casal heterossexual, em HA temos a recorrente alusão ao amor entre pai e filha. Embora tenhamos de retomar a discussão

³⁶ OLIVEIRA, 2019, p. 13.

desse tema no capítulo 2.2.4. *A estrutura de História do rei Apolônio de Tiro*, vale pontuar por ora que, a respeito das provações, tanto Apolônio quanto Társia precisam utilizar seus conhecimentos para superar situações de perigo; em particular, para a jovem princesa, seu saber é a arma mais eficaz na luta contra o risco de estupro no bordel. Apolônio, por seu turno, em momento algum tem sua castidade colocada à prova, mas sua inteligência o livra de vários reveses (por sua astúcia, Apolônio desvenda o enigma de Antíoco; por meio de sua argúcia, percebe que corre algum perigo e foge de Tiro; em razão de sua esperteza, ele exhibe seu talento desportivo para o rei Arquístrates e, com isso, consegue auxílio desse soberano). Outro elemento notável que diferencia HA dos romances gregos é o fato de que os protagonistas do nosso corpus são reis, rainhas, príncipes e princesas, enquanto nos textos gregos, apesar de serem depositários de muita importância em suas cidades, os protagonistas não são membros da nobreza.³⁷

Já em relação aos romances latinos, HA rompe com uma suposta tradição, pois, embora existam alguns elementos em comum entre essa obra, o *Satíricon* e *O asno de ouro*, é difícil observá-los sob uma mesma perspectiva. No âmbito das semelhanças, além da língua latina como idioma de expressão, também podemos notar a temática das viagens. Tratando-se mais especificamente do *Satíricon* e de HA, ainda identificamos, neles, o mote do reconhecimento e o uso de temas cômicos. Destaque-se que o tema da viagem – comum ao *Satíricon*, a *O asno de ouro* e ao HA –, bem como o do reconhecimento – presentes na obra de Petrônio e em nosso corpus – são motivos que já habitavam a *Odisseia*, de Homero, fonte em que muito provavelmente beberam esses outros autores. Esses mesmos temas (da viagem e do reconhecimento) estão presentes, também, em outra narrativa, a *Eneida*, de Virgílio. Dessa forma, entendemos que os autores do *Satíricon*, de *O asno de ouro* e de HA dão sequência à longa tradição literária que os antecede, mas, ao inserirem esses motes literários em suas respectivas obras, mudam em alguma medida sua perspectiva.

Como dissemos, o tema das viagens é bastante claro nas três obras, pois afinal, sabe-se que, no *Satíricon*, Encólpio (frequentemente acompanhado de outra personagem) vive suas peripécias realizando um tipo diferente de viagem em relação ao romance grego, como Aquati (1997, p. 107) entende, mais exótica do que aquela experienciada pelos protagonistas dos *Big Five*, uma vez que no *Satíricon* “[...] os protagonistas mergulham nos ambientes humanos, chegando a profundidades até então desconhecidas, ou antes, ciosamente postas de lado e apontando na literatura não mais que esporadicamente”. Já em *O asno de ouro*, o mote da

³⁷ Archibald (1991, p. 20) ressalta uma única exceção: *As Etiópicas*, de Heliodoro.

viagem também é utilizado, haja vista que Lúcio deixa sua casa para ir à Tessália a negócios e, ao longo de sua trajetória, vive inúmeras aventuras transformado em asno. Semelhantemente, a trama de HA apresenta deslocamentos, que se revelam essenciais, como adiante discutiremos no tópico 2.2.4. *A estrutura de História do rei Apolônio de Tiro*.

Também entendemos que outro ponto em comum entre o *Satíricon* e nosso *cópus* diz respeito ao tema do reconhecimento. Em HA, primeiramente Apolônio reconhece sua filha Társia quando se encontram no porão de um navio e, posteriormente, quando a esposa de Apolônio o reconhece diante do templo de Diana em Éfeso. Enquanto esses eventos ocorrem com certo grau de solenidade, em Petrônio, por outro lado, o tema do reconhecimento é levado a outra esfera. Em determinado momento do enredo, o narrador conta que, por um engano, Eumolpo, Gitão e Encólpio estão no navio de Licas, sendo que esse último, Licas, nutre antigo desafeto por Encólpio e Gitão, os quais causaram algum dano ao dono do navio anteriormente. Ao perceberem a situação difícil em que se encontram, tanto Gitão quanto Encólpio mudam vários aspectos de seu corpo, buscando, nesse disfarce, escapar da fúria de Licas; ainda que esse plano não funcione:

[...] Licas, que me conhecia muito bem, como se ele próprio ouvisse minha voz, chegou perto de mim e não examinou nem minhas mãos, nem meu rosto, mas, os olhos baixos, sem hesitar, levou a mão diligente até as minhas partes e disse:

— Oi, Encólpio.

Admire-se agora alguém de que a ama de Ulisses, depois de vinte anos, tivesse encontrado a cicatriz que revelava as origens dele... Pois se um homem assim esperto, mesmo confundidos todos os traços do meu corpo e do meu rosto, chegou com tanta eficiência ao único indício que delatava o fugitivo... (PETRÔNIO, 2021, 105.9-10).

Essa cena engendra uma paródia do contexto de reconhecimento das epopeias, além de evocar o mote cômico, todavia com uma linguagem cuidada, trabalhada de forma a não ser infame ou vulgar. Já em HA, a cena de reconhecimento de Apolônio e Társia nada tem de cômico e menos ainda de qualquer ideia que possa ferir o pudor, pois nela não se reconhece elementos ignóbeis ou abjetos. No contexto, Társia desce ao porão do navio onde se encontra o enlutado Apolônio; ela procura alegrá-lo e fazê-lo sair daquela situação; porém, por mais que eles se deem bem durante algum tempo, o rei de Tiro, deprimido, mostra-se inflexível em sua decisão de permanecer isolado. Em determinado momento, a menina cai no chão e, em razão de um machucado, ela começa a lastimar todos os infortúnios pelos quais passou, desde que nascera até aquele momento. Ao ouvir a história narrada, Apolônio dá-se conta de que diante dele está a filha que julgava morta:

Y cuando la muchacha decía llorando estas y otras cosas similares, Apolonio, precipitándose a sus brazos, empezó a decirle llorando de alegría: «¡Tú eres mi hija Tarsia! ¡Tú eres mi única esperanza! ¡Tú eres la luz de mis ojos; es a ti a la que lloro y por tu madre guardo luto durante catorce años! Ya voy a morir contento, porque me ha sido devuelta una esperanza rediviva.» (HA, 45; trad. LÓPEZ, 1997, p. 137).³⁸

Essa cena de reconhecimento se desenrola em uma atmosfera temerária, pois Tarsia está sozinha com Apolônio no porão do navio, e nenhum dos dois sabe que são pai e filha, o que é motivo para sugerir o risco de que se perpetre um incesto, tal qual já anteriormente acontecera na narrativa. No entanto, se nos concentramos especificamente na cena de reconhecimento – desde quando Tarsia cai no chão até o momento em que Apolônio termina seu discurso por meio do qual reconhece a filha –, veremos que há pudor e até certa solenidade nas palavras e nas ações das personagens. Contudo, é preciso acrescentar que, apesar do tema do reconhecimento desenvolver-se de forma séria, o autor-anônimo não recorre necessariamente a uma estética sofisticada em sua composição, como o faz Petrônio no episódio envolvendo Licas e Encólpio.

Tendo em vista esses dois casos, é relevante a alegação de López (1997) de que HA foge da comparação quer quanto ao elemento da extensão da obra, ao cuidado estético da composição ou quanto à usual retomada do tema cômico. Sobre a comicidade, contudo, é verdade que ela está presente em algumas passagens de HA. Citemos, por exemplo, o episódio em que três pretendentes à mão da princesa de Cirene se apresentam a Arquístrates. Os acontecimentos assim se desenrolam: o rei de Cirene caminhava em companhia de Apolônio, quando três jovens apareceram abruptamente diante de Arquístrates e, a uma só voz, saudaram o rei. Em seguida, os rapazes insistem que querem saber qual deles poderá se casar com a princesa; o rei, então, pediu aos pretendentes que escrevessem a proposta de dote de cada um para que ela fosse entregue à princesa, a qual, por sua vez, escolheria o melhor partido em sua própria opinião. Apolônio ficou com a tarefa de levar as três propostas à jovem e de retornar com a escolha dela. Surpreendentemente, contudo, a resposta indicava que a moça escolhia casar-se com aquele que perdera suas riquezas no mar.³⁹ Sem entender o que sua filha quisera dizer, Arquístrates pergunta aos jovens qual deles havia sofrido um naufrágio, ao que um deles imediatamente se apresenta como esse suposto náufrago. Outro pretendente, na mesma hora,

³⁸ Em latim, HA, 45, 1-5

[RA45] 1. *Cumque haec et his similia puella flens diceret, in amplexu illius ruens Apollonius coepit flere prae gaudio et dicere:* 2. — *Tu es filia mea Tarsia, tu es spes mea unica, tu es lumen oculorum meorum, consciusque flens per quattuordecim annos matrem tuam lugeo.* 3. *Iam laetus moriar, quia rediviva spes mihi est reddita.*

³⁹ HA, 20; trad. LÓPEZ, 1997, p. 109.

desmente-o dizendo que ambos se conheciam há muitos anos e que seu colega jamais havia sequer saído da cidade, e, menos ainda, sofrido um naufrágio.⁴⁰

Essa cena apresenta um certo teor de comicidade, porque evoca uma situação constrangedora, quando um mentiroso é desmascarado diante de todos, o que o coloca em uma situação desconfortável; apesar disso, não se pode dizer que HA seja comparável à obra de Petrônio, haja vista, em primeiro lugar, o grau de sofisticação da escrita desse autor e, em segundo lugar, porque o *Satíricon* recorre aos temas cômicos com muito mais frequência e de modo bem mais refinado⁴¹ do que se verifica em HA. É sabido que, com a intenção de provocar riso, Petrônio lança mão de repertório variado para criar cenas nas quais consegue, habilidosamente, tratar do grotesco e do inconveniente de forma esteticamente delicada e muito engraçada – tal qual comprova, por exemplo, a amplamente estudada e analisada “*Cena Trimalchionis*”.

Esse procedimento de Petrônio não é compatível nem com a estética compositiva nem, tampouco, com o ambiente de HA. Essa incompatibilidade, em primeira instância, deve-se às muitas falhas estruturais e problemas de composição⁴² e, em segunda instância, porque todos os acontecimentos de HA se desenrolam sempre no limite da civilidade, do decoro ou, ao menos, conforme o bom tom que pedem as convenções sociais (e o bom senso). Esse caráter é nítido na atitude dos reis Antíoco e Arquístrates para com Apolônio. Mesmo que Antíoco se torne inimigo de Apolônio no mesmo instante em que este propõe casamento a sua filha, ainda assim o tratamento que Antíoco dispensa ao protagonista é solene e aparentemente cordial. Já o rei de Cirene, ainda que seja muito poderoso e conheça Apolônio somente no momento em que ele é apenas um náufrago, pobre e sem qualquer prestígio, a despeito disso, Arquístrates o trata com muita amabilidade e respeito.

Também é indicativo de distinção entre HA e os demais títulos latinos a perspectiva *idealista* adotada pelo autor-anônimo de nosso corpus. Já assinalamos⁴³ que tanto o *Satíricon* quanto *O asno de ouro* valem-se de uma descrição *realista* (ou, melhor, hiper-realista) da condição humana, muitas vezes hiperbolizando a conduta reprovável de suas personagens com o objetivo de que o leitor parta desse excesso para refletir sobre sua própria realidade. Em HA,

⁴⁰ HA, 21; trad. LÓPEZ, 1997, p. 109.

⁴¹ Embora Oliveira (2019, p. 13) já tenha demonstrado que tanto *Satíricon* quanto *O asno de ouro* não são apenas obras cômicas, ao contrário, elas “também atendem à tópica dos romances sérios, ainda que o façam parodiando-a”.

⁴² Esse tema é analisado no tópico em 2.2.4. *A estrutura de História do rei Apolônio de Tiro*.

⁴³ Ver 2.1.2. *O romance antigo romano*.

no entanto, encontramos uma diferença importante, uma vez que o universo narrativo se dá em um ambiente ideal, onde as virtudes são mais notáveis que os vícios, os maus são punidos e os bons recompensados e as situações de tormento retornam ao equilíbrio, pois tudo sempre fica bem no final. Está de acordo com essa idealização o fato de a esposa de Apolônio permanecer casta mesmo depois de um imprevisto mantê-la separada dele durante anos e privada de qualquer notícia sua; após o longo período de distanciamento, quando eles finalmente se reencontram, essa mulher continua tão bela quanto no momento em que ela e seu marido se viram pela última vez, e eles retomam seu relacionamento daquele mesmo ponto, como se todo o tempo de separação transcorrido fosse nada mais que um dia, consumando, inclusive, a vivência de um final feliz.

Outro dado indicativo da visão *idealista* é o fato de Tárсия conseguir manter-se virgem durante toda sua permanência no bordel mesmo como escrava. Nesse sentido, salta aos olhos, quando lemos HA, o fato de que tanto Tárсия quanto sua mãe lançam mão de subterfúgios para escaparem dos pretendentes indesejáveis e manterem-se invioladas, o que aponta, novamente, para a tradição épica representada, agora, pela *Odisseia* – mais especificamente pela personagem Penélope. No caso desta, o estratagema adotado para ludibriar os pretendentes reunidos em Ítaca é o fiar e desfilar a mortalha de Laerte, até que Odisseu consegue retornar ao lar, reencontra sua esposa e vinga-se de seus rivais. De modo mais ou menos comparável, Apolônio busca justiça contra o leno, personagem responsável por colocar em risco a castidade de Tárсия.⁴⁴ Sobre essa princesa, chama ainda a atenção, tendo em vista o ambiente hostil onde ela se encontrava, que nenhuma personagem masculina tenha usado de força ou algum tipo de brutalidade para violá-la; ao contrário, toda vez que ela exercia suas habilidades com as palavras para lhes contar seus infortúnios, os homens, inesperadamente, davam-lhe grandes quantias em ouro sem, contudo, atentarem contra seu pudor. Além disso, no final de sua trajetória, Tárсия ainda se casa com um príncipe e recebe de seu pai o reino de Tiro, encerrando o canônico final feliz das produções de ficção em prosa gregas.

2.2.1. Síntese de *História do rei Apolônio de Tiro*

O resumo desenvolvido a seguir deve seu caráter mais alongado – e, às vezes, com a apresentação de alguns detalhes – ao fato de que ainda não contamos com a tradução em língua portuguesa de HA, motivo pelo qual preocupamo-nos, pedagogicamente, em apresentar ao

⁴⁴ Ver tópico 4.1.6. *Tárсия*

leitor uma síntese que ofereça mais que a reunião acelerada dos acontecimentos da fábula; em vez disso, esperamos que, com essa síntese dilatada, o leitor possa ter uma noção mais clara da fábula da *História do rei Apolônio de Tiro*.

Tudo começa quando o jovem príncipe Apolônio deixa Tiro e dirige-se até o palácio de Antioquia a fim de pedir a filha do rei em casamento. Ele nem imagina, tal como os demais súditos e nobres desse reino, que a belíssima princesa com quem almeja se casar está submetida a um relacionamento incestuoso e forçado pelo próprio pai, o cruel rei Antíoco.

Diante das muralhas de Antioquia, o rapaz avista as cabeças dos inúmeros pretendentes que ali haviam estado antes, os quais foram mortos como punição por não vencerem o desafio estabelecido por Antíoco. O fato é que esse rei, vencido pelo descabido sentimento que nutria pela filha, não queria que ela deixasse o palácio e, para tanto, concebeu um enigma cuja solução era a condição para que algum candidato se casasse com a moça; a morte, por outro lado, era a punição inescapável para o fracasso. Mesmo diante de uma condição tão incomum, inúmeros pretendentes viajavam até Antioquia para arriscarem sua vida tentando se casar com a bela princesa. Como todos erravam a resposta, o resultado era, na verdade, uma carnificina, em razão da qual as muralhas estavam repletas de cabeças, todas perdidas por amor.

Apolônio, que conhecia a condição para o casamento, não se abala ao encarar a paisagem macabra e adentra o castelo em busca do rei. Esse último, após ouvir mais uma das inúmeras propostas feitas em favor do casamento com sua filha, recita o enigma e apenas aguarda o momento de ordenar a morte do rapaz. No entanto, algo incomum acontece: o jovem e astuto Apolônio pondera em sua vasta sabedoria e consegue quebrar a adivinhação e, ao fazê-lo, descobre, na resposta, a revelação do caso de incesto entre o rei e a princesa. Cauteloso, devolve a Antíoco uma resposta também nebulosa, porém correta. O rei surpreso, diz que a solução está incorreta, mas que dará ao rapaz trinta dias a fim de que pense, reconsidere e, depois, volte com uma segunda resposta. Apesar de desconcertado pela situação, Apolônio aceita a suposta benevolência do rei, mas não imagina que, poucos instantes após deixar a presença de Antíoco, este manda o capataz Taliarco em seu encalço a fim de assassiná-lo quando chegasse a Tiro.

Assim, sem suspeitar que corre risco de vida, Apolônio desembarca em sua cidade e, ainda incomodado por sua resposta ter sido reprovada, dirige-se imediatamente a sua biblioteca no palácio, onde verifica todos seus livros e confirma: nada havia de errado no que respondera. Um pressentimento, fruto de sua sagacidade, então, leva-o a carregar seu navio com cereais, riquezas e outros bens e a partir nessa mesma noite. Taliarco, o servo de Antíoco, chega a Tiro não muito depois da partida do príncipe e descobre, na tristeza dos moradores, que Apolônio

desaparecera. Retorna, então, a Antioquia e avisa seu rei da fuga do rapaz. Antíoco estabelece, nesse momento, um prêmio para quem capturasse e levasse Apolônio vivo até sua presença, mas oferece o dobro para aquele que entregasse sua cabeça. O alto valor da recompensa torna-se razão para que muitas pessoas cacem o príncipe de Tiro por todos os lugares, e nem mesmo seus amigos são poupados pela ganância da riqueza.

Enquanto Antíoco mobiliza recursos para encontrar seu inimigo, Apolônio ancora em Tarso e decide caminhar pela praia. Nesse instante, vem ao seu encontro um súdito pobre de Tiro chamado Helênico, o qual deseja avisar seu rei do perigo que corre e desconhece: muitos procuram-no enredados pela promessa de fortuna. Apolônio, no entanto, despreza Helênico e não responde à saudação oferecida. Indignado, o homem pobre repreende seu soberano e afirma que sua pobreza é honrada com muitas virtudes; em seguida, alerta Apolônio de que Antíoco estabeleceu preço por sua cabeça. Ao ouvir essa informação, o rei de Tiro decide recompensar Helênico, o qual, no entanto, rejeita contundentemente a oferta de ouro por uma ação virtuosa e amiga.

Pouco depois, Apolônio encontra seu amigo Estranguilião, morador de Tarso, e, pretendendo pedir-lhe asilo, conta o risco que corre. O homem, porém, alega que a cidade não pode nem recebê-lo, nem abrigá-lo, uma vez que seus moradores têm sofrido uma fome implacável. O príncipe de Tiro responde a isso dizendo que traz consigo o remédio para as dificuldades da cidade: em seu navio há uma quantidade imensa de trigo, o qual venderá a preço baixíssimo aos cidadãos de Tarso. Ao vislumbrar o fim do tormento em que vive, Estranguilião volta atrás em suas palavras e toda a população se alegra com a notícia de que um benfeitor os salvará; Apolônio, então, vai além e desiste de vender o cereal e entrega gratuitamente o alimento à cidade. Em gratidão pelo salvamento da fome, Tarso erige uma estátua a seu salvador, acolhe-o e protege-o de Antíoco.

Passados alguns meses, Apolônio decide partir de Tarso atendendo aos conselhos de seus amigos Estranguilião e Dionísia, sua esposa. Durante a viagem, uma tormenta em alto mar leva à pique o navio, e o rei de Tiro perde toda sua tripulação e pertences, sobrevivendo a duras penas ao agarrar-se a uma tábua. Náufrago e nu, Apolônio chega às praias de Pentápolis de Cirene, onde encontra um pescador paupérrimo, a quem suplica por ajuda. Embora viva em condição de extrema necessidade, mesmo assim o pescador dispõe do que tem para auxiliar Apolônio e cede-lhe metade de suas vestes. Também lhe indica o caminho para a cidade, mas, antes de se despedir do jovem, diz-lhe que pode retornar, se ninguém o ajudar, pois do mar tirarão juntos seu sustento; o pescador ainda acrescenta uma súplica a sua fala: roga a Apolônio

que, caso ele consiga recuperar sua posição de rei e suas riquezas, lembre-se dele, que o ajudou apesar de sua penúria.

Envolto em andrajos, o rei de Tiro adentra os portões da cidade e descobre que o ginásio está aberto. Lá, ele vê o rei de Cirene praticando exercícios e decide exibir suas próprias habilidades esportivas. Arquístrates, soberano da região, impressiona-se com o desconhecido e manda alguns escravos convidarem-no para um banquete. Apolônio aceita imediatamente, porém, no momento de ingressar no palácio, sente-se envergonhado em razão de suas roupas. Informado disso, Arquístrates ordena que levem roupas majestosas ao convidado, como demonstração de gentileza. O jovem náufrago toma lugar entre os convidados do rei e passa a observar todas as riquezas a sua volta. Enquanto todos comem e se alegram, Apolônio chora ao se recordar da sua condição. Os presentes censuram-no, porém Arquístrates repreende-os e diz que o motivo das lágrimas do recém-chegado devem ser as muitas perdas sofridas; por isso, o rei dirige palavras de ânimo e encorajamento ao rapaz.

Nesse momento, a filha de Arquístrates, chegando ao banquete e dirigindo cumprimentos a todos os presentes, ao deparar-se, contudo, com o belo estrangeiro, pede-lhe que se apresente e conte sua história. Diante do pedido, Apolônio desata novamente em prantos e Arquístrates, benévolo, pede para a donzela tocar alguma música a fim de suavizar a dor do convidado. O espetáculo proporcionado pela princesa é muito elogiado por todos os convivas; entretanto, o rei de Tiro é o único que se cala – o que Arquístrates considera uma descortesia. Inquirido a respeito de seu comportamento reprovável, o jovem se justifica alegando que pode demonstrar muito mais perícia musical que a princesa. Ao ouvir isso, o rei ordena que lhe tragam outra lira e, tendo-a em mãos, Apolônio toca e canta com tamanha habilidade que é confundido com o deus Apolo pelos convidados, os quais o elogiam com ímpeto ainda maior do que haviam feito pela filha de Arquístrates.

Vendo tanta beleza e habilidade, a moça é tomada por uma paixão irrefreável. Com a permissão do pai, ela presenteia Apolônio com muitas riquezas e escravos. Finalizado o banquete, o rapaz faz menção de ir-se embora, atitude que desespera a princesa e leva-a a criar várias objeções para sua partida: decide-se, então, que Apolônio permaneça no castelo ao menos essa noite. Mais tarde, no meio dessa mesma noite, a princesa invade os aposentos de seu pai e pede-lhe que fale com o moço, a fim de que ele se torne seu professor. Arquístrates alegra-se com o pedido e, na manhã seguinte, conversa com Apolônio, que aceita a proposta depois de alguma insistência do rei.

Passa o tempo, e o convívio apaixonado da princesa com o príncipe de Tiro acaba por adoecê-la de amor. Por meio de um enigma, a moça indica ao pai que quer se casar com

Apolônio, porém, o rei não é capaz de interpretar a mensagem cifrada, a qual é compreendida por Apolônio, contudo, sem qualquer dificuldade. Arquístrates mais uma vez regozija-se com o desejo da filha, pois estabelecera um bom relacionamento com o rapaz. Esse, por seu turno, aceita casar-se com a donzela, mas sem grandes demonstrações de alegria.

Alguns meses depois das bodas, enquanto o rei de Tiro caminha com sua esposa gestante pelas praias de Pentápolis de Cirene, avista um navio tírio. Ao conversar com o timoneiro, descobre que o rei Antíoco fora fulminado por um raio junto com sua filha exatamente quando dividiam a mesma cama e que, em razão de sua morte, outorgava-se a Apolônio o reino de Antioquia. Imediatamente, o príncipe decide viajar para esse reino a fim de apossar-se dele; sua esposa, embora com a gestação adiantada, não abre mão de partir com ele. Passados alguns meses, a jovem dá à luz em alto mar e, devido a complicações no parto, entra em coma, levando todos a acreditarem que ela morreu. A tripulação convence o rei a desfazer-se do corpo, o que ele faz com prantos dilacerantes. Apolônio ordena que a esposa seja depositada em um esquife com outros dois elementos: (i) ouro para a realização do tradicional rito fúnebre e para a gratificação de quem os realizasse e (ii) pequenas tábuas inscritas, cujo texto nada mais era do que as condições para a recompensa.

O ataúde boia pelo oceano e chega à Éfeso, onde, por acaso, um médico ancião o encontra. Num primeiro momento, ele acredita que se trate de um corpo sem vida, mas seu jovem aprendiz logo percebe que a moça ali depositada ainda está viva e aplica-lhe seus conhecimentos médicos, de modo que ela desperta. O médico preceptor decide que seu aprendiz deve ficar com a recompensa em ouro, uma vez que foi graças a seus conhecimentos que a enferma fora curada. Com relação à princesa de Cirene, após ela fazer ao médico ancião um apelo fremente de ser respeitada, ele concorda em deixá-la viver no templo de Diana, onde a castidade da moça seria preservada.

De outra parte, em alto-mar, Apolônio decide rumar para Tarso com a filha recém-nascida. Lá, ele entrega a pequena aos cuidados dos amigos Estranguilião e Dionísia, pedindo-lhes que cuidem da menina como se fossem seus pais e que a chamem pelo nome de Társia. Também, deixa com eles muitas roupas majestosas, ouro e prata e a ama Licóride a fim de que ela auxilie nos cuidados com a criança. Em seguida, ele jura que não cortará o cabelo, nem a barba e sequer as unhas até chegada a época de casar Társia. Após isso, ele volta ao navio e parte rumo ao Egito, onde pretende viver como comerciante.

Társia cresce sob os cuidados dos pais adotivos Estranguilião e Dionísia, os quais ela acredita serem seus pais biológicos. Por volta dos catorze anos, ela se torna uma jovem muito sábia, instruída e belíssima. Numa certa ocasião, sua ama Licóride fica muito doente e, já a

ponto de morrer, revela a verdadeira origem da princesa Társia, filha de Apolônio rei de Tiro e da princesa que morrera em alto mar ao dar-lhe à luz, e neta de Arquístrates rei de Cirene. A ama exorta-a, em caso de que corra algum perigo, a clamar pelo auxílio da cidade abraçando-se à estátua de Apolônio – aquela erigida pelos próprios moradores de Tarso como agradecimento por ele tê-los livrado da fome. E, poucos instantes depois, Licóride morre.

A jovem continua seus estudos e, por onde passa, chama a atenção de todos por suas habilidades e beleza. Essas características incendeiam a inveja de Dionísia, que maquina um plano para assassinar Társia e, apoderando-se de suas riquezas, utilizá-las para embelezar sua própria filha – desprezada pela população de Tarso. Para atingir seus objetivos, a mulher obriga um escravo chamado Teófilo a perpetrar o crime, e promete-lhe a liberdade em caso de obediência. A possibilidade de ser livre impulsiona o escravo à maldade e o faz romper a relutância inicial. No momento do golpe mortal, porém, a garota pede clemência a Teófilo e suplica ao menos um momento para rezar, o que ele não tem coragem de negar. Enquanto reza, aportam alguns piratas muito perto dali e testemunham toda a cena. Com gritos e valentia, eles fazem Teófilo fugir e sequestram Társia, salvando-a da morte.

O escravo retorna a sua senhora e mente anunciando a morte da jovem. Solicita, então, a liberdade prometida ao escravo. Dionísia recusa-se a cumprir sua palavra e ameaça Teófilo, obrigando-o a retornar a sua servidão habitual. Em seguida, a mulher procura seu marido, confessa-lhe todos seus pensamentos e maquinações e pede-lhe cumplicidade para vestir roupas de luto e prantear fingidamente a morte de Társia diante dos moradores da cidade. Ela propõe, ainda, a construção de uma falsa sepultura, onde corpo algum seria depositado. Estranguilião fica estarecido ao descobrir as ações de sua esposa; no entanto, se por um lado nega-se a apoiá-la, por outro, não a denuncia. Dionísia põe em curso seu plano e toda a cidade de Tarso, acreditando nas lágrimas da mulher, chora o falecimento da filha de seu salvador, Apolônio.

Após deixar Tarso, os piratas atracam em Mitilene, onde vendem a menina como escrava em um leilão. Entre os compradores em potencial, dois se destacam: o príncipe da cidade, chamado Atenágoras, e um leno – dono de um prostíbulo. O primeiro deles, ao perceber em Társia traços de nobreza, decide comprá-la para com ela deleitar-se sexualmente, embora estabeleça a si mesmo uma condição para isso: gastar o mínimo possível. O segundo, proprietário de um lupanar, vê na moça a oportunidade de multiplicar muitas vezes o investimento realizado em sua compra e, por isso, oferece um valor que ninguém teria coragem de pagar por Társia. A soma ofertada é tão alta que Atenágoras avalia ser muito mais econômico deixar seu oponente adquirir a moça e, depois, dirigir-se ao bordel e propor uma quantia razoável para ser o primeiro a romper sua virgindade.

Ao se dar conta de que fora comprada por um cafetão, Társia entra em desespero. Começa, então, a refletir sobre como sair daquela situação e proteger sua virgindade. Assim que o primeiro cliente penetra seu quarto, ela se prostra a seus pés e narra todos seus infortúnios desde o nascimento. Surpreendido e tocado pela narrativa, Atenágoras entrega à menina muito dinheiro, mesmo sem tocá-la; e, como do lado de fora do bordel muitos clientes formavam uma fila para desfrutar dos trabalhos de Társia, o príncipe de Mitilene – agora com o ímpeto sexual abrandado – orienta a donzela a proceder com os demais da mesma forma como ela agiu consigo: que narrasse suas infelicidades ajoelhada e suplicante. A jovem segue as orientações e consegue reunir um montante inimaginável de ouro apenas contando sua história, estratégia que lhe permite preservar a virgindade. Diante da quantidade de dinheiro, Társia convence o empregado do leno a levá-la a lugares públicos, pois ela promete que, nesses espaços, conseguirá reunir ainda mais riquezas ao entreter as pessoas com seus saberes em artes liberais, adivinhas e música. O capataz concorda e a princesa torna-se muito famosa. Nesse ínterim, Atenágoras segue-a de perto, sempre lhe entregando muito dinheiro e cuidando dela como se fosse sua própria filha, a um ponto tal que o empregado do leno a deixa sob seus cuidados.

Enquanto esses fatos se desenrolam, tendo decidido que já era chegado o momento de casar sua filha, Apolônio regressa do Egito a Tarso. Ao atracar, encontra seus amigos com roupas de luto e muitas fingidas lágrimas. Dionísia põe em cena sua mentira ao informar o rei de Tiro de que sua filha morrera poucos dias antes em consequência de problemas estomacais, e essa notícia subjuga novamente o ânimo já deprimido de Apolônio. Ele decide visitar o túmulo erigido à Társia e toda a cidade apresenta-se como infeliz testemunha do relato de Dionísia. Em seguida, o protagonista reúne as riquezas que pertenciam a sua filha e volta ao navio com sua tripulação. Em mar aberto, eles enfrentam muitos perigos causados por ondas e ventos fortes, até que são conduzidos aos portos de Mitilene, onde se celebra uma comemoração em honra de Netuno. Apolônio permite que seus marujos decorem o navio e festejem. Ele próprio, porém, decide ficar recluso nos porões da embarcação, longe de tudo e de todos. Para desencorajar e impedir que seus escravos o procurem ou tentem tirá-lo da condição aflitiva, o rei de Tiro estabelece uma pena violenta a qualquer um que atrapalhasse sua solidão. Assim, toda a tripulação enfeita ricamente o navio e se diverte, enquanto o senhor da nave padece em prantos, sempre pela perda da filha.

No momento da festa, Atenágoras caminha pela praia e avista inúmeras embarcações decoradas; uma, todavia, sobressai dentre todas. Dirigindo-se até lá, ele a elogia muito e a tripulação convida-o a tomar parte nas festividades a bordo. Após juntar-se à comemoração, o príncipe de Mitilene corre os olhos por todos os lados em busca daquele que seria o senhor do

navio, mas não consegue identificar quem fosse. Por essa razão, ele inquire a tripulação sobre essa pessoa e eles dizem que seu senhor está recolhido no porão. Admirado com essa informação, Atenágoras pede que o chamem, mas os marujos negam-se terminantemente a incomodar seu amo – não se esquecem eles da ameaça de castigo. Então, o próprio Atenágoras decide visitá-lo. Antes de descer, contudo, pergunta aos marinheiros o nome desse senhor tão deprimido em momento de festa. Tendo ouvido o nome Apolônio, instintivamente, o príncipe de Mitilene pensa consigo mesmo que era exatamente esse o nome que Társia dizia ser o de seu pai. O homem chega ao porão do navio e lá encontra seu semelhante completamente destituído do desejo de viver. E, mesmo que insistisse muito, o rei de Tiro recusa-se intransigentemente a deixar aquele recinto.

Frente à inflexibilidade do senhor da nave, Atenágoras decide pedir reforços e manda chamar Társia no bordel para alegrar o homem. Quando ela chega, Atenágoras não lhe revela a identidade de Apolônio, e tampouco diz ao homem amargurado quem é a jovem a qual manda para seu quarto de recluso. Dessa forma, quando adentra os aposentos do rei de Tiro, da perspectiva de Társia, ela olha para um desconhecido inconsolável cuja tristeza seria sua tarefa suavizar, e, caso lograsse êxito, receberia muitas recompensas; porém, do ponto de vista de Apolônio, ele contempla uma linda e inteligente garota de lupanar. Nesse cenário ambíguo, os dois interagem e até se dão bem um com o outro. Transcorrido algum tempo, o protagonista entrega uma quantia considerável de ouro à moça e pede que o deixe sozinho, com o que ela concorda.

Ao se reencontrar com Atenágoras na parte superior do navio, Társia demonstra muita alegria pelo ouro que traz consigo. Como o príncipe não vê Apolônio fora de sua reclusão, ele manda a garota retornar ao porão e diz-lhe que não saia de lá sem a companhia do dono da embarcação, pois, ao lograr trazê-lo, ele próprio daria à menina o dobro do ouro que ela carregava em suas mãos. Animada com essa proposta, Társia volta aos aposentos do suposto desconhecido.

Percebendo que as táticas anteriores seriam infrutíferas, Társia decide propor àquele homem triste um jogo de adivinhações: se ele acertasse, ela lhe devolveria o ouro que ele lhe dera anteriormente e o deixaria em paz; entretanto, se ela ganhasse, ele deveria sair à luz do convés. Apolônio aceita o desafio por gostar de enigmas e por querer reaver seu dinheiro, embora tentasse disfarçar esse segundo motivo. Dá-se início, então, a uma sucessão de perguntas e respostas, charadas engenhosas as quais nenhuma pareceu difícil demais para o rei de Tiro. Apolônio divertia-se tanto naqueles momentos que até se esqueceu por um instante da dor que carregava, mas, ao lembrar-se de seu infortúnio, ordenou que a funcionária do leno

deixasse seu quarto imediatamente. Ela, muito comovida por ver um homem tão inteligente decidido a morrer, num ato impensado, agarra-lhe as vestes e esforça-se em tirá-lo daquele lugar; a esse gesto Apolônio responde com um movimento violento que fere e causa dor à garota. Então, a jovem prostrada no chão começa a narrar, entre seus copiosos prantos, todas as tristezas de sua vida, assim como fazia a seus clientes no bordel. Em suas palavras, conta inclusive que, quando estivera sob os cuidados de pais adotivos, sofreu uma tentativa de assassinato, mas que acabou vendida como escrava e comprada como mercadoria por um proxeneta. Apolônio, instantaneamente, reconhece na menina a seus pés a filha que pensava morta e, num instante, transborda de alegria.

Nessa súbita transformação, o protagonista abandona a prostração em que se encontrava pelas adversidades causadas pela fortuna e recobra força e ânimo a fim de vingar a honra de sua filha e fazer justiça contra os malfeitores. O primeiro a enfrentar o ímpeto de Apolônio é o leno, a quem os moradores de Mitilene capturam, levam ao fórum da cidade para ser julgado e, posteriormente, executam queimado. Társia mostra-se justa e clemente, pois, além de outorgar às funcionárias do bordel todas as riquezas do leno, ainda perdoa e liberta o capataz que a ajudara a proteger sua virgindade. Confirmada a origem nobre da moça, o príncipe de Mitilene, Atenágoras, apresenta-se ante Apolônio e, aproveitando-se do fato de ter oferecido algum auxílio à Társia enquanto ela estava sob o domínio do proxeneta, pede-lhe a mão em casamento. O rei de Tiro concorda imediatamente com o pedido. A jovem princesa aceita o casamento, mas sem grandes demonstrações de felicidade ou paixão, tal como seu pai, sem qualquer empolgação, aceitara casar-se com sua mãe, a filha de Arquístrates.

Algum tempo depois, todos embarcam rumo a Tiro, destino ao qual Apolônio pretendia chegar após passar por Tarso; no entanto, durante a viagem, o protagonista sonha com uma figura divina, que lhe ordena partir para Éfeso e narrar suas aventuras no templo de Diana. O rei decide seguir essa inspiração onírica e conta seus sofrimentos diante da estátua da deusa. Isso possibilita o reencontro com sua esposa, que ainda permanecia nesse templo como sacerdotisa de Diana e tem a felicidade de estar ali por perto no exato momento em que ele revela sua própria história diante do ídolo; nessa circunstância, então, ela reconhece no discurso dele o marido do qual há muito havia se separado. Semelhantemente ao que acontecera com Társia, narrar as próprias desventuras proporciona a Apolônio o fim de um sofrimento. A mulher é reincorporada ao seio familiar com muitas lágrimas e alegria.

Todos deixam Éfeso e partem para Antioquia, haja vista que Apolônio decide tomar posse desse reino, como lhe fora outorgado anos antes. Logo após saírem de Antioquia, chegam a Tiro, onde Apolônio estabelece Atenágoras e Társia como monarcas. Rumam, então, a Tarso,

onde os falsos amigos Estranguilião e Dionísia são punidos pela população da cidade com o apedrejamento. Embora a multidão queira matar também Teófilo, o capataz do casal, Társia intercede por ele e pede que o deixem livre, pois, a piedade de haver-lhe permitido rezar foi o que lhe possibilitara ser salva pelos piratas.

Finalizados esses acontecimentos, a família regressa a Pentápolis de Cirene, onde o rei Arquístrates reencontra a filha e o genro e ainda conhece a neta e seu marido. Vivem em grande alegria ao longo de um ano, quando, finalmente, Arquístrates morre e deixa metade de seu reino a sua filha e metade a Apolônio. Esse último, reencontra o pescador pobre e Helênico, a quem recompensa: a ambos Apolônio oferece inúmeras riquezas, dá escravos e ainda os incorpora como membros de seu séquito. Algum tempo depois, o protagonista e sua esposa têm um filho, o qual assume o reino do avô, quando chegado o momento. Apolônio e a rainha vivem tranquilos até uma avançada idade, tendo sob seu domínio os reinos de Antioquia, Tiro e Cirene.

2.2.2. A ambiência de *História do rei Apolônio de Tiro*: aspectos sociais, culturais e econômicos

Embora não seja possível dizer muito no tocante à ambiência de HA, em razão do estado precário das fontes documentais ou mesmo por causa da inexistência delas, destacam-se alguns elementos importantes sobre sua narrativa.

No que se refere ao contexto cultural, notam-se fortes traços de cultura helenizada nos ambientes onde os eventos se desenrolam, como, por exemplo, na religião, materializada na menção a deuses gregos;⁴⁵ na recorrente valorização do conhecimento, cuja manifestação se dá tanto na grande incidência de enigmas desvendados somente por sábios, quanto no conhecimento como subterfúgio para escapar de situações desfavoráveis; na dedicação às formas artísticas como a música, o canto, a dança e a atuação; na fruição da prática de esportes e, ainda, o oferecimento de banquete. Todos os elementos anteriores foram amplamente representados e disseminados por diversas obras ficcionais gregas – tais como as epopeias, os dramas, os diálogos, entre outros gêneros literários –, as quais alcançaram uma vasta extensão territorial acompanhando os avanços de Alexandre, o Grande. Nesse sentido, os aspectos culturais presentes em nosso corpus representam povos orientais que absorveram a cultura grega.

⁴⁵ Apesar de os nomes das divindades aparecerem na grafia latina no texto, é de amplo conhecimento que os romanos assimilaram as crenças gregas; logo, apesar de os deuses terem nomes em latim, isso não nega o fato de que eles eram todos divindades concebidas pelos gregos.

Geograficamente, as aventuras dos protagonistas de HA ocorrem em diversos lugares, o que é comum nos romances da antiguidade. Essas localidades são tantas – e alternam entre si tão rapidamente – que, às vezes, o leitor pode se sentir um pouco confuso a respeito de onde as personagens se encontram, haja vista que o autor-anônimo insere pouquíssima – às vezes nenhuma – descrição dos cenários. Sobre esse tema, Gual (1972, p. 330) analisa que “[...] Em uma desordenada geografia – [...] – ocorrem as viagens de Apolônio, o qual, às vezes, parece não saber muito bem aonde ir. As cidades não têm um tom local; ao contrário, o ambiente manifesta traços muito abstratos”.⁴⁶ Consequentemente, não é improvável que o leitor, em alguma medida, compartilhe da mesma sensação de Apolônio no que tange a se sentir desorientado, perdido ou sem saber para onde ir (ou onde está), pois a falta de descrições dos espaços, bem como a velocidade e as muitas vezes que as personagens se deslocam de uma região para outra na narrativa podem provocar essa impressão de desnorreamento no leitor.⁴⁷

Apesar desse problema de ordem compositiva no que se refere às descrições, isso não impede que o narrador mencione, na Ásia Menor, Antioquia, Tiro, Tarso, Mitilene e Éfeso, e, no norte da África, Pentápolis de Cirene (ou somente Cirene)⁴⁸ e Egito. Dentre essas localidades, o Egito é a única onde o narrador não põe em tela nenhuma aventura de Apolônio. Na verdade, a narração apenas menciona que o protagonista se dirige para lá com o objetivo de viver como comerciante.⁴⁹

No percurso das viagens de Apolônio, encontram-se diversas cidades orientais. Por exemplo, Antioquia, atual Antáquia, localizada na Turquia. Kortekaas (2007) atribui sua fundação ao rei Seleuco I no ano de 300 a.C. Tal cidade, capital da Síria selêucida, tornou-se, posteriormente, capital da província romana da Síria e teve grande relevância no Império Romano Oriental.⁵⁰ Quanto a Tiro, por sua parte, encontra-se atualmente na região do Líbano

⁴⁶ “[...] En una desordenada geografia [...] suceden los viajes de Apolonio, quien a veces parece no saber muy bien a dónde ir. Las ciudades no tienen color local, sino que el ambiente es ya una decoración bastante abstracta [...]” (GUAL, 1972, p. 330).

⁴⁷ Sobretudo o leitor moderno, não familiarizado ao romance antigo e às características culturais do oriente, poderia intuir essa ilusão – originada pelo fato de os protagonistas viajarem frequentemente de uma cidade para outra.

⁴⁸ O nome “Pentápolis” referia-se a um conjunto de cinco cidades: Berenice, Arsínoe, Ptolemais, Apolônia e Cirene, conforme esclarece Kortekaas (2007, p. 138).

⁴⁹ “[...] Y Apolonio, tras encomendar a su hija [aos amigos Estranguilião e Dionísia], embarcó y poniendo rumbo al profundo océano, llegó a las desconocidas y lejanas tierras de Egipto” (HA, 28; trad. LÓPEZ, 1997, p. 117).

Em latim, HA, 28, 17-18

8. *Apollonius uero commendata filia nauem ascendit altumque pelagus petens ignotas et longinquas Aegypti regiones deuenit.*

⁵⁰ Kortekaas (2007, p. 03) indica a seguinte ordem de importância das cidades do Império Romano Oriental: Constantinopla, Alexandria e Antioquia.

e desempenhou importante papel comercial no litoral mediterrâneo da Fenícia.⁵¹ Sobre Tarso, também encontrada na Turquia, Kortekaas (2007, p. 121) destaca que seu fórum foi importante para a trama de nosso *cópus* e indica haver na atual localização de Tarso evidências que corroboram a hipótese de ser essa a região onde provavelmente surgiu uma das versões de HA.⁵² Sobre Mitilene, sabe-se que ela era a principal cidade de Lesbos;⁵³ já na trajetória de Apolônio, o valor dessa cidade consiste no fato de ela ser o cenário do reencontro entre o protagonista e sua filha, Társia. No que concerne a Éfeso, segundo informa Kortekaas, destacou-se pela escola de medicina e pelo templo de Ártemis, e chegou a deter uma população superior a duzentos mil habitantes.⁵⁴ O templo de Ártemis, além de ter sido considerado uma das Sete Maravilhas do Mundo, já na antiguidade desempenhava o papel de refúgio⁵⁵ – situação essa representada em HA, quando a esposa de Apolônio, depois de se restabelecer do quadro de morte aparente, busca proteção no templo dessa deusa durante todo o período em que as circunstâncias a separam de seu marido. Se Mitilene se destaca pelo reencontro entre pai e filha, Éfeso tem ainda mais proeminência na trama porque é nesse cenário que a família se completa: Apolônio reconhece na sacerdotisa do templo de Diana (Ártemis) a esposa que pensava estar morta, e Társia, por sua vez, pode finalmente conhecer sua mãe.

Enquanto todas as regiões apontadas anteriormente eram localizadas na Ásia Menor, e figuravam, portanto, como localidades orientais, por outro lado, havia também Cirene, situada ao norte do continente africano e que seria localizada, atualmente, na Líbia.⁵⁶ Outra região norte-africana é o Egito, porém, embora seja pano de fundo comum dos romances antigos gregos, em HA, não se descreve nenhuma aventura do protagonista ali. Essa falta de descrição permitiu que alguns teóricos conjecturassem a respeito do significado de Apolônio escolher deixar sua filha recém-nascida com amigos e se isolar durante mais de uma década – em lugar de escolher ficar com a menina e criá-la –, também se propôs algumas ideias de como o rei de Tiro teria sobrevivido em terras egípcias; no entanto, as suposições levantadas não oferecem material consistente para aprofundar as análises da obra, uma vez que não dispomos de documentos textuais que fundamentem as hipóteses propostas. Com base nisso, o que se pode concluir é que o Egito não passa de uma região meramente aludida no decorrer do *cópus*.

⁵¹ KORTEKAAS, 2007, p. 43.

⁵² No entanto, Kortekaas não menciona quais seriam tais evidências.

⁵³ KORTEKAAS, 2007, p. 531.

⁵⁴ *Ibid.*, p. 368-369.

⁵⁵ *Ibid.*, p. 406 a 408

⁵⁶ *Ibid.*, p. 138.

Nota-se, pois, que, no texto remanescente de HA, o narrador priva-nos de muitas informações que poderiam delinear melhor as personagens e suas ações bem como os espaços da narrativa; entretanto, a grande diversidade de cenários e de povos, observa López (1997, p. 41), não são motivos suficientes para que a narração seja mais descritiva, aspecto que amplia a gama de dificuldades do estudo de nosso corpus. López (1997, p. 40-41) também argumenta que a mesma despreocupação descritiva do autor-anônimo se manifesta na ausência de indicação da passagem do tempo ao longo da trama, na falta de localização histórica dos fatos narrados e na forma acelerada de narrar as aventuras. Para Kortekaas (2007), é exatamente esse modo abreviado de narrar o que indica que o texto latino remanescente de HA é um epítome – e não um texto integral.

De modo geral, percebemos HA como uma produção literária inaugural de uma tradição distinta daquela dos cinco grandes romances gregos da Antiguidade e diferente, inclusive, dos romances de Petrônio e de Apuleio; todavia, mesmo se mostrando diferente das demais produções, ainda assim a própria estrutura de HA lembra-nos o esquema compositivo das obras gregas, uma vez que no “[...] mundo do romance grego, com todos os seus países, cidades, construções, obras de arte, estão totalmente ausentes quaisquer indícios do tempo histórico, quaisquer vestígios de época” (Bakhtin, 2014, p. 217).

E, além dessa ausência de indícios e vestígios, o texto também carece de descrições, afinal, em sentido prático, “[...] Para o naufrágio é preciso um mar, mas como será esse mar no sentido histórico e geográfico é absolutamente indiferente. Para a fuga é importante passar a um *outro* país, [...] mas qual será esse outro país também é absolutamente indiferente”,⁵⁷ mesmo porque as peculiaridades dos espaços onde se desenrola a trama “[...] não se inserem no acontecimento como sua parte constitutiva, o lugar entra na aventura unicamente como um prolongamento despojado e abstrato”.⁵⁸ Assim, por mais que HA se diferencie das obras que a antecederam, em momento algum ele deixa de dialogar com elas.

No âmbito econômico, as personagens ora são membros da nobreza, ora são plebeus, e praticamente todos provenientes de localidades orientais, como mencionamos ao tratar das cidades e suas regiões. Ao primeiro grupo, qual seja, o da nobreza, encontramos Antíoco e sua filha, ambos governantes de Antioquia; Apolônio, rei de Tiro; Arquístrates e sua filha, majestades em Pentápolis de Cirene; e Atenágoras, um dos príncipes de Mitilene. Podemos citar, ainda, a princesa Társia, filha de Apolônio e neta de Arquístrates, herdeira de um vasto

⁵⁷ BAKHTIN, 2014, p. 224, *itálico do autor*.

⁵⁸ *Ibid.*, p. 225.

reino. Como todas essas personagens têm origem real, o ambiente palaciano é comum na trama, embora as descrições desse cenário sejam bem escassas e sintéticas.

Amiúde, esses nobres vivem de forma abastada, desfrutando da riqueza de que dispõem – apenas Apolônio, em decorrência de suas aventuras, inicia sua trajetória rico e depois acaba perdendo tudo; entretanto, a Fortuna volta a favorecê-lo e, então, ele recupera aquilo que perdera. Dentre os índices de vida abastada, de sobejos de recursos, encontram-se o oferecimento de altíssimas recompensas, como faz Antíoco objetivando capturar Apolônio a fim de matá-lo; a doação de grande carregamento de trigo, do qual Apolônio se desfaz para alimentar a faminta população de Tarso – e ainda continua riquíssimo –; a realização de banquetes, como acontece na corte de Arquístrates; a concessão de presentes em ouro, roupas e escravos, como faz a filha de Arquístrates para beneficiar o rei de Tiro; e até mesmo o acirrado duelo em um leilão, no qual competiam o leno e Atenágoras pela compra de Társia em Mitilene.

Integram o segundo grupo, personagens como as amas (tanto a da filha de Antíoco, quanto a de Társia); Helênico, o súdito tírio; Estranguilião e Dionísia, (falsos) amigos de Apolônio e moradores da desvalida cidade de Tarso; o pescador pobre de Cirene; os médicos de Éfeso e os escravos Taliarco e Teófilo, bem como o capataz do leno de Mitilene. Todas essas personagens do segundo grupo são de nascimento plebeu e ocupam extrato social inferior ao dos monarcas mencionados anteriormente.

2.2.3. Aspectos histórico-literários

Como já apontamos, os registros documentais de *Historia Apollonii regis Tyri* são hoje classificados pela crítica em divisões ou grupos,⁵⁹ as quais comumente se denominam “famílias” ou “recensões”. Archibald (1991, p. 08), Schmeling (1996, p. 526) e López (1997, p. 18) concordam, em linhas gerais, que a primeira família, a Recensão A (ou apenas “RA”), caracteriza-se não só por apresentar um texto mais lacunar, cujas passagens ou acontecimentos, às vezes, carecem de lógica interna, como também por conter diversas expressões vulgares; de maneira que os pesquisadores consideram RA a mais próxima de uma construção oral. Por outra parte, de acordo com as concordâncias desses três investigadores, a Recensão B (ou “RB”) revela maior cuidado estético e linguístico, haja vista estar entremeada de correções à redação

⁵⁹ ARCHIBALD, 1991, p. 08; SCHMELING, 1996, p. 526; LÓPEZ, 1997, p. 14.

de RA. Por essa razão, RB consiste num trabalho com menos lacunas e mais lógica interna. Nela se enxertam determinadas cenas que, inclusive, inexistem em RA.

Contudo, López (1997) destaca que, sendo poucos os manuscritos que se vinculam puramente a RA ou a RB, a maior parte dos documentos preservados são textos que reúnem e mesclam elementos dessas duas famílias e formam uma terceira versão, denominada Recensão C (ou “RC”)⁶⁰ que, conforme acrescenta a pesquisadora, Klebs denomina “Mischtexte”, ou “textos híbridos”.⁶¹ Nesta dissertação, adotamos a Recensão A em virtude de ser ela considerada a mais próxima do original latino.

Já em relação à procedência da escritura original, embora haja uma discussão pertinente a respeito de seu idioma ser o grego ou o latim, é importante destacar que, na realidade, dada a época e o contexto político em que HA provavelmente foi composto, ele só pode ser uma composição romana, haja vista que, parafraseando Brandão (2005, p. 269), toda produção textual elaborada sob o domínio sócio-político-econômico do Império Romano é, por assim dizer, romana, não importa em qual região do Império ela tenha sido escrita.

Como assinala López (1997, p. 38), já nas primeiras palavras a narrativa evoca a lembrança de contos, dado que seu *incipit* diz “Hubo una vez um rey...”. Argumentando ainda a pesquisadora, “[...] Sem transição alguma, o leitor se vê enredado na ação”.⁶² A fim de indicar elementos de HA que corroboram esse eco, López também faz coro à ideia de Ruiz-Montero (1983), para quem não é a causalidade, mas a casualidade que conduz a ação das personagens. López (1997, p. 38-39) ainda elenca outros elementos dos contos orais presentes no *cópus*, como a caracterização superficial das personagens, a falta de motivação das ações, a narração acelerada, que fica entre lacunar e sumária, o aparecimento repentino de algumas personagens e, especialmente, o explícito paralelo entre as personagens boas e as más, as quais são, respectivamente, recompensadas e punidas ao final da história.

Um claro exemplo de personagem malvada é Dionísia, amiga de Apolônio que assumiu o compromisso de cuidar de Társia juntamente com seu esposo, Estranguilião. Em determinado momento da trama, essa mulher, que se torna mãe adotiva, planeja assassinar a jovem Társia a fim de que os pertences luxuosos dessa menina passem para sua própria filha, a qual era ofuscada pela beleza e inteligência de Társia.

⁶⁰ ARCHIBALD, 1991, p. 08; SCHMELING, 1996, p. 526-527; LÓPEZ, 1997, p. 15-16.

⁶¹ LÓPEZ, 1997, p. 15.

⁶² “El comienzo de la Historia es el mismo de los cuentos: *Hubo una vez un rey...* Sin transición alguna, el lector se encuentra introducido de lleno en la acción [...]” (LÓPEZ, 1997, p. 38).

Tendo em vista a análise de López (1997, p. 43), entendemos que o texto original de HA foi sintetizado, reduzido à sua estrutura mais elementar e, depois, transmitido tal qual os contos orais, dos quais nosso cópula recebeu fortes interferências. Isso significa dizer que, ao longo dos séculos, cada vez que um copista reproduziu HA acrescentando modificações, tanto a estética como a estrutura do conto oral popular atuaram como elementos transformadores e adaptadores da forma e do gênero iniciais da narrativa de Apolônio. Entendemos, portanto, que a forma atual das aventuras de Apolônio seja mais próxima dos contos orais do que provavelmente daquela que já foi sua forma romanesca completa – e atualmente perdida.

Todavia, HA manifesta marcas de outros gêneros. Archibald (1991, p. 27) encontra referências a temas já presentes na *Odisseia* ou no folclore, além de traços de Virgílio e de Ovídio. Para ela, o conjunto de influências que atuou sobre HA, seja de textos escritos ou orais, ficcionais ou não-ficcionais, depende da época e do lugar em que o texto foi originalmente concebido, e depende, ainda, das inúmeras reformulações pelas quais a obra passou ao longo do tempo.⁶³ Isso parece evidente, mas tal questão constitui um tema delicado, pois os documentos disponíveis não são suficientes para uma conclusão segura.

Buscando ilustrar reminiscências de epopeias em HA, Archibald (1991, p. 28) ensina que

O tema de um andarilho separado de sua família e enfrentando diversas vicissitudes no mar é antigo e universal. Na tradição clássica, os exemplos mais obviamente influentes são a *Odisseia* e a *Eneida*. O discurso de Apolônio contra Netuno no c. 12 é uma reminiscência da rivalidade de Odisseu com o deus do mar; sua chegada desamparada e nua às margens de Cirene, onde posteriormente conhece uma princesa encantadora e simpática, relembra a chegada de Odisseu à Feácia (Livro 6); o jogo de bola que provoca sua apresentação ao rei [Arquistrates] lembra o jogo de Nausícaa, com o qual o Odisseu adormecido é acordado (no mesmo episódio, Odisseu se lava e se unta com azeite, como faz Apolônio no ginásio); como a *Odisseia*, HA termina com uma cena de reconhecimento entre marido e mulher há muito separados e com a vingança do herói contra aqueles que atormentaram sua família (neste caso, sua filha, e não sua esposa). As histórias de Apolônio e de Enéias também têm muito em comum: a fuga de um herói de sua própria terra, a perda de sua esposa, a tempestade que leva à sua recepção por uma rainha rica e bela que rejeita seus pretendentes existentes em seu favor, e seu eventual casamento com uma herdeira cujo reino ele herdará. Quem escreveu o texto existente de HA tinha claramente a *Eneida* em mente, pois estão incluídas uma série de citações e ecos de Virgílio [...] (itálicos da autora).⁶⁴

⁶³ ARCHIBALD, 1991, p. 27.

⁶⁴ “The theme of a wanderer separated from his family and enduring various vicissitudes at sea is ancient and universal. In the classical tradition the most obviously influential examples are the *Odyssey* and the *Aeneid*. Apollonius’ tirade against Neptune in c. 12 is reminiscent of Odysseus’ running feud with the sea god; his arrival destitute and naked on the shore of Cyrene, where he subsequently meets a charming and sympathetic princess, recalls Odysseus’ arrival in Phaeacia (Book 6); the ballgame which brings about his introduction to the king recalls

De fato, como demonstra a pesquisadora, seja pela forma como Apolônio muitas vezes age, seja por determinadas combinações de elementos da ação narrativa, tudo leva o leitor a estabelecer quase que instantaneamente uma ponte ora entre Apolônio e Odisseu, ora entre Apolônio e Eneias, de Virgílio, em virtude das manifestações de paixão por parte da filha do rei Arquístrates, a qual, sem dúvida alguma, aponta para a rainha Dido. Mais adiante, abordaremos o tema das citações desse poeta épico romano e de outros autores em nosso corpus.

Além disso, como prossegue Archibald em sua explanação, em HA encontramos pontos de contato com outros gêneros para além da epopeia, como é o caso da comédia nova, cujos temas, parece, foram amplamente retomados. Segundo elenca Archibald (1991, p. 29-31), há personagens de HA que vivem situações semelhantes às de personagens de Plauto. A primeira peça de Plauto fonte de HA, aponta a pesquisadora, é *Rudens*, a qual foi inspirada na obra grega perdida de Diphilus, e cuja heroína é raptada por piratas e vendida a um leno de Cirene; após uma série de acontecimentos, a jovem naufraga nas redondezas de onde mora seu pai, sobre o qual ela não tinha notícias há muito tempo; a moça busca refúgio no templo de Vênus nessa mesma região e, algum tempo depois, ela e seu pai se reconhecem, o que é possibilitado pelo conteúdo presente em um baú que chega à praia e que pertencia à jovem. Nesse exemplo, encontramos pelo menos cinco elementos familiares entre nosso corpus e a peça de Plauto: (i) pai e filha se separam, (ii) essa jovem é sequestrada por piratas e vendida a um leno, (iii) ela busca proteção no templo de uma deusa, (iv) pai e filha se reencontram sem saberem seu grau de parentesco, (v) ele se sente atraído por ela (atmosfera do risco de incesto), (vi) um baú é resgatado do mar.⁶⁵

Outra obra de Plauto mencionada por Archibald é *Poenulus*, peça que aborda a temática de um pai que viaja em busca de reencontrar suas filhas, as quais foram raptadas por piratas e vendidas ao dono de um bordel; em determinado momento, o viajante contrata duas cortesãs e, ao fazer-lhes perguntas, ele descobre que elas são suas filhas desaparecidas.⁶⁶ Já em *Curculio*, também uma comédia plautina e com fábula semelhante à de *Poenulus*, um rapaz corteja uma

the ballgame of Nausicaa by which the sleeping Odysseus is woken (in the same episode Odysseus washes and anoints himself with olive oil, as Apollonius does in the gymnasium); like the *Odyssey*, HA ends with a recognition scene between a long-separated husband and wife, and with the hero's revenge on those who have tormented his family (in this case his daughter rather than his wife). The stories of Apollonius and of Aeneas also have much in common: the flight of a hero from his own land, the loss of his wife, the storm which leads to his reception by a rich and beautiful queen who rejects her existing suitors in his favour, and his eventual marriage to an heiress whose kingdom he will inherit. Whoever wrote the extant text of HA clearly had the *Aeneid* in mind, for a number of quotations and echoes from Virgil [...].” (ARCHIBALD, 1991, p. 28, itálicos da autora).

⁶⁵ ARCHIBALD, 1991, p. 29-30.

⁶⁶ ARCHIBALD, 1991, p. 30.

prostituta e, algum tempo depois, descobre que ela é sua irmã.⁶⁷ A pesquisadora cita, ainda, *Hiereia – A Sacerdotisa* –, uma obra perdida de Menandro, na qual um marido reencontra sua esposa desaparecida há muito tempo e a reconhece quando ela conta sua própria história.⁶⁸

A interligação entre HA e *Poenulus* dá-se na medida em que, tal qual nessa comédia, a filha de Apolônio foi sequestrada por piratas e vendida ao dono de um prostíbulo; os dois se reencontram e se reconhecem no porão de um navio, condição em que, ele, por um lado, era um homem enlutado, voluntariamente isolado para prantear a filha que acreditava morta, e ela, por outro lado, era a prostituta de um bordel enviada para alegrar o infeliz; desse modo, assemelham-se as duas obras tanto pelo fato de o pai representado em *Poenulus* e o representado em HA encontrarem suas respectivas filhas em um ambiente cercado pelo risco do incesto, quanto pelo modo como eles se reconhecem: pelo discurso – isto é, pelo diálogo.

Por sua vez, na relação entre HA e *Curculio*, observamos novamente o tema do incesto, com a diferença de que, na peça, tem-se a relação entre irmãos e, em nosso cópula, o relacionamento é entre pai e filha. Finalmente, as correspondências entre *Hiereia* e HA consistem no modo como os esposos se reconhecem: a esposa de Apolônio o reconhece quando ele narra suas próprias desventuras diante da estátua da deusa Diana, de cuja divindade a mulher se tornara sacerdotisa, e no exato momento em que ele conta sua história, a mulher está suficientemente perto para poder ouvi-lo e reconhecê-lo. Nesse contexto o casal se reúne e restabelece o vínculo – que fora interrompido pela falsa morte dela no momento em que dava à luz Társia.

Como se percebe, muitas passagens de HA têm correspondência em obras gregas e romanas que o antecedem, a respeito do que Archibald (1991, p. 30-31) acrescenta:

A maioria das peças de Plauto que contêm paralelos com HA são baseadas em comédias gregas perdidas: os temas do quase acidente de incesto, reconhecimento e reunião familiar já eram muito familiares, cortesãs e pseudo-cortesãs eram heroínas frequentes, e os piratas eram muitas vezes os vilões responsáveis pela separação da família [...]. A popularidade desses temas no drama reflete provavelmente uma tradição narrativa muito mais antiga, tanto oral como escrita [...].⁶⁹

⁶⁷ ARCHIBALD, 1991, p. 30.

⁶⁸ ARCHIBALD, loc. cit.

⁶⁹ “Most of the plays by Plautus which contain parallels with HA are based on lost Greek comedies: the themes of near-miss incest, recognition and family reunion were already very familiar, courtesans and pseudo-courtesans were frequent heroines, and pirates were often the villains responsible for the separation of the family [...]. The popularity of these themes in drama probably reflects a much older narrative tradition, both oral and written [...]” (ARCHIBALD, 1991, p. 30-31).

Dessa forma, não restam dúvidas de que as versões da narrativa de Apolônio estabelecem um diálogo com vários temas e obras, dado que sua fábula repercute assuntos, como vimos, que habitavam o imaginário popular e que atraíam o interesse do público. Aliás, a grande repercussão da própria fábula de HA é um dos poucos elementos sobre os quais a crítica não tem dúvidas, como comprova o grande número de versões e adaptações atualmente conhecidas.

No estudo de Schmeling (1996, p. 550), destacam-se as seguintes repercussões:

- a primeira tradução de HA para uma língua vernácula, o inglês antigo, data do início do século XI;
- no séc. XII, Godfrey de Viterbo insere HA em seu *Pantheon*;
- ainda no séc. XII, ocorre a primeira tradução e adaptação das narrativas de Apolônio para o francês antigo;
- no séc. XIII, aparecem traduções ou adaptações de HA para o espanhol, o nórdico antigo e o dinamarquês;
- no séc. XIV, Heinrich von Neustadt produz uma tradução para o alemão inserindo bastantes modificações no texto de HA;
- ainda no séc. XIV, surgem traduções para o italiano;
- no séc. XV, emergem versões gregas bizantinas, holandesas e tchecas;
- e, finalmente, no séc. XVI, encontramos HA em idioma húngaro e polonês.

Para além dos manuscritos, Schmeling (1996, p. 551) indica também outros textos que aludem às peripécias de Apolônio:

- um poema latino guardado nos *Carmina Burana*, do séc. XIII;
- um capítulo dos *Gesta Romanorum*, do séc. XIV;
- no final do séc. XIV, John Gower faz alusão à narrativa de Apolônio em seu poema *Confessio Amantis*;
- no séc. XVII, William Shakespeare, escreve a peça *Pericles, Prince of Tyre*.

Archibald (1991, p. 45-46), por seu turno, salienta que, embora os primeiros manuscritos remanescentes de HA pertençam ao século IX, há obras produzidas séculos antes que aludem às narrativas de Apolônio, como é o caso do poema latino de Venâncio Fortunato, escrito na Gália entre 566 e 568; a pesquisadora pondera que HA não é lembrado apenas em obras literárias, mas, inclusive, em um tratado gramatical do final do século VI, o *De dubiis nominibus*. Ela acrescenta que, em 747, HA figura numa lista de livros doados pelo Abade Wando de St Wandrille para sua abadia. Outra cópia foi encontrada em 821, na Abadia de Reichenau, e, ainda no final do século IX, Everaldo, Marquês de Friuli, presenteou sua filha mais velha com um exemplar de HA.

Na forma de adaptação, segundo Archibald (1991, p. 46-47), HA aparece já no séc. X, com o nome *Gesta Apollonii* e, como resumo, no séc. XI, com o título *Compendium Libri Apollonii*. Alguns documentos do século XIII incluem alterações na fábula de HA, como é o caso de *Kong Apollon af Tire*, balada dinamarquesa; na antiga Saga Nórdica *Thidreks de Bern*, ensina a pesquisadora, Apolônio é retratado como filho do Rei Arthur; e o espanhol *Libro de Apolonio* destaca-se pelo realce que dá à moral cristã.⁷⁰ Tendo em vista esses exemplos, Archibald (1991, p. 48) aponta:

Fica claro que, pela grande variedade de tom e contexto dessas versões e alusões, no século XIII a história era suficientemente conhecida para que o herói e os elementos da trama fossem emprestados e adaptados para adequar-se a novos contextos, em particular para atender ao gosto crescente por histórias de proezas cavaleirescas no amor e na guerra.⁷¹

Desse modo, não restam dúvidas sobre a popularidade de nosso corpus ao longo do tempo; afinal, nos séculos seguintes, as aventuras de Apolônio seguiram alcançando novos horizontes. De acordo com Archibald (1991, p. 48), no séc. XIV, foram elaboradas versões vernáculas de HA em italiano, alemão médio-alto, francês antigo e inglês médio, e, apesar de alguns desses escritos manifestarem conteúdo semelhante ao texto original, outros apresentam novas características e até aventuras inéditas envolvendo os temas do amor e da guerra. O século XV não foi diferente dos demais, pois, conforme a pesquisadora assinala, enquanto o próprio texto de HA continuava sendo copiado, outras versões apareciam, como um texto tcheco com traços bíblicos e folclóricos; três versões em alemão, dentre as quais se destaca o popular *Volksbuch*, de Steinhöwel; uma versão grega intitulada *Diegesis Apolloniou*, cujo texto foi muito influenciado pelo cristianismo; duas versões em língua espanhola – uma delas inspirada na *Confessio Amantis* e a outra, na *Gesta Romanorum* –; várias versões em prosa francesa, cujo tom varia significativamente; uma Redação de Londres, a qual detém muitos traços do contexto medieval, e uma Redação de Viena, cuja trama propõe novos acontecimentos para a fábula original.⁷²

Archibald (1991, p. 49-50) elenca mais informações sobre a repercussão de HA: *Le romant de Appollin roy de Thir*, esclarece ela, é uma versão em prosa francesa impressa por

⁷⁰ ARCHIBALD, 1991, p. 47.

⁷¹ “[...] It is clear from the wide variety of tone and context of these versions and allusions that by the thirteenth century the story was well enough known for the hero and elements of the plot to be borrowed and adapted to fit new contexts, in particular to cater for the growing taste for tales of chivalric prowess in love and war” (ARCHIBALD, 1991, p. 48).

⁷² ARCHIBALD, *op. cit.*, p. 48-49.

Louis Garbin no entorno de 1482, a qual Robert Copland traduziu para a língua inglesa e Wynkyn de Worde imprimiu em 1510; já Corrozet produziu uma versão francesa em prosa, publicada em 1530 e, mais tarde, inserida na *Histoires Tragiques*, cuja publicação deu-se em 1582; uma versão grega em versos inspirada em um texto em prosa da Itália foi impressa perto de 1524 e reimpressa diversas vezes; uma das principais inspirações do drama *Péricles*, de Shakespeare, foi publicada por Lawrence Twine, em 1576, e intitulada *Patterne of Painefull Adventures*.

A pesquisadora ainda acrescenta algumas versões bastante inovadoras:⁷³ (I) *Patrañuelo*, de Juan Timoneda, publicada em 1576 – nesse texto, expandem-se as peripécias vividas por Tarsia –; (II) *Britannia, sive de Apollonica Humilitatis Virtutis et Honoris Porta*, de 1578, cuja autoria atribui-se a Jacob Falckenburg – nessa obra, o autor realiza uma fusão entre as aventuras de Apolônio e a história de uma personagem homônima do livro bíblico apócrifo dos Macabeus –; e, por fim, (III) um manuscrito publicado em 1595 por Welser, o qual ele havia encontrado em um mosteiro de Augsburg e cuja introdução continha comentários sobre a obra – por essa razão, embora atualmente ela esteja perdida, os pesquisadores consideram essa publicação de Welser a primeira edição crítica de HA.

Diante de uma considerável quantidade diversificada de cópias, versões e traduções de HA no decorrer dos séculos, é curioso terem sobrevivido tão poucas informações que poderiam responder às diversas perguntas que até hoje os pesquisadores se fazem ao investigarem essa obra. Entretanto, apesar de tantas lacunas, não resta dúvida alguma sobre sua popularidade, como ensina Archibald (1991, p. 51):

[...] não existe um padrão simples: a partir do século XIII, cada século oferece versões tanto tradicionais como inovadoras, num número crescente de vernáculos e, também, em latim, em prosa e em verso, e as alusões indicam que, desde cedo a história era lida por alguns como exemplar, por outros como cortês e divertida. As versões cavaleirescas e moralizantes parecem ter surgido pela primeira vez no século XIII; eles podem ter se originado no século XII, como argumentam alguns críticos, mas se assim for, é curioso que nenhum vestígio deles permaneça, enquanto os textos tradicionais de HA escritos no século XII sobrevivem em abundância. Nos séculos XV e XVI existia uma grande variedade de versões: algumas enfatizavam os valores cavaleirescos, outras a moralidade cristã; alguns medievalizaram fortemente, outros reintroduziram detalhes clássicos. No entanto, nenhuma das versões mais elaboradamente inovadoras parece ter inspirado a imitação ou tradução direta, ao passo que cópias fiéis de HA ainda eram produzidas, tanto à mão como nas impressoras, nos séculos XV e XVI.⁷⁴

⁷³ ARCHIBALD, 1991, p. 50.

⁷⁴ “[...] there is no straightforward pattern: from the thirteenth century on every century offers both traditional and innovative versions, in an increasing number of vernaculars as well as Latin, in prose and in verse, and allusions indicate that from an early date the story was read by some as exemplary, by others as courtly and entertaining.

Assim, apesar de ter sido esquecida nos últimos trezentos anos, como afirma Schmeling (1996, p. 551), HA deixou marcas profundas não só em âmbito territorial e linguístico – uma vez que seus inúmeros manuscritos foram encontrados em diversas regiões do mundo –, mas também em campo literário, pois erige-se como um marco artístico ao alcançar tanto o verso quanto a prosa e, ao ressoar no poema de John Gower, nas novelas de cavalaria e, mais notavelmente ainda, nas páginas de William Shakespeare.

Essa possibilidade de sobrevivência e repercussão é atribuída, por alguns críticos, ao fato de que a estrutura lacunar de HA detinha a faculdade de se metamorfosear em diferentes gêneros literários, bem como de abrigar em seu interior distintos discursos, como o pagão ou o cristão por exemplo, além de ecoar temas literários há muito conhecidos. Reforçando esse posicionamento, López (1996, p. 81) ensina que “Foi precisamente esse caráter ‘camaleônico’ do relato o que garantiu seu sucesso e sua perpetuação. [...] Essa indeterminação permitiu que fosse recebido e interpretado de forma heterogênea e a narração passou assim a ser um produto ‘multiuso’ e, por isso mesmo, não especificamente literário, mas, na verdade, popular [...]”.⁷⁵ Em outras palavras, o aspecto versátil de HA possibilitou-lhe assumir a forma necessária para cativar cada público a que se apresentasse, em cada nova época e em cada nova região que alcançava.

Enfim, no estudo de uma produção literária tão prestigiada, não se pode negligenciar um exame de sua estrutura, exatamente o que realizamos a seguir.

2.2.4. A estrutura de *História do rei Apolônio de Tiro*

Segundo Schmeling (1996, p. 518-519), os capítulos de I a III, nos quais narra-se o incesto que o rei Antíoco impõe a sua filha, funcionam exatamente como prelúdio de HA e estabelecem, em sua visão, o assunto a ser tratado no decorrer da narrativa. Ele observa, também, que as aventuras de Apolônio parecem se estruturar em três seções, compostas mais

Chivalric and moralizing versions both seem to have appeared first in the thirteenth century; they may have originated in the twelfth century, as some critics argue, but if so it is curious that no trace of them remains, while traditional HA texts written in the twelfth century survive in abundance. By the fifteenth and sixteenth centuries a great variety of versions existed: some stressed chivalric values, others Christian morality; some medievalized heavily, others reintroduced classical details. Yet none of the more elaborately innovative versions seems to have inspired direct imitation or translation, whereas faithful copies of HA were still being produced, both by hand and on the printing presses, in the fifteenth and sixteenth centuries” (ARCHIBALD, 1991, p. 51).

⁷⁵ “Fue precisamente este carácter ‘camaleónico’ del relato lo que garantizó su éxito y su perdurabilidad. [...] Esta indeterminación permitió que fuera recibido e interpretado de forma heterogénea y la narración pasó así a ser un producto ‘multiuso’ y, por eso mismo, no específicamente literario, sino más bien popular [...]” (LÓPEZ, 1996, p. 81).

ou menos pelos mesmos componentes, isto é, a busca de matrimônio, a resolução de enigmas e uma tempestade.⁷⁶

Na primeira dessas seções, Apolônio viaja até Antioquia em busca de matrimônio e resolve o enigma do rei Antíoco; o protagonista enfrenta a primeira tempestade em alto mar e naufraga antes de chegar a Pentápolis de Cirene. Na segunda seção, Apolônio resolve a charada criada pela filha do rei Arquístrates, na qual ela revela a seu pai que quer se casar com o rei de Tiro; o casal une-se em matrimônio e, algum tempo depois, numa viagem de navio, os dois enfrentam uma grande tempestade e a mulher sofre uma “morte” aparente no momento em que dava à luz. Por fim, na terceira seção, Apolônio enfrenta outra tempestade em alto mar e, em decorrência dela, chega a Mitilene; nessa cidade, o protagonista resolve, no porão de seu navio, os enigmas propostos por Társia – a filha cuja identidade ele ainda não conhecia –; a seguir, eles se reconhecem, Társia casa-se com Atenágoras – o príncipe de Mitilene – e Apolônio reencontra a própria esposa em Éfeso. Após esses três ciclos, a narrativa encaminha-se para o desfecho.

Archibald (1991, p. 13) e López (1996, p. 43-44) também apontam a presença recorrente de elementos triplos na estrutura de HA. De modo mais ou menos semelhante, elas distinguem três seções no decorrer da trama, sendo que, em cada uma delas, Apolônio encontra uma jovem em idade de se casar, essa moça sente alguma atração pelos conhecimentos do protagonista, ele precisa resolver enigmas e, por meio dessa resolução, Apolônio faz uma descoberta de algo bom ou ruim. Para essas estudiosas, não somente cada uma dessas seções da estrutura desenvolve-se em torno da relação entre um pai viúvo e uma filha (Antíoco e sua filha; Arquístrates e sua filha, e Apolônio e sua filha, Társia), como ainda os pais são sempre figuras de poder (reis, geralmente), bem como tanto enigmas quanto o saber são elementos-chave.⁷⁷

Porém, não existe apenas a repetição de elementos triplos; encontramos, no *cópus*, referências a elementos duplos, dentre os quais, alguns se encaixam melhor na concepção de simetria, enquanto outros, na de contraste. No que concerne à simetria, Archibald (1996, p. 13) identifica dois assassinos que falham em sua tarefa criminosa – Taliarco e Teófilo –, duas demonstrações de generosidade – Apolônio ajuda a população de Tarso e, mais tarde, auxilia os moradores de Tarso e de Mitilene – e duas amas – aquela que serve a filha de Antíoco e, a outra, Licóride, que serve tanto a filha do rei Arquístrates quanto a neta dele.⁷⁸

⁷⁶ SCHMELING, 1996, p. 517-518.

⁷⁷ ARCHIBALD, 1991, p. 13 e LÓPEZ, 1996, p. 43-44.

⁷⁸ Apesar de Archibald indicar a simetria entre as duas amas, Schmeling (1999, p. 126) ressalta o contraste na forma de agir dessas duas personagens: enquanto a primeira aconselha a filha do rei Antíoco a se submeter aos

Tratando de semelhanças, Ruiz-Montero (1983, p. 318)⁷⁹ lembra-nos que não somente Apolônio vive dois reencontros — o primeiro com sua filha e o segundo com sua esposa — como também existem paralelismos entre Társia e sua mãe e entre Társia e seu pai, haja vista as aventuras e perigos que cada um experiencia, bem como os subterfúgios e expedientes de que eles dispõem para manterem-se a salvo.

Entre Társia e sua mãe, o que se constitui como paralelismo consiste no fato de que, além de as duas mulheres serem instruídas, cada uma delas é enviada a terras estrangeiras, aquela, a um bordel, esta ao templo de Diana em Éfeso, locais em que, por motivos diferentes e até mesmo opostos, cada uma fica à mercê da vontade de homens desconhecidos. Além disso, não se deve desprezar o fato de que ambas pressentem a todo instante o risco que corre sua castidade pelo que, a fim de contornar esse problema, utilizam-se de sua máxima esperteza para se defender.

Por outro lado, entre Apolônio e Társia, Ruiz-Montero (1983, p. 323) indica um paralelo não só no fato de ambos serem habilidosos em resolver enigmas — como fosse um traço de família —, em razão do conhecimento que trazem, mas, também, na sagacidade que lhes permite criar subterfúgios com que escapem dos perigos que enfrentam, bem como no comportamento generoso da moça em impedir que Teófilo (o escravizado que tentara assassiná-la) recebesse a morte como punição, além daquele de Apolônio, que doa ouro à cidade de Mitilene para que seus habitantes reconstruam suas muralhas.

Analisando a semelhança entre essas personagens, Panayotakis (2002, p. 102) argumenta que tanto Társia como seu pai são notavelmente inteligentes, hábeis nas artes e sagazes ao lidarem com enigmas. Ambos são alvos de personagens de má índole (de Dionísia, no caso da menina, e de Antíoco, no caso de Apolônio); vivenciam a extrema pobreza (o pai quando naufraga nas proximidades de Cirene e a filha quando levada à força para o bordel) e exatamente nesse cenário desfavorável é que conhecem seus futuros cônjuges (Apolônio conhece a princesa mãe de Társia e essa última, por sua vez, conhece Atenágoras no lupanar).

No entanto, Panayotakis (2002, p. 104-105) também elenca pontos em comum entre Társia e sua mãe, a saber, o fato de que ambas são abandonadas por Apolônio (acreditando que a esposa morreu, ele a lança em alto mar dentro de um caixão, e, no caso de sua filha, ele a deixa aos cuidados dos amigos Estranguilião e Dionísia); em determinado ponto da narrativa, as duas são consideradas mortas por Apolônio e recebem seus devidos lamentos; e, finalmente,

desejos incestuosos de seu pai (ação negativa), a segunda revela à Társia quem são seus pais biológicos (ação positiva).

⁷⁹ RUIZ-MONTERO, 1983, p. 323.

elas se reencontram de novo graças a Apolônio. Wolff (2009, p. 325) ainda acrescenta uma semelhança notável entre as personagens, tanto Apolônio quanto sua esposa são confundidos com deuses: o séquito de Arquístrates, ao ver a apresentação de Apolônio, acredita que ele é Apolo; em outro momento, quando o protagonista reencontra sua esposa no templo de Diana, a aparência da princesa se confunde com a deusa.

Já sobre os contrastes, Archibald (1996, p. 13) elenca duas entradas abruptas em um quarto (o primeiro caso diz respeito ao rei Antíoco, que invade o quarto de sua filha e a violenta, e o segundo, à filha de Arquístrates, a qual invade o quarto de seu pai a fim de pedir-lhe que Apolônio seja seu professor). São episódios contrastantes, pois nesse caso, o eco da primeira cena é claro na segunda, com a diferença de que, enquanto Antíoco viola os aposentos de sua filha a fim de possuí-la — uma ação abjeta —, a princesa de Cirene introduz-se no quarto de seu pai a fim de pedir-lhe autorização para receber aulas de Apolônio — ação que, embora promovesse a proximidade com o amado, certamente não estava carregada de maldade e construía uma atmosfera de respeito, de carinho e de amor.

Panayotakis (2002, p. 105) aborda um caso no qual encontramos uma relação de semelhança e de contraste: tanto Társia quanto sua mãe percebem o perigo que recai sobre seu respectivo corpo e, por isso, na primeira oportunidade que tem, a princesa de Cirene revela sua origem nobre aos médicos que a salvam e pede-lhes para ser deixada no templo de Diana — onde não correria risco de ser violada —; Társia, por seu turno, precisa recorrer aos seus conhecimentos e habilidades para escapar do frequente risco de estupro no bordel. O pesquisador ressalta que, embora elas habitem espaços contrastantes entre si — Társia o lupanar e sua mãe o templo —, mesmo assim, semelhantemente, ambas conseguem manter seus corpos “inacessíveis e impenetráveis”.

Enfim, as próprias figuras dos reis Antíoco e Arquístrates podem ser compreendidas como um contraste, uma vez que, em uma escala, o primeiro ocuparia o polo da reprobção, enquanto Arquístrates pertenceria ao polo oposto, isto é, o do modelo a ser seguido, como explica Archibald (1991, p. 19):

Antíoco, que estupra sua filha, mata seus pretendentes, envia um assassino atrás de Apolônio, e o proscree injustamente, é claramente um rei tirânico. Morre na cama com a filha, atingido pelo “fulmine dei” (24, 11: “raio de deus”); qual deus não é especificado, mas presumivelmente uma divindade justa punindo-o por seus muitos crimes. Ele não recebe nenhum herdeiro de seu “casamento” estéril e ilícito com sua própria filha: seu reino passa para seu inimigo e genro rejeitado, Apolônio. A astúcia de Antíoco é simbolizada pelas cabeças dos pretendentes rejeitados que estão expostas sobre o portão do seu palácio (3, 7), e pelo silêncio da sua corte: ninguém se dirige a ele diretamente exceto Apolônio e o capataz-assassino Taliarco (7, 12).

Arquístrates, por outro lado, é mostrado engajado em atividades pacíficas e civilizadas, exercitando-se, festejando, desfrutando de música; ele nunca é mostrado em um papel político. Sua benevolência é evidenciada por sua conduta exemplar como pai, sua bondade para com o náufrago Apolônio e sua polidez para com os pretendentes importunos. Ele satisfaz todos os caprichos de sua filha, aceita sem hesitação e com entusiasmo o indigente estrangeiro de Tiro como seu genro, e vive para ver o retorno de sua filha e genro acompanhados por sua própria filha e genro quatorze anos depois: sua dinastia continuará (embora ele não viva para ver seu neto).⁸⁰

Além disso, a viagem é um elemento indispensável para a estrutura de HA, pois, como comentamos, Apolônio e outras personagens têm necessidade de transitar e amiúde o fazem de uma região a outra. Essa mudança frequente de espaços é essencial ao protagonista, pois viajar para cada vez mais longe de Antioquia é um recurso do qual o rei de Tiro não pode abrir mão, uma vez que ele foge do rei Antíoco, que pretende assassiná-lo. Sua esposa, por sua vez, inicialmente vive em Cirene, mas decide acompanhar o marido na conquista de Antioquia e na retomada de Tiro; um imprevisto, contudo, leva a princesa a Éfeso contra sua vontade – nesse caso, trata-se de um evento fortuito que a encaminha para essa cidade.

Também Társia, a filha de Apolônio, tem sua existência relacionada às viagens: ela nasce num navio em alto mar durante uma viagem de sua mãe. Em seguida, ela é deixada em Tarso, cidade da qual herda o nome e onde é criada por pais adotivos – o casal Estranguilião e Dionísia. Algum tempo depois, essa jovem é sequestrada por piratas e vendida como escrava em Mitilene, região onde finalmente ela reencontrará seu pai e recuperará sua posição de princesa. Assim, se de um lado percebemos que as viagens atuam como um dos elementos promotores de conexão narrativa, que possibilitam a sucessão de episódios da trama, de outro lado, notamos que elas são um dos componentes mais salientes nessa obra.

Entretanto, apesar do evidente destaque das viagens em HA, não se pode negligenciar o peso do amor nesse romance. Já apontamos que, de modo geral, a crítica concorda que HA não pode ser comparada aos cinco grandes romances antigos gregos; e uma das razões dessa

⁸⁰ “Antiochus, who rapes his daughter, murders hersuitors, sends an assassin after Apollonius, and proscribes him unjustly, is clearly a tyrannical king. He dies in bed with his daughter, struck by ‘fulmine dei’ (24, 11: ‘god’s thunderbolt’); which god is not specified, but presumably a just deity punishing him for his many crimes. He gets no heir from his sterile andillicit ‘marriage’ to his own daughter: his kingdom passes to his enemy and rejected son-in-law Apollonius. Antiochus’ wile is symbolised by the heads of rejected suitors which are mounted over his palace gate (3, 7), and by the silence of his court: no one addresses him directly except Apollonius and the steward-cum-hitman Taliarchus (7, 12). Archistrates, on the other hand, is shown engaged in peaceful and civilised pursuits, exercising, feasting, enjoying music; he is never shown in a political role. His benevolence is made clear by his exemplary conduct as a father, his kindness to the shipwrecked Apollonius, and his politeness to the importunate suitors. He indulges his daughter’s every whim, unhesitatingly and enthusiastically accepts the destitute Tyrian stranger as his son-in-law, and lives to see the return of his daughter and son-in-law accompanied by their own daughter and son-in-law fourteen years later: his dynasty will continue (though he does not live to see the both of his grandson)” (ARCHIBALD, 1991, p. 19).

incompatibilidade é o fato de os romances gregos terem como protagonistas um casal heterossexual jovem e apaixonado, o qual, em razão de fatores externos, é distanciado um do outro até que eles se reencontram no final e se casam – se é que já não haviam se casado no início da história. Embora se trate de um romance sentimental, a natureza do amor em HA é diferente, pois o foco está no amor entre pai e filha, e não entre um casal de amantes.⁸¹

Tendo isso em vista, Ruiz-Montero (1983, p. 328) analisa que

[...] Nos romances gregos, por outro lado, cada cônjuge tem suas aventuras, mas um procura o outro, até que o encontra, mesmo que também por acaso. Se essa procura, com as aventuras que nele [romance] ocorrem, constitui naquelas obras o centro do relato, na *História* são as diferentes aventuras dos membros da família de Apolônio – menos numerosas que nos romances gregos – sobre as quais recai a ênfase da narração. A separação dos protagonistas, que caracteriza a primeira etapa do romance grego, [...] segue sendo importante na *História*. Em ambos os tipos de romance, são duas as intrigas fundamentais, pois o texto da *História* não se ocupa de Apolônio até que ele volta a procurar sua filha. Mas se naqueles romances existe simultaneidade entre as linhas do herói-vítima e a do buscador, na *História* o relato segue ora a um protagonista ora a outro até o encontro de Apolônio com sua filha (itálico da autora).⁸²

Em outras palavras, o que observamos em HA é o maior destaque para as aventuras vividas, isoladamente, por Apolônio, sua filha e sua esposa, até que todos eles se reencontrem por acaso e sem que estivessem se procurando. Dentre esses reencontros, talvez o mais esperado é o de pai e filha, o vínculo familiar e afetivo de maior destaque dessa narrativa – o que podemos afirmar após termos observado as inúmeras referências à relação entre pais e filhas na trama.

É preciso apontar ainda que, quando acompanhamos as aventuras de Társia, não sabemos o que ocorre com seu pai ou com sua mãe nesse mesmo momento, e, se o narrador passa a contar as aventuras da mãe, por exemplo, nada mais sabemos de Apolônio ou da própria menina. Essa estratégia narrativa adotada em HA é, sem dúvidas, distinta daquela empregada nos romances gregos, pois, neles, é mais comum o narrador interpolar as aventuras dos protagonistas que estão separados. Dessa forma, o leitor pode acompanhar quase que simultaneamente as aventuras das personagens principais dos textos gregos.

⁸¹ LÓPEZ, 1997, p. 35.

⁸² “[...] En las novelas griegas, en cambio, cada esposo tiene sus aventuras, pero uno busca al otro, hasta que lo encuentra, aunque también por azar. Si esta búsqueda, con las peripecias que en ella [o romance (la novela)] se suceden, constituyen allí el centro del relato, en la *Historia* son las distintas aventuras de los miembros de la familia de Apolonio —menos numerosas que en las novelas griegas— sobre las que recae el acento de la narración. La separación de los protagonistas, que caracteriza a la primera etapa de la novela griega, [...] sigue siendo importante en la *Historia*. En ambos tipos de novela son dos las intrigas fundamentales, pues el texto de la *Historia* no se ocupa de Apolonio hasta que vuelve a buscar a su hija. Pero si en aquéllas existe simultaneidad entre las líneas del héroe-vítima y la del buscador, en la *Historia* el relato sigue ya a un protagonista ya al otro hasta el encuentro de Apolonio con su hija” (RUIZ-MONTERO, 1983, p. 328).

Tratando-se, ainda, da relação paterno-filial, a diametral oposição psicológica e moral desse tipo de relacionamento, isto é, o incesto (que se encontra, inclusive, em um contexto completamente diferente de uma relação de afeto saudável e natural) também é um motivo forte na trama, figurando como um dos pilares que a sustenta, haja vista que o *incipit* é exatamente a cena de um estupro incestuoso – o mal exemplo de pai representado no rei Antíoco, comentado ainda há pouco.

A presença do rei de Antioquia na narrativa é tão negativa que mesmo que o leitor observe o excelente exemplo do rei Arquístrates com sua filha, quando chega o momento de Apolônio interagir com Társia, é sempre possível uma leitura que leve em conta o risco de o incesto ali se repetir. Assim, percebemos que tal motivo foi inserido na narrativa e que ele é recorrentemente retomado ao longo do romance, suscitando essa atmosfera de receio e tensão; e o mesmo suspense se dá no encontro entre Társia e o pai a sós no porão de um navio e sem saberem o laço de parentesco que os unia.

Archibald (1991, p. 99) aponta certamente que o clímax narrativo de HA ocorre justamente quando Apolônio reencontra sua filha – e não posteriormente sua esposa –, e Wolff (2009, p. 321) adequadamente salienta que, ao reencontrar Társia, Apolônio recupera seu poder e suas responsabilidades. Diferentemente do romance grego, o reencontro que ansiamos testemunhar não é o dos amantes, senão o da família, especialmente Apolônio e Társia. É nesse sentido que Schmeling (1999, p. 126) ensina: “[...] Assim, não temos aqui um romance de amor, aventura ou recompensas/retribuição, mas, sim, um romance familiar (Szepessy 1985-88). E boas famílias têm filhos, netos e conseguem estabelecer dinastias. Boas famílias constroem o futuro para si mesmas”.⁸³ Dessa forma, a trama parece sempre querer retomar o tema familiar, mas, especialmente, a relação entre pais e filhas,⁸⁴ colocando-nos diante de um modelo reprovável e indicando um outro, positivo e benéfico, a ser seguido.

Outro elemento destacado na trama é a comunicação realizada por meio de enigmas, como ponderam Schmeling (1996, p. 518) e López (1997, p. 50). Ela é notável quando

⁸³ “[...] Thus we do not have here a novel of love or adventure or rewards/retribution, but rather a family novel (Szepessy 1985–88). And good families have children, grandchildren, and are successful in establishing dynasties. Good families make futures for themselves” (SCHMELING, 1999, p. 126).

⁸⁴ No decorrer de HA, nota-se uma grande variedade de relações entre pais e filhas – curiosamente, filhos não são comuns. Podem ser apontadas, na trama, as seguintes relações paterno-filiais: Antíoco e sua filha; Arquístrates e sua filha (princesa de Cirene); Médico professor de Éfeso e a princesa de Cirene; Estranguilião e Társia; Estranguilião e sua própria filha; Atenágoras e Társia; Atenágoras e sua própria filha e Apolônio e Társia. Diante dessa variedade de relações, neste trabalho realizamos um recorte e observamos, mais detidamente, as relações entabuladas entre Antíoco, Arquístrates, Apolônio e suas respectivas filhas.

consideramos os seguintes dados: é por meio de um diálogo nebuloso que a filha de Antíoco revela a sua ama o estupro que sofrera e que seu violador fora seu próprio pai, como vemos em:

[...] [A ama] dijo: «¿A qué se debe esa turbación de espíritu?» La joven dijo: «Querida nodriza, en este aposento acaban de perecer dos nobles nombres.» La nodriza, sin comprender, dijo: «Señora, ¿por qué dices eso?» La joven dijo: «Tienes ante tus ojos a una víctima de una cruel violación antes del legítimo día de mis nupcias.» La nodriza, cuando oyó y vio estas cosas, se horrorizó y dijo: «¿Quién, atreviéndose a tamaña osadía, ha mancillado el lecho de la reina virgen?» La joven dijo: «La impiedad cometió el crimen.» La nodriza dijo: «¿Entonces por qué no se lo explicas a tu padre?» La joven dijo: «¿Y dónde está mi padre?» Y dijo: «Querida nodriza, si entiendes lo que ha ocurrido: ha muerto en mí el nombre “padre” (HA, 2; trad. López, 1997, p. 92).⁸⁵

Além disso, Antíoco cria um enigma para afugentar os pretendentes de sua filha e continuar sendo seu amante – “El crimen me arrastra, me alimento de la carne de mi madre, busco a mi hermano, esposo de mi madre, hijo de mi esposa: no lo encuentro” (HA, 4; trad. López, 1997, p. 93).⁸⁶ Outro exemplo ocorre na corte de Arquístrates, quando a princesa pede que Apolônio conte sua história. Ele narra suas desventuras de modo impreciso, a ponto de a princesa não compreender o que ele diz:

[...] interroga la muchacha a Apolonio con discretísimas palabras y acercándose a él dijo: «Aunque tu silencio revela tu gran aflicción, sin embargo tu distinción muestra la nobleza de tu linaje. Pero, si no es para ti enojoso, desvéleme tu nombre y tus infortunios.» Apolonio dijo: «Si mi nombre pides, me llamo Apolonio; si por mis riquezas preguntas, en el mar las perdí.» La muchacha dijo: «Explicámelos más claramente para que comprenda» (HA, 15; trad. López, 1997, p. 104).⁸⁷

⁸⁵ **Em latim, HA, 2**

2. *Vt vidit puellam flebili uultu, asperso pauimento sanguine, roseo rubore perfusam, ait:*

3. — *Quid sibi uult iste turbatus animus?* 4. *Puella ait:*

5. — *Cara nutrix, modo hoc in cubiculo duo nobilia perierunt nomina.* 6. *Nutrix ignorans ait:*

7. — *Domina, quare hoc dicis?* 8. *Puella ait:*

9. — *Ante legitimam mearum nuptiarum diem saevo scelere violatam vides.* 10. *Nutrix ut haec audiuit atque uidit, exhorruit atque ait:*

11. — *Quis tanta fretus audacia uirginis reginae maculauit torum?* 12. *Puella ait:*

13. — *Impietas fecit scelus.* 14. *Nutrix ait:*

15. — *Cur ergo non indicas patri?* 16. *Puella ait:*

17. — *Et ubi est pater?* 18. *Et ait:* 19. — *Cara nutrix, si intellegis quod factum est: periit in me nomen patris.* 20.

⁸⁶ **Em latim, HA, 4**

9. — *Audi ergo quaestionem: scelere uehor, materna carne uescor, quaero fratrem meum, meae matris uirum, uxoris meae filium et non inuenio.*

⁸⁷ **Em latim, HA, 15**

10. *Hortante igitur patre uerecundissimo sermone interrogatur a puella Apollonius et accedens ad eum ait:*

11. — *Licet taciturnitas tua sit tristior, generositas autem tuam nobilitatem ostendit.* 12. *Sed si tibi molestum non est, indica mihi nomen et casus tuos.* 13. *Apollonius ait:*

14. — *Si nomen quaeris, Apollonius sum uocatus; si de thesauro quaeris, in mari peridi.* 15. *Puella ait:*

16. — *Apertius indica mihi, ut intellegam.*

Essa mesma princesa de Cirene recorre a uma espécie de charada para revelar ao rei Arquístrates que está apaixonada por Apolônio – “[...] «quiero como esposo a aquél que ha sido burlado y desposeído de sus riquezas por un naufragio” (HA, 20; trad. López, 1997, p. 109).⁸⁸ Numa certa ocasião, ainda em Cirene, o protagonista é interpelado por um marinheiro tírio se ele conhece o rei Apolônio, e este responde de modo enigmático – “[...] Como a mí mismo, así lo conozco a él” (HA, 24; trad. López, 1997, p. 112).⁸⁹ E, por fim, há os casos das próprias adivinhações que Társia propõe a Apolônio no porão do navio em Mitilene – dentre as quais apresentamos um exemplo a seguir, quando discutimos o *prosimetrum*.⁹⁰

Também observamos algumas imprecisões estruturais na elaboração da trama. Schmeling (1996, p. 519) questiona a razão de Antíoco criar um enigma cuja solução exporia seu próprio crime de incesto; López (1997, p. 21) pergunta-se por que Apolônio é o único dos pretendentes a quem Antíoco oferece uma segunda chance de resposta: o rei de Tiro poderia usufruir de um prazo suplementar e dar depois uma segunda resposta ao enigma; Schmeling (1996, p. 520) e López (1997, p. 21) apontam a incoerência de os moradores de Tarso agradecerem a Apolônio erigindo uma estátua em sua homenagem em razão de ele ter salvado a cidade da fome – a falta de nexo nisso consiste no fato de que Apolônio era procurado por muita gente e uma estátua sua facilitaria que o encontrassem –; Archibald (1991, p. 13) assinala que não se justifica o procedimento de Apolônio em deixar sua filha recém-nascida com os supostos amigos Estranguilião e Dionísia e partir para o Egito; López (1997, p. 22) indica a falta de fundamento em Apolônio ter sido chamado para assumir o trono de Antioquia após a morte de Antíoco; López (1997, p. 22) também ressalta a falta de coerência nas ações de Atenágoras, uma vez que, dada sua grande influência em Mitilene, ele poderia ter devolvido a liberdade à Társia desde que ela chegara à cidade, sequestrada pelos piratas.

Além do problema de passagens sem lógica, notam-se, igualmente, a existência de grandes lacunas textuais, como ocorre no seguinte trecho, situado no início do cap. 45, quando Apolônio reconhece a filha no porão de seu navio em Mitilene. Nota-se, nesta passagem, que falta um nexo, uma continuação que proporcione um elo entre o discurso de Apolônio direcionado a sua filha e o parágrafo seguinte, momento em que ele decide destruir toda a cidade. Neste exemplo, a lacuna textual é indicada pelos pontos dentro dos colchetes:

⁸⁸ **Em latim, HA, 20.19**

illum uolo coniugem, naufragio patrimonio deceptum.

⁸⁹ **Em latim, HA, 24.13-14**

13. Apollonius ait: 14. — Vt me ipsum, sic illum noui.

⁹⁰ O *prosimetrum* é a técnica de mesclar a escrita em prosa com a utilização de versos, recurso muito frequente em obras romanescas de todos os tempos.

Y cuando la muchacha decía llorando estas y otras cosas similares, Apolonio, precipitándose a sus brazos, empezó a decirle llorando de alegría: «¡Tú eres mi hija Tarsia! ¡Tú eres mi única esperanza! ¡Tú eres la luz de mis ojos; es a ti a la que lloro y por tu madre guardo luto durante catorce años! Ya voy a morir contento, porque me ha sido devuelta una esperanza rediviva.»

[....]

Y dijo Apolonio: «Que sea destruida esta ciudad.» Y cuando lo oyó el príncipe Atenágoras, empezó en la calle, en el foro, en la curia, a gritar y a decir: «Acudid, ciudadanos y nobles, para que esta ciudad no sea destruida» (HA, 45; trad. López, 1997, p. 137).⁹¹

Ademais, López (1997, p. 69) reforça a ideia de Kortekaas de que, em HA, existe uma combinação de elementos, como a mescla de referências pagãs com expressões que ecoam textos bíblicos. Uma dessas referências a um deus único (não pagão) ocorre no cap. 32 de HA, momento em que o escravo de Dionísia mente para ela dizendo que cumpriu sua ordem de matar Tarsia. Teófilo, o escravo, não queria realizar o que sua senhora lhe ordenou, no entanto, ela prometeu que o libertaria da escravidão caso assassinasse a garota; então, depois que os piratas sequestraram a menina bem no instante em que ele lhe desferiria o golpe fatal – e uma vez que estar sob o poder de piratas era praticamente o mesmo que morrer –, Teófilo decide mentir para Dionísia dizendo que a jovem estava morta. Após saber que sua ordem fora executada, em vez de cumprir sua palavra e libertar Teófilo, Dionísia manda-o voltar a suas tarefas habituais e ameaça puni-lo severamente caso ele fizesse reclamações por continuar na mesma condição de antes. Em razão disso, o narrador diz que “[...] entonces el capataz, cuando la oyó, levantado al cielo sus ojos dijo: «Tú sabes, Dios, que no he cometido el crimen. Sé tú juez entre nosotros dos»” (HA, 32; trad. López, 1997, p. 121).⁹² Nessa fala de Teófilo, vemos alguns elementos familiares ao contexto bíblico, tais como o olhar para o céu para dirigir-se a Deus, o evocá-lo com a palavra “Deus” (de *deus* no latim) e não com outro nome divino considerado pagão, bem como o pedir que essa divindade atue como um juiz.

Um outro exemplo de referência ao texto bíblico, conforme Kortekaas (2007, p. 759) figura no cap. 45 de HA, quando Apolônio reconhece Tarsia e lhe diz “[...] Ya voy a morir contento, porque me ha sido devuelta una esperanza rediviva»” (HA, 45; trad. López, 1997, p.

⁹¹ Em latim, HA, 45.1-7

[RA45] 1. *Cumque haec et his similia puella flens diceret, in amplexu illius ruens Apollonius coepit flere prae gaudio et dicere:* 2. — *Tu es filia mea Tarsia, tu es spes mea unica, tu es lumen oculorum meorum, consciusque flens per quattuordecim annos matrem tuam lugeo.* 3. *Iam laetus moriar, quia rediviva spes mihi est reddita.* 4. [***] *et dixit Apollonius:* 5. — *Pereat haec civitas!* 6. *At ubi auditum est ab Athenagora principe, in publico in foro in curia clamare coepit et dicere:* 7. — *Currite, cives et nobiles, ne pereat ista civitas!*

⁹² Em latim, HA, 32.12-13

12. *Villicue itaque, ut audiuit, eleuans ad caelum oculos dixit:* 13. — *Tu scis, deus, quod non feci scelus.* 14. *esto iudex inter nos.*

137).⁹³ Nesse excerto, segundo argumenta o pesquisador, há uma citação bíblica não muito bem formulada da ocasião em que Jacó reencontra José – o filho que pensava estar morto – e, então, aquele diz que já pode morrer depois de ter visto o rosto do rapaz. Como se nota, o teor da fala de Apolônio ecoa as palavras de Jacó, mesmo que não retome integralmente o texto bíblico.

Por outro lado, as referências pagãs são igualmente comuns na trama, tal qual indicam os vários nomes de entidades evocadas ou mencionadas: Netuno (HA, 11, 39 e 44), Bóreas (HA, 11), Apolo (HA, 16), Diana (HA, 27 e 48), Lucina (HA, 25), Priapo (HA, 33), entre outros. Referência bem clara a uma divindade não-bíblica consta no epitáfio que os moradores de Tarso gravaram na lápide de Tarsia – a qual eles pensavam estar morta –: “DIOSES MANES LOS CIUDADANOS DE TARSO A LA DONCELLA TARSIA POR LOS FAVORES DE APOLONIO DE TIRO LEVANTARON ESTE MONUMENTO POR SUSCRIPCIÓN PÚBLICA” (HA, 32; trad. López, 1997, p. 123).⁹⁴

Diante de um cenário tão diversificado no que diz respeito às entidades divinas mencionados em HA, a crítica não é unânime ao classificar esse romance. López (1997, p. 32-33) aponta três posicionamentos sobre esse tema: enquanto para Klebs seria possível remover do texto as referências bíblicas sem que isso causasse prejuízos à trama, para Kortekaas as alusões bíblicas seriam tão numerosas e integradas à estrutura de HA que impossibilitariam a exclusão delas, e, ainda, para Schmeling, HA seria um texto pagão, razão pela qual ele procuraria remover qualquer dado cristão.

Essas características a que nos remetemos anteriormente – quais sejam a existência de lacunas textuais e a mescla de elementos pagãos e bíblicos – levam alguns pesquisadores, como López, a acreditar que o texto de HA seja um resumo de um outro texto hoje perdido. A esse respeito, a especialista afirma:

Tudo isso nos leva a pensar que o relato que conservamos é resultado de um processo de adaptação e resumo e nele é possível diferenciar distintos “estratos narrativos” que deixaram como marca esses elementos desconexos cuja presença no texto se dá de forma obscura e confusa. Esse processo de transformação empobreceu e borrou o relato original de modo que o sentido

⁹³ Em latim, HA, 45.3

³ *Iam laetus moriar, quia rediviva spes mihi est reddita.*

⁹⁴ Em latim, HA, 32.38

³⁸. *DII MANES
CIVES TARSII TAESIAE VIRGINI
BENEFICES TYRII APOLLONII
EX AERE COLLATO FECERVNT.*

principal da história do herói Apolônio ficou velado e oculto [...] (LÓPEZ, 1997, p. 25).⁹⁵

Porém, esse posicionamento não é consenso entre a crítica. Para Schmeling (1996, p. 534), por exemplo, é inviável que HA seja um epítome, haja vista que todos os manuscritos, cujas datas de produção não coincidem, contêm praticamente o mesmo conteúdo narrativo, o que indicaria que não se trata de um resumo, mas que o próprio HA foi concebido mais ou menos de acordo com a lógica que nele se encontra hoje. Considerando esse argumento e, também, se levarmos em conta a época em se acredita que a narrativa das aventuras de Apolônio foi escrita, perceberemos que diz respeito ao período do aparecimento do gênero romance, quando esse gênero inacabado⁹⁶ esboçava as primeiras formas. Nesse sentido, é coerente que HA seja considerado uma produção literária incompleta e com problemas, levando-se em conta o caráter marginal das primeiras tentativas da produção de narrativa de ficção e prosa literária – romanesca – latina. Assim, por esse lado, também seria possível adotar uma perspectiva de que HA não seja um resumo, mas que as falhas existentes em sua estrutura sejam um elemento constituinte desse romance, resultado da precariedade linguístico-literária do autor empírico, anônimo.

Em HA, também observamos o uso do *prosimetrum*, já empregado no romance antigo romano pelo menos no *Satíricon*, de Petrônio, e o eco de obras literárias ou de autores canônicos. Sobre o *prosimetrum*, Gual (2006, p. 109-110) não somente ensina que ele “geralmente supõe certo caráter popular, em oposição à estrita separação de estilos nas obras clássicas”,⁹⁷ mas também acrescenta que essa técnica, comum em algumas produções helenísticas, é encontrada em *Quéreas e Calíroe*, mas não nos demais grandes romances gregos. Em nosso corpus, a utilização de versos aparece, por exemplo, na descrição da tempestade marítima que leva a pique a embarcação do protagonista (cap. 11):

⁹⁵ “Todo ello nos lleva a pensar que el relato que conservamos es resultado de un proceso de adaptación y epitomación y en él es posible diferenciar distintos ‘estratos narrativos’ que han dejado como huella esos elementos inconexos cuya presencia en el texto resulta oscura y confusa. Ese proceso de transformación empobreció y desdibujó el relato original de modo que el sentido último de la historia del héroe Apolonio ha quedado velado y oculto [...]” (LÓPEZ, 1997, p. 25).

⁹⁶ “Inacabado” no sentido de “não pronto, não finalizado”, pois ele continua se transformando ainda hoje (BRANDÃO, 2005, p. 270).

⁹⁷ “[...] generalmente supone cierto carácter popular, en oposición a la estricta separación de estilos en las obras clásicas” (GUAL, 2006, p. 109-110).

El Dios Creador te ayudará, de todas las cosas Criador;¹⁰⁰
no permitirá que este llanto sea vertido con inútil dolor (HA, 41; trad. López, 1997, p. 131-132).¹⁰¹

O *prosimetrum* está presente, ainda, no momento em que Társia e Apolônio participam do jogo de adivinhações (caps. 42 e 43), dentre as quais, destacamos a passagem:

Y le dijo Tarsia:
«Existe en tierra una morada que resuena con clara voz.
La misma morada se escucha pero el huésped silencioso no.
Sin embargo ambos corren, a un tiempo huésped y morada a la vez.
Así que si eres, como dices, un rey –pues en mi patria se conviene en que no hay ningún ser más sabio que un rey–, resuélveme el enigma y me iré.» Y Apolonio, sacudiendo la cabeza, dijo: «Para que sepas que yo no he mentido: la morada que se escucha en tierra es la ola; el huésped silencioso de esta morada es el pez, que corre a la misma vez que su morada.» En esta magnífica explicación ve entonces la muchacha con asombro que es de verdad un rey [...] (HA, 42; trad. López, 1997, p. 133-134).¹⁰²

Por sua vez, a memória de composições ou de autores da literatura greco-romana precedente encontra-se, conforme López (1997, p. 24), nos versos que descrevem a tempestade que se abate sobre o navio de Apolônio, os quais figuram como evidentes recordações de Virgílio e Ovídio. A pesquisadora também retoma exemplos indicados por Archibald (1991), a saber, pontos em comum entre HA e a *Odisseia*, de Homero, e a *Eneida*, de Virgílio. O exemplo

¹⁰⁰ Nesse verso, verifica-se outra possível mescla entre a trama de HA e a referência ao contexto bíblico, tema que tratamos anteriormente.

¹⁰¹ Em latim, HA, 41

[RA 41] 1. *His carminibus coepit modulata uoce canere:*

2. *Per sordes gradior, sed sordis conscia non sum, sic rosa in spinis nescit compungi mucrone.*

3. *Piratae rapuerunt me gladio ferientis iniquo.*

4. *Lenoni nunc uendita non uiolaui pudorem.*

5. *Ni fletus luctus lacrimae de amissis essent,*

nobilior me nulla, pater si nosset ubi essem.

6. *Regali genere et stirpe propagata piorum, sed contemptam habeo et iubeor adeo laetari!*

7. *Fige modum lacrimis curasque resolve dolorum, redde oculos caelo atque animos ad sidera tolle!*

8. *Mox aderit deus ille creator omnium et auctor, non sinet hos fletus casso maerore relinqui.*

¹⁰² Em latim, HA, 42.1-8

[RA42] 1. *Et ait ad eum Tarsia:*

2. *Est domus in terris clara quae uoce resultat.*

3. *Ipsa domus resonat, tacitus sed non sonat hospes.*

4. *Ambo tamen currunt, hospes simul et domus una.*

5. — *Si ergo, ut adseris, rex es in tua patria nihil enim regi prudentius esse conuenit, solue mihi quaestionem et uadam.* 6. *Et agitans caput Apollonius ait:*

7. — *t* *Ecias me non esse mentitum: domus quae in terris resonat unda est; hospes huius domus tacitus piscis est, qui simul cum domo currit id est unda.*

8. *Admiratur puella hinc in explanatione magna uere regem esse,*

mais evidente das aventuras de Apolônio que nos fazem rememorar as peripécias de Odisseu é a chegada do príncipe tírio – náufrago e nu – na corte do rei Arquístrates: essa cena faz claro paralelo com a *Odisseia*, quando da introdução de Odisseu na corte do rei Alcínoo, rei dos feácios (HOMERO, *Odisseia*, VII). Já a referência à *Eneida*, segundo destaca López (1997, p. 67), está em versos que o autor-anônimo de nosso cópula toma de Virgílio, especificamente um trecho que remete ao sofrimento amoroso da rainha Dido por Eneas (VIRGÍLIO, *Eneida*, IV, 1-2, 4-5; 12), versos os quais são retomados para delinear o padecimento da filha do rei Arquístrates, a qual sofre em razão do sentimento que nutre em seu interior por Apolônio.¹⁰³

Como relevância estrutural de HA, podemos acrescentar, por fim, a forma como o narrador em terceira pessoa conduz a narração. Essa é uma perspectiva diferente da que adotaram Petrônio e Apuleio, pois, como se sabe, o *Satíricon* e *O asno de Ouro* têm narradores em primeira pessoa e, portanto, menos confiáveis.¹⁰⁴ López (1997, p. 40-41) destaca que, embora a trama de HA siga uma organização cronológica – isto é, inicia-se *ab ovo* –, muitas vezes a sucessão de eventos manifesta-se de forma vaga, quase sem conexão lógica ou causal; além disso, com exceção de poucas cenas, são praticamente inexistentes descrições detalhadas das personagens, dos palácios, das cidades ou de qualquer outro elemento do cenário ou do tempo da ação. Por essa razão, não é raro que, em poucas linhas, o narrador transporte o leitor de uma região para outra, ou que ele informe, de um parágrafo para outro, que se passaram vários anos.¹⁰⁵ A estudiosa lembra, também, que o narrador adota uma passagem muito abrupta da narração sintética para o discurso direto, e que ele repentinamente insere um diálogo para logo depois, do mesmo modo, retomar seu relato.

Schmeling (1996, p. 546-547), tratando do ponto de vista das personagens, analisa que

[...] vemos (entre outras coisas) que (1) Apolônio acredita (erroneamente) que sua esposa e filha estão mortas; (2) Társia acredita (erroneamente) que Estranguilião e Dionísia são seus pais; (3) a mãe de Társia não sabe (corretamente) nada. O narrador que sabe tudo fala com o leitor que sabe apenas o que o narrador escolhe contar: o leitor pode querer saber o que aconteceu com a esposa de Antíoco, a esposa de Arquístrates, a esposa de Atenágoras (esposas como espécie em extinção), os pais de Apolônio e irmãos. A voz da *História*, ou seja, o ponto de vista (A), é sempre a do narrador, que por sua vez permite que certos atores conheçam partes da ação compartimentando a trama, por assim dizer, e dentro de cada compartimento permitindo ao leitor ver o que o ator naquele compartimento pode ver. A

¹⁰³ Schmeling (1996, p. 520) também recorda que tanto Eneas como Apolônio naufragam no norte da África, perdem todas suas riquezas, porém, cada um deles é auxiliado por um pescador. Essa seria, portanto, mais uma reminiscência da *Eneida* em HA.

¹⁰⁴ SCHMELING, 1996, p. 545.

¹⁰⁵ LÓPEZ, 1997, p. 40-42.

perspectiva, ou seja, o ponto de vista (B), do ator em cada compartimento é limitada (mas clara para o leitor) até o final da história, quando a voz do narrador e as perspectivas de todos os atores são mais ou menos iguais.¹⁰⁶

Em razão disso, ao acompanhar essa forma dinâmica de narrar, entendemos que o leitor pode se sentir um pouco como o próprio Apolônio, lançado de um lado para outro pela fúria das ondas em alto mar, pois, mesmo dispondo de informações que delineiam vagamente o contorno das cenas, ainda assim não é o suficiente para tornar a narrativa satisfatoriamente clara, o que coloca o público diante de uma narração superficial. A respeito dessa narrativa pouco esclarecedora, López (1997, p. 42) acrescenta:

[...] O relato é, nesse sentido, opaco e a ação desliza em meio a uma espécie de nebulosa distante e atemporal, a mesma que se percebe nos contos. Como neles, o que importa na *História* [de Apolônio] são os acontecimentos em si, não as informações sobre onde ocorrem, sem que em nenhum momento a indeterminação com a qual transcorre a narração diminua o interesse por ela.¹⁰⁷

Levando em consideração a percepção da pesquisadora e a estrutura de HA, não parece improvável que o objetivo do autor anônimo fosse manter a atenção do leitor mais nos acontecimentos do que no entorno deles, embora possamos apenas conjecturar a esse respeito, dado que os documentos atualmente preservados da história de Apolônio são herança do trabalho de inúmeros copistas, os quais adaptaram e transformaram o texto ao longo dos séculos; assim, o material disponível atualmente é insuficiente para autorizar algumas conclusões de forma precisa. De todo modo, mesmo que a narrativa seja superficial, esse caráter não impediu que os leitores fruissem sua leitura, haja vista a longevidade de sua recepção, como evidenciamos no tópico anterior.

¹⁰⁶ “[...] we see (among other things) that (1) Apollonius believes (erroneously) that his wife and daughter are dead; (2) Tarsia believes (erroneously) that Stranguillo and Dionysias are her parents; (3) Tarsia's mother knows (correctly) nothing. The narrator who knows all speaks to the reader who knows only what the narrator chooses to tell: the reader may want to know what happened to Antiochus' wife, Archistrates' wife, Athenagoras' wife (wives as an endangered species), Apollonius' parents and siblings. The voice of the *Historia*, i.e., the point of view (A), is always that of the narrator, who in turn allows certain actors to know parts of the action by compartmentalizing the plot, as it were, and inside each compartment allowing the reader to see what the actor in that compartment can see. The perspective, i.e., the point of view (B), of the actor in each compartment is limited (but clear to the reader) until the end of the story, when the voice of the narrator and the perspectives of all the actors are more or less made the same” (SCHMELING, 1996, p. 546-547).

¹⁰⁷ “[...] El relato es, en este sentido, opaco y la acción se desliza en medio de una especie de nebulosa lejana y atemporal, la misma que se percibe en los cuentos. Como en éstos, lo que importa en la *Historia* son los hechos mismos, no las coordenadas en que tienen lugar, sin que en ningún momento la indeterminación con que transcurre la narración haga decaer el interés por la misma” (LÓPEZ, 1997, p. 42).

3. A QUESTÃO DA AMIZADE

Alguns dos principais conceitos acerca da amizade foram desenvolvidos por pensadores como Aristóteles, Cícero, Ortega e Konstan. A partir de suas reflexões, podemos recuperar concepções relevantes para o exame das relações de amizade que se estabelecem entre as personagens de HA.

3.1. OS ANTIGOS

3.1.1. Aristóteles: *Ética a Nicômaco*

O tema da amizade já era objeto de reflexão na Antiguidade. Embora não seja o único pensador a desenvolver ideias sobre esse tema, as considerações tecidas por Aristóteles são tão relevantes que foram constantemente retomadas na esteira da história em vários momentos em que se desejou discorrer sobre os vínculos da amizade.

As ideias do filósofo estagirita sobre amizade encontram-se nos livros VIII e IX de *Ética a Nicômaco*, provavelmente concebida entre os anos 335 e 323 a.C., obra em que Aristóteles desenvolve uma reflexão a respeito da conduta humana e realiza uma análise da virtude. Ao longo desse processo analítico, o filósofo dedica-se não só ao pensamento sobre as características e contornos da amizade como também à demonstração de que a amizade perfeita seria, em sua perspectiva, possível apenas entre as pessoas virtuosas.¹⁰⁸

Aristóteles acredita que a amizade é ou implica uma virtude, além de ser nobre¹⁰⁹ e primordial à vida, visto que, mesmo se todas as necessidades materiais de uma pessoa fossem supridas, se não houvesse amigos, ela provavelmente desistiria de viver. Nesse sentido, a condição financeira de riqueza ou pobreza não extingue a necessidade humana de fazer amigos, pois os ricos ou poderosos precisam de alguém a quem fazer o bem e cuja companhia alegre o fruir da vida, enquanto os pobres, por seu turno, comumente encontram refúgio e auxílio para as dificuldades em seus laços de amizade.¹¹⁰

No entanto, pergunta-se o filósofo, seria possível existir uma amizade perfeita? Ele argumenta que existe, sim, amizade perfeita; ela seria o vínculo que une aqueles que são bons e semelhantes em virtude, os quais “desejam igualmente bem um ao outro enquanto bons, e são bons em si mesmos” (Aristóteles, 1991, p. 172). Além disso, alega que “os que desejam bem

¹⁰⁸ ARISTÓTELES, 1991, p. 172.

¹⁰⁹ *Ibid.*, p. 169.

¹¹⁰ *Ibid.*, p. 168 e 214.

aos seus amigos por eles mesmos são os mais verdadeiramente amigos, porque o fazem em razão da sua própria natureza e não acidentalmente” (Aristóteles, 1991, p. 172). Isso significa dizer que os amigos verdadeiros são aqueles que se querem bem em razão daquilo que o outro é, e não em razão de alguma vantagem ou privilégio que podem ser alcançados com a amizade. Depreende-se disso que uma relação permanente e durável só se pode estabelecer entre aqueles que se parecem no que diz respeito às qualidades, uma vez que cada uma das partes encontra na outra aquilo que é bom, útil e agradável.¹¹¹ Por esse motivo, no livro IX de *Ética a Nicômaco*, aconselha-se que mobilizemos os esforços necessários com o objetivo de evitarmos a maldade e buscarmos ser bons – e, portanto, úteis e agradáveis –, pois o amor e a amizade, em sua melhor forma, habitam o interior daquele que é virtuoso.¹¹²

Como se pode imaginar, essa amizade descrita por Aristóteles (1991, p. 173) não é comum, porque ela é tão rara quanto as pessoas que as constituem. Para ele, essas pessoas raras e virtuosas são “amigos duradouros”, uma vez que sabem amar numa medida justa,¹¹³ além de que “mantêm-se fiéis um ao outro e não solicitam nem prestam serviços baixos, mas pode-se dizer que até previnem tais ocorrências, pois é característico dos homens bons não fazer o mal eles próprios, nem permitir que seus amigos o façam” (Aristóteles, 1991, p. 181). Tendo isso em vista, um homem bom não faria nenhum mal a seu amigo, pois esse último é compreendido, nesse viés, como “um outro eu” e, portanto, se fizesse algum mal ao amigo, estaria a fazê-lo a si mesmo.¹¹⁴

Contudo, o pensador estagirita não apenas considera a amizade perfeita ou virtuosa essencial à vida, mas, também, a concebe como a condição para a felicidade humana.¹¹⁵ Ele alega que, mesmo havendo o desejo de seu nascimento, a amizade não pode se instituir de forma apressada,¹¹⁶ mas requer naturalmente um tempo de desenvolvimento a fim de que, entre os amigos, estabeleça-se convívio – um elemento basilar desse laço humano.¹¹⁷ Sob sua ótica, uma relação verdadeira tem o poder de fazer mais capazes no agir ou no pensar aqueles que estão

¹¹¹ ARISTÓTELES, 1991, p. 172.

¹¹² *Ibid.*, p. 173.

¹¹³ *Ibid.*, p. 180 e 181.

¹¹⁴ *Ibid.*, p. 200.

¹¹⁵ *Ibid.*, p. 212.

¹¹⁶ *Ibid.*, 1991, p. 173.

¹¹⁷ *Ibid.*, p. 175.

conectados por seus laços.¹¹⁸ Também, em razão da distância geográfica que por ventura os separe,¹¹⁹ essa relação não pode ser desfeita.

Para Aristóteles, a amizade perfeita não se pode estabelecer entre muitas pessoas, haja vista que o convívio e a dedicação exigem bastante empenho das partes. Caso o motivo do vínculo seja algum interesse particular, é possível que várias pessoas se façam agradáveis àquele de quem se espera algum favor. Em sua argumentação sobre esses pontos, o filósofo explica que

Não se pode ser amigo de muitas pessoas no sentido de ter com elas uma amizade perfeita, assim como não se pode amar muitas pessoas ao mesmo tempo (pois o amor é, de certo modo um excesso de sentimento e está na sua natureza dirigir-se a uma pessoa só); e não sucede facilmente que muitas pessoas, ao mesmo tempo, agradem muito a um indivíduo só, ou mesmo, talvez, que pareçam boas aos seus olhos. É preciso, por outro lado, adquirir alguma experiência da outra pessoa e familiarizar-se com ela, e isso custa muito trabalho. Mas com vistas na utilidade ou no prazer, é possível que muitas pessoas agradem a uma só, pois muitas pessoas são úteis ou agradáveis, e tais serviços não exigem muito tempo (Aristóteles, 1991, p. 176-177).

Em uma união amistosa autêntica, espera-se que exista um sentimento de bem querer entre os amigos; todavia, Aristóteles (1991, p. 201) pondera que benevolência não é o mesmo que amizade. Sua justificativa para isso pode ser desdobrada em dois aspectos: primeiramente, há o fato de que é possível ser benevolente com pessoas desconhecidas e até com adversários em uma competição¹²⁰ e, de outro modo, a amizade requer intensidade, desejo e intimidade,¹²¹ itens dispensáveis para se expressar boa vontade. Por essa razão, no olhar do pensador estagirita, a benevolência estaria mais próxima de um início de amizade, a qual até pode vir a se consolidar como “amizade verdadeira”, caso se prolongue e chegue “ao ponto da intimidade”¹²² e da reciprocidade.¹²³

A amizade perfeita, entretanto, não é a única forma de amizade designada por Aristóteles em sua explanação. Ele nomeia ainda outras duas formas de amizade não perfeitas: a amizade pautada na utilidade e a pautada no prazer. De acordo com o autor grego,

[...] os que se amam por causa de sua utilidade não se amam por si mesmos, mas em virtude de algum bem que recebem um do outro. Idêntica coisa se

¹¹⁸ ARISTÓTELES, 1991, p. 168.

¹¹⁹ *Ibid.*, p. 175.

¹²⁰ *Ibid.*, p. 201-202.

¹²¹ *Ibid.*, p. 202.

¹²² *Ibid.*, p. 202.

¹²³ *Ibid.*, p. 170.

pode dizer dos que se amam por causa do prazer; não é devido ao caráter que os homens amam as pessoas espirituosas, mas porque as acham agradáveis. Logo, os que amam por causa da utilidade, amam pelo que é bom para eles mesmos, e os que amam por causa do prazer, amam em virtude do que é agradável a eles, e não na medida em que o outro é a pessoa amada, mas na medida em que é útil ou agradável (Aristóteles, 1991, p. 171).

Conforme argumenta Aristóteles (1991, p. 174), as amizades por utilidade ou prazer são possíveis entre os maus ou entre os maus e os bons, visto que o importante nessa relação é a vantagem obtida, mas, evidentemente, esse vínculo não poderia ser duradouro, pois ao se esgotarem os privilégios alcançados pela união, quebrar-se-ia também o elo entre as partes. É por isso que o filósofo chama a atenção para a amizade virtuosa e para a necessidade de que nos empenhemos em sermos bons, porque, como ele insiste “[...] o melhor amigo de um homem é aquele que lhe deseja bem por ele mesmo, ainda que ninguém venha a ter conhecimento disso [...]” (Aristóteles, 1991, p. 206).

Outra questão sobre a qual Aristóteles discorre é a das amizades iguais ou semelhantes e das desiguais. No que se refere ao primeiro grupo, ele afirma que “[...] as ações dos bons são as mesmas ou semelhantes” (Aristóteles, 1991, p. 172), do que se pode depreender que tais uniões fundamentam-se em um ponto de convergência, afinidade ou similitude entre as partes. Dessa forma, tanto melhor seria se esses elementos de igualdade dissessem respeito a um caráter virtuoso, pois isso asseguraria uma amizade ainda mais duradoura, já que se alicerçaria naquilo que é bom, agradável e útil.

No entanto, o filósofo entende que há, ainda, as amizades desiguais entre suas partes integrantes, quais sejam

[...] a de pai para filho e, em geral, de mais velho para mais jovem, a de marido para mulher e, em geral, de governante para súdito. E essas amizades diferem também umas das outras, pois a que existe entre pais e filhos não é a mesma que entre governantes e súditos, nem a amizade de pai para filho é a mesma que a de filho para pai, como a de marido para mulher não é a mesma que a de mulher para marido. Com efeito, a virtude e a função de cada uma dessas pessoas são diferentes, e por isso também diferem as suas razões para amar; e outra consequência do mesmo fato é que amor e amizade diferem igualmente um do outro (Aristóteles, 1991, p. 178).

A recomendação de Aristóteles para aqueles que são amigos iguais é que mantenham a amizade num eixo de igualdade no que se refere ao amor ou a outras questões, enquanto os amigos desiguais devem retribuir e solidarizar entre si conforme suas condições individuais, como explicita em:

[...] o homem que é beneficiado com respeito à riqueza ou à virtude deve retribuir com honra, compensando o outro na medida de suas capacidades. Porquanto a amizade pede a um homem que faça o que pode e não o que é proporcional aos méritos do caso, já que isso nem sempre é possível, como, por exemplo, nas honras prestadas aos deuses ou aos pais. Com efeito, ninguém jamais lhes poderia pagar o equivalente do que recebe, mas o homem que os serve na medida de suas capacidades é considerado um homem bom (Aristóteles, 1991, p. 192-193).

Na concepção aristotélica, é possível uma amizade chegar ao fim. O primeiro argumento que ele desenvolve sobre esse tema é que não seria estranho se as amizades fundamentadas no prazer ou na utilidade terminassem – caso a satisfação ou a vantagem já não exista –, porquanto não há por que conservar a união se já não vive o que motivava o vínculo.¹²⁴ O segundo argumento diz respeito à circunstância de quem foi enganado por um amigo que fingiu ser bom, mas que na realidade era mau; nesse caso, Aristóteles acredita ser justo o distanciamento entre as partes, como alega na seguinte passagem:

Mas quando aceitamos um homem como bom e ele se revela e patenteia mau, devemos continuar a amá-lo? Isso é certamente impossível, visto que não se podem amar todas as coisas, mas apenas o que é bom. O que é mau nem pode nem deve ser amado, pois ninguém tem o dever de amar o mau, nem de tornar-se semelhante a ele [...] (Aristóteles, 1991, p. 198).

No entanto, o pensador faz a ressalva de que, se houver uma possibilidade de mudança de caráter do amigo farsante, de fato, dever-se-ia auxiliá-lo na tarefa da transformação de sua índole, mas que ninguém desaprovava o rompimento da amizade com um impostor descoberto, uma vez que esse último não era um amigo de verdade; contudo, se não houver meios de resgatá-lo, nada seria mais justo que deixá-lo.¹²⁵

Por fim, há um trecho da arguição de *Ética a Nicômaco* que parece sintetizar bem as principais ideias delimitadoras do que deveria ser uma amizade verdadeira ou virtuosa. Neste excerto, evidenciam-se as características da benevolência recíproca, da livre eleição do amigo e da bondade:

[...] dir-se-ia que o amor é um sentimento e a amizade é uma disposição de caráter, porque se pode sentir amor mesmo pelas coisas inanimadas, mas o amor mútuo envolve escolha, e a escolha procede de uma disposição de caráter. E os homens desejam bem àqueles a quem amam por eles mesmos, não por efeito de um sentimento, mas de uma disposição de caráter. E finalmente, os que amam um amigo amam o que é bom para eles mesmos; porque o homem bom, ao tornar-se amigo, passa a ser um bem para o seu amigo. Cada qual, portanto, ao mesmo tempo que ama o que é bom para ele,

¹²⁴ ARISTÓTELES, 1991, p. 197-198.

¹²⁵ *Ibid.*, p. 198.

retribui com benevolência e apazibilidade em igualdade de termos; porque se diz que amizade é igualdade, e ambas são encontradas mais comumente na amizade dos bons (Aristóteles, 1991, p. 176).

3.1.2. Cícero: *Sobre a Amizade*

Cícero foi um político e, especialmente, um orador muito aclamado pelos romanos na Antiguidade. Autor de vários textos célebres, concebe, em 44 a.C., o tratado *De amicitia* (*Sobre a amizade*), texto no qual se serve do diálogo para discorrer sobre a amizade. Embora a obra tenha sido escrita por Cícero, nas primeiras páginas, ele afirma que está a reproduzir uma conversa iniciada quando as personagens Fânio e Cévola pedem que Lélcio compartilhe suas considerações sobre o assunto em tela. Cícero (2006, p. 15) explica que, de memória e com alguma liberdade, relatará os pensamentos expostos no colóquio e, também, pede ao leitor que o esqueça por um instante a fim de imaginar que as vozes no texto pertencem exclusivamente às personagens;¹²⁶ esse pedido, no entanto, não pode ser atendido de modo absoluto, pois não há como dissociar a obra escrita de quem escolhe cada palavra e elemento que a constitui – seu autor.

No tratado de Cícero, observamos uma clara convergência com as ideias aristotélicas sobre a amizade, muito embora o filósofo grego não seja mencionado em momento algum. A semelhança manifesta-se em vários conceitos e o primeiro que se pode destacar diz respeito à amizade ser possível apenas entre as pessoas de bem.¹²⁷ Em determinada passagem, o autor romano declara:

[...] a maioria das pessoas comete o erro, para não dizer, a impudência, de querer ter um amigo que seja mais do que elas conseguem ser, esperando favores que elas mesmas não dão. Ora, convém, antes de mais nada, ser um homem de bem, e só depois procurar alguém semelhante a si. É entre homens assim que a amizade se torna estável e se consolida [...] (Cícero, 2006, p. 97 e 99).

Assim, o pensador deixa patente considerar possível haver vínculo de amizade apenas entre pessoas de bem; por essa razão, ele nos aconselha aplicar todos os esforços necessários a fim de alcançarmos essa condição de caráter virtuoso.¹²⁸ Sublinha, ainda, o fato de que é raro um amigo com esses valores, o qual se poderia considerar “quase de origem divina”.¹²⁹

¹²⁶ CÍCERO, 2006, p. 17.

¹²⁷ *Ibid.*, p. 31 e 81.

¹²⁸ *Ibid.*, p. 99.

¹²⁹ *Ibid.*, p. 81.

Ademais, ele faz suas as palavras de Ênio para afirmar: “O amigo certo se conhece nas situações incertas” (Cícero, 2006, p. 81), quer dizer, um verdadeiro amigo não apenas demonstra honradez, mas também se faz presente nos momentos difíceis, quando sua companhia é essencial.

Em Cícero (2006, p. 31), a amizade é concebida como o maior bem que alguém pode ter e como o mais valioso presente entregue pelos deuses aos humanos.¹³⁰ O pensamento de Cícero harmoniza-se com a ideia aristotélica de que a virtude é o que engendra e mantém a amizade.¹³¹ A esse respeito, o orador romano defende enfaticamente:

[...] é a virtude, sim, a virtude que une e mantém os laços de amizade. Pois ela garante a harmonia, a estabilidade e a constância: uma vez que a virtude se revelou e brilhou em alguém, e ela percebeu e reconheceu um brilho semelhante numa outra pessoa, aproxima-se dela e como recompensa, participa das qualidades que esta possui; e acende-se assim, tanto a chama do amor como a da amizade (Cícero, 2006, p. 115).

Em consequência, para Cícero, um indivíduo de caráter honrado jamais pediria uma petição desonesta nem a ela atenderia;¹³² porém, por outro lado, faria algo honesto para ajudar o amigo – aliás, antes mesmo que se efetuasse o pedido.¹³³ Além do mais, nesse ponto há algo não abordado por Aristóteles: Cícero, nas palavras de sua personagem Lélío, manifesta a ideia de que, quando uma pessoa virtuosa morre, sua virtude continua viva.¹³⁴

O autor também coincide com Aristóteles no pensamento de que não há vida sem amizade¹³⁵ e que tampouco se escolheria viver sem a companhia de verdadeiros companheiros, dado que, conforme argumenta,

[...] Chegaríamos, facilmente, à mesma conclusão, se fosse possível acontecer que um deus nos tirasse da sociedade e nos colocasse em algum lugar solitário, provendo-nos, em abundância, de tudo o que é indispensável à vida, e nos privasse inteiramente da possibilidade de ver um ser humano: quem seria tão insensível para suportar uma vida assim e não deixar a solidão lhe tirar o gozo de todos os prazeres? (Cícero, 2006, p. 103).

A pergunta realizada no final do trecho anterior deixa claro que, de acordo com esse escritor romano, nenhum ser humano aceitaria uma vida abastada, no que se refere a coisas

¹³⁰ CÍCERO, 2006, p. 35.

¹³¹ *Ibid.*, p. 35.

¹³² *Ibid.*, p. 57.

¹³³ *Ibid.*, p. 61.

¹³⁴ *Ibid.*, p. 117.

¹³⁵ *Ibid.*, p. 37, 73 e 101.

materiais, mas desamparada de amigos. Dessa forma, a noção de que a amizade é indispensável para a existência humana leva Cícero a revelar uma face poética desse laço, ao dizer que “[...] a amizade torna mais brilhantes os dias felizes, e mais leves os dias adversos, deles compartilhando conosco e fazendo sua a nossa dor” (Cícero, 2006, p. 37 e 39).

Outra concordância entre Aristóteles e Cícero é a convicção de que, nas amizades, naturalmente nasce o desejo de realizar favores ou de oferecer benefícios. No entanto, segundo os dois pensadores, caso o fundamento da união seja um interesse, tão logo termine a possibilidade de vantagem ou proveito, nesse mesmo momento também acaba a própria união.¹³⁶ Cícero ainda acrescenta que uma amizade nos termos do utilitarismo retira dela o que há “de mais digno de amor”,¹³⁷ uma vez que o mais belo numa relação é o afeto entre as partes.¹³⁸ Esse carinho, como consequência, levaria os amigos a demonstrarem generosidade sem esperar nenhum reconhecimento¹³⁹ e sem demonstrar receio da possibilidade de algum prejuízo, isto é, de se dar mais do que se poderá receber posteriormente.¹⁴⁰ E, ressalta Cícero, caso se decida pedir alguma coisa ao amigo, é preciso estar consciente de que no ato do pedido reside a disposição de se retribuir a ajuda solicitada.¹⁴¹

De modo semelhante ao filósofo grego, Cícero enxerga o amigo como um outro eu.¹⁴² Ele compreende que, por natureza, cada indivíduo ama a si mesmo sem nenhum interesse, atitude que se deveria incorporar na relação de amizade, porquanto “[...] Se não transpusermos esse modelo para a amizade”, argumenta o autor, “jamais encontraremos um verdadeiro amigo: pois um amigo de verdade é para o amigo um outro igual a ele” (Cícero, 2006, p. 95 e 97). Cícero também acrescenta que as posses, os planos, as aspirações, enfim, tudo deve ser comum entre os camaradas¹⁴³ e que se houver falsidade ou fingimento entre as partes, o laço não pode subsistir.¹⁴⁴

Também figura como um ponto afim entre Aristóteles e Cícero o entendimento de que a amizade nasce no convívio entre os amigos. A esse respeito, Cícero afirma que o ato de

¹³⁶ CÍCERO, 2006, p. 49.

¹³⁷ *Ibid.*, p. 67.

¹³⁸ *Ibid.*, p. 69.

¹³⁹ *Ibid.*, p. 47.

¹⁴⁰ *Ibid.*, p. 75.

¹⁴¹ *Ibid.*, p. 53.

¹⁴² *Ibid.*, p. 39, 67, 97 e 107.

¹⁴³ *Ibid.*, p. 77.

¹⁴⁴ *Ibid.*, p. 81, 83 e 107.

conviver é o que estreita as relações¹⁴⁵ e, inclusive, julga a amizade mais valiosa que o parentesco, haja vista que, segundo justifica, “[...] a afeição pode desaparecer do parentesco, mas, da amizade, é impossível; com efeito, sem afeição, nada mais resta a que se possa chamar amizade, já o parentesco subsiste de qualquer modo” (Cícero, 2006, p. 35).

No que concerne às amizades desiguais, Cícero (2006, p. 89) pondera que as pessoas que gozam alguma superioridade precisam encontrar meios para que seus amigos não se sintam inferiores e, ao tratar do oferecimento de favores, recomenda equilíbrio na generosidade: ele diz que o benefício ofertado deve, em primeiro lugar, estar de acordo com os recursos de que o beneficiador dispõe para oferecer-lhe e deve, por outro lado, ser proporcional às capacidades de quem se pretende auxiliar.

De amicitia aponta que uma amizade deve ser “mais [sic] tranqüila, mais espontânea, mais suave, mais inclinada a todas as formas de afabilidade e de bondade” (Cícero, 2006, p. 83) e considera que o amigo bom faz pelo outro coisas que talvez não faria por si próprio, pois, como alega Cícero, “[...] muitas vezes, acontece que os homens de bem se privam de boa parte de suas vantagens ou aceitam delas se privar para que seus amigos as desfrutem mais do que eles mesmos” (Cícero, 2006, p. 73 e 75). Para o pensador, amigos nesses moldes, ao verem um companheiro abatido, por exemplo, colocar-se-iam a seu lado e empregariam sua energia em alegrar o espírito do infeliz.¹⁴⁶

Contudo, nem sempre é possível alcançar a graça de encontrar e formar vínculo com amigos de bem. Assim, no caso de se descobrir que o amigo é alguém desordeiro,¹⁴⁷ sem caráter ou falso, Cícero recomenda que nos afastemos dessa pessoa a fim de que haja o esfriamento e, conseqüentemente, o rompimento da amizade.¹⁴⁸

Um último ponto a ser destacado no diálogo relatado por Cícero é a orientação de que tomemos cuidado ao adotarmos um amigo, com o objetivo de que não nos aproximemos de uma pessoa sem virtude com a qual, no futuro, podemos não mais querer nenhum vínculo.¹⁴⁹ Ele faz uma crítica muito severa ao dizer que os homens têm muito zelo ao escolherem os animais que comprarão, mas que não manifestam o mesmo zelo ao empreenderem uma nova amizade. Assim, pois, em sua perspectiva, é preciso ter muita cautela para escolher amigos que

¹⁴⁵ CÍCERO, 2006, p. 33, 45 e 47.

¹⁴⁶ *Ibid.*, p. 75.

¹⁴⁷ *Ibid.*, p. 59.

¹⁴⁸ *Ibid.*, p. 93.

¹⁴⁹ *Ibid.*, p. 77.

disponham de “caráter sólido, firme e constante” (Cícero, 2006, p. 79), em outras palavras, um amigo verdadeiro.

3.2. OS MODERNOS

3.2.1. Francisco Ortega: *Genealogias da Amizade*

Francisco Ortega escreveu, em 2002, *Genealogias da amizade*, por meio do qual demonstrou que a prática e a noção social da amizade não são as mesmas em todos os lugares ao longo de vinte e quatro séculos de cultura no Ocidente, muito embora, ressalva ele, exista uma tradição teórico-filosófica que versa sobre a amizade perfeita, a qual denomina aristotélico-ciceroniana.¹⁵⁰ Assim, apesar de recorrer a outras obras que tratam sobre o tema em discussão, o autor frequentemente lança mão dos textos clássicos já mencionados *Ética a Nicômaco*, de Aristóteles, e *De amicitia*, de Cícero.

Em primeiro lugar, Ortega (2002, p. 17) inicia seu trabalho retomando as noções da palavra “*philos*”: com sentido afetivo, segundo ele, o termo expressava proximidade e, também, relação de parentesco; já nos textos homéricos, comumente o vocábulo era usado como um epíteto ou como modo carinhoso de se referir aos integrantes de uma família. Acrescenta que as personagens de Homero, inseridas numa sociedade em que predominava a sensação de insegurança, tratavam por “*philo*” os homens e a liberdade nas ocasiões em que estavam longe de suas casas. O filósofo espanhol explica que, nesse contexto de falta de segurança, conferia-se especial importância à relação entre anfitrião e hóspede (ou *xenos*), sendo que esse último figurava como um caso especial de *philos*, o tratamento dispensado ao “estrangeiro-hóspede”.

Ortega (2002, p. 18) também menciona o caso do ambíguo verbo “*philein*”. Numa acepção, referia-se a quem recebia alguma proteção, como “mulheres, crianças, parentes, escravos” e, em outra, apresentava o sentido de se ser hospitaleiro, de hospedar estrangeiros e tratá-los de acordo com as tradições. Desse modo, “[...] Entre o estrangeiro e o hóspede se institui um vínculo: o *philotes*, realizado num ato solene, que converte os contratantes em *philo*, obrigando-os a cumprir a reciprocidade implícita na relação de hospitalidade” (Ortega, 2002, p. 18). O autor pontua que, nessa perspectiva, o vínculo estabelecido entre as partes configurava um tipo bastante específico de amizade, pautada em determinados códigos, favores e obrigações recíprocas.

¹⁵⁰ ORTEGA, 2002, p. 11-12.

À vista dos vários termos mencionados, Ortega afirma que, na época de Homero, a amizade não exprimia uma forma clara e, por ter origem nas relações familiares, estava ligada a elas. Para ele, esse contexto submetia a amizade à reduzida liberdade para se fazer escolhas ou demonstrar espontaneidade, o que poderia ser explicado pelo papel que ela desempenhava nesse momento: a amizade era uma forma de “coesão social”,¹⁵¹ um meio de conservação e sobrevivência. Posteriormente, as relações de parentesco sofrem enfraquecimento e a *philia* é separada das “estruturas de parentesco, transformando-se em uma instituição independente e, com as diferenciações ulteriores das estruturas sociais, as relações interpessoais se separam das relações institucionalizadas” (Ortega, 2002, p. 24), o que significa dizer que a amizade, paulatinamente, passa a adquirir certa liberdade.

Ortega alega que, na Grécia de então, não havia possibilidade de amizade entre homens e mulheres,¹⁵² visto que a separação dos sexos e de seus papéis, bem como a condição de inferioridade à qual as mulheres eram subjugadas, criou uma barreira. Ortega (2002, p. 25-26) explica que, nessa conjuntura, não existia um laço de “amor conjugal” entre os esposos; ao contrário, o relacionamento entre homem e mulher era hostil. À mulher cabia apenas o recluso espaço doméstico e as funções de saciar os desejos sexuais do marido, de fornecer herdeiros e o de gerenciar a casa.

Essa configuração social, nas palavras de Ortega (2002, p. 25), “[...] levou na *polis* clássica a concentrar a paixão e a ternura nas relações entre homens. O baixo estatuto da mulher e sua reclusão na esfera privada doméstica (o *oikos*) tiveram como consequência o privilégio do culto da amizade e do amor masculino”. Ainda de acordo com o autor, expressava-se uma mescla entre as noções de *eros* e de amizade, pois “[...] Em uma sociedade em que as mulheres eram afastadas da esfera pública, relegadas ao espaço doméstico do *oikos*, os rapazes eram substitutos das mulheres ao possuírem semelhança física com elas, sendo considerados objeto de desejo” (Ortega, 2002, p. 26).

Em seguida, Ortega passa a tratar da dimensão aristotélica da amizade. De acordo com sua análise, em Aristóteles, a amizade deixa de ter o aspecto passivo característico do pensamento platônico e converte-se em uma atividade, a “própria atividade filosófica”.¹⁵³ Nesses termos, ele esclarece que “[...] A *philia* tem o caráter de um hábito; ela é expressão de

¹⁵¹ ORTEGA, 2002, p. 23.

¹⁵² *Ibid.*, p. 27.

¹⁵³ *Ibid.*, p. 37.

uma determinada atitude moral e intelectual que visa o amor recíproco entre os amigos, baseado numa decisão livre da vontade, em que cada um deseja o bem para o outro” (Ortega, 2002, p. 37).

Por conseguinte, conforme esclarece o autor, amor e *philia* se diferenciariam para Aristóteles na medida em que, enquanto o primeiro seria concebido como sentimento em excesso, em relação ao segundo, por sua vez, a capacidade humana de pensar ocuparia lugar privilegiado em comparação à faculdade de sentir, uma vez que é devido a sua capacidade racional que o homem pode se dedicar à busca consciente de uma vida virtuosa¹⁵⁴ e, ao alcançá-la, poderia, enfim, unir-se a amigos virtuosos. Com isso, Ortega (2002, p. 38) entende que “[...] Aristóteles [transforma] a noção platônica de uma ideia transcendental para um tipo sociológico, o qual, embora difícil de atingir, constitui o critério que guia a análise e a avaliação de todas as formas de *philia*.”

Ortega sublinha que o filósofo grego toma a vida em comunidade como o fundamento da amizade e, por isso, tanto o significado quanto o conceito dessa relação estariam demarcados pelo viés da *pólis*¹⁵⁵ grega. Ou seja,

É a partir do ideal de uma vida comunal perfeita numa *polis* autárquica que a amizade é concebida. Esse ideal de vida comunal está expresso no conceito de amizade civil ou política (*politike philia*), a qual se define pela “concordia” ou unanimidade, que, para Aristóteles, se daria entre os bons [...]. A amizade civil seria o reflexo da constituição do Estado na vida dos indivíduos; é a constituição do Estado que determina o valor moral da amizade civil. Graças a ela, todos os cidadãos podem afirmar estar vivendo uma vida boa e virtuosa na procura do bem comum (Ortega, 2002, p. 43-44).

Ainda se destacam, em *Genealogias da amizade*, ao menos outros dois pontos importantes sobre a *philia* aristotélica. O primeiro deles seria a capacidade de se alcançar a “identidade pessoal”¹⁵⁶ por meio da amizade virtuosa, dado que, na leitura do autor espanhol, ao se estabelecer vínculo com uma pessoa de bem – e tendo em vista que o amigo seria um outro eu –, cada uma das partes enxergaria no outro algo de si mesmo, como se estivesse diante de um espelho,¹⁵⁷ o que possibilitaria, dessarte, o início de um processo de autoafirmação. O outro ponto relevante é que, conforme demonstra Ortega (2002, p. 25-36), embora na Grécia clássica fosse comum a mescla entre *eros* e *philia*, esse caráter da amizade presente em Platão é alterado por Aristóteles, que opera uma separação decisiva entre *eros* e a amizade.¹⁵⁸

¹⁵⁴ ORTEGA, 2002, p. 38.

¹⁵⁵ *Ibid.*, p. 43.

¹⁵⁶ *Ibid.*, p. 97.

¹⁵⁷ ORTEGA, *loc. cit.*

¹⁵⁸ *Ibid.*, p. 48.

Posteriormente, Ortega discute a amizade sob o olhar dos romanos, utilizando como substrato teórico o tratado *De amicitia*, de Cícero. A análise desenvolvida por Ortega (2002, p. 52) permite concluir que se realiza uma “romanização” dos ideais gregos, atitude que, se por um lado promove aproximações entre as perspectivas, também estabelece distinções bem marcadas, pois efetua-se a adaptação dos pensamentos de Aristóteles à conjuntura social e política de Roma. No que tange às aproximações entre as duas culturas, o estudioso demonstra haver certa correspondência entre os termos gregos “*philia*, *philos*, *philein*” e os latinos “*amicitia* (amizade), *amicus* (amigo), *amare* (amar)”,¹⁵⁹ e destaca, ademais, o fato de que Cícero adota a virtude como alicerce de uma amizade verdadeira e retoma as categorias aristotélicas de amizade, enaltecendo as ligações autênticas e criticando as estabelecidas por interesse.¹⁶⁰

No campo das diferenças, em Ortega (2002, p. 47-48) está claro que, embora os romanos gozassem de maior liberdade nas relações com os amigos, em Roma, a amizade nem recebeu a mesma relevância devotada pela cultura grega nem, tampouco, manifestou a união entre *eros* e *philia*, comum antes de Aristóteles. O autor revela o aspecto utilitarista da amizade romana ao explicar que, nessa sociedade, esse vínculo era um dos meios de se obter glória¹⁶¹ ou assegurar influência política,¹⁶² um contexto em que “as motivações éticas e emocionais da relação são substituídas por considerações práticas, e, na qual a hipocrisia, o egoísmo e o fingimento ocupam o lugar da confiança e da honestidade” (Ortega, 2002, p. 50).

Nesse sentido, Ortega entende o tratado de Cícero como um discurso teórico que se distancia da prática da amizade vivida naquela época, mas que, mesmo assim, poderia ter alguma influência enquanto um modelo ideal a ser buscado. Ele afirma que:

[...] As relações de amizade representam um caminho de atingir a glória, o que faz da *amicitia* uma relação utilitária, na qual as considerações éticas e emocionais são relegadas a um segundo plano diante das vantagens práticas da relação. Como consequência, criam-se mecanismos (a *fides*) que garantem o cumprimento das obrigações implicadas na relação com um mínimo de honestidade. Na sociedade grega e romana coexiste com essa prática da *philia/amicitia*, em contraste, e às vezes mesmo em oposição a ela, um modelo ideal de amizade perfeita, *teleia philia/ vera amicitia*, em que o amigo aparece como um outro eu, um ideal de perfeita unanimidade, de completa união espiritual e moral, de aperfeiçoamento recíproco. Essa noção da amizade se define pelo seu caráter particularista, pela sua raridade (só é possível entre

¹⁵⁹ ORTEGA, 2002, p. 47.

¹⁶⁰ *Ibid.*, p. 51 e 52.

¹⁶¹ *Ibid.*, p. 50.

¹⁶² *Ibid.*, p. 47.

poucos), quase pela sua impossibilidade, constituindo antes um ideal regulativo do que uma relação real [...] (Ortega, 2002, p. 55).

A seguir, Francisco Ortega analisa o modo como os cristãos se relacionavam com a amizade, uma forma que se revela no mínimo ambígua. Essa ambiguidade se dá na medida em que uma parcela dos cristãos, especialmente os Padres Orientais, viam nela algo nocivo à vida religiosa,¹⁶³ enquanto autores cristãos ocidentais enxergavam na amizade uma forma de se viver em uma comunidade santa. Em todo caso, Ortega (2002, p. 58) assegura que no cristianismo é o amor que ocupa posição privilegiada, enquanto a amizade fica deslocada ao segundo lugar.

Dentre os Padres Orientais, o filósofo espanhol chama a atenção para Basílio que, no século IV, chega a proibir relações amistosas, pois elas atrapalhariam a harmonia e provocaria separação no seio do mosteiro.¹⁶⁴ Ortega (2002, p. 63-64) esclarece que a amizade, nesse contexto, ainda tem vínculo com a *amicitia* romana, na qual todos os esforços eram aplicados com o objetivo de se alcançar êxitos seculares, prática que justificaria essa posição desfavorável à amizade no Oriente.

Entretanto, Ortega (2002, p. 63) revela que o padre Basílio não se privava de amizade, na verdade, apenas a vivia de acordo com um modelo específico:

A amizade que Basílio manteve com Gregório Naziano pode ser considerada como exemplo de amizade cristã. Ela se inscreve conscientemente na tradição aristotélico-ciceroniana (“parecia que tínhamos dois corpos e uma alma”), que baseava a amizade na virtude. No entanto, ela é determinada de maneira diferente à tradição, correspondendo à ação dirigida a Deus, isto é, à realização da lei cristã. Verdadeiros amigos são os que se dirigem a Deus no mesmo caminho da perfeição, não constituindo a essência dessa amizade o vínculo entre eles, a própria relação, mas a ligação que ambos parceiros mantêm com Deus. Como consequência, a relação interpessoal é suprimida. Na verdadeira amizade, o vínculo mesmo, a convivência dos amigos, torna-se supérflua na comunidade no espírito.

No caso dos padres ocidentais, porém, a amizade não foi rechaçada: segundo Ortega, mesmo que, no hemisfério ocidental, a conversão exigisse uma mudança de atitudes, ela não obrigava o abandono de todos os hábitos anteriores.¹⁶⁵ Dessa forma, Ambrósio de Milão figura como importante defensor da amizade, ao empreender o esforço de adaptar as ideias de Cícero conforme as necessidades dos cristãos.¹⁶⁶ Sobre isso, Ortega afirma que Ambrósio

¹⁶³ ORTEGA, 2002, p. 63.

¹⁶⁴ *Ibid.*, p. 62.

¹⁶⁵ *Ibid.*, p. 64.

¹⁶⁶ *Ibid.*, p. 65.

[...] é um representante fundamental desta permanência da noção de *amicitia* romana, ao procurar uma síntese entre Cícero e as escrituras, adaptando o livro de Cícero *De Officiis* às necessidades cristãs, e substituindo os exemplos pagãos de amizade com os correspondentes da Bíblia, transformando o texto ciceroniano, escrito para os cidadãos romanos politicamente engajados, num manual de moral para os jovens clérigos: *De officiis ministrorum*. Apesar do cristianismo primitivo substituir a intimidade dos amigos por um laço de amor e caridade que abraça todos sem restrição, Ambrósio fala da amizade com o entusiasmo pré-cristão. Encontramos nele os mesmos temas da tradição ciceroniana: o amigo como um outro eu, a procura da amizade perfeita na virtude; etc. O ideal romano de confiança e lealdade ao amigo, a *fides*, é transformada na confiança total em Deus. Ambrósio permanece próximo ao ideal romano da *amicitia* procurando uma harmonização com a doutrina bíblica sem apresentar nenhum ponto de tensão entre elas (Ortega, 2002, p. 65).

O estudioso menciona Agostinho como outro expoente cristão que incentivou a amizade. Conforme aclara Ortega, Agostinho passou por certas fases ao longo de sua vida e, logo após sua conversão, por um lado, esteve sob influência das fontes clássicas que trataram da amizade e, por outro, sob a de Ambrósio de Milão.¹⁶⁷ Com o decorrer do tempo, como Agostinho começa a ter ideias diferentes sobre a amizade, é dessa forma, na última fase pela qual passou, que o religioso demonstra uma perspectiva mais teológica dessa união humana.¹⁶⁸ Ele defende uma amizade universal, a qual, na realidade, mostra-se no entanto mais delimitada a quem aceita o cristianismo e recebe o batismo.¹⁶⁹ Ortega destaca que o religioso será protagonista no desdobramento de um processo que tornará o amor a Deus o elemento principal da amizade:

A *philia* é rejeitada por seu caráter egoísta e instrumental, ao passo que o *agape* representa a amizade verdadeira, por não manifestar uma atração interpessoal. A amizade natural, isto é, a atração individual, não é uma virtude, porque se baseia em valores efêmeros e terrenos. Transformar-se-á numa virtude quando estiver a serviço do amor de Deus e da credibilidade. Em outras palavras, a atração individual pelo amigo deve se transformar, o amigo não deve ser amado por si mesmo, mas por Deus. A *philia* torna-se assim a *caritas christiana*, o amor de Deus que une todos os homens. *Caritas* constitui a essência do amor do amigo no cristianismo (Ortega, 2002, p. 73).

Logo depois, Ortega (2002, p. 74) sublinha o papel de Paulino de Nola, cristão que, vivendo na mesma época que Agostinho, preocupou-se em diferenciar a amizade humana da divina – a verdadeira, que só pode existir entre cristãos. O autor esclarece que Paulino segue o ideal ciceroniano da amizade e acredita que essa relação é uma graça cedida por Deus, o que

¹⁶⁷ ORTEGA, 2002, p. 68 e 69.

¹⁶⁸ *Ibid.*, p. 69.

¹⁶⁹ *Ibid.*, p. 70.

significaria dizer que cada indivíduo já está predestinado ao seu amigo. Ainda para o religioso, não seria necessário muito tempo para atingir a perfeição na amizade, uma vez que, se a união teve seu início em Deus, desde seu princípio ela é perfeita.

Ao examinar o entorno do século XII, o filósofo espanhol pontua que Aelredo de Rievaulx finalizou a cristianização das ideias de Cícero sobre a amizade – as quais tiveram seu início em Ambrósio – e ressalta que, embora tenha sido um dos principais autores a discutir a amizade espiritual, apoiado nas escrituras bíblicas, nas práticas monásticas e nos pensamentos ciceronianos,¹⁷⁰ ainda assim, demonstrava certo receio com os possíveis perigos suscitados pela amizade, razão pela qual recomendava muita cautela nos relacionamentos.¹⁷¹

Ortega, então, esclarece que

Aelredo distingue entre a caridade monástica, como amor existente entre todos os irmãos da ordem, e a *amicitia spiritualis* [...]. Ele identifica a *amicitia spiritualis* com a *amicitia perfecta* da tradição aristotélico-ciceroniana, que pressupõe intimidade e confiança extrema. Por isso, diante da caridade monástica, a amizade espiritual não se estende a todos os irmãos do mosteiro, mas é limitada a uns poucos, os mais virtuosos, disciplinados e privilegiados. Aelredo, no entanto, exalta a amizade espiritual só enquanto instância que reflete e serve aos ideais de *amicitia dei* e da caridade fraternal. Todavia, sua visão da amizade não constitui uma tendência geral na tradição da amizade monástica, mas um caso isolado (Ortega, 2002, p. 80-81).

Assim, não era a regra o modo como Aelredo pensava; antes, ele figurava como uma exceção, segundo pondera Ortega. Isso nos leva a compreender que a *amicitia* cristã, ao longo de vários séculos, enfrentou diferentes contextos, sendo mais aceita por determinados grupos e condenada por outros, a exemplo dos franciscanos, os quais encontram em Francisco de Sales, no século XVI, um dos membros que se opõe mais fervorosamente à amizade, ao defender que ela não era necessária ou que poderia colocar em risco a vida cristã.¹⁷²

No período compreendido pela Renascença, Ortega (2002, p. 93-95) destaca o brilho que tiveram as ideias de Montaigne que, de certa forma, continua a tradição aristotélico-ciceroniana, pois concebe a amizade enquanto perfeita e rara; contudo, diferentemente do cânone, situa esse vínculo num espaço privado, porquanto o que se refere à amizade é pertinente apenas aos indivíduos que dela participam; também retoma o motivo bem comum do amigo como um outro eu, evoca a amizade como algo maior que o amor, confere a ela aspectos de fraternidade, além

¹⁷⁰ ORTEGA, 2002, p. 80.

¹⁷¹ *Ibid.*, p. 78-79.

¹⁷² *Ibid.*, p. 84.

de alcançar distinção no costume de escrita filosófica sobre a amizade, destacando-se especialmente, seus discursos escritos em memória de amigos falecidos.

Para Ortega, há em Montaigne, uma noção autorreflexiva da amizade, a qual

[...] antecipa a filosofia da consciência que começa com Descartes, pois a morte do amigo permite substituir o desvio por meio da alteridade na obtenção da identidade, pelo auto-exame e introspeção. [...] A saudade e a dor pela perda do amigo se traduzem na tarefa introspectiva da auto-reflexão e auto-deciframento [...]; a tarefa do luto e a lembrança como introjeção do amigo fornecem a Montaigne sua identidade. O eu “em movimento”, um eu pulsional, dividido, fragmentado, de Montaigne se estabiliza na amizade, precisa dela para poder se constituir como sujeito e para que sua identidade adquira coerência e unicidade. O viés da alteridade serve, em última instância, para o fortalecimento da identidade (Ortega, 2002, p. 97-98).

Finalmente, na Modernidade, apreendida pelo pensador enquanto “processo crescente de des-politização e privatização enquanto des-mundanização”,¹⁷³ a amizade parece estar vinculada à noção de parentesco¹⁷⁴ e sofrer, mesmo agora, grandes influências do cenário político-social. Ortega (2002, p. 105) menciona o surgimento da família burguesa como o componente primordial do fenômeno de privatização, o que, pouco a pouco, vai afetando as relações de amizade e torna possível, no século XIX, a percepção da amizade vinculada ao contexto da intimidade e afastada do público.¹⁷⁵ Explicando como a perda dos limites de família e amizade afeta essa última, argumenta que

Uma das principais transformações, que no futuro determinarão o destino da amizade, é a dissolução da distinção entre amizade e família, a qual tradicionalmente demarcava ambos domínios. Com o recurso à intimidade e à confiança, as relações de amizade serão introduzidas na família, entre irmãos, cônjuges e pais e filhos. A nova amizade familiar abjura da noção de livre escolha, ao se apoiar nesses valores, que possibilitam o seu deslocamento para o seio da família. [...] Paradoxalmente, essa aproximação dos cônjuges teve como consequência a incompatibilidade entre amizade e casamento entre homem e mulher, o que era perfeitamente possível no século XVIII. O modelo conjugal define as amizades, promove-as entre casais e procura criar um grupo de amigos da família, relegando as amizades intensas a uma etapa da vida, a adolescência, a qual será cercada de um dispositivo de saber-poder. A intensificação da esfera doméstica dissolve o vínculo entre amizade e sociabilidade, entre público e privado, que, durante a modernidade, definia as relações de amizade. A família consegue tornar-se o pivô fundamental das relações de sociabilidade e afetividade no século XIX (Ortega, 2002, p. 140-141).

¹⁷³ ORTEGA, 2002, p. 103.

¹⁷⁴ *Ibid.*, p. 117.

¹⁷⁵ *Ibid.*, p. 109.

Na interpretação de Ortega, vive-se, recentemente, numa sensação de insegurança no sentido de que demonstrações de afeto entre amigos podem ser mal interpretadas, o que leva as pessoas, de forma geral, a serem mais cuidadosas.¹⁷⁶ Assim, desde o século XIX, as demonstrações mais calorosas de afeto acabam ficando a cargo dos jovens e adolescentes, mas, ressalva Ortega, não totalmente despercebidas e livres de um olhar desconfiado de seus responsáveis.¹⁷⁷

3.2.2. David Konstan: *A amizade no mundo clássico*

Se Ortega (2002) propõe uma visão genealógica no sentido de perpassar a História desde a Grécia clássica até a Modernidade, Konstan (2005), por seu turno, situa sua reflexão no período delimitado da Antiguidade, o que, não somente proporciona alguns conceitos da amizade muito semelhantes aos apresentados pelo autor espanhol, como também apresenta considerações relevantes à interpretação de HA.

Segundo Konstan, percebem-se discrepâncias na concepção de amizade não apenas entre culturas diferentes, mas também no interior de uma mesma cultura, motivo pelo qual ele recorre à noção antropológica dessa ligação humana como “relação adquirida” e a interpreta, em linhas gerais, enquanto “vínculo mutuamente íntimo, leal e amoroso entre duas ou algumas pessoas” (Konstan, 2005, p. 1). O autor considera não só que esse vínculo não está livre de influências, mas que, ao contrário, teria seus contornos configurados por fatores sócio-políticos, quais sejam, a idade e a classe social,¹⁷⁸ por exemplo. Sobre a origem de uma amizade entre duas pessoas, afirma que nem sempre estão claras as razões que proporcionaram seu início, haja vista que “[...] Podemos fazer amigos por acaso ou ser atraídos por eles por motivos misteriosos, que pouco têm a ver com decisões [...]” (Konstan, 2005, p. 2). Ele salienta, ainda, que o estudo das questões relativas aos laços amistosos, tanto na Grécia como na Roma antigas, ancora-se na análise de documentos textuais,¹⁷⁹ o que nos leva a compreender que reflexões sobre HA nesse sentido sempre trazem contribuições.

Conquanto sejam povos com características muito próprias, Konstan afirma que tanto gregos quanto romanos demonstravam preferência pela vida cercada de pessoas, de modo que

¹⁷⁶ ORTEGA, 2002, p. 147.

¹⁷⁷ *Ibid.*, p. 145.

¹⁷⁸ KONSTAN, 2005, p. 2.

¹⁷⁹ *Ibid.*, p. 11.

o isolamento ou a solidão poderiam causar grande angústia. Esse sentimento, porém, conforme contrapõe o pesquisador, não era comumente experimentado pelos monges na era cristã.¹⁸⁰

Konstan (2005, p. 2-3) argumenta que a amizade no mundo clássico não implicava necessariamente um laço repleto de afeto e intimidade tal qual podemos notar desde a Modernidade; em vez disso, o cenário mais habitual era o da amizade como relação objetiva que reivindicava obrigações recíprocas e estabelecia deveres e exigências. Isso não significa dizer, entretanto, que havia a completa impossibilidade de que companheiros mantivessem uma associação inspirada por alguma afeição e despojada de ambições egoístas.¹⁸¹ Inclusive, destaca, constam documentos da era democrática da Grécia clássica nos quais o termo “*philos*” denomina uma relação amistosa voluntária “de afeição e de boa vontade”.¹⁸²

Para os gregos, a amizade parecia ancorar-se na permanente disposição de se oferecer auxílio. Seria esse caráter benevolente,¹⁸³ de acordo com Konstan, o elemento definidor de quem era considerado amigo, o qual poderia atribuir-se até mesmo a familiares benfeitores.¹⁸⁴ Todavia, o autor demonstra que, para Aristóteles, não era suficiente a mera demonstração de benevolência mútua para se caracterizar a existência da amizade,¹⁸⁵ pois, de acordo com o filósofo grego, eram necessários outros elementos, dentre os quais estavam a virtude, a semelhança entre os pares e o convívio, por exemplo. Por outro lado, não prestar uma ajuda solicitada significaria a quebra da amizade, tornando inimigas as partes, ainda que essas fossem membros da mesma família.¹⁸⁶ Em vista disso, Konstan (2005, p. 5) faz referência à ideia de que o oferecimento de presentes proporcionaria amigos, mas ressalta na lealdade o maior sustentáculo de uma amizade.¹⁸⁷

No que diz respeito aos romanos, é bem certo que incorporaram muitos dos elementos culturais gregos, como fica patente na leitura do tratado *De amicitia*, de Cícero, abordado anteriormente – conforme vimos, há uma clara evocação de ideias gregas nesse texto. Tendo isso em vista, Konstan escreve que não há documentos que expressem uma amizade exclusivamente romana, haja vista que “[...] Quando as [sic] idéias romanas sobre a amizade se

¹⁸⁰ KONSTAN, 2005, p. 23.

¹⁸¹ *Ibid.*, p. 18.

¹⁸² *Ibid.*, p. 77.

¹⁸³ *Ibid.*, p. 81, 83 e 84.

¹⁸⁴ *Ibid.*, p. 84.

¹⁸⁵ *Ibid.*, p. 104.

¹⁸⁶ *Ibid.*, p. 83-84.

¹⁸⁷ *Ibid.*, p. 16.

tornam acessíveis para o estudo, elas já são o produto de uma interação complexa entre as culturas” (Konstan, 2005, p. 173).

Levando em consideração o caráter estratificado da sociedade romana, Konstan (2005, p. 191-194) retoma a discussão das amizades desiguais propostas por Cícero em seu tratado e esclarece que as relações entre pessoas que ocupavam diferentes lugares na hierarquia de Roma davam-se sob o conceito da patronagem, em que o poderoso (*patronos*) garantia segurança e sustento, enquanto o protegido (*cliente*) lhe devolvia lealdade e submissão. Nessa direção, o estudioso esclarece:

[...] a amizade, enquanto vínculo de afeição generosa, de lealdade e de intimidade, pode coexistir com o reconhecimento de que as diferenças devem ser consideradas. Uma vez que a redução de *amicitia* a uma troca de serviços puramente prática e compensatória é abandonada, não há razão *prima facie* para duvidar que os escritores romanos que falam de amizade se refiram a uma relação de afeição e compromisso mútuos, qualquer que seja a posição social dos parceiros. Para colocar de um modo diferente, nem *toda* conexão entre patronos e protegidos é descrita como *amicitia*; quando esse é o caso, podemos supor que o par também é, ou deseja ser considerado, de amigos (Konstan, 2005, p. 194, itálicos do autor).

Cabe, por fim, destacar que, consoante os estudos de Ortega e Konstan, percebemos que a amizade não se delineia na Modernidade de modo muito distante de como o era no passado. Embora mudanças sejam perceptíveis, a exemplo da inserção da amizade em um contexto de intimidade e afastado do público,¹⁸⁸ permanecem inabaláveis importantes pressupostos, como a afeição recíproca, a lealdade, a permanente disposição para o auxílio e o interesse em coisas afins.

¹⁸⁸ ORTEGA, 2002, p. 109.

4. A AMIZADE EM *HISTÓRIA DO REI APOLÔNIO DE TIRO*

Entendemos que as relações de amizade entre as personagens mais relevantes da trama de HA podem ser hierarquizadas em dois níveis: (a) um nível que consiste nos vínculos de amizade, eufórico, diz respeito a uma tal união entre duas personagens cuja relação é benéfica para ambas as partes e que, de nenhuma forma, proporciona qualquer risco de vida, perigo, insegurança e semelhantes; (b) outro nível, disfórico, a inimizade revela-se claramente em ações executadas por uma personagem que visa algum dano a outra personagem, seja a morte, o perigo, o fracasso (ou ações de efeito semelhante) – em geral, tendo como alvo das ações negativas os protagonistas da trama, a saber o rei Apolônio e a princesa Társia.¹⁸⁹

Um meio termo, relação de não-amizade, configuraria neutralidade ou indiferença, uma interação que, se não se desdobra em eventos negativos, também não promove nenhuma circunstância positiva em relação às personagens. Sob esse critério parece não haver relações relevantes entre os protagonistas e as demais personagens.

4.1. APOLÔNIO E SUAS AMIZADES

Em todo o percurso da história, Apolônio necessita de amizades para superar os desafios e as situações difíceis que se lhe impõem. Sem esse vínculo, não seria possível alcançar um desfecho favorável às aventuras do protagonista e de sua família.

4.1.1. Helênico

Helênico, homem pobre e virtuoso, é um habitante de Tiro, a mesma pátria de Apolônio. Graças a ele, a vida do protagonista será salva. Na passagem a seguir, observamos a primeira atitude benevolente entre duas personagens, conduta que, por sua vez, prenuncia as bases de uma grande amizade.

[...] llegó Apolonio a la ciudad de Tarso. Y mientras paseaba por la orilla fue avistado por un tal Helénico, súbdito suyo, que había llegado al mismo tiempo. Y acercándose a él, Helénico dijo: «¡Salud, rey Apolonio!» Pero aquél hizo al recibir el saludo lo que los poderosos tienen por costumbre hacer: despreció a un hombre de origen plebeyo. Entonces el anciano, indignado, lo saludó nuevamente y dijo: «Salud, digo, Apolonio; responde al saludo y no desprecies nuestra pobreza, honrada con nobles virtudes. Pues, si lo sabes, debes tener cuidado, pero si lo ignoras, debes ser advertido. Escucha lo que tal vez ignoras, que se ha puesto precio a tu cabeza.» Apolonio le dijo: «¿Y quién ha podido poner precio a la cabeza del príncipe de mi patria?» Helénico

¹⁸⁹ É certo que qualquer personagem de nosso corpus pode se envolver em uma relação de amizade, no entanto, o foco de nosso trabalho concentra-se em Apolônio e Társia.

dijo: «El rey Antíoco.» Dijo Apolonio: «¿Por qué razón?» Helénico dijo: «Porque has pedido a su hija en matrimonio.» Apolonio dijo: «¿Y qué precio ha establecido?» Helénico respondió: «Que cualquiera que te presente vivo, reciba cien talentos de oro; pero el que te corte la cabeza recibirá doscientos. Así pues, te doy un consejo: busca en la huida tu protección.» Tras pronunciar estas palabras, Helénico se marchó. Entonces ordenó Apolonio que el anciano fuese llamado otra vez a su presencia y le dijo: «Has hecho una acción excelente: informarme. Por ello, haz cuenta de que me has separado la cabeza del cuello y has dado satisfacción al rey.» Y ordenó que le fueran ofrecidos cien talentos de oro y dijo: «Toma, persona ejemplar en tu pobreza, porque lo mereces. Y piensa, como he dicho hace un momento, que tú me has separado la cabeza del cuello y has dado satisfacción al rey. Y aquí tienes cien talentos y las manos limpias de la sangre de un inocente.» Helénico le dijo: «Lejos de mí, señor, recibir dinero por este asunto. Pues entre los hombres buenos no se compra con dinero la amistad.» Y despidiéndose, se marchó (HA, 8; trad. López, 1997, p. 96-97).¹⁹⁰

Na cena acima evocada, o príncipe de Tiro é surpreendido por um de seus fiéis súditos na praia de Tarso. O paupérrimo Helénico, ao encontrar seu rei, decide imediatamente alertá-lo acerca do risco que corre, uma vez que o malvado Antíoco estabelecera um prêmio altíssimo para quem capturasse ou matasse Apolônio. Fica evidente que o súdito tírio prefere salvar a vida de seu rei inocente a lucrar com sua morte. Com essa atitude, o ancião se distingue de muitas outras pessoas, haja vista que, numa passagem imediatamente anterior à supracitada, o narrador informa que, em razão do alto valor do prêmio, “[...] no solo sus enemigos, sino también sus amigos eran arrastrados por la codicia y se aplicaban a la cacería. Se busca a Apolonio por tierras, por montañas, por bosques, siguiendo todos los rastros [...]” (HA, 7; trad.

¹⁹⁰ Em latim, HA, 8.

3. *Et deambulans iuxta litus uisus est a quodam Hellenico ciue suo, qui superuenerat ipsa hora.* 4. *Et accedens ad eum Hellenicus ait:*

5. — *A v e , r e x A p o l l o n i !*

6. *At ille salutatus fecit quod potentes facere consueuerunt: spreuit hominem plebeium.* 7. *Tunc senex indignatus iterato salutauit eum Hellenicus et ait:*

8. — *uē, inquam, Apolloni, resaluta et noli despicere paupertatem nostram, honestis moribus decoratam.* 9. *Si enim scis, cauendum tibi est; si autem nescis, admonendus es.* 10. *Audi, forsitan quod nescis, quia proscriptus es.*

11. *Cui Apollonius ait:*

12. — *Et quis patriae meae principem potuit proscribere?* 13. *Hellenicus ait:*

14. — *R e x A n t i o c u s A p o l l o n i u s :* .

16. — *Q u a e x i t ? H e l l e n i c u s a i t ?*

18. — *Quia quod pater est tu esse uoluisti.* 19. *Apollonius ait:*

20. — *E t q u a n t u m m e d e l l e p i c u s r e s p o n d i t p s i t ?*

22. — *Vt quicumque te uiuum exhibuerit, centum auri talenta accipiat; qui uero caput tuum absciderit, accipiet ducenta.* 23. *Ideoque moneo te: fugae praesidium manda.*

24. *Haec cum dixisset Hellenicus, discessit.* 25. *Tunc iussit Apollonius reuocari ad se senem et ait ad eum:*

26. — *Rem fecisti optimam, ut me instrueres.* 27. *Pro qua reputa te mihi caput a ceruicibus amputasse et gaudium regi pertulisse.* 28. *Et iussit ei proferri ducenta talenta auri et ait:*

29. — *A c c e p t i s s i m i e x e m p l i p a u p e r r i m e , q u i a m e r e r i s , e t p u t a t e s i c u t p a u l o a n t e d i x i c a p u t a c e r u i c i b u s a m p u t a s s e e t g a u d i u m r e g i p e r t u l i s s e .* 30. *Et ecce habes ducenta talenta auri et puras manus a sanguine innocentis.*

31. *Cui Hellenicus ait:*

32. — *Absit, domine, ut huius rei causa praemium accipiam, apud bonos enim homines amicitia praemio non comparatur.* 33. *Et ualedicens discessit.*

López, 1997, p. 96).¹⁹¹ Em outras palavras, até mesmo os (falsos) amigos de Apolônio – sobre os quais o narrador nada mais acrescenta – o caçam seduzidos pela recompensa prometida.

Além disso, há outros elementos destacáveis no procedimento de Helênico. O bom caráter dessa personagem revela-se ainda de maior valor se consideramos a primeira reação de Apolônio que, orgulhoso, ignora o humilde súdito. No entanto, o desprezo do monarca não é razão suficiente para que ele volte atrás em sua primeira decisão de alertar seu soberano de que um perigo o persegue e é iminente. Ainda mais, além de não denunciar o paradeiro de Apolônio a Antíoco, Helênico também rejeita o prêmio oferecido pelo soberano de Tiro, alegando que “[...] entre los hombres buenos no se compra con dinero la amistad” (HA, 8; trad. López, 1997, p. 97).¹⁹²

Vimos no capítulo anterior que a virtude é um dos requisitos básicos para a amizade, conforme os princípios aristotélicos. Como age de maneira a fazer o bem ao próximo sem almejar com isso nenhuma vantagem, na perspectiva de Aristóteles (1991, p. 190), ele se configura homem virtuoso, nobre e, inclusive, bom, pois, embora seja um mero súdito, serve a seu rei de acordo com suas condições (Aristóteles, 1991, p. 193). Mas por que Helênico decide avisar Apolônio da ameaça que segue em seu encalço? Se nos apoiarmos em Cícero (2006, p. 33), compreenderemos que a postura amistosa do ancião seria motivada pelo fato de que “preferimos os concidadãos aos estrangeiros”, isto é, o fato de ambos serem originários da mesma pátria estabelecia um princípio de conexão entre as personagens.

Contudo, tendo em vista que não somente Aristóteles concebe a amizade como uma predisposição recíproca de benevolência e que também apenas uma das partes age de acordo com essa virtude, então, não há amizade de fato na passagem evocada. Por outro lado, uma vez que passe a existir correspondência entre o bem querer de ambos os amigos, nesse caso, sim, é amizade o que existe entre eles (Aristóteles, 1991, p. 170). Nessa perspectiva, embora o trecho citado da trama não evidencie reciprocidade da parte do rei de Tiro, isso não significa que essa atitude não aconteça mais tarde; aliás, um sentimento recíproco para com Helênico é assumido nos momentos finais da narrativa, quando o rei torna o súdito um *comes*¹⁹³ de Tiro (HA, 51;

¹⁹¹ **Em latim, HA, 7.15-16**

¹⁵ *Hoc edicto proposito non tantum eius inimici sed etiam amici cupiditate ducebantur et ad indagandum properabant.*

¹⁶ *Quaeritur Apollonius per terras per montes per silvas per uniuersas indagines, et non inueniebatur.*

¹⁹² **Em latim, HA, 8.32**

apud bonos enim homines amicitia praemio non comparatur.

¹⁹³ Conforme Ernesto (1994, p. 119, s.v. *comes*, *-itis*), *comes* é o companheiro ou o integrante da comitiva de alguém. No contexto de HA, pode-se entender que, ao receber essa nomeação, a personagem passa a integrar o séquito do rei.

trad. López, 1997, p. 144),¹⁹⁴ retribuindo, então, a benevolência e consumando o estabelecimento da amizade entre ambos.

É digno de nota que, a despeito de Apolônio não ser amigo de Helênico no momento do aviso de perigo, ainda assim o pobre velho toma a atitude de um verdadeiro amigo, a de salvar o outro sem o interesse em nenhum tipo de recompensa – a não ser a própria existência do (futuro) amigo. Como o caso de Helênico, outras personagens que analisaremos demonstram algum altruísmo em sua atitude para com Apolônio ou Társia – as personagens principais. Se tais ações benevolentes acontecem em uma parte da história em que não se pode exatamente classificar como amizade o vínculo entre as partes, no entanto, o comportamento bondoso em si já figura um traço de amizade. Constituiria, ao menos um início dela, de acordo com o que pontua Konstan (2005, p. 81):

Um sinal de amizade é uma disposição de prestar ajuda ao outro. Deixar de oferecer ajuda em uma crise é entendido como uma falta da boa vontade que caracteriza a verdadeira amizade. Dessa maneira, pode-se dizer que a amizade depende não apenas de sentimentos e intenções, mas de atos: o que conta é o que fazemos por um amigo, pois isso é o indício mais claro da devoção.

Assim, insistimos que, embora as boas ações aconteçam em um momento em que as personagens ainda não são amigas, na maior parte dos casos as condutas benévolas para com os protagonistas funcionam como um ponto de partida de relações verdadeiramente amistosas.

4.1.2. O pescador na praia

Pouco se sabe a respeito do pescador de Cirene, a não ser sua profissão, evidentemente, e sua condição de extrema pobreza; isso, no entanto, já é suficiente para vislumbrarmos a virtude que ele nutre dentro de si, pois, diante da situação desfavorável de Apolônio, o velho pescador esforça-se em ajudar da melhor forma que pode.

O auxílio do pescador foi crucial, pois, partindo de Tarso, Apolônio sofre sério revés quando incomensurável tempestade acomete sua embarcação, levando-a a pique. Então, náufrago, o rei encontra ajuda desinteressada junto ao pobre pescador:

[...] Pero Apolonio, con la ayuda de una tabla, fue arrojado a las costas de Pentápolis [de Cirene]. Otra vez Apolonio, desnudo en pie junto a la orilla, contemplando el mar en calma, dijo: «Oh Neptuno, señor del océano, que engañas a los hombres inocentes, ¿para esto me has preservado pobre y

¹⁹⁴ Em latim, HA, 51

¹⁰. *Et donauit ei ducenta sestertia auri, seruos et ancillas, uestes et argentum secundum cor suum, et fecit eum comitem, usque dum uiueret.*

necesitado, para que el crudelísimo rey Antíoco me persiga con más facilidad? ¿Adónde iré ahora? ¿A qué tierras me encaminaré? ¿Y quién proporcionará a un desconocido ayuda para subsistir?» Y mientras se hacía a sí mismo reproches, de repente al mirar vio a un anciano envuelto en un sucio manto, y arrojándose a sus pies le dijo entre abundantes lágrimas: «Ten piedad de mí, quienquiera que seas; presta socorro a un necesitado y a un náufrago, conocido por su noble linaje. Y para que sepas de quién te apiadas yo soy Apolonio de Tiro, príncipe de mi patria. Escucha ahora la tragedia de mi desgracia, la de quien ahora, abrazado a tus rodillas, te implora la salvación de la vida. Ayúdame a sobrevivir.» Entonces el pescador, cuando vio la tierna hermosura del joven, movido por la piedad lo puso en pie y cogiendo su mano lo condujo hasta el interior de su casa y le sirvió la comida que pudo. Y para dar más cumplida satisfacción a su piedad, quitándose su manto lo dividió equitativamente en dos partes y le dio una al joven diciendo: «Tómalo -es lo que tengo- y ve a la ciudad. Tal vez encuentres quien se apiade de ti. Y si no lo encuentras, vuelve aquí y trabajarás conmigo y pescarás; la pobreza, cualquiera que sea, será suficiente para nosotros. Te hago, sin embargo, una advertencia, que si alguna vez con la ayuda de Dios eres devuelto a tu linaje, también tú tengas en cuenta las penas de mi pobreza.» Apolonio le dijo: «Si no me acuerdo de ti, ¡que sufra otra vez un naufragio y que no encuentre a nadie como tú!» (HA, 12; trad. López, 1997, p. 100-101).¹⁹⁵

Fica evidente que o pescador age com nítida benevolência, visto que encontra na praia um desconhecido nu e decide ajudá-lo, embora ele mesmo fosse quem mais necessitasse de recursos. Na ação do velho pescador, reconhecemos uma prática tão virtuosa quanto a de Helênico, todavia bem mais difícil de executar, uma vez que o primeiro basicamente faz um alerta a seu senhor, o que não dispensa mais recursos que o esforço de falar; já o segundo, por sua vez, decide oferecer de sua pobreza metade de suas reduzidíssimas posses: um pedaço de um manto sujo e a pouca comida de que dispõe. Não podemos negar, dessa forma, que a ação desse último homem demanda mais esforço, desprendimento e bondade.

¹⁹⁵ Em latim, HA, 12.1-21

[RA12] 1. *Tunc unusquisque sibi rapuit tabulas, morsque nuntiatur.* 2. *In illa uero caligine tempestatis omnes perierunt.* 3. *Apollonius uero solus tabulae beneficio in Pentapolitarum est litore pulsus.* 4. *Iterum stans Apollonius in litore nudus, intuens tranquillum mare ait:*

5. — *O Neptune, rector pelagi, hominum acceptor innocens, quo facilius rex crudelissimus Antiochus persequeretur!* 6. *Quo itaque ibo?* 7. *Quam partem petam?* 8. *Vel quis ignoto uitae dabit auxilium?*

9. *Et cum sibimet ipsi increparet, subito animaduertens uidit quendam grandaeuum sago sordido circumdatum.* 10. *Et prosternens se illius ad pedes effusis lacrimis ait:*

11. — *Miserere mei, quicumque es, succurre.* *Et ut scias scuius gremio et miserearis, ego sum Tyrius Apollonius, patriae meae princeps.* 13. *Audi nunc tragoediam calamitatis meae, qui modo genibus tuis prouolutus deprecor uitae auxilium.* 14. *Praesta mihi ut uiuam.*

15. *Itaque piscator ut uidit primam speciem iuuenis, misericordia motus erigit eum et tenens manum eius duxit eum intra tecta parietum domus suae, et posuit epulas quas potuit.* 16. *Et ut plenius misericordiae suae satisfaceret, exuens se tribunarium suum scindit eum in duas partes aequaliter et dedit unam iuueni dicens:*

17. — *Tolle hoc quod habeo uenies, quātū miserere.* 18. *Et si non iueneris, huc fors iteruertere et mecum laborabis et piscaberis; paupertas quaecumque est sufficiet nobis.* 19. *Illud tamen admoneo te, ut si quando deo fauente redditus fueris natalibus tuis, et tu respicias tribulationem paupertatis meae.* 20. *Cui Apollonius ait:*

21. — *Nisi meminero tui, iterum naufragium patiar nec tui similem inueniam!*

É digno de nota que o ancião pescador é outro exemplo de personagem que demonstra comportamento benévolo para com os protagonistas quando ainda não há, efetivamente, um laço de amizade estabelecido entre eles. De acordo com a classificação a que temos recorrido, Aristóteles (1991, p. 193) designaria a atitude do velho como uma benevolência e o qualificaria como bom, uma vez que serve a um soberano conforme suas próprias condições. Além disso, semelhantemente ao que já consideramos a partir de Konstan (2005, p. 81), a disposição do homem em ajudar é uma evidente amostra de amizade de sua parte.

Há, porém, algo que sobressai ao final do excerto evocado, uma recomendação feita a Apolônio: “[...] si alguna vez con la ayuda de Dios eres devuelto a tu linaje, también tú tengas en cuenta las penas de mi pobreza” (HA, 12; trad. López, 1997, p. 101).¹⁹⁶ Nessa passagem, como o pescador pede algo a Apolônio ao conceder-lhe ajuda, essa atitude pode levantar a suspeita sobre o valor da relação entre as personagens.

Para analisar esse caso, em primeiro lugar, é preciso destacar que tanto Aristóteles quanto Cícero, em seus respectivos textos, tecem comentários reprobatórios a respeito das amizades pautadas em benefícios. Cícero, por exemplo, considera que

[...] quando prestamos um favor e nos mostramos generosos, não pensamos em exigir reconhecimento; pois o favor prestado não é uma aplicação de dinheiro; por natureza, somos propensos à generosidade; assim, não devemos procurar a amizade, com esperança de recompensa, mas, pensamos nós, com a convicção de que todo o proveito que ela proporciona está na própria afeição que inspira” (Cícero, 2006, p. 47 e 49).

Levando em consideração as palavras de Cícero, entendemos que não há valor algum em uma amizade estabelecida com fins individuais ou fundada na esperança de se alcançar alguma vantagem. Aristóteles (1991, p. 174), inclusive, já antes do pensador romano apontara que, se o benefício entre as partes acabar, findará também o próprio laço amistoso. No entanto, é preciso refletir se a relação entre o pescador e o rei seria motivada exclusivamente por um desejo de vantagem ou se haveria algum tom de chantagem – ou algo parecido – no conselho feito pelo homem do mar.

Na verdade, entendemos que o humilde ancião auxilia Apolônio em razão de apenas trazer virtude e bondade em seu caráter. Acessoriamente, se o pescador demonstra imediata boa disposição em ajudar, não faria mal nenhum pedir algum auxílio ao nobre náufrago, uma vez que sua situação de pobre pescador era minimamente melhor que a condição de Apolônio

¹⁹⁶ Em latim, HA, 12.

¹⁹ *Illud tamen admoneo te, ut si quando deo fauente redditus fueris natalibus tuis, et tu respicias tribulationem paupertatis meae.*

naquele momento. Entendemos também que em qualquer relação saudável há pelo menos a noção de equilíbrio e de retribuição; nesse sentido, se o pescador estava se desfazendo do pouco que tinha para ajudar ao rei, não seria demais suplicar-lhe que, quando tivesse sido restituído de seu trono e de suas riquezas, se recordasse de quem virtuosamente o ajudara.

Konstan (2005, p. 18) salienta que “O fato de haver vantagens práticas na amizade não a reduz, necessariamente, a um conjunto de transações baseadas em interesses e obrigações, eliminando o caráter de afeição desinteressada”. Assim, o pescador oferece auxílio como pode a um rei e, diante dessa oportunidade de ajudar alguém tão importante como é uma pessoa da realeza, pode ter visto então uma oportunidade de alcançar alguma benevolência daquele a quem socorria. Contudo, a retribuição não era certa, uma vez que Apolônio poderia estar mentindo e não ser rei verdadeiramente, ou, ainda que o fosse, poderia apenas decidir esquecer-se do velho benevolente. São exatamente essas considerações que ressaltam a virtude do pescador, pois, embora pudesse ser esquecido, ainda assim decide ajudar o náufrago nu.

E, numa espécie de suspense, parece que o príncipe de Tiro se esquece mesmo do ancião, mas a retribuição acontece, embora apenas na parte final da história, depois que o herói alcança recuperar a filha e a esposa e retorna para Cirene. Esse esquecimento – se existiu – pode ser justificado pelo fato de o herói ser constantemente lançado pelo destino de provação em provação, o que, querendo ou não, estabelecia dificuldades para a retribuição. Mais que isso, parece haver também um projeto de enredo cujas diretrizes pretendem levar Apolônio a “pagar suas dívidas” apenas depois de ter sido restituído integralmente de sua glória e poder, isto é, após ele ter superado toda humilhação e dificuldade, condição à qual fora submetido pela perseguição de Antíoco.

Para discutir tais aspectos, vejamos, antes, o episódio do reencontro:

[...] En aquel tiempo, concluidas todas sus empresas, Apolonio pasea junto al mar. Vio al pescador aquel que lo había recogido cuando era un náufrago, el que le había dado la mitad de su manto, y ordena a sus sirvientes que lo apresaran y lo condujeran a su palacio. Entonces el pescador, cuando vio que era llevado al palacio, pensó que iba a ser entregado a la muerte. Pero cuando entró en el palacio, Apolonio de Tiro, sentándose con su esposa dio la orden de que fuese traído a su presencia y dijo a su esposa: «Reina, mi señora y casta esposa, éste es mi mentor, el que me ofreció su ayuda y me mostró el camino que me condujo hasta ti.» Y, mirándolo, dijo Apolonio: «Bondadoso anciano, yo soy Apolonio de Tiro, a quien tú diste la mitad de tu manto.» Y le regaló doscientos sestercios de oro, esclavos y esclavas, ropas y plata, según los deseos de

su corazón, y lo hizo conde mientras viviera (HA, 51; trad. López, 1997, p. 143-144).¹⁹⁷

Nessa cena, enquanto passeia com sua esposa na praia, Apolônio avista ao longe o pescador, mas não se aproxima do homem e sequer lhe dirige palavras amigáveis; em vez disso, ordena que o levem ao palácio. A razão desse procedimento aponta para que, ao reencontrar seu benfeitor, o rei não queria estar no mesmo lugar onde fora humilhado pela Fortuna, mas, sim, ocasionar o efetivo reencontro em um contexto no qual pudesse mostrar ao pescador o que conseguira recuperar e conquistar desde o longínquo dia em que recebeu sua ajuda. É nesse cenário de um palácio deslumbrante onde acontece a retribuição, a qual contempla a continuação vitalícia da amizade entre os homens, já que o pescador foi nomeado *comes* e, por causa disso, muito provavelmente passou a integrar a corte de seu soberano.

Sobre a relação amistosa entre Gitão e Encólpio no romance *Satíricon*, Martins (2019) constata que essa amizade se dá numa configuração muito diferente da estabelecida entre o pescador e Apolônio. Nota-se essa diferença no fato de que, na primeira dupla, cada um busca vantagens em relação ao outro, isto é, “Gitão queria alguém que o protegesse, tendo em vista sua condição de escravo, enquanto Encólpio queria Gitão para que os outros o invejassem” (Martins, 2019, p. 95). Nessa amizade, como demonstra a pesquisadora, de fato há uma relação pautada em utilidade, pois, inclusive, basta surgir uma opção aparentemente melhor – Ascilto – para que o moço abandone Encólpio. Entretanto, notamos uma certa relação recíproca e equilibrada entre Apolônio e o pescador, pautada mesmo no desinteresse, haja vista que nenhuma dessas personagens tinha algo de vantajoso para oferecer ao outro no momento em que se conheceram; mesmo assim eles vivenciam o começo de um vínculo benéfico e desinteressado, como já demonstramos.

Portanto, a respeito da relação entre o pobre homem do mar e Apolônio, podemos concluir que se instaura efetivamente uma relação de amizade e, mais ainda, que o fato de o pescador suplicar ao rei algum auxílio não caracteriza essa amizade como pautada em

¹⁹⁷ Em latim, HA, 51.4-10

4. *In illo tempore peractis omnibus iuxta mare deambulat Apollonius, uidit piscatorem ilium a quo naufragus susceptus fuerat, qui ei medium suum dedit tribunarium, et iubet famulis suis ut eum comprehenderent et ad suum ducerent palatium.*

5. *Tunc ut uidit se piscator trahi ad palatium, se putauit ad occidendum praeberi.*

6. *Sed ubi ingressus est palatium, Tyrius Apollonius sedens cum sua coniuge eum ad se praecepit adduci et ait ad coniugem: 7. — D o m i n a r e g i n a e st p a r a n y m p h u s m e x, q u i m i l l i i o p e n a t r i b u i t h e t i u t a d t e u e n i r e m i t e r o s t e n d i t.*

8. *Et intuens eum Apollonius ait: 9. — O benignissime uetule, ego sum Tyrius Apollonius, cui tu dedisti dimidium tuum tribunarium.*

10. *Et donauit ei ducenta sestertia auri, seruos et ancillas, uestes et argentum secundum cor suum, et fecit eum comitem, usque dum uiueret.*

benefícios, mas, diferentemente disso, como demonstramos, o conselho do pescador não passou de uma devolução do pedido de ajuda. Aliás, o próprio Apolônio não demonstra qualquer reprovação às palavras do ancião – nem no momento em que se encontram pela primeira vez na praia, nem na segunda, quando ocorre a retribuição. Nesse último momento, vale ressaltar, o rei chega a empregar as palavras “guia” e “bondoso” a fim de qualificar o cidadão de Cirene. Diante disso, compreendemos estar seguramente clara a virtuosa relação de amizade ente essas personagens.

4.1.3. Arquístrates

Arquístrates é o rei de Pentápolis de Cirene, personagem de muitas virtudes, e que se tornará sogro de Apolônio. Diferentemente do número de contatos estabelecidos com Helênico e com o pescador, a quantidade de encontros e interações é significativamente maior entre Apolônio e esse rei. O vínculo, no entanto, tem origem em um banquete – contexto muito favorável para o estabelecimento de novos laços ou o estreitamento de antigas amizades. A cena reproduzida a seguir ocorre algum tempo depois que Apolônio deixa a presença do pescador: o jovem príncipe entra na cidade de Cirene e logo toma conhecimento da abertura do estádio (ginásio para a prática de esportes); vê nessa oportunidade, então, uma chance de buscar a ajuda de algum nobre, o que realmente logo acontece, quando, ao chegar ao espaço desportivo, Apolônio demonstra muita habilidade em um jogo com bola, aptidão que chama a atenção de Arquístrates.

Para além da exibição de destreza em matéria esportiva, o jovem náufrago demonstra, ainda, maestria ao massagear o rei e a dar-lhe banho. Todos esses acontecimentos despertam a curiosidade do soberano de Cirene, o qual pede a um escravo que traga o estrangeiro a sua presença. É, por conseguinte, nesse contexto que se desenrola a seguinte passagem:

[...] El rey dijo: «Ve deprisa y dile: “el rey te ruega que vengas a cenar.”» Y cuando se lo dijo, Apolonio asintió y lo siguió a la mansión real. El sirviente entró primero y dijo al rey: «El náufrago está aquí pero le avergüenza entrar con su humilde atuendo.» Al punto el rey ordenó que le vistieran con ropas dignas y que lo condujeran a cenar. Y al entrar Apolonio en el comedor le dijo el rey: «Acomódate, muchacho, y come. El Señor te concederá con que olvidar las pérdidas del naufragio.» Y al punto Apolonio se acomodó frente al rey en el lugar que le asignaron. Traen los entremeses; después, una cena propia de un rey. Mientras comían, sólo él no comía: contemplaba el oro, la plata, la mesa, la vajilla, llorando miraba todo con aflicción. Pero uno de los ancianos que estaba recostado junto al rey, cuando vio que el joven miraba detenidamente cada cosa, se dirigió al rey y dijo: «Buen rey, ya ves: al que tú demuestras la generosidad de tu corazón, siente envidia de tus riquezas y tu

suerte.» El rey le dijo: «Amigo, haces mal en recelar, pues ese joven no siente envidia de mis riquezas o de mi fortuna sino que, según creo, demuestra claramente que él ha perdido muchas más.» Y dirigiéndose al joven con rostro jovial dijo: «Muchacho, come con nosotros. ¡Alégrate y regocíjate y espera de Dios tiempos mejores!» (HA, 14; trad. López, 1997, p. 102-103).¹⁹⁸

Desde a primeira vez em que Arquístrates aparece na trama, fica patente a amabilidade dessa personagem para com todos a sua volta, fossem escravos ou homens livres, plebeus ou nobres. Tendo isso em vista, observamos logo no início do excerto a benevolência desse rei, o qual convida um desconhecido a tomar parte na mesa real, junto de outros ilustres membros do séquito. Proveniente de um membro da nobreza, essa prática não parece a mais natural, mas é apenas uma das demonstrações de virtude do rei de Cirene. Logo depois, ao chegar ao palácio, Apolônio sente-se envergonhado do modo como está vestido, que julga ser inadequado para um encontro com um rei. Contudo, de forma surpreendente, isso não se revela um obstáculo, pois Arquístrates, ao contrário do que se poderia supor, imediatamente resolve a questão ordenando a entrega de roupas adequadas ao convidado, atitude que, sem dúvida, demonstra a gentileza e a grandeza de seu caráter.

Além do convite ao banquete e da oferta de vestes reais, outra benevolência é a forma como o rei repreende um de seus amigos – o qual julgara equivocadamente a atitude do convidado – e defende o jovem náufrago. Essa defesa, observa-se na passagem, parte da sabedoria de Arquístrates, claro, mas parte também daquilo que ele interpretou ao pôr os olhos sobre o estrangeiro. A benignidade do rei, entretanto, vai mais além, pois mais de uma vez ele anima Apolônio, esforça-se em motivar o rapaz a nunca desistir e seguir adiante. Tal conduta está em conformidade com a prescrição de Cícero (2006, p. 75) a respeito dos bons companheiros: o pensador defende que o amigo “[...] deve, antes, tentar e conseguir erguer o

¹⁹⁸ Em latim, HA, 14.11-28

11. *Rex ait:*

12. — *Vade celerius et dic illi: “Rogat te rex, ut ad cenam ingredi.”*

13. *Et cum dixisset ei, acquievit Apollonius et eum ad domum regis secutus est.* 14. *Famulus prior ingressus dicit regi:*

15. — *Adest naufragus, sed abiecto habitu introire conatur.*

16. *Statim rex iussit eum dignis uestibus indui et ad cenam ingredi.*

17. *Et ingresso Apollonio triclinium ait ad eum famulus:*

18. — *Discumbe, iuuenis. Dabitur tibi damnum propter quod damna naufragii obliuiscaris!* 20. *Statimque assignato illi loco Apollonius contra regem discubuit.*

21. *Adfertur gustatio, deinde cena regalis.* 22. *Omnibus autem epulantibus ipse solus non epulabatur, sed respiciens aurum, argentum, mensam et ministeria, flens cum dolore omnia intuetur.*

23. *Sed quidam de senioribus iuxta regem discumbens ut uidit iuuenem singula quaeque curiose conspiceret, respexit ad regem et ait:*

24. — *Bone rex, uide, ecce, cui tu benignus es. Cuius animi in te non bonum se perdidisse testatur.* 27. *Et hilari uultu respiciens iuuenem ait:*

28. — *Iuuenis, epulare nobiscum; laetare et gaude et meliora de deo spera!*

ânimo oprimido de seu amigo, incutindo-lhe mais esperança e mais fé. [...]”. É bem verdade que Arquístrates não tinha qualquer obrigação de auxiliar o desconhecido; no entanto, essa disposição à benevolência configura-se essencial para o desenrolar do laço amistoso entre essas personagens.

Como já vimos, não somente a benevolência é o princípio da amizade para Aristóteles, como também, para ele, um laço amistoso estabelece-se entre pessoas que compartilham qualidades semelhantes;¹⁹⁹ Cícero (2006, p. 39), por seu turno, dá um passo além e afirma que “[...] aquele que tem diante dos olhos um amigo verdadeiro vê, de certa forma, sua própria imagem ideal”. Assumindo essas perspectivas de ambos os pensadores, conseguimos encontrar notáveis circunstâncias em que há correspondência entre Apolônio e Arquístrates. Uma delas é a perícia esportiva, como visualizamos na cena a seguir em que, pela primeira vez, eles se veem:

[...] con la ayuda de Dios Apolonio se acercó en medio del séquito del rey y mientras el rey practicaba, recogió la pelota y se la lanzó hábil y velozmente y, lanzada nuevamente, no permitió que cayera. Entonces el rey Arquístrates, como se había dado cuenta de la rapidez del joven y no sabía quién era, y en el juego de pelota no tenía a nadie de su altura, mirando a sus sirvientes dijo: «Retiraos, sirvientes, pues este joven, a lo que sospecho, es digno de ser comparado conmigo.» (HA, 13; trad. López, 1997, p. 101-102).²⁰⁰

Na passagem acima, é possível confirmar que Arquístrates encontra em Apolônio algo que faz com que recorde de si próprio. Na verdade, a aptidão para o esporte é o primeiro ponto em comum entre os dois homens, e essa afinidade, aliás, parece ter sido a fagulha que despertou a curiosidade do rei de Cirene a respeito do forasteiro. Justamente a busca por mais e mais informações é que foi estreitando a relação, dado que, conforme o protagonista expõe suas desventuras e exhibe seus conhecimentos e dotes artísticos (além dos esportivos, como já demonstrara), torna-se pública a origem nobre de Apolônio, seu domínio sobre sua cidade (Tiro) e, ainda, sua sabedoria – a qual se revelará ainda mais, logo a seguir, quando ele conversar com a filha do rei. Como se constata, esses três elementos também coincidem com Arquístrates: ele é nobre, chefe de sua cidade e sábio. Poderíamos aceitar como plausível, portanto, que essas correspondências entre as personagens foram elementos significativos para estreitar o vínculo entre elas.

¹⁹⁹ ARISTÓTELES, 1991, p. 172.

²⁰⁰ **Em latim, HA, 13.5-7**

5. *deo fauente approximavit se Apollonius in regis turba et ludente rege sustulit pilam et subtili uelocitate remisit remissamque rursum uelocius percussit nec cadere passus est.*

6. *Tunc rex Archistrates cum sibi notasset iuuenis uelocitatem et, quis esset, nesciret et ad pilae lusum nullum haberet parem, intuens famulos suos ait:*

7. — *Recedite famuli; hic enim iuuenis, ut suspicor, mihi comparandus est.*

É interessante notar que a relação entre as duas personagens ora em tela poderia ser designada como amizade entre hóspede (no sentido de anfitrião) e estrangeiro. Sobre essa classe específica de vínculo, Ortega (2002, p. 18) explica que:

Philein também possui o sentido de exprimir a hospitalidade, de receber estrangeiros, e de se beijar, como um sinal de reconhecimento entre os *philoi*, como aparece em [sic] Herodoto referindo-se ao comportamento entre os persas. *Philein* determina a conduta de quem recebe o estrangeiro (*xenos*) na sua casa e o trata segundo os costumes. Entre o estrangeiro e o hóspede se institui um vínculo: o *philotes*, realizado num ato solene, que converte os contratantes em *philoi*, obrigando-os a cumprir a reciprocidade implícita na relação de hospitalidade. *Philotes* aparece, assim, como “uma ‘amizade’ de tipo muito definido que estabelece vínculos e supõe compromissos recíprocos com juramentos e sacrifícios”. Trata-se de uma relação de aliança ou de hospitalidade, que adota um caráter quase jurídico [...] (itálicos do autor).

Tendo em vista as palavras de Ortega, compreendemos que a relação tal qual instituída por *philotes* está mais próxima da realização de uma série de convenções, da instauração de uma relação engessada por obrigações. Essa concepção não parece condizer com a amizade progressivamente estabelecida entre o rei Arquístrates e Apolônio, uma vez que, como já mencionamos, o soberano de Cirene nada devia ao jovem desconhecido. Mesmo assim, por virtude e curiosidade, ele dispensa ao rapaz toda sua amabilidade, desde o momento em que cede ao moço roupas nobres (no início da cena) até o instante em que o encoraja a ter ânimo. Mais ainda, algum tempo depois, Apolônio se torna genro de Arquístrates e recebe um tratamento muito gentil de seu sogro.

O convívio com alguém tão pleno de virtudes certamente exerceu alguma influência sobre Apolônio, resultado já esperado a partir das considerações de Ortega (2002, p. 41-42):

[...] Na amizade, o indivíduo se faz outro, sai de si, se objetiva; é preciso tomar consciência do pensamento e da atividade do outro para ter consciência do próprio pensamento e da própria atividade, condição da *eudaimonia*. A consciência de si é precedida da consciência do outro, a percepção do amigo é a forma privilegiada da percepção e da consciência de si. Assim, na *Ética a Eudemo*, Aristóteles pode afirmar que “perceber um amigo deve ser, de certo modo, perceber-se a si mesmo e conhecer-se a si mesmo” (Itálicos do autor).

Ortega (2002, p. 40-41) ainda comenta a perspectiva aristotélica sobre o amigo como um outro eu. No cerne da argumentação de Aristóteles está a ideia de que, ao tomarmos consciência de nosso amigo, a nossa própria existência se torna nítida – e, por extensão, nossas virtudes e vícios. Nesse sentido, pensamos que não é impossível Apolônio ter incorporado algum comportamento do rei de Cirene em suas próprias ações. O tratamento dispensado à sua própria filha por Arquístrates é sempre de muito respeito, cuidado e afeto; exemplo disso é que

frequentemente ele a chama como “doce filha” ou “sábia filha” (por exemplo, “*nata dulcis*” e “*dulcis et sapiens filia*”, HA, 16.3) e ela a ele como “bom rei e excelente pai” (por exemplo, “*rex et pater optime*”, HA 17.4). A conduta desse homem, portanto, revela-o como “um pai piedoso e um rei querido por seus súditos” (Álvares, 2003, p. 204),²⁰¹ comportamento que não nos faria, de forma alguma, imaginar que ele pudesse agir de modo violento ou que pudesse forçar a princesa a viver um relacionamento incestuoso consigo, como se vira no início da narrativa. É uma outra vertente das relações de amizade o rei Antíoco – personagem que empreende todos os esforços para assassinar Apolônio –, constituindo-se o extremo oposto de Arquístrates, uma vez que é um homem violento, egoísta e, além de tudo, submete a própria filha a uma relação incestuosa.

Numa escala de avaliação do papel de pai, Antíoco está na extremidade negativa, enquanto Arquístrates está na positiva. A Apolônio, por sua parte, caberia o ponto médio da escala, haja vista que sua relação com Társia, logo antes do momento em que finalmente se reconhecem como pai e filha, não é repleta de amabilidade, mas também não é a mais perversa se comparada com as atitudes de Antíoco. Sobre o tópico do vínculo paterno, teceremos considerações mais adiante. O fato é que, ao descobrir na menina Társia a filha por quem pranteava, Apolônio passa a tratá-la com muito afeto, inspirado, em alguma medida, num modelo de bom pai e bom homem pelo qual se pautam – não é improvável – as excelentes práticas de seu virtuoso sogro, Arquístrates.

4.1.4. A filha de Arquístrates

A princesa, filha do rei Arquístrates (e que em certa altura da trama torna-se esposa do protagonista), à semelhança da filha de Antíoco, curiosamente não é nomeada ao longo de HA. Percebemos, desde a primeira vez em que comparece à trama, muita educação e grande refinamento em seu modo de agir, uma vez que, ao chegar ao salão para o banquete oferecido por seu pai, após cumprimentar o rei, ela faz questão de saudar cada um dos convidados, até perceber a presença de Apolônio, que no momento não passava de um rapaz estrangeiro.²⁰² Imediatamente, a moça demonstra curiosidade a respeito do desconhecido e, conforme conhece

²⁰¹ “[...] un padre piadoso y un rey querido por sus súbditos” (ÁLVAREZ, 2003, p. 204).

²⁰² HA, 15; trad. LÓPEZ, 1997, p. 103-104.

Apolônio, deixa-se envolver pelo sentimento que nasce em seu interior na mesma medida em que busca aproximar-se desse convidado.

Inicialmente, ao se dar conta de que não conhece o distinto rapaz, pede-lhe que se apresente. Nesse momento, Apolônio conta suas desgraças e se emociona muito por rememorar-las, reação que toca o coração da moça e a move no sentido de oferecer-lhe presentes, como vemos na seguinte passagem:

Entonces Apolonio contó todos sus infortunios y cuando dejó de hablar empezó a derramar lágrimas. Cuando el rey lo vio llorando, dirigiéndose a su hija dijo: «Dulce hija, te has equivocado: al querer saber el nombre y los infortunios del muchacho, le has reavivado viejos sufrimientos. Así pues, dulce y sabia hija, justo es que a aquél de quien has sabido la verdad muestres como reina tu generosidad.» Y la muchacha, dirigiéndose a Apolonio, dijo: «Ya nos perteneces, joven, depón tu tristeza; y puesto que la indulgencia de mi padre lo permite, voy a hacerte rico» (HA, 16; trad. López, 1997, p. 104).²⁰³

A cena anterior é bem ilustrativa de como a cordialidade e a boa educação fazem parte do cotidiano no palácio do rei Arquístrates, haja vista o modo como ele trata seus escravos, seus convidados e sua filha. Essa última, por sua vez, demonstra a mesma amabilidade e caráter de seu pai ao perceber que uma inocente curiosidade sua fizera o rapaz estrangeiro sofrer. Desse modo, tão logo o pai a instrui a se redimir, imediatamente a moça se inclina a presentear Apolônio com inúmeras preciosidades e, ainda mais, declara “[...] Ya nos perteneces, joven, depón tu tristeza”,²⁰⁴ o que em português seria algo como “já nos pertences, jovem, deixa tua tristeza”. Nessa fala da princesa, encontramos um conteúdo ambivalente, dado que, ela simultaneamente acolhe o naufrago – em mensagem aos convidados de Arquístrates – e indica ao rapaz seu interesse afetivo por ele – em mensagem ao próprio Apolônio.

O sentimento, todavia, não deixa de aumentar, e na mesma proporção seguem as demonstrações de benevolência por parte da princesa, como ilustra claramente o seguinte excerto:

Entretanto la hija del rey, cuando vio que el joven era pródigo en toda clase de artes y saberes, cae presa de la implacable llama de una herida: se enamora

²⁰³ **Em latim, HA, 16.1-6**

[RA16] 1. *Apollonius uero uniuersos casus suos exposuit et finito sermone lacrimas effundere coepit.* 2. *Quem ut uidit rex flentem, respiciens filiam suam ait:*

3. — *N a t a d u l c i s , p e c c a s t i , q u a e d u m p l e n i u s n o m e n e t*

4. *Ergo, dulcis et sapiens filia, ex quo agnouisti ueritatem, iustum est ut ei liberalitatem tuam quasi regina ostendas.*

5. *Puella uero respiciens Apollonium ait:*

6. — *Iam noster es, iuuenis, depone maerorem; et quia permittit indulgentia patris mei, locupletabo te.*

²⁰⁴ HA, 16; trad. LOPÉZ, 1997, p. 104.

Em latim, HA, 16

6. — *Iam noster es, iuuenis, depone maerorem.*

perdidamente. Y finalizado el banquete la muchacha le habló así a su padre: «Me habías dado permiso hace un momento, señor y padre excelente, para que, si quisiera, le diera a Apolonio algo de tus riquezas.» Le dijo: «No sólo te di permiso y te lo doy, sino que también lo deseo.» Al permitirle su padre lo que ella misma por propia iniciativa deseaba ofrecer, mirando a Apolonio dijo: «Maestro Apolonio, recibe merced a la indulgencia de mi padre doscientos talentos de oro, cuarenta libras de plata, veinte esclavos y ropa muy abundante.» Y mirando a los sirvientes que le había regalado, dijo: «Traed todo lo que he prometido y exponedlo en el triclinio ante todos los presentes» (HA, 17; trad. López, 1997, p. 106).²⁰⁵

Embora Apolônio fosse jovem e belo, foram suas habilidades e conhecimentos que suscitaram os sentimentos afetivos na amorosa moça, como vemos no princípio do texto. Movida por benevolência e paixão, ela oferece duas classes de presentes ao rapaz: se, por um lado, há o oferecimento de bens materiais, por outro, há a honra dedicada a ele, uma vez que não bastou oferecer-lhe finas prendas, mas, sobretudo, a princesa ordenou que tudo fosse exposto ante todos os convidados e escravos presentes no banquete.

Além disso, não muito depois desses acontecimentos, a princesa esforça-se para manter Apolônio no palácio. Para isso, primeiro induz seu pai a convidar o estrangeiro a passar a noite na mansão real, alegando, como pretexto, o fato de que bandidos poderiam roubar todos os bens há pouco oferecidos;²⁰⁶ em segundo lugar, revela ao rei seu desejo de ter aulas com aquele jovem, pedindo ao mesmo tempo, ao soberano que convença Apolônio a aceitar ser seu professor.²⁰⁷

O príncipe de Tiro aceita a proposta de instruir a filha do rei, e, entre professor e aluna, surge um relacionamento muito respeitoso, como se pode ver na cena em que três jovens pretendentes se apresentam a Arquístrates e pedem a mão da princesa em casamento.²⁰⁸ A fim de resolver a questão dos três pedidos, o soberano solicita aos rapazes que escrevam em pequenas tábuas as propostas do valor de seus respectivos dotes e garante-lhes o envio à

²⁰⁵ Em latim, HA, 17.1-10

[RA17] 1. *Inter haec filia regis ut uidit iuuenem omnium artium studiorumque esse cumulatum, uulnieri saeuo carpitur igne: incidit in amorem infinitum.*

3. *Et finito conuiuio sic ait puella ad patrem suum: 4. — Permiseras mihi paulo ante, ut si quid uoluisset de tuo tamen Apollonio darem, rex et pater optime!*

5. *Cui dixit: 6. — Et permisi et permitto et opto.*

7. *Permisso sibi a patre, quod ipsa ultro praestare uolebat, intuens Apollonium ait: 8. — Apolloni magister, accipe indulgentia patris mei ducenta talenta auri, argenti pondera quadraginta, seruos uiginti et uestem copiosissimam.*

9. *Et intuens famulos, quos donauerat, dixit: 10. — Afferte quaequae promisi, et praesentibus omnibusexponite in triclinio!*

²⁰⁶ HA, 17; trad. LÓPEZ, 1997, p. 106-107.

²⁰⁷ HA, 18; trad. LÓPEZ, 1997, p. 107.

²⁰⁸ Esse episódio já foi mencionado no capítulo 2.2 desta dissertação, quando discutimos o uso de tema cômico em HA. Agora, retomamos esse evento para salientar aspectos da relação entre Apolônio e a princesa de Cirene.

princesa, a qual escolherá uma dentre elas. É nesse contexto que Apolônio é designado como mensageiro das propostas, razão pela qual entra nos aposentos da moça.

[...] La muchacha reconoció el sello de su padre. Ella le habló así a su amor: «¿Cómo es, maestro, que has entrado así, solo, en el aposento?» Apolonio le respondió: «Señora, ¡aún no eres una mujer y estás enferma! Pero, mejor toma las tablillas de tu padre y lee los nombres de los tres pretendientes.» La muchacha, tras abrir la tablilla, la leyó, pero al terminar no leyó allí mismo el nombre que quería y amaba. Y dirigiéndose a Apolonio dijo: «Maestro Apolonio, ¿así pues no te duele que yo me despose?» Apolonio dijo: «Al contrario, me alegro, porque ya instruida e iniciada por mí en gran cantidad de estos saberes, te vas a desposar según la voluntad de Dios con aquel al que anhela tu corazón.» La muchacha le dijo: «Maestro, si me amaras, de alguna manera te dolerías de tus enseñanzas» (HA, 20; trad. López, 1997, p. 108-109).²⁰⁹

Nessa breve cena em que se destaca o diálogo entre a nobre moça e Apolônio, evidenciam-se a cordialidade e o respeito com os quais se tratavam os jovens. O modo como o príncipe de Tiro se dirige à princesa evoca um trato entre distante e solene, de professor para aluna, de fato.

A princesa, por seu turno, ainda que também mantenha formalidades, deixa escapar em seu discurso palavras que remetem ao sentimento que alimenta pelo estrangeiro. Não obstante a formalidade com que se tratam, é sensível a benevolência entre ambas as personagens. A amabilidade da princesa já se revelara pelos presentes oferecidos anteriormente e, agora, suas palavras reforçam essa disposição de ânimo.

Apolônio, contudo, deixando-nos entrever um sentimento de bem-querer para com a donzela a partir do modo de se dirigir a ela, parece nutrir pela princesa tão somente aquilo que um professor respeitável guarda e dispensa a seus alunos. É que, na sequência dessa cena, o jovem descobre que é objeto de amor de sua aluna, informação que chega ao conhecimento do rei e conta com seu apoio e, por essa razão, o rei Arquístrates oferece a mão de sua filha a Apolônio. Nesse ponto, diferentemente de outros romances da Antiguidade, o amor não parece figurar como um sentimento arrebatador – ao menos não para o protagonista – como podemos

²⁰⁹ Em latim, HA, 20.2-11

2. *Puella patris agnouit signaculum.* 3. *Quae respiciens amores suos sic ait:* 4. — *Quid est, magister, quod sic singlaris cubiculum introisti?*

5. *Cui Apollonius respondit:* 6. — *Domina, es nondum mulier et male habes!* 7. *Sed potius accipe codicillos patris tui et lege trium nomina petitorum.*

8. *Puella uero reserato codicillo legit, perlectoque nomen ibidem non legit, quern uolebat et amabat.*

9. *Et respiciens Apoltonium ait:* 10. — *Magister Apolloni, ita tibi non dolet quod ego nubam?*

11. *Apollonius dixit:* 12. — *Immo gratulor, quod abundantia horum studiorum docta et a me patefacta deo uolente et cui animus tuus desiderat nubes.*

13. *Cui puella ait:* 14. — *Magister, si amares, utique doleres tuam doctrinam.*

observar no momento em que o soberano de Cirene propõe a Apolônio que ele se case com a princesa, e a resposta do rapaz não demonstra entusiasmo: “«[...] Así pues, maestro Apolonio, te ruego que no desprecies la boda con mi hija». Apolonio dijo: «Sea lo que Dios quiere y si es tu voluntad, ¡que se cumpla!»” (HA, 22; trad. López, 1997, p. 111).²¹⁰ Diferentemente do que se espera de um par amoroso, a saber, o arrebatamento – e, talvez, até um pouco de exagero nas palavras e nas ações – em razão da alegria por finalmente se unir à figura amada, ao contrário disso, não parece ser felicidade o que Apolônio demonstra, e, sim, resignação, a aceitação de um acontecimento que lhe poderia ser favorável. Essa resignação é contrastante inclusive com o início das aventuras do protagonista, uma vez que ele entra em apuros exatamente porque buscava um matrimônio, mas, agora que está em vias de realizar esse propósito, não parece feliz.²¹¹

A moça, por sua vez, sempre demonstra muito amor e enlevo ao se referir a seu amado. Como se não bastasse todo o seu empenho em casar-se com Apolônio, como vimos, novo exemplo, e notável, diz respeito ao reencontro dos esposos: a princesa sofrera uma “morte aparente” em consequência de complicações do parto de Társia, o que resulta na separação do casal. Após muitos anos e já no final da trama, Apolônio e a esposa se reencontram, e o momento do reconhecimento é assim narrado:

[...] «¡Yo soy tu esposa, la hija del rey Arquístrates!» Y lanzándose a sus brazos empezó a decir: «¡Tú eres mi Apolonio de Tiro! Tú eres el maestro que con mano sabia me enseñó, tú eres quien me tomó de manos de mi padre Arquístrates. ¡Tú eres de quien me enamoré no por un deseo carnal, sino por ser mi guía de la sabiduría! [...]» (HA, 49; trad. López, 1997, p. 141).²¹²

Com essa passagem, ficam evidentes, em primeiro lugar, todo o afeto que a princesa nutria por seu amado; em segundo lugar, que fora o saber de Apolônio que a seduzira. Com respeito a esse último tópico, a amizade entre ambos parece ter nascido, pelo menos em parte, porque a moça reconheceu no estrangeiro elementos que encontrava também em si mesma: o

²¹⁰ **Em latim, HA, 22.12-15**

^{12.} *Vnde, magister Apolloni, peto ne nuptias filiae meae fastidio habeas!*

^{14.} *Apollonius ait: 15. — Quod a deo est, sit, et si tua est uoluntas, impleatur.*

²¹¹ Essa falta de entusiasmo de Apolônio em se casar – supomos tendo em vista a estrutura de nosso corpus – pode ser motivada pelo fato de que, em HA, as relações em evidência são as estabelecidas entre pais e filhas, e não entre marido e mulher, como já discutimos.

²¹² **Em latim, HA, 49.2-4**

“Ego sum coniunx tua Archistratis regis filia!” Et mittens se in amplexus eius coepit dicere: “Tu es Tyrius Apollonius meus, tu es magister, qui docta manu me docuisti, tu es, qui me a patre meo Archistrate accepisti, tu es, quem adamavi non libidinis causa, sed sapientiae ducem!”

amor pelo conhecimento e pelas artes.²¹³ A partir desse ponto de partida, a distância entre a dupla foi gradativamente diminuindo até que essa relação culminou em matrimônio. Além do mais, tendo em vista os excertos de HA mencionados anteriormente, não resta dúvida de que o vínculo entre Apolônio e a princesa está de acordo com os princípios aristotélico-ciceronianos, quais sejam o da união virtuosa, da benevolência recíproca e do bem-querer mútuo.

Lançando ainda um olhar analítico sobre a relação desse casal, é necessário considerar o que Ortega (2002, p. 25-26) aponta a respeito do laço matrimonial na Antiguidade grega:

A ausência de fortes vínculos maritais e de amor conjugal, assim como a separação estrita dos sexos – designando lugares específicos para cada um –, levou na *polis* clássica a concentrar a paixão e a ternura nas relações entre homens. O baixo estatuto da mulher e sua reclusão na esfera privada doméstica (o *oikos*), teve como consequência o privilégio do culto da amizade e do amor masculino. As relações entre homens eram marcadas pela afeição e pelo significado emocional. Em uma sociedade em que as mulheres eram afastadas da esfera pública, relegadas ao espaço doméstico do *oikos*, os rapazes eram substitutos das mulheres ao possuírem semelhança física com elas, sendo considerados objeto de desejo. Assim, o amor dos rapazes produz uma *ars erótica*, que se exprime na filosofia e na poesia, existindo uma correlação entre uma teoria do Eros e uma prática erótica. Onde não existia nenhum encontro público entre homens e mulheres e a mulher se encontrava em uma relação de domínio e submissão diante do homem, e onde “necessidade”, “violência”, “dominação” e “desigualdade” eram os conceitos que melhor definiam a vida doméstica (único ponto de encontro entre ambos os sexos), não se pôde desenvolver uma relação erótica. Pois essa pressupõe a liberdade dos indivíduos envolvidos, expressa no jogo da sedução, na possibilidade de dizer “não” e na recusa do cortejo, como sabemos da história do amor no Ocidente. Só homens livres – rapazes e adultos – podem ser destinatários dessa relação erótica. As relações heterossexuais eram fortemente codificadas, tanto no matrimônio, como na prostituição e proibidas fora dessa regulamentação. As mulheres não podiam recusar os homens, pois se encontravam sob contrato econômico; sua única função era satisfazer a sexualidade masculina, garantir a procriação e administração do patrimônio, como observava Demóstenes: “Temos as prostitutas para o prazer, as concubinas para a comodidade diária; e temos as esposas para produzir uma descendência legítima e ter um guarda fiel da casa”. Onde as relações entre os sexos eram regulamentadas por contrato ou pagamento não pôde existir sedução, recusa, persuasão, erótica nem poesia.

Esses aspectos que Ortega aponta a respeito do vínculo entre marido e esposa na Grécia antiga – contexto provavelmente muito anterior à conjuntura em que se desenrola a trama de

²¹³ É preciso lembrar, ainda, que, tal como já vimos no tópico anterior, os comportamentos e preferências manifestados pela princesa, além de similares aos de Apolônio, são também muito próximos dos interesses e da conduta de seu pai, o rei Arquístrates. Ele, além de benevolente e amável, é também afeiçoado à música e às artes, como já apontamos, razão pela qual apoia sua filha na dedicação aos estudos. Desse modo, ao observarmos a afinidade existente entre Apolônio e a princesa, não podemos perder de vista a afinidade que aproxima Apolônio e Arquístrates, além, é claro, da que une pai e filha: Arquístrates e a princesa. Aliás, em nível de interpretação literária, poderíamos nos perguntar se não seria a partir de sua relação com o pai que a princesa vê em Apolônio um bom pretendente para casar-se.

HA, mas que poderia ter exercido influência sobre ela – não parecem coincidir com o caso de Apolônio e sua esposa. A razão disso é que, muito embora o protagonista não faça grandes demonstrações de amor, há claros indícios de que ele ama e respeita a sua mulher. O sentimento do amor fica evidente no luto e na depressão em que ele cai com a suposta perda da esposa (HA, 25; trad. López, 1997, p. 113-114). Já o respeito é regularmente explícito no modo como ele se dirige a sua amada, sempre com simpatia e amizade. Exemplo disso é que Apolônio utiliza palavras carinhosas para se referir a sua mulher, tais como *domina* (“Señora”, HA, 24.18; trad. López, 1997, p. 112); *coniunx carissima* (“queridíssima esposa”, HA, 24.19; trad. López, 1997, p. 112); *Cara coniunx* (“querida esposa”, HA, 25.8; trad. López, 1997, p. 113) e *Domina regina et coniunx pudica* (“Reina, mi señora y casta esposa”, HA, 51.7; trad. López, 1997, p. 144).

Todavia, para além dessas expressões, o modo como ele dialoga com a princesa é o índice mais significativo de seu respeito e amor, como se pode ver na passagem em que Apolônio pede permissão a sua esposa para ir em busca do reino que lhe havia sido entregue. Ele diz: “«Señora, lo que una vez creíste de mí cuando era un náufrago, acabas de comprobar que es cierto. Te ruego, así pues, queridísima esposa, que me permitas partir para tomar posesión del reino que me han entregado»” (HA, 24; trad. López, 1997, p. 112).²¹⁴ Nessas palavras do protagonista, reconhecemos o sentimento de quem aprecia, valoriza e respeita o ente amado, dado que, em vez de simplesmente deixar a esposa com o pai e ir em busca de seu reino, ele prefere pedir a autorização da princesa, embora ele próprio fosse um rei e, portanto, pudesse decidir o que bem entendesse. Uma certa submissão de Apolônio à sua esposa, pois, evidencia a natureza da relação de afeto e amizade existente entre eles.

Outra questão notável, tendo ainda em vista os pontos levantados por Ortega, é que a princesa não parece viver nem reclusa no ambiente doméstico nem isolada da presença de homens, uma vez que a forma como a moça chega e entra no banquete de seu pai – no qual, diga-se, conhece Apolônio – dá a entender que sua presença era muito comum em ambientes assim. Além dessa evidência, a nobre jovem escolhe embarcar no navio com seu esposo no momento em que ele decide tomar posse do reino que lhe fora legado com a morte de Antíoco, ou seja, ao sair em viagem, ela está longe de ficar reclusa em sua casa. É bem verdade que essa personagem não era uma mulher qualquer do reino, mas a filha do rei, pertencente à nobreza, ou seja, era obviamente alguém que gozava de privilégios se comparada a outras pessoas; mesmo assim, destaca-se o fato de que, em uma narrativa ficcional da Antiguidade,

²¹⁴ Em latim, HA, 24.18-19

18. — *Domina, quod aliquando mihi naufrago credideras, modo comprobaui.* 19. *Peto itaque, coniunx carissima, ut me permittas proficisci ad regnum deuotum percipiendum.*

escolheu-se inserir uma personagem mulher que desfruta da possibilidade de escolher o que lhe agrada (como estudar ou frequentar diferentes ambientes) e de concretizar seus desejos.²¹⁵

Para além da relação entre Apolônio e sua esposa, nota-se que a boa relação entre pai e filha, e, mais ainda, o respeito entre eles gera bons frutos, o que se verifica entre Arquístrates e sua filha ou entre Apolônio e Társia,²¹⁶ o mesmo não acontece entre Antíoco e sua filha, cujos resultados ficam patentes na infelicidade da moça, na esterilidade forçada das relações sexuais e na morte violenta de ambos, vítimas do castigo divino (HA, 24; trad. López, 1997, p. 112).

Comparativamente ao mais emblemático caso de incesto na literatura antiga, em *Édipo rei*, tragédia de Sófocles, o protagonista também vive uma conjunção incestuosa (no caso, porém, com sua mãe), mas a relação não é estéril, haja vista que Jocasta dá à luz a quatro filhos de seu próprio filho. Embora a relação pessoal entre Édipo e Jocasta não seja violenta como a de Antíoco e a princesa – na verdade, parece haver respeito e amor entre as personagens trágicas –, esse vínculo é a causa de muitos males, culminando num desfecho de destruição da família, como se sabe: Édipo mata seu pai e, revelada a verdade sobre a identidade do protagonista, sua mãe tira a própria vida, ele cega a si mesmo e condena-se ao exílio, deixando abandonados os filhos-irmãos, que também terão um fim trágico. Dessa forma, observam-se forças destrutivas a conduzirem os laços entre Jocasta e Édipo e entre Antíoco e a princesa (os quais, já apontamos, foram fulminados por um raio divino), forças essas inexistentes na relação entre Arquístrates e sua filha, uma vez que o laço entre o rei de Cirene e sua filha é exemplo de virtude. Já no vínculo entre Apolônio e Társia, entendemos, essas forças destrutivas são neutralizadas no momento decisivo do reconhecimento que as duas personagens experienciam, dado que, como vimos, em toda a cena do porão, paira o perigo do incesto (evidentemente sugerido desde o início de HA pelo incesto perpetrado por Antíoco), até que Apolônio e Társia se descobrem pai e filha e o curso das ações a partir de então é norteador por forças construtivas: logo a seguir, o rei de Tiro reencontra sua esposa, Társia casa-se com Atenágoras (que promoverá o surgimento de nova família), Apolônio assume o poder de seus reinos, todos reencontram o rei Arquístrates (que reunirá a família) e Apolônio e sua esposa têm um filho, o

²¹⁵ Embora vejamos a princesa desfrutar dessa autonomia, é preciso lembrar que, mesmo estando casada com Apolônio, ela pede autorização a seu pai para viajar com o marido e acompanhá-lo na tomada de seus reinos. Dentre as muitas interpretações possíveis desse comportamento da princesa, entendemos, em nossa leitura, que a boa relação entre pai e filha, aliada ao grande respeito que ela nutria por Arquístrates, fazia com que a jovem visse seu pai como uma figura muito importante, de quem ela esperava a aprovação e o apoio em cada uma das decisões significativas de sua vida.

²¹⁶ No porão do navio, desenvolve-se uma boa relação entre Apolônio e a jovem enviada para alegrá-lo, pois ele a trata com muita educação e respeito, mesmo sabendo que ela era funcionária de um prostíbulo e desconhecendo que se tratava de sua própria filha.

que assegura a manutenção da linhagem e do poder – o oposto do que ocorre com Antíoco, que perde a filha, o reino, a reputação e a própria vida.

Ademais, sobre a relação entre Apolônio e sua mulher, fica patente que não há espaço para a violência, para imposições da parte dele, ou mesmo para submissões irracionais da parte dela. Apenas a título de comparação, Quéreas, do romance de Cáriton de Afrodísias, *Quéreas e Calíroë*, embora amasse a sua esposa Calíroë, em determinado momento lhe desfere um forte golpe, ferindo-a a ponto de todos pensarem que a moça houvesse morrido. Tendo isso em vista, lembramos que, se Apolônio não demonstra eflúvios de sentimentos amorosos, em momento algum, todavia, demonstra atitude desrespeitosa ou violenta contra sua mulher. Na realidade, o relacionamento entre Apolônio e a princesa parece ir mais na direção dos costumes romanos, civilização que, ainda conforme Ortega (2002, p. 48), dissociou as noções de “*Eros*” e de “*philia*”. O estudioso alega que, para os romanos, “[...] a amizade não possui a importância que tinha na Grécia. Ela não foi em Roma tão idolatrada como na Grécia nem teve o mesmo significado cultural e o forte investimento erótico e emocional. Os romanos não misturaram *Eros* e *philia*, *Eros* foi confinado ao vínculo conjugal” (Ortega, 2002, p. 48). Portanto, se a relação existente entre os esposos que figuram em HA não coincide com os costumes matrimoniais da Antiguidade grega, em contrapartida, no entanto, assemelham-se mais às tradições romanas.

Há, finalmente, um último elemento significativo na relação entre a princesa e Apolônio: a fidelidade. Para refletirmos sobre essa virtude, antes, devemos recorrer às considerações de Konstan (2005, p. 16):

O efeito de cruzar determinações da ideia de amizade pode ser observado em relação ao requisito da lealdade, que é geralmente esperada entre amigos e foi postulada no início desta introdução como um dos sinais ou condições da amizade. A lealdade pode assumir várias formas [...].

De acordo com o que enfatiza o pesquisador, demonstrar lealdade era um requisito elementar para a constituição e manutenção de laços amistosos na época clássica. Com base nessa consideração, entendemos que a fidelidade, seja ela conjugal ou de outra ordem qualquer, constitui uma maneira de manifestar um comportamento leal. No *cópus* de HA, tanto Apolônio quanto a filha de Arquístrates mantêm-se fiéis um ao outro: se, por seu lado, embora acreditasse que a esposa já não estivesse viva, ainda assim o protagonista escolhe viver em luto por ela (HA, 28; trad. López, 1997, p. 117) – em vez de encontrar uma nova parceira –, sua esposa, por seu turno, tendo sido resgatada por médicos e tratada por eles até o total restabelecimento de sua saúde, passa a viver reclusa como sacerdotisa no templo de Diana, abrigo no qual está a

salvo do assédio de qualquer homem (HA, 27; trad. López, 1997, p. 116-117). Com o reencontro, no entanto, reestabelece-se o relacionamento tão forte e vivo como antes mencionara o narrador (HA, 23; trad. López, 1997, p. 111-112); e esses elementos nos levam a concluir que, no relacionamento desse casal, a fidelidade é um desdobramento da lealdade, a qual indica a clara amizade existente entre ambos.

4.1.5. Atenágoras

Atenágoras, de origem nobre, era o príncipe da ilha de Mitilene. Embora observemos incoerências em suas ações – dentre as quais pode-se citar o fato de, no início, ele querer aproveitar-se de Társia como prostituta, ou, então, o fato de colocar Apolônio e Társia num mesmo aposento apesar de suspeitar que eles fossem pai e filha (como observaremos no tópico 4.2.1) –, ele revela um caráter virtuoso. Inicialmente, destaca-se seu comportamento nobre e altruísta, que figura claramente no trecho a seguir:

[...] Acercándose a la nave de Apolonio se detuvo y quedó admirado. Pero la tripulación y los esclavos de Apolonio lo saludaron diciéndole: «Te convidamos, magnífico señor, si lo tienes a bien.» Y aquél, ante la invitación, subió a la nave con cinco de sus esclavos. Y al ver que estaban acomodados sin diferencias, tomó sitio entre los comensales y les dio diez áureos y poniéndolos sobre la mesa dijo: «Aquí tenéis, para que no me convidéis por nada». Todos le dijeron: «Nuestro más profundo agradecimiento a tu nobleza.» Atenágoras, cuando vio que todos estaban acomodados de forma tan espontánea y que no había entre ellos uno de mayor rango que supervisara, les dijo: «Dado que todos estáis acomodados libremente, ¿quién es el señor de esta nave?» El timonel dijo: «El señor de esta nave está sumido en el luto y yace abajo, en la sentina de la nave, en la oscuridad; llora a su esposa y a su hija.» Atenágoras, condoliéndose al oír eso, dijo al timonel: «Te daré dos áureos; baja hasta él y dile: “Te ruega Atenágoras, el principal de esta ciudad, que vengas de la oscuridad junto a él y salgas a la luz”.» El joven dijo: «¿Acaso puedo tener cuatro piernas por dos áureos?» y «¿Es que de entre nosotros no has elegido a ninguno que te valga para el trabajo excepto a mí? ¡Busca a otro que vaya, porque ha ordenado que le rompan las piernas a cualquiera que le dirija la palabra!» Atenágoras dijo: «Esa ley la dictó para vosotros, pero no para mí, a quien no conoce. Yo bajaré hasta él. Decidme, ¿cuál es su nombre?» (HA, 39; trad. López, 1997, p. 129-130).²¹⁷

²¹⁷ Em latim, HA, 39.11-31

11. [...] *accedens ad nauem Apollonii coepit stare et mirari.*

12. *Nautae uero et serui Apollonii salutauerunt eum dicentes:*

13. — *I n u i t a m u s t e , s i d i g n a r i s , o p r i n c e p s m a g n i f i c e .*

14. *At ille petitus cum quinque seruis suis nauem ascendit.* 15. *Et cum uideret eos unanimes discumbere, accubuit inter epulantes et donauit eis decem aureos et ponens eos supra mensam dixit:*

16. — *E c c e n e m e g r a t i s i n u i t a u e r i t i s .*

17. *Cui omnes dixerunt:*

18. — *Agimus nobilitati tuae maximas gratias.*

Como notamos, na passagem anterior, Atenágoras passeia pela praia quando avista o navio de Apolônio bastante adornado em razão da festa em honra a Netuno. Admirado de tanta beleza, resolve aproximar-se da embarcação, momento em que recebe o convite da tripulação para que também participe da comemoração. Todavia, apesar de ter sido convidado e de ser o principal da ilha, Atenágoras paga sua parte pelo ingresso na celebração, atitude reveladora de um comportamento muito honroso, haja vista que, em razão de sua posição social, ele poderia simplesmente exigir sua participação sem qualquer tipo de contribuição.

Logo depois, Atenágoras observa os participantes da festa e não consegue distinguir qual deles detém o título de senhor, e essa dificuldade o perturba a ponto de o levar, amigavelmente, a perguntar aos homens do recinto qual deles desempenhava esse papel. Nesse momento, ao descobrir que o patrão daqueles homens tão alegres e festivos se enclausurara no ponto mais baixo e sombrio da embarcação, Atenágoras decide imediatamente que é necessário pôr fim à condição de tristeza daquele homem, sem nem mesmo conhecê-lo. Sua primeira atitude é enviar um dos próprios marinheiros em busca do senhor do navio; o marujo, contudo, opõe-se energicamente à execução da ordem de Atenágoras, dado que seu amo havia proibido que qualquer um fosse perturbá-lo em seu retiro de luto; além do mais, decretara ele uma severa punição àquele que desobedecesse a ordem de distanciamento. Ao tomar conhecimento dessa informação, o príncipe de Mitilene não só não tem medo nem hesita, como também prontamente dispõe-se a dialogar com o homem deprimido, de quem não sabia sequer o nome.

No que tange ao laço da amizade, para Konstan,²¹⁸ que entende ser a mera disposição de ajudar já propriamente um indicativo de amizade,

[...] os amigos são definidos pela boa vontade, e não por um laço pré-existente de sangue ou etnia; a boa vontade é manifestada em ações benéficas e a omissão da ajuda, como a animosidade ativa, pode ser um sinal de inimizade. Os parentes, inclusive, que deixam alguém na mão são considerados inimigos e, inversamente, os membros familiares (e outros) que oferecem ajuda, quando necessário, podem ser descritos como amigos [...] (Konstan, 2005, p. 84).

19. *Athenagora autem cum uidisset omnes tam licenter discumbere nec inter eos maiorem esse qui praeuideret, ait ad eos:*

20. — *Quo d o m n e s l i c e n t e r d i s c u m G u b e r n a t o r d i x i t : n a u i s h u i u s d o m i n u s*

22. — *N a u i s h u i u s d o m i n u s i n l u c t u m o r a t u r e t i a c e t i n Q u o a u d i t o d o l e n s A t h e n a g o r a d i x i t a d g u b e r n i u m :*

24. — *D a b o t i b i d u o s a u r e o s c i l l i : 25. "Rogāt te Athenagorā princēps huius ciuitatis ut m e t ut procedas ad eum de tenebris et ad lucem exeas". 26. Iuuenis ait:*

27. — *Soisum de duobus aureis quattuor habere crura. 28. Et tam utilem inter nos neminem elegisti nisi me? 29. Quaere alium qui eat, quia iussit quod, quicumque eum appellauerit, crura ei frangantur. 30. Athenagora ait:*

31. — *Hanc legem uobis statuit, non mihi quem ignorat. 32. Ego autem ad eum descendo. 33. Dicite mihi, quis uocatur.*

²¹⁸ KONSTAN, 2005, p. 81.

Contudo, Atenágoras ultrapassa diligentemente a esfera da simples conjectura e põe-se a agir de fato. Indo ao encontro de Apolônio, ele desce ao porão do navio, onde se compadece ainda mais daquele homem enlutado. A respeito disso, o narrador nos conta que

[...] Cuando [Atenágoras] lo vio echado en la oscuridad con la barba desaliñada, con la cabeza hirsuta y sucia, con voz queda lo saludó: «Salud, Apolonio.» Pero Apolonio pensaba que había sido desobedecido por alguno de los suyos; volviéndose a mirar con el semblante desencajado, cuando vio a un hombre desconocido para él, distinguido y elegante, ocultó su furia con silencio. Atenágoras, el principal de la ciudad, le dijo: «Sé que te extraña que te haya saludado así, por tu nombre; has de saber que soy el principal de esta ciudad.» Y como Atenágoras no oyó de sus labios palabra alguna, le dijo otra vez: «Apartándome del camino he bajado hasta la orilla a contemplar las naves y entre todas las naves vi tu nave bellamente engalanada con un hermoso aspecto. Y mientras paseaba, he sido convidado por tus amigos y la tripulación. He subido y me he acomodado gustosamente a la mesa. Pregunté por el señor de la nave. Ellos me han dicho que tú estás sumido en un riguroso luto, como ya estoy viendo. Pero, en respuesta al deseo que me ha traído hasta ti, ven de las tinieblas a la luz y come un poco con nosotros. Tengo puesta en Dios la confianza de que te dará, después de esta tristeza tan grande, una alegría mayor» (HA, 40; trad. López, 1997, p. 130).²¹⁹

Considerando as ideias de Cícero, fica mais clara uma atitude amiga por parte de Atenágoras. Nesse sentido, o pensador romano pondera que é parte integrante da amizade animar o amigo deprimido, argumentando que

[...] muitas vezes, há pessoas que têm um ânimo muito abatido, que abandonam muito depressa a esperança de melhorar de situação. É, pois, indigno de um amigo adotar em relação a elas a atitude que adotaram em relação a si mesmas: deve, antes, tentar e conseguir erguer o ânimo oprimido de seu amigo, incutindo-lhe mais esperança e mais fé [...] (Cícero, 2006, p. 75).

Tendo em vista tanto os conceitos de Konstan quanto os de Cícero, confirmamos o proceder benevolente e a intenção amistosa em Atenágoras, dado que sua atitude é claramente

²¹⁹ Em latim, HA, 40.4-16

4. *Quem cum uidisset squalida barba, capite horrido et sordido in tenebris iacentem, submissa uoce salutauit eum:*

5. — *Aue, Apolloni.*

6. *Apollonius uero putabat se a quoquam de suis contemptum esse; turbido uultu respiciens, ut uidit ignotum sibi hominem honestum et decoratum, texit furorem silentio.*

7. *Cui Athenagora princeps ciuitatis ait:*

8. — *S c i o e n i m t e m i r a r i s . i* *Disce quod princeps laus incitatis tua.* 10. *Et cum tu a u e r* *Athenagora nullum ab eo audisset sermonem, item ait ad eum:*

11. — *Descendi de uia in litore ad nauiculas contuendas et inter omnes naues uidi nauem tuam decenter ornatam, amabili aspectu eius.* 12. *Et dum incedo, inuitatus sum a nautis tuis.* 13. *Ascendi et libenti animo discubui.* 14. *Inquisiui dominum nauis.* 15. *Qui dixerunt te in luctu esse graui, quod et uideo. Sed pro desiderio, quo ueni ad te, precede de tenebris ad lucem et epulare nobiscum paulisper.* 16. *Spero autem de deo, quia dabit tibi post hunc tam ingentem luctum ampliorem laetitiam.*

altruísta, boa e desvencilhada de qualquer possibilidade de vantagem: queria esse príncipe apenas tirar um semelhante seu de uma condição de tristeza e dor. Essa tarefa, entretanto, não se revela de fácil execução, pois Apolônio opõe impetuosa resistência às tentativas de Atenágoras que, ao contrário do que se esperaria, no entanto, não desiste da ação: quando percebe que sua própria presença não será suficiente, resolve chamar Társia – a própria filha que Apolônio acreditava estar morta e por quem pranteava – a fim de que ela o convencesse a deixar o porão do navio e subir à luz:

[...] Y llegó Tarsia a la nave y al verla Atenágoras le dijo: «Ven aquí junto a mí, Tarsia mi señora, pues aquí es precisa la habilidad de tus conocimientos, para que des consuelo al señor de esta nave y de todos estos, para que le exhortes a aceptar consolación cuando yace en las tinieblas llorando a su esposa y a su hija, y lo animes a salir a la luz. Este es una de las buenas acciones de la piedad, con las que Dios se muestra favorable a todos. Acércate, pues, a él y persuádalo de que salga a la luz; tal vez Dios quiere que por mediación nuestra él viva. Si eres capaz de hacerlo, te libraré del lenón durante treinta días para que puedas consagrarte a la virginidad de la que has hecho voto, y te daré además diez sestercios de oro» (HA, 40; trad. López, 1997, p. 131).²²⁰

Fica claro o desejo de Atenágoras em acabar com o sofrimento de Apolônio, para o que ele instrui Társia a utilizar-se de sua inteligência e esperteza. Com a intenção de motivar a garota, o príncipe de Mitilene a ela oferece significativas gratificações. Na primeira tentativa, a jovem não é bem-sucedida e, diante da relutância de Apolônio, ela desiste facilmente da tarefa que lhe fora confiada, o que, todavia, é revertido por Atenágoras, que insta a moça a não partir antes de completar seu trabalho, como vemos no excerto a seguir:

[...] Y le dijo Atenágoras: «¿Adónde vas, Tarsia? ¿Ha sido baldío tu esfuerzo? ¿No hemos podido hacer una obra de misericordia y socorrer a un hombre que está quitándose la vida?» Y Tarsia le dijo: «He hecho todo lo que he podido, pero me ha dado doscientos áureos y me ha rogado que me alejara, asegurando que el sufrimiento lo atormenta con una pena reavivada.» [...] Y le dijo Atenágoras: «Yo te daré por lo menos cuatrocientos áureos: sólo tienes que bajar junto a él; devuélvele estos doscientos que te ha dado; ánimo a salir a la luz diciéndole: “Yo no busco dinero, sino tu salvación» (HA, 41; trad. López, 1997, p. 133).²²¹

²²⁰ Em latim, HA, 40.25-9

²⁵ *Veniente autem Tarsia ad nauem, uidens eam Athenagora ait ad eam:*

²⁶ — *V e a ad meñ Tarsia domina; hic est enim ars studiorum tuorum necessaria, ut consoleris dominum nauis huius et horum omnium sedentem in tenebris, et horteris consolationem recipere, et eum prouoces ad lucem exire lugentem coniugem et filiam.* ²⁷ *Haec est pietatis causa per quam dominus omnibus fit propitius.* ²⁸ *Accede ergo ad eum et suade exire ad lucem; forsitan per nos deus uult eum uiuere.* ²⁹ *Si enim hoc potueris facere, triginta dies a lenone te redimam, ut deuotae uirginitati tuae uacare possis, et dabo tibi insuper decem sestertia auri.*

²²¹ Em latim, HA, 41.17-24

¹⁷ — *Quo uadis, Tarsia?* ¹⁸ *Sine effectum laborasti?* ¹⁹ *Num potuimus facere misericordiam et subuenire homini interficienti se?* ²⁰ *Et ait ad eum Tarsia:*

A grandeza da intenção de Atenágoras manifesta-se em levar Apolônio a vencer seu estado depressivo, haja vista que insiste com Társia a ponto de fazê-la tentar animá-lo novamente. Ele também se dispõe a pagar uma significativa soma em dinheiro para que a moça se empenhasse em tirar o rei de Tiro das profundezas do navio. Ou seja, em momento algum Atenágoras desiste de levar auxílio a Apolônio, mostrando-se a todo instante disposto a empregar sua energia e seus recursos. Sua coragem é tamanha que ele não cede nem mesmo diante do perigo de sofrer violência por parte daquele homem deprimido, que ameaçava agredir qualquer um que interrompesse seu luto. Esse esforço acentua a amizade desinteressada de Atenágoras para com Apolônio, prática muito próxima da orientada por Cícero (2006, p. 73), sobretudo quando afirma fazermos por um amigo muito mais do que faríamos por nós mesmos. Além do esforço, também a perseverança do soberano de Mitilene encontra amparo na perspectiva do pensador romano, haja vista seu entendimento de que “não devemos renunciar às virtudes só porque trazem algumas preocupações e alguns aborrecimentos” (Cícero, 2006, p. 65). Desse modo, frente ao rei depressivo, acreditamos que Atenágoras entendeu o risco de agressão como uma preocupação ou um aborrecimento pequenino diante da grandeza de trazer Apolônio de volta à vida, esse que morrera por dentro de si mesmo. Além do mais, a persistência desse príncipe é estrutural na narrativa, dado que justamente é ela a atitude efetiva para o reconhecimento entre pai e filha, um dos principais momentos da trama.

Por conseguinte, as ações do príncipe de Mitilene criam entre ele e o pai de Társia os vínculos que efetivamente se solidificam a partir de então: Apolônio não somente cede a mão de sua filha a Atenágoras²²² como também o designa como rei de Tiro juntamente de Társia para substituí-lo.²²³ Em ambas as decisões do soberano de Tiro, ficam claras sua confiança e amizade para com Atenágoras, relação agora reforçada, também, pela aliança familiar.

Vale destacar que tanto Cícero quanto Aristóteles chamam a atenção para o fato de os amigos serem semelhantes entre si – como dissemos anteriormente. E certamente entre ambas as personagens em análise encontramos traços afins, tais como sua origem nobre, o poder e privilégio que gozam na sociedade em que vivem e, especialmente, seu caráter virtuoso. Encontramos, particularmente em relação ao último aspecto, o elemento essencial para a

21. — *Omnia quaecumque potui feci, sed datis mihi ducentis aureis rogavit me ut abscederem, asserens renouato luctu et dolore cruciari.* 22. *Et ait ad eam Athenagora:*

23. — *Ego tibi modo quadringentos aureos dabo, tantum descende ad eum, refunde ei hos ducentos quos tibi dedit; prouoca eum ad lucem exire et dic ei:* 24. *“Ego non pecuniam, salutem tuam quaero.*

²²² HA, 47; trad. LÓPEZ, 1997, p. 139.

²²³ HA, 50; trad. LÓPEZ, 1997, p. 142.

manutenção das amizades, conforme Aristóteles e Cícero defendem. Logo, parece-nos evidente que a relação de amizade estabelecida entre Apolônio e Atenágoras constitui uma aliança exemplar que vivifica, no plano da narrativa, as seguintes palavras do pensador romano:

[...] haverá uma vida que valha a pena ser vivida, se lhe falta o sossego que só os sentimentos compartilhados com um amigo podem dar? Que há de mais agradável do que ter alguém em quem podemos confiar como em nós mesmos? Que proveito tiraríamos da felicidade, se não tivéssemos ninguém que dela pudesse compartilhar conosco? E seria difícil suportar a adversidade, sem alguém capaz de suportá-la ainda mais do que nós, que a experimentamos. [...] a amizade compreende um sem número de bens! Para qualquer lado que nos voltemos, lá está ela, prestativa [...]. Pois a amizade torna mais brilhantes os dias felizes, e mais leves os dias adversos, deles compartilhando conosco e fazendo sua a nossa dor.

A amizade apresenta, pois, vantagens muito numerosas e importantes, mas há uma que a todas supera: ela inspira uma fagueira esperança que ilumina o futuro e não permite que os ânimos desfaleçam ou se apequenem (Cícero, 2006, p. 37 e 39).

Assim, de acordo com Cícero, podemos afirmar que Atenágoras é um verdadeiro amigo, uma vez que oferece sua amizade no momento em que Apolônio vive imensa provação, quando, em razão de sua dor, acredita ser sua melhor escolha isolar-se e amargar-se até a morte. Apenas um amigo sensível é capaz de reconhecer nas atitudes contraditórias do ser humano aquilo que realmente busca, e apenas um amigo virtuoso persiste e insiste ao lado de seu camarada até ele vencer a dificuldade que enfrenta. Isto posto, acreditamos que, ao procurar isolamento e escuridão, Apolônio buscava na verdade uma saída para a tristeza de suas perdas, e Atenágoras não somente se mostrou sensível para perceber aquilo de que o outro realmente precisava, como também atuou valorosamente para ajudá-lo a superar suas tribulações.

4.1.6. Társia

Ao chegar à juventude, depois de adotada por Dionísia e Estranguilião, Társia, a filha do rei de Tiro, assume o papel de protagonista da trama de HA em decorrência do afastamento (que posteriormente se observará temporário) de Apolônio. Contextualmente, ela é uma personagem destinada à orfandade, pois vive parte de sua trajetória sem a companhia da mãe e abandonada pelo pai: no momento do nascimento de Társia, sua mãe sofre complicações de saúde e, embora não perca a vida, entra em estado vegetativo, semelhante ao da morte. Apolônio, acreditando que sua esposa morrera, entrega a menina recém-nascida aos cuidados dos supostos amigos Estranguilião e Dionísia e parte para o Egito, onde pretende viver seu luto e regressar apenas na época de casar sua filha. Assim, como ele se retira em isolamento, Társia

passa a ser a personagem principal ao longo de um considerável trecho da trama, a saber, do capítulo 29 ao 36,²²⁴ isto é, desde o momento em que Társia, criança, inicia seus estudos em Tarso até o momento em que, mulher vendida como escrava, começa a apresentar-se em locais públicos a fim de obter dinheiro para o leno de Mitilene.

Durante o tempo em que está fora, Apolônio desconhece o que ocorre com sua filha. Ele ignora, por exemplo, que, passados mais de dez anos desde sua partida de Tarso, a maldosa Dionísia começa a nutrir sentimentos de inveja para com Társia, a qual chamava a atenção do povo da cidade em razão de sua grande beleza, ofuscando qualquer possibilidade de brilho que poderia ter a própria filha. Dionísia, então, por acreditar que Apolônio morrera – e, por isso, entende ela, demorava a retornar –, urde um golpe contra a vida de Társia a fim de se apropriar de suas ricas vestimentas. A ideia da mulher era que, ao utilizar as roupas da princesa, sua filha se tornaria tão bela quanto a outra aos olhos de seus concidadãos.

No entanto, após longo tempo de ausência, Apolônio regressa a Tarso em busca de sua filha. Surpresa e amedrontada com esse retorno repentino, a perversa Dionísia diz ao rei de Tiro que Társia morrera de dores de estômago algum tempo antes, embora, na verdade, a moça estivesse viva – pois piratas a haviam raptado momentos antes de o escravo da mulher tentar cumprir a ordem de assassiná-la. Nesse momento, então, Apolônio volta a viver profundo luto, pois, se catorze anos antes perdera a esposa, agora, em sua volta em busca da filha, descobre que também essa já não vivia. Por isso, um intenso sentimento de pesar o leva à decisão de se isolar no porão de seu navio, condição em que, como vimos no tópico anterior, Atenágoras o encontrará e se empenhará em auxiliá-lo a superar. Portanto, no que se refere à relação entre Társia e Apolônio, podemos afirmar que há pelo menos dois momentos: o primeiro diz respeito a quando ambas as personagens ignoram o laço de parentesco, ou seja, que são pai e filha; já o segundo, por outra parte, concerne ao momento em que se dá o reconhecimento, tudo culminando numa cena de tocante emoção da trama.

Como ilustração do vínculo estabelecido entre Apolônio e Társia quando ainda desconhecem serem pai e filha, destacamos o seguinte excerto:

Ante estas palabras levantó la cabeza Apolonio y vio a la muchacha, y gimió y dijo: «¡Ay de mí, desdichado! ¿Por cuánto tiempo tengo que luchar contra la piedad?» Entonces, incorporándose, se sentó y le dijo: «Mi más profundo agradecimiento a tu sabiduría y nobleza; a cambio de tu consuelo te prometo, como te mereces, esta compensación: si algún día se me permite sentir alegría y enaltezco el poder de mi reino, entonces tal vez te lleve de nuevo junto a tus padres, ya que dices que tú eres de linaje de reyes. Así que ahora toma doscientos áureos y regocíjate como si me hubieras llevado hasta la luz. Vete,

²²⁴ HA, 29-36; trad. LÓPEZ, 1997, p. 118-127.

y te ruego que no me dirijas más la palabra, pues me has reavivado un reciente sufrimiento» (HA, 41; trad. López, 1997, p. 132-133).²²⁵

Nessa passagem, fica evidente o respeito com o qual Apolônio trata a moça, apesar de ela perturbar seu período de luto, contrariamente à ordem dada a seus escravos. Além da educação – expressão de bons modos já esperada de alguém da nobreza, pelo menos no senso comum –, o soberano de Tiro ainda oferece uma considerável quantia de dinheiro para recompensar a jovem, prometendo-lhe – tinha real intenção de cumprir? – ajuda para reencontrar seus pais, caso ele conseguisse recuperar seu reino algum dia. Mesmo em estado de depressão, Apolônio não se priva de interagir com Társia em um jogo de adivinhas, lenitivo para seu espírito deprimido ao menos por alguns instantes.

Logo depois, no entanto, ele ordena à menina que se retire e o deixe viver sua amargura em solidão, imposição que Társia negligencia em razão de sua própria virtude. E é exatamente em consequência dessa decisão da jovem que o leitor se vê conduzido à cena do reconhecimento, momento em que, como a moça novamente desobedece à ordem de se afastar e, ainda mais, movida pela piedade, agarra as vestes de Apolônio para tirá-lo daquele porão, o rei de Tiro se irrita e desfere-lhe um golpe que a faz cair e machucar-se:

[...] y [Társia] asió sus ropas de luto [de Apolônio] y trataba de arrastrarlo hacia la luz. Pero él la empujó y la hizo caer. Al caer ella, comenzó a salirle sangre de la nariz y la muchacha, sentándose, comenzó a llorar y a decir con gran aflicción: «¡Cruel designio de los cielos, que permites que yo, que soy inocente de toda culpa, sea perseguida por tan terribles desgracias desde la cuna misma! Pues inmediatamente después de venir al mundo en medio del mar entre olas y tormentas, mi madre murió en el parto al retroceder las secundinas hasta el estómago y coagularse la sangre, y le fue negada la sepultura de la tierra. Ataviada por mi padre con las alhajas reales y depositada en un ataúd con veinte sestercios de oro, fue entregada a Neptuno. Y yo, colocada en una cuna, fui entregada por mi padre al impío Estranguilión y a su esposa Dionisiade junto con alhajas y ropas reales, y por su causa estuve incluso al borde de una muerte a traición y se ordenó que fuera asesinada por un esclavo de su infamia, llamado Teófilo. Y cuando él estaba dispuesto a matarme, le supliqué que me permitiera rezar a Dios. Mientras rogaba, se presentan piratas que por la fuerza me llevan consigo y me traen a esta región. Y fui vendida a un impío lenón.»

Y cuando la muchacha decía llorando estas y otras cosas similares, Apolonio, precipitándose a sus brazos, empezó a decirle llorando de alegría: «¡Tú eres mi hija Tarsia! ¡Tú eres mi única esperanza! ¡Tú eres la luz de mis ojos; es a

²²⁵ Em latim, HA, 41.10-15

10. — *O me mīi Quamdiu contra pietatem luctor?*

12. *Erigens se ergo adsedit et ait ad eam:*

13. — *Ago prudentia e et nobilitati tuae nunc rependo, aut mihi nunc tuum gratia quandoque si laetari mihi licuerit, et regni mei uiribus releuem; et sic forsitan, ut dicis te regiis natalibus ortam, tuis te parentibus repraesento.* 14. *Nunc ergo accipe aureos ducentos et ac si in lucem produxeris me, gaude.* 15. *Vade; et rogo ulterius ne me appelles; recentem enim mihi renouasti dolorem.*

ti a la que lloro y por tu madre guardo luto durante catorce años! Ya voy a morir contento, porque me ha sido devuelta una esperanza rediviva» (HA, 44-45; trad. López, 1997, p. 136-137).²²⁶

Apesar de Apolônio ter agido cordialmente para com a jovem até o início dessa passagem, no instante em que Társia tenta retirá-lo de seu luto, ele perde o controle de suas emoções, abandona a compostura e, agindo de forma violenta, machuca a menina a ponto de sangrar-lhe o nariz. Essa sequência de ações, conforme pondera Schmeling (1996, p. 524-525), constitui um claro paralelo com a cena inicial da trama de HA, quando a filha de Antíoco é estuprada pelo pai e gotas de sangue caem ao chão. Contudo, é preciso salientar que, agora, a violência funciona positivamente no enredo (mesmo que isso pareça paradoxal), pois o empurrão e o machucado disparam o processo do reencontro, uma vez que, ferindo-se, Társia irrompe em lágrimas, verte seus sentimentos e lembra, por meio de uma narrativa, todos os sofrimentos por que passou desde o seu nascimento até aquele momento. E é essa súbita narração que leva Apolônio a reconhecer na prostituta que tem a sua frente a filha que pensava estar morta.

A partir do momento em que toma conhecimento de que sua filha está viva e também de todos os perigos e ofensas que ela sofrera, o rei de Tiro inicia o processo de punição dos inimigos de Társia (e, por extensão, seus também), a saber, o proxeneta da cidade Mitilene e os falsos amigos Estranguilião e Dionísia. O aspecto de Apolônio, então, é o de um pai protetor, terno e sensível, como podemos observar em:

[...] Se prepara una enorme tribuna en el foro y, vistiendo a Apolonio con ropas reales despojándolo de toda la miseria del luto que llevaba y cortándole el cabello, le ponen una corona; y sube con su hija Tarsia a la tribuna. Y manteniéndola abrazada en presencia de todo el pueblo, las lágrimas le impedían hablar (HA, 46; trad. López, 1997, p. 138).²²⁷

²²⁶ Em latim, HA, 44.2-45.3

44.2 *et apprehendens lugubrem uestem eius et ad lucem conabatur trahere.*

3. *At ille impellens eam consurrexit et cadere fecit, quae cum cecidisset, de naribus eius sanguis coepit egredi, et sedens puella coepit flere et cum magno maerore dicere:*

4. — *O ardua potestas caelorum, quae me pateris innocentem tantis calamitatibus ab ipsis cunabulis fatigari!* 5. *Nam statim ut nata sum in mari inter fluctus et procellas, parturiens me mater mea secundis ad stomachum redeuntibus coagulato sanguine mortua est, et sepultura ei denegata est terrae.* 6. *Quae tamen ornata a patre meo regalibus ornamentis et deposita in loculum cum uiginti sestertiis auri Neptuno est tradita.* 7. *Me namque in cunabulis posita, Stranguillioni impio et Dionysiadi eius coniugi a patre meo sum tradita cum ornamentis et uestibus regalibus, pro quibusque ad necis ueni perfidiam et iussa sum puniri a seruo uno infami nomine Theophilo.* 8. *At ille dum uoluisset me occidere, eum deprecata sum ut permitteret me testari dominiun.* 9. *Quem cum deprecor, piratae superueniunt qui me ui auferunt et ad istam deferunt prouinciam, atque lenoni impio sum uendita.*

[RA45] 1. *Cumque haec et his similia puella flens diceret, in amplexu illius ruens Apollonius coepit flere prae gaudio et dicere:* 2. — *Tu es filia mea Tarsia, tu es spes mea unica, tu es lumen oculorum meorum, consciusque flens per quattuordecim annos matrem tuam lugeo.* 3. *Iam laetus moriar, quia rediviva spes mihi est reddita.*

²²⁷ Em latim, HA, 46.6-7

Nesse fragmento, percebemos uma clara transformação do protagonista, pois, se antes ele se consumia em tristeza – vestindo a miséria do luto –, agora suas roupas reais e sua coroa fazem-no de um homem desventurado e malsinado um símbolo de poder. Nesse sentido, é “[...] o reencontro com a filha que o revive desse estado desesperador e o restaura ao seu papel adequado como rei” (Archibald, 1991, p. 16).²²⁸ E, se por um lado o fato de ocupar uma tribuna atribui-lhe também o caráter de juiz, por outro lado há mais um traço que se destaca: sua sensibilidade, materializada no abraço que envolve a filha e nas copiosas lágrimas que verte. Conforme pensamos, essas lágrimas são remorsos de, no reencontro com Társia, haver descoberto todo o sofrimento a que a menina fora submetida enquanto ele se fazia pai ausente. Esse estado sensível, no entanto, não o impede de buscar dupla justiça: na primeira, ocorre a punição do proxeneta, em Mitilene, e, na segunda, a do casal Estranguilião e Dionísia, em Tarso – todos os três executados pela população de suas respectivas cidades, as quais tomam as dores do rei. Nessa circunstância, Apolônio e Társia já não têm um vínculo estabelecido apenas por uma benevolência mútua ou por um mero diálogo educado, mas por uma conexão entre pai e filha que reforça o laço da amizade. Esse comportamento, na verdade, é o mais esperado, pois, como argumenta Aristóteles (1991, p. 187), “Pai e mãe amam, portanto, os seus filhos como a si mesmos (pois estes, em virtude de sua existência separada, são como que outros ‘eus’) [...]”. Disso decorre, ainda, que, apesar de Apolônio defender Társia e buscar justiça contra aqueles que a prejudicaram, ele, simultaneamente, também faz o mesmo a si próprio, lavando com o sangue dos malfeitores punidos qualquer mancha de desonra que o afete.

No entanto, ao tratarmos da relação entre Apolônio e Társia, não podemos deixar de observar a relação entre outras duas duplas de pai e filha sobre as quais já refletimos, isto é, o rei Antíoco, o rei Arquístrates e suas respectivas filhas. É López (1997, p. 43-44) quem aponta essa perspectiva tripla de relações paterno-filiais levantada por outros autores. A pesquisadora explica que, se por um lado Antíoco encarna o rei maldoso, perverso, deplorável e as características prototípicas desse tipo de personagem, por outro lado, Arquístrates figura como o rei bondoso, exemplar, modelo a ser seguido.²²⁹ Nesse espectro comparativo, de acordo com a autora, “[...] a atuação de Apolônio como pai, que nesse sistema de oposições seria o ‘termo

⁶ *Fit tribunal ingens in foro, et induentes Apollonium regalem uestem deposito omni squalore luctuoso quod habuit atque detonso capite diadema imponunt ei, et cum filia sua Tarsia tribunal ascendit. 7. Et tenens eam in amplexu coram omni populo lacrimis impediabatur loqui.*

²²⁸ “[...] the reunion with his daughter which revives him from this desperate state, and restores him to his proper role as a king” (ARCHIBALD, 1991, p. 16).

²²⁹ LÓPEZ, 1997, p. 46-47.

não marcado’ [isto é, neutro], representa o esforço por distanciar-se do primeiro e identificar-se com o segundo” (López, 1997, p. 44).²³⁰ Ela ainda acrescenta que Apolônio é

[...] uma personagem mais confusa e ambígua²³¹ que às vezes tem atuações tão pouco elegantes como a desdenhosa resposta ao ancião [Helênico] que pretende informá-lo da proscrição de que é objeto (cap. 8), que em ocasiões se comporta como um governante irresponsável abandonando Tiro furtivamente (cap. 7), renunciando a seus deveres de genro e convertendo-se em um simples comerciante (cap. 25), e que só ao final do relato é caracterizado como um monarca digno e temível que evidencia os atributos de poder os quais como tal lhe correspondem (López, 1997, p. 46-47).²³²

Desse modo, acreditamos estar suficientemente clara a relação de amizade estabelecida entre Apolônio e Társia, vínculo mais fortalecido especialmente após o momento em que se reconhecem como pai e filha. Entendemos que, embora Apolônio não configure uma personagem modelo em suas ações, ainda assim há o perceptível esforço de sua parte em distanciar-se das práticas de Antíoco e aproximar-se do exemplo do sogro, Arquístrates. Entendemos, finalmente, que existe em Apolônio um aspecto contraditório que seria um elemento humanizador dessa personagem, já que os seres humanos não são capazes de seguir sempre todas as suas convicções e ideais, haja vista a inevitável condição de seres imperfeitos, isto é, que inevitavelmente falham em algum momento. O que o distanciaria dos maus exemplos, nesse caso, seria a atitude tomada diante dos erros: uma mudança de comportamento ou, tal qual Antíoco, persistir na atitude reprovável sem se importar com aqueles a quem ama – ou deveria amar.

4.1.7. Habitantes de Tarso

Conforme dissemos anteriormente, em HA existem várias cidades que figuram como cenário de ação, e, em algumas ocasiões, como se fosse uma única personagem, a população dessas regiões interage com o protagonista. Uma dessas ocorrências salta aos olhos, pois diz respeito à ocasião em que a cidade de Tarso se opõe a dois de seus moradores – Estranguilião

²³⁰ “[...] la actuación de Apolonio como padre, que en este sistema de oposiciones sería el ‘término no marcado’, representa el esfuerzo por alejarse del primero e identificarse con el segundo” (LÓPEZ, 1997, p. 44).

²³¹ Em nossa interpretação, Apolônio configura-se não como uma personagem ambígua, tal qual o qualifica López (1997, p. 47), mas contraditória.

²³² “[...] un personaje más confuso y ambiguo que a veces tiene actuaciones tan poco elegantes como la desdenhosa respuesta al anciano [Helênico] que pretende informarle de la proscripción de la que es objeto (cap. 8), que en ocasiones se comporta como un gobernante irresponsable abandonando Tiro furtivamente (cap. 7), renunciando a sus deberes de yerno y convirtiéndose en un simple mercader (cap. 25), y que sólo al final del relato es caracterizado como un monarca digno y temible que hace gala de los atributos de poder que como tal le corresponden” (LÓPEZ, 1997, p. 46-47).

e Dionísia. Entendemos que esse caso seja proeminente porque, se Antíoco e o leno são personagens más desde o início do enredo, no entanto, de outro lado, o casal Estranguilião e Dionísia eram amigos de Apolônio, mas o traem covardemente. E é justamente a população de Tarso que faz justiça a Apolônio ao punir esse casal de traidores e de falsos amigos.

Por acolher, oferecer refúgio e manter o esconderijo de Apolônio em segredo, garantindo-lhe a proteção necessária quando o rei Antíoco o perseguia, Tarso figura como um dos elementos decisivos para que o rei de Tiro consiga superar os perigos e alcançar seu final feliz. Se isso já não fosse o bastante para conferir destaque a essa cidade, ela ainda é o lugar onde cresce Társia e a partir do qual, inclusive, a princesa recebe o nome. Aliás, o primeiro contato entre o protagonista e essa cidade amiga deu-se em um contexto de profunda necessidade, quando os moradores estavam à beira da morte causada pela fome e tendo chegado Apolônio, ele anunciou-lhes que providenciaria todo auxílio necessário:

[...] «Ciudadanos de Tarso, a los que inquieta y atenaza la escasez de cereal, yo, Apolonio de Tiro, os aliviaré, pues creo que vosotros, acordándoos de esta buena acción, mantendréis en secreto mi huida. Sabed, pues, que yo he huido de la justicia del rey Antíoco pero, merced a vuestra buena suerte, he sido traído hasta aquí, junto a vosotros. Así, pues, os daré cien mil modios de trigo al precio por el que los compré en mi patria, es decir, a ocho monedas de cobre cada modio.» Los ciudadanos de Tarso, que compraban cada modio a un áureo, daban regocijados las gracias entre aclamaciones, porfiando para conseguir trigo. Pero Apolonio, para no dar la impresión de que actuaba como un mercader más que como un benefactor perdiendo su dignidad de rey, devolvió para provecho de la misma ciudad el dinero que había recogido. Los ciudadanos por su parte, colmados de tan grandes favores, deciden erigir una estatua de bronce, y la colocaron en el foro, en pie sobre un carro de dos caballos, sosteniendo en la mano derecha espigas y pisando con el pie izquierdo un modio. En el pedestal grabaron lo siguiente:

LA CIUDAD DE TARSO DEDICÓ A APOLONIO DE TIRO ESTE PRESENTE PORQUE ALIVIÓ SU ESCASEZ Y SU HAMBRE (HA, 10; trad. López, 1997, p. 98-99).²³³

²³³ Em latim, HA, 10.2-9

2. — *Ci ues Tarsis, quos annona e penuria t. Credb anim uos t o p p huius beneficii memores fugam meam celaturos.* 4. *Scitote enim me legibus Antiochi regie esse fugatum; sed uestra Felicitate faciente hucusque ad uos sum delatus.* 5. *Dabo itaque uobis centum milia modiorum frumenti eo pretio, quo sum in patria mea mercatus, id est octo aereis singulos modios.*

6. *Ciues uero Tarsis, qui singulos modios singulos aureos mercabantur, exhilarati facti acclamationibus gratias agebant certatim accipientes frumentum.*

7. *Apollonius autem, ne deposita regia dignitate mercatoris uideretur adsumere nomen magis quam donatoris, pretium quod acceperat utilitati eiusdem ciuitatis redonauit.*

8. *Ciues uero his tantis beneficiis cumulati optant ei statuam statuere ex aere et eam collocauerunt in biga in foro stantem, in dextra manu fruges tenentem, sinistro pede medium calcantem et in base haec scripserunt:* 9. *TARSIA CIVITAS APOLLONIO TYRIO DONVM DEDIT EO QVOD STERILITATEM SVAM ET FAMEM SEDAVIT.*

Num primeiro momento, em troca do auxílio dos habitantes de Tarso em relação a sua urgência de ocultar sua localização – certamente morreria caso o rei Antíoco viesse a descobrir seu paradeiro –, o rei de Tiro oferece-lhes trigo a preço muito mais baixo que o de mercado. A população de Tarso, beneficiada por receber alimento a custo tão pequeno, imediatamente se mostra favorável a Apolônio e revela-se ainda mais agradecida e fiel quando este decide devolver o pouco dinheiro que cobrara pelo trigo. Como se pode ver no excerto, o agradecimento materializa-se especialmente na fabricação de uma estátua em honra do benfeitor estrangeiro.

Nesse primeiro momento, Apolônio não é ainda considerado amigo pelos moradores de Tarso; Konstan (2005, p. 5), contudo, tratando do estabelecimento da amizade, aponta para a ideia de que presentes são um meio de fazer amigos.²³⁴ É bem verdade que o protagonista não oferece o trigo já de início como um presente, ou seja, sem custo algum; todavia, ele desiste de cobrar pelo alimento e deixa o valor que os habitantes pagaram a serviço da própria cidade. Como podemos perceber no texto, a população fica imensamente satisfeita com a proposta de Apolônio e não apenas decide auxiliá-lo a se proteger de Antíoco, mas ainda lhe rende louvores. Não se pode negar que as ações das personagens não têm em vista, na verdade, qualquer benefício próprio unilateral; antes, diríamos, trata-se de uma verdadeira troca de favores: se, da parte de Apolônio, ele precisa se esconder e dispõe de trigo em abundância em seu navio, da parte dos moradores de Tarso, eles podem ocultar e proteger Apolônio, mas carecem de alimento. O resultado é uma interação equilibrada de auxílio mútuo, ou, em outras palavras, encontra-se nessa relação uma benevolência recíproca – um dos elementos necessários para a amizade, conforme Aristóteles (1991, p. 176).

Ainda, segundo Konstan (2005, p. 16), “[...] A lealdade pode assumir várias formas: nos textos gregos do período clássico (e, também, posteriormente), ela é com frequência interpretada como a obrigação de prestar assistência a um amigo em tempos de crise.” Da parte de Apolônio, é muito evidente o auxílio aos moradores de Tarso em tempos de calamidade, como temos discutido. Da parte dos cidadãos, contudo, para além de acolherem ao rei de Tiro, há outro momento em que se mostram leais a esse soberano, a saber, no momento em que punem os falsos amigos Estranguilião e Dionísia:

²³⁴ “[...] Fundamentando-se no trabalho de Bronislaw Malinowski (1922: 176), Marcel Mauss, um aluno de Emile Durkheim, escreveu em sua monografia inspiradora, *The Gift* (1967 [orig. 1923-4]: 140): ‘Se amigos proporcionam presentes, presentes proporcionam amigos. Muito mais do que nossos próprios negócios, uma grande proporção das trocas primitivas tem neste caráter instrumental a sua função decisiva: o fluxo material subscreve ou inicia as relações sociais’” (KONSTAN, 2005, p. 5).

[...] y [Apolonio] con un ejército, llegó navegando a la ciudad de Tarso. Al punto Apolonio ordena apresarse a Estranguilión y a Dionisiade y tomando asiento en la tribuna del foro mandó que fuesen conducidos a su presencia. Cuando habían sido puestos ante él, Apolonio dijo delante de todos: «Muy dichosos ciudadanos de Tarso, ¿acaso Apolonio de Tiro se ha portado en alguna situación como un ingrato con alguno de vosotros?» Y ellos gritaron al unísono diciendo: «A ti el título de rey, a ti el título de padre de la patria te dimos y te lo damos para siempre. Por ti quisimos y queremos morir, porque con tu ayuda vencimos el peligro del hambre y la muerte. De esto da testimonio la estatua que te representa, colocada por nosotros sobre un carro.» [...] Entonces todos los ciudadanos, una vez hecha con su testimonio la confesión y explicada la verdad de lo sucedido, cogiendo por la fuerza en medio de un tumulto a Estranguilión y Dionisiade, los llevaron fuera de la ciudad y los mataron a pedradas y los arrojaron en medio del campo a las bestias de la tierra y a las aves del cielo para que sus cuerpos fueran también privados de la sepultura de la tierra (HA, 50; trad. López, 1997, p. 142-143).²³⁵

No trecho anterior, o protagonista retorna a Tarso em companhia da filha, que acreditava morta segundo informação inventada por Dionísia, a falsa amiga moradora de Tarso que tramara e encomendara o assassinato da princesa. Ao chegar à cidade, Apolônio convoca os moradores ao fórum e os interpela a respeito de seu próprio caráter para com eles. Os habitantes de Tarso, então, respondem que Apolônio é para eles uma referência, razão pela qual haviam erigido um monumento em sua honra. Depois disso, Apolônio denuncia o crime de Dionísia e Estranguilião e mais uma vez a população demonstra sua lealdade ao rei, punindo os criminosos com a morte.

O que se percebe na atitude dos cidadãos de Tarso – tanto quando acolhem e escondem Apolônio como quando punem aqueles que ameaçaram a vida de sua filha – é o esforço em cumprir algo próximo ao que Aristóteles disse sobre as amizades desiguais. Como já mencionamos, para esse filósofo, a relação entre reis e súditos não é igualitária, antes, na realidade, cada parte retribui como pode.²³⁶ Assim, os moradores da cidade jamais conseguiriam retribuir a benevolência de Apolônio da mesma forma que ele os beneficiara.

²³⁵ Em latim, HA, 50.2-9 e 50.28

2. *Et cum eodem et filia et coniuge et cum exercitu nauigans Tarsum ciuitatem uenit.*

3. *Apollonius statim iubet comprehendere Stranguillionem et Dionysiadem, et sedens pro tribunal!* 4. *In foro adduci sibi illos praecepit.*

5. *Quibus adductis coram omnibus Apollonius ait:* 6. — *Ciues beatissimi Tarsi, numquid Tyrius Apollonius alicui uestrum in aliqua re ingratus exstitit?*

7. *At illi una uoce clamauerunt dicentes:* 8. — *Te regem, te patrem patriae et diximus et in perpetuum dicimus; pro te mori optauimus et optamus, cuius ope famis periculum uel mortem transcendimus.* 9. *Pro hoc et statua tua a nobis posita iunctis amicis e- sub testificatione confessione facta et addita uera ratione — confusi rapientes Stranguillionem et Dionysiadem tulerunt extra ciuitatem et lapidibus eos occiderunt et ad bestias terrae et uolucres caeli in campo iactauerunt, ut etiam corpora eorum terrae sepulturae negarentur.*

²³⁶ ARISTÓTELES, 1991, p. 178, 192 e 193.

Contudo, de acordo com o que podiam, os cidadãos de Tarso demonstraram em suas atitudes lealdade e amizade para com o protagonista, haja vista que, em primeiro lugar, ajudam-no a se manter vivo e, depois, punem os malfeitores que colocaram em risco a vida da princesa Társia, sua filha.

4.2. TÁRSIA E SUAS AMIZADES

Tal qual os laços de amizade de Apolônio, o vínculo estabelecido por Társia é de suma importância para que ela ultrapasse os desafios que encontra em sua trajetória. Nesse contexto, faz-se necessária a análise da união entre a princesa e Atenágoras, personagem que a ampara, mas de modo marcadamente contraditório.

4.2.1. Atenágoras

A relação entre Társia e Atenágoras é uma das mais ambíguas de todo o enredo. Embora essas duas personagens terminem a história casados, não se pode esquecer que, no momento em que haviam se conhecido, Atenágoras quisera comprar a jovem como uma prostituta, conforme lemos no excerto, com o objetivo de se aproveitar sexualmente dela:

Y entonces, los que habían raptado a Tarsia llegaron a la ciudad de Mitilene. Y la hacen bajar entre los restantes esclavos y la exhiben en el foro como mercancía. Y al oírlo un lenón, hombre siniestro, no quiso comprar hombre ni mujer excepto a la joven Tarsia, y empezó a pujar para comprarla. Pero el principal de aquella ciudad, llamado Atenágoras, dándose cuenta de que estaba expuesta a subasta pública una doncella de noble origen, instruida y muy hermosa, ofreció diez sestercios de oro. Pero el lenón quiso dar veinte. Atenágoras ofreció treinta, el lenón cuarenta, Atenágoras cincuenta, el lenón sesenta, Atenágoras setenta, el lenón ochenta, Atenágoras noventa, y en ese momento el lenón da cien sestercios de oro y dice: «Si alguien da más, yo daré diez por encima.» Atenágoras dijo: «Si yo me empeño en pujar con este lenón, para comprar una voy a vender muchas. Al contrario, voy a permitirle que compre y cuando él la haya instalado en el prostíbulo, entraré el primero a verla y le arrancaré el himen de su virginidad por un precio insignificante, y para mí será como si la hubiera comprado» (HA, 33; trad. López, 1997, p. 123).²³⁷

²³⁷ Em latim, HA, 33.1-10

[RA33] 1. *Igitur, qui Tarsiam rapuerunt, aduenerunt in ciuitatem Mytilenen.* 2. *Deponiturque inter cetera mancipia et uenalis in foro proponitur.*

3. *Audiens autem hoc leno, uir infaustissimus, nec uirum nec mulierem uoluit emere nisi Tarsiam puellam et coepit contendere ut eam emeret.*

4. *Sed Athenagora nomine princeps eiusdem ciuitatis intellegens nobilem et sapientem et pulcherrimam uirginem ad uenalia positam, obtulit decem sestertia auri.* 5. *Sed leno uiginti dare uoluit.* 6. *Athenagora obtulit triginta, leno*

Nesse trecho, vê-se um homem poderoso e frio, uma vez que Atenágoras reconhece em Társia uma jovem com instrução e traços de nobreza. Apesar disso, seu primeiro impulso não é saber sua história, tomar conhecimento da razão pela qual ela está naquela condição de escrava; em vez disso, seu primeiro impulso é comprá-la para satisfazer seus desejos libidinosos. No caminho de realizar essa intenção, porém, acontece que um leno da mesma cidade vê Társia como um bom investimento para seu bordel e, pensando no lucro que haveria de obter com ela, decide disputá-la no leilão e comprá-la a qualquer custo. Diante dessa insistência do seu rival no leilão, Atenágoras revela um outro lado de seu caráter, o da mesquinhez, isto é, ele quer adquirir a moça desde que, para isso, não seja necessário gastar muito. E como o dono do bordel parece disposto a empregar todos os recursos necessários para comprar a garota, Atenágoras traça um plano: permitiria que o leno comprasse a moça e a oferecesse em seu lupanar, assim, ele poderia ir ao estabelecimento e, como cliente, oferecer uma quantia muito inferior à do leilão para, enfim, desvirginar Társia gastando muito menos. Para sentir-se realizado, esse homem nobre não precisava ser dono de Társia, bastava romper-lhe o hímen pagando um preço mínimo.

A forma perversa como Atenágoras pensa e age nessa parte da história é, no mínimo, contraditória. Tendo-se em vista que ele, em momento algum, parece se preocupar com a moça, seria possível dizer que essa personagem é inimiga da filha de Apolônio, pois claramente pretende fazer mal a ela. Entretanto, o curso da história se altera no momento em que o príncipe de Mitilene entra no quarto de Társia no bordel:

[...] el príncipe Atenágoras acudió el primero y con la cabeza tapada entra en el lupanar. Y una vez que hubo entrado, se sentó; y llegó Tarsia y cayó a sus pies y dijo: «¡Ten piedad de mí! Por tu juventud te imploro que no te prestes a violarme bajo tan vergonzosa condición. Reprime tus deshonestos deseos y escucha los infortunios de mi debilidad y atiende al linaje de mis ascendentes.» Cuando le hubo contado todos sus infortunios, el príncipe se desconcertó y, llevado por la piedad, quedó totalmente estupefacto y le dijo: «Incorpórate. Conocemos los avatares de la fortuna: somos seres humanos. Y también yo tengo una hija doncella, por la cual puedo temer un infortunio semejante.» Diciendo estas palabras sacó cuarenta áureos y se los puso en la mano a la doncella y le dijo: «Señora Tarsia, aquí tienes más de lo que exige tu virginidad. Actúa igual con los que vengan hasta que seas liberada.» Y la muchacha dijo entre abundantes lágrimas: «Mi más profundo agradecimiento

quadraginta, Athenagora quinquaginta, leno sexaginta, Athenagora septuaginta, leno octoginta, Athenagora nonaginta, leno in praesenti dat centum sestertia auri et dicit: 7. — Si quis amplius dederit, decem dabo supra.

8. *Athenagora ait: 9. — Ego si cum hoc lenone contendere uolueró, ut unam emam, plurium uenditor sum. 10. Sed permittam eum emere, et cum ille eam in prostibulo posuerit, intrabo prior ad eam et eripiam nodum uirginitatis eius uili pretio, et erit mihi ac si eam emerim.*

a tu piedad» (HA, 34; trad. López, 1997, p. 124-125).²³⁸

Não resta dúvida, ao ler essa passagem, que há uma mudança nas intenções e nas ações de Atenágoras para com Társia. Em primeiro lugar, ocorre uma identificação humana, expressa nas palavras *Acimus fortunae casus: homines sumus*. (“Conhecemos as vicissitudes do destino: somos humanos”, HA, 34.10; tradução nossa),²³⁹ isto é, o príncipe dá-se conta de que qualquer pessoa poderia passar por algo tão inesperado quanto a situação vivida pela moça, pois a condição da vida humana é ser permeada de situações imprevisíveis. Além disso, ocorre também um outro reconhecimento da parte de Atenágoras: ao ver Társia, ele se recorda de uma filha mencionada apenas nesse momento do romance. Essa memória pessoal e particular – como costumam ser os filhos – parece ter sido motivo suficiente para que o príncipe de Mitilene contivesse seus desejos sexuais e mudasse seus planos para com a menina. A partir desse momento, ele demonstra respeitá-la – comportamento que se evidencia também nas palavras, no modo como Atenágoras a ela se dirige: *Domina Tarsia* (“Senhora Társia”, HA, 34.13; trad. LÓPEZ, 1997, p. 124) e *Tarsia domina* (“Mi señora”, HA, 40.26; trad. LÓPEZ, 1997, p. 131) – e procura confusamente protegê-la.

A confusão dos cuidados de Atenágoras para com Társia transparece em suas ações, pois, mesmo sendo príncipe e muito influente na região, ele não toma a medida mais óbvia para a proteção da garota: ele poderia simplesmente comprá-la do leno e libertá-la.²⁴⁰ Diferentemente, ele prefere instruir Társia a prostrar-se de joelhos e, com prantos, narrar suas desventuras e sofrimentos e clamar por piedade a cada homem que a procurasse em seu quarto – do mesmo modo que ela havia feito com ele. E, curiosamente, essa estratégia funciona e mantém intacta a virgindade da filha de Apolônio,²⁴¹ embora ela certamente não fosse a mais

²³⁸ Em latim, HA, 34.2-16

2. *Sed Athenagora princeps affuit prior et uelato capite ingreditur ad lupanar.*

3. *Sed dum fuisset ingressus, sedit.* 4. *Et aduenit Tarsia et procidit ad pedes eius et ait:* 5. — *Miserere mei!* 6. *Per iuuentutem tuam te deprecor ne uelis me uiolare sub tam turpi titulo.* 7. *Contine impudicam libidinem et audi casus infelicitatis meae uel originem stemmatum considera.*

8. *Cui cum uniuersos casus suos exposuisset, princeps confusus est et pietate ductus uehemen ter obstupuit et ait ad eam:* 9. — *Erige te.* 10. *Acimus fortunae casus: homines sumus.* 11. *Habeo et ego filiam uirginem, ex qua similem possum casum metuere.*

12. *Haec dicens protulit quadraginta aureos et dedit in manu uirginis et dicit ei:* 13. — *Domina Tarsia, ecce babes amplius quam uirginitas tua expostulat.* 14. *Aduenientibus age similiter, quousque liberaberis.*

15. *Puella uero profusis lacrimis ait:* 16. — *Ago pietati tuae maximas gratias.*

²³⁹ “[...] Conocemos los avatares de la fortuna: somos humanos” (HA, 34; trad. LÓPEZ, 1997, p. 124).

²⁴⁰ LÓPEZ, 1997, p. 22.

²⁴¹ Destaque-se: a construção da personagem Társia parece retomar a tradição literária da personagem feminina “facúndia”, aquela que tem facilidade e habilidade em discursar e que se utiliza disso como uma arma acurada e infalível. Assim, essa princesa evoca outras personagens que seduzem os homens no sentido de conseguirem fazê-los desistirem do que antes pretendiam (assassinar, violentar, etc.).

confiável ou segura, uma vez que a princesa corria constante risco de ser violada, ficando à mercê apenas da eventual compaixão de cada novo cliente. Caso algum deles fosse impiedoso como era o proxeneta que a comprara dos piratas, por exemplo, de nada adiantariam suas palavras e lágrimas. Nesse sentido, ao permitir que Társia continuasse naquela condição, Atenágoras age, no mínimo, de modo confuso ou estúpido.

Além dessa ocorrência, destacamos um outro momento em que Atenágoras age de forma imprudente, quando ele promove o encontro entre Apolônio e a princesa. Nesse momento da história, o rei de Tiro está deprimido no porão do navio e Atenágoras não consegue, com seus próprios esforços, demovê-lo de tal condição. Por esse motivo, e por suspeitar em seus pensamentos de que esse homem do porão é o pai de Társia,²⁴² ele decide chamar a menina para promover o encontro entre ambos. O problema é que a forma como Atenágoras organiza esse contato entre pai e filha oferece um grande risco, que consiste em que ocorram relações sexuais entre pai e filha, pois Társia, para todos os efeitos, era, a rigor, uma jovem destinada a servir como objeto sexual. Estando ela sozinha junto a um homem com a tarefa de alegrá-lo, fica subentendido nessa situação que o prazer desse encontro será de natureza sexual. Caso ocorresse ato sexual entre a moça e o protagonista, isso configuraria incesto, tema que perpassa toda a trama e que é absolutamente malvisto pelas personagens; afinal, a primeira referência a essa prática reprovável é a do pérfido rei Antíoco, o exemplo a ser evitado.²⁴³

Nessa perspectiva, à medida que Apolônio passa a procurar espaços cada vez mais distantes do rei de Antioquia, tal procedimento – mesmo inconsciente –, para além da fuga imediata ao risco de vida, indica alegoricamente que a personagem Apolônio se constrói a partir de um afastamento em relação aos valores acolhidos na construção da personagem Antíoco, indo em direção aos valores acolhidos pela personagem do rei Arquístrates. A atitude de Atenágoras, contudo, põe em grande risco esse esforço, dado que ele, suspeitando tratarem-se de pai e filha, encerra no mesmo espaço um homem solitário e triste e a mais bela jovem de um prostíbulo, sem que esses dois conhecessem, na verdade, sua efetiva identidade familiar.

Desse modo, Atenágoras, em nível de estratégia narrativa, é uma personagem mal construída, porquanto age de forma obtusa, quando de fato não o é, ou como um antagonista,

²⁴² “Y Atenágoras dijo para sus adentros al oír el nombre: ‘Y Társia llama ‘Apolonio’ a su padre’” (HA, 40; trad. LÓPEZ, 1997, p. 130). **Em latim, HA, 40.2-3**

[RA40] 1. *Athenagora uero ait intra se audito nomine:*

2. — *Et Tarsia Apollonium nominat patrem.* 3. *Et demonstrantibus pueris peruenit ad eum.*

²⁴³ LÓPEZ, 1997, p. 44.

quando também de fato não o é.²⁴⁴ Na verdade, sempre em nível de estratégia, entendemos que aqui se dê a criação de suspense, pois o perigo do incesto espreita a interação dessas duas personagens quando Társia e Apolônio ignoram que são filha e pai, e estão fechados sozinhos no porão do navio. Essa ameaça só é interrompida com um casual golpe de violência: um empurrão que Apolônio desfere contra a menina – e não um estupro, como no caso de Antíoco. Essa agressão é forte o suficiente para ferir o nariz de Társia, por onde brota o sangue dela. Junto à dor física, vêm à tona também suas dores da alma, suscitadas por tantas tristezas desde seu nascimento. Então, é a partir desse ponto, como vimos anteriormente, que a princesa se lamentará de tudo por quanto passou e, nesse relato, cintilará a chave de reconhecimento com a qual Apolônio reconhecerá a filha. Se – sempre emblematicamente – na *Odisseia* é uma cicatriz na coxa de Ulisses que leva sua ama a reconhecê-lo, em HA é uma cicatriz da alma – derivada de uma ferida na carne – a responsável pelo reencontro; desse modo, a ferida no nariz de Társia figura como um eco da anagnórise presente no texto épico de Homero.

Além disso, a presença do sangue é simbolicamente violenta. Na cena inicial de HA, gotas de sangue caem do corpo da filha de Antíoco porque ela fora violada pelo próprio pai; agora, no porão do navio, o autor-anônimo faz uma vez mais o sangue brotar e não casualmente, dado que o sangue de Társia, além de levar o leitor a relemburar a cena de incesto perpetrado por Antíoco, aponta também para a extinção do risco de Apolônio violar sua filha – haja vista que, com o ferimento, os ânimos do ambiente são alterados, sem contar que, a partir daí, a princesa contará sua história, revelando sua identidade – e, ainda, figura como o laço familiar que une Társia a Apolônio. Em outras palavras, se, na relação entre Antíoco e sua filha, o sangue causa o mal, já na relação entre Apolônio e Társia, ele desencadeia o bem. Assim, em nossa leitura, entendemos que o sofrimento de Apolônio se inicia, textualmente, com o derramamento do sangue da filha de Antíoco e acaba quando o sangue de Társia aflora, já que, tendo reencontrado a filha, os demais procedimentos, do ponto de vista do conteúdo literário, são mobilizados apenas para concretizar o desfecho da trama: faz-se necessário o protagonista reencontrar sua esposa, (re)assumir o poder dos reinos que lhe foram concedidos, recompensar aqueles que o ajudaram e fazer justiça aos que o prejudicaram e ter um filho homem, cuja existência dê prosseguimento à sua dinastia.

²⁴⁴ Atenágoras não é obtuso porque, como vemos na cena do leilão evocada anteriormente, ele é esperto o suficiente para realizar seu plano de gastar pouco e se aproveitar de Társia como prostituta. Porém, ele também não é um antagonista, porquanto, em vez de violentar a moça, Atenágoras passa a auxiliá-la e, inclusive, promove o reencontro entre ela e seu pai, Apolônio. Assim, tendo em vista esses dois exemplos, acreditamos estar suficientemente claro que se trata de uma personagem confusamente construída.

Retomando a relação entre Társia e Atenágoras, após o episódio em que esse último instrui a moça a pedir clemência a cada novo cliente do bordel, o contato entre ambos parece estreitar-se um pouco mais:

[...] Cuando el capataz hizo esto, se produjo una aclamación tan grande del pueblo y una afición tan grande por parte de la ciudad hacia ella, que hombres y mujeres le llevaban cada día mucho dinero. Y el príncipe Atenágoras a Tarsia, que era ya famosa por su virginidad intacta y su distinción, la protegía como si fuera su única hija, hasta el punto de que le dio mucho dinero al capataz y la confió a su cuidado (HA, 36; trad. López, 1997, p. 127).²⁴⁵

Na verdade, descobrindo que Társia permanecia virgem, o proxeneta de Mitilene via nisso um problema, pois, se ela conseguia obter grandes quantias de dinheiro sendo casta, muito mais obteria após ser desvirginada. Por isso, o pérfido homem ordena a seu capataz que ele mesmo arranque a virgindade da menina. Társia, por sua vez, suplica por piedade ao empregado,²⁴⁶ pedindo-lhe que permita utilizar ela seus conhecimentos e habilidades artísticas a fim de obter mais riquezas. Ela lhe propõe, então, fazer apresentações em áreas públicas com muita gente, recitando versos e tocando e entoando canções, estratégia que funciona bem, conforme se observa no trecho evocado.

Dessas palavras, transparece uma relação mais próxima entre Társia e Atenágoras, um vínculo, talvez, até com alguma ternura, dado que a figura de comparação utilizada pelo narrador para expressar o zelo do príncipe de Mitilene é *ac si unicum suam filiam* (HA 36.5, “como si fuera su única hija”, trad. López, 1997, p. 127). O romance não oferece mais detalhes dessa associação, mas deduzimos desse excerto que ambas as personagens conservam um liame de amizade, já que Társia é dada em casamento a Atenágoras mais adiante na narrativa e, embora ela não aceite com euforia – similarmente ao comportamento de Apolônio quando aceita casar-se com a filha de Arquístrates –, tampouco demonstra qualquer reprovação dessa escolha de seu pai.²⁴⁷

²⁴⁵ **Em latim, HA, 36.4-5**

4. *Quod cum fecisset uillicus, tanta populi acclamatio tantusque amor ciuitatis circa earn excrebruit, ut et uiri et feminae cotidie ei multa conferrent.* 5. *Athenagora autem princeps memoratam Tarsiam integrae uirginitatis et generositatis ita earn custodiebat ac si unicum suam filiam, ita ut uillico multa donaret et commendaret eam.*

²⁴⁶ É possível ver aqui a repetição – ainda que atenuada – do motivo da criança salva às portas da morte pela piedade de quem devia assassiná-la. Isso já havia acontecido em outros momentos de HA – com o escravo de Dionísia que quase mata Társia e com Atenágoras, que quase a violenta – e pode ser encontrado, também, no *Édipo* de Sófocles.

²⁴⁷ “[...] ¿Qué más? Al cabo de unos pocos días entrego su hija al príncipe Atenágoras con gran pompa y en medio de la alegría de la ciudad” (HA, 47; trad. LÓPEZ, 1997, p. 139). **Em latim, HA, 47.8-9:**

8. *Quid multa?* 9. *Inter paucos dies tradidit filiam suam Athenagorae principi cum ingenti honore ac ciuitatis laetitia.*

No que concerne aos pressupostos da amizade, a disposição de Atenágoras em ajudar Társia pode ser considerada um indicativo desse vínculo entre eles, como já vimos em Konstan (2005, p. 81). Portanto, como buscamos evidenciar, a relação entre as personagens é autenticamente amistosa, mesmo que, por vezes, um tanto confusa, especialmente em razão das ações contraditórias do príncipe de Mitilene. Apesar de suas ambiguidades, Atenágoras garante um papel importante na trama ao levar, concomitantemente, auxílio a Apolônio e a Társia, e, também, por promover o reencontro tão esperado de pai e filha. Assim, se por um lado essa personagem demonstra ser fria, devassa e sovina, por outro, não se pode negar sua atitude de respeito, ternura e auxílio para com a jovem princesa.

4.3. APOLÔNIO E SUAS INIMIZADES

Após termos analisado as relações de amizade, urge observar o lado oposto desse vínculo, isto é, as relações de inimizade. Essas associações também influem significativamente na ação da trama, favorecendo o engendramento e a sucessão de seus episódios, porquanto, se os amigos auxiliam os protagonistas, os inimigos são exatamente os que suscitam as dificuldades ao longo do percurso narrativo.

4.3.1. Antíoco

O rei Antíoco é uma das maiores forças de oposição a Apolônio no decorrer da narrativa. Esse antagonismo dá-se, em primeiro lugar, porque o príncipe de Tiro pede-lhe em casamento a mão de sua filha, a qual para ele exercia papel de esposa. Em segundo lugar, porque Apolônio descobre o incesto que, até esse momento, era um segredo.

Logo depois que Apolônio decifra o enigma, Antíoco alega ao jovem que a resposta dada está errada, mas que lhe concederá uma nova chance, um prazo de um mês para que reconsidere sua resposta e tente novamente. Essa atitude do rei de Antioquia, no entanto, é um subterfúgio ardiloso e traiçoeiro, pois, mal Apolônio deixa o palácio, o perverso rei convoca seu fiel serviçal a fim de encomendar o assassinato daquele seu rival:

[...] «Taliarco, el más fiel fautor de mis secretos, has de saber que Apolonio de Tiro ha encontrado la solución de mi enigma. Así pues,

embarca rápidamente para perseguir al muchacho y, cuando llegues a Tiro, su patria, buscarás algún enemigo suyo que lo asesine con puñal o veneno» (HA, 6; trad. López, 1997, p. 94).²⁴⁸

A intenção de Antíoco, como se pode perceber, é claramente a de exterminar o perigo de sua sinistra felicidade, materializado na figura benfazeja de Apolônio. E, a fim de cumprir esse desejo, não lhe importa o meio a ser empregado, desde que o resultado seja a execução de seu desafeto. Apolônio, porém, consegue sair de Tiro antes que Taliarco o alcance. Com o desaparecimento do príncipe, o serviçal de Antíoco volta a sua pátria com a intenção de contar a seu amo que Apolônio já não é uma preocupação.

[...] Y presentándose [Taliarco] ante el rey dijo: «Soberano señor, alégrate y regocíjate, porque aquel joven, Apolonio de Tiro, temiendo el poder de tu reino, de repente no aparece por ninguna parte.» El rey dijo: «En verdad puede emprender la huida, pero no puede escapar.» Al punto hizo público un edicto en estos términos: «Quienquiera que presente vivo ante mí a Apolonio de Tiro, burlador de mi reino, recibirá cien talentos de oro; pero quien traiga su cabeza, recibirá doscientos.» Con la publicación de este edicto, no sólo sus enemigos, sino también sus amigos eran arrastrados por la codicia y se aplicaban a la cacería. Se busca a Apolonio por tierras, por montañas, por bosques, siguiendo todos los rastros, y no se le encontraba.

Entonces el rey ordenó que fuera preparada la flota para perseguir al joven (HA, 7-8; trad. López, 1997, p. 95-96).²⁴⁹

Nota-se, na passagem, tamanho descontentamento de Antíoco com a vida de Apolônio a ponto de o rei oferecer pela cabeça de Apolônio uma recompensa maior que a proposta pela prisão dele vivo. Esse desejo de morte do rei de Antioquia, presente nos dois excertos supracitados, são índices irrefutáveis da inimizade existente entre o protagonista e o antagonista.

²⁴⁸ Em latim, HA, 6.2-3

2. — *Thaliarche, secretorum meorum fidelissime ministro solutionem.* 3. *Ascende ergo nauem confestim ad persequendum iuuenem, et dum ueneris Tyrum in patriam eius, inquires inimicum eius, qui eum aut ferro aut ueneno interimat.*

²⁴⁹ Em latim, HA, 7.9-16 a 8.1-2

9. *Tunc Thaliarchus dispensator regis hoc audito gaudio plenus rediit ad nauem et certa nauigationis die attigit Antiochiam ingressusque ad regem ait:*

10. — *Domine rex, laetare et gaude, quia iuuenis ille Tyrius Apollonius timens regni tui uires subito nusquam comparuit.* 11. *Rex ait:*

12. — *Fugere quidem potest, sed effugere non potest.*

13. *Continuo huiusmodi edictum proposuit:* 14. *Quicumque mihi Tyrium Apollonium, contemptorem regni mei, uiuum exhibuerit, accipiet auri talenta centum; qui uero caput eius attulerit, accipiet ducenta.*

15. *Hoc edicto proposito non tantum eius inimici sed etiam amici cupiditate ducebantur et ad indagandum properabant.*

16. *Quaeritur Apollonius per terras per montes per siluas per uniuersas indagines, et non inueniebatur.* [RA8] 1. *Tunc iussit rex classes nauium praeparari ad persequendum iuuenem.* 2. *Sed moras facientibus his qui classes nauium praeparabant, deuenit Apollonius ciuitatem Tarsiam.*

Não obstante, se retomarmos os conceitos de amizade para Cícero e Aristóteles, recordaremos que, para ambos os filósofos, o vínculo amistoso só pode existir entre pessoas virtuosas.²⁵⁰ E uma vez que em Antíoco não há virtudes, nem o que é bom ou agradável – haja vista suas atitudes cruéis e violentas no decorrer da trama –, logo, não poderia surgir uma relação benéfica e saudável entre ele e Apolônio. Além do mais, o pensador estagirita acrescenta que “na tirania há pouca ou nenhuma amizade”,²⁵¹ e o comportamento de Antíoco torna evidente seu caráter tirânico. Por sua vez, Cícero (2006, p. 37) estabelece aspectos fundamentais da verdadeira amizade quando questiona:

[...] Que há de mais agradável do que ter alguém em quem podemos confiar como em nós mesmos? Que proveito tiraríamos da felicidade, se não tivéssemos ninguém que dela pudesse compartilhar conosco? E seria difícil suportar a adversidade, sem alguém capaz de suportá-la ainda mais do que nós, que a experimentamos.

A partir dos pontos levantados pelo sábio romano, pode-se distinguir claramente o rei Antíoco como o oposto a todas essas qualidades, pois, em primeiro lugar, o protagonista não pode confiar nele; e, em segundo, em vez de compartilhar com Apolônio algum momento de felicidade, na contramão disso, Antíoco é o agente causador de tristezas, perigos e adversidades ao príncipe de Tiro. Naturalmente, nenhuma relação nessas configurações conseguiria se preservar. Aliás, tanto Aristóteles²⁵² quanto Cícero²⁵³ recomendam o rompimento da ligação com as pessoas más, sem virtude ou criminosas, e, porquanto o rei de Antioquia se encaixa nesse molde reprovável, fica patente como ele é não somente o oposto de um amigo para Apolônio, mas que ele é sobretudo seu pior inimigo.

4.3.2. Estranguilião e Dionísia

O casal Estranguilião e Dionísia figura como falso amigo de Apolônio. Se nas primeiras passagens em que eles se encontram e se conhecem parece haver alguma camaradagem entre o

²⁵⁰ ARISTÓTELES, 1991, p. 172; CÍCERO, 2006, p. 31.

²⁵¹ ARISTÓTELES, 1991, p. 186.

²⁵² “Mas quando aceitamos um homem como bom e ele se revela e patenteia mau, devemos continuar a amá-lo? Isso é certamente impossível, visto que não se podem amar todas as coisas, mas apenas o que é bom. O que é mau nem pode nem deve ser amado, pois ninguém tem o dever de amar o mau, nem de tornar-se semelhante a ele; e já temos dito que o semelhante é caro ao semelhante” (ARISTÓTELES, 1991, p. 198, sublinhado nosso).

²⁵³ “[...] Eis, pois, como devem proceder as pessoas de bem: se, por acaso, ficarem envolvidas, sem saber, com pessoas dessa espécie [desordeiras] e que podem complicá-las, elas [as pessoas de bem] não devem se julgar obrigadas a permanecer fiéis a amigos que sejam autores de ação criminosa [...]” (CÍCERO, 2006, p. 59, sublinhado nosso).

casal e o protagonista; já mais adiante na trama o comportamento da esposa e do marido envereda por uma senda das menos amigáveis.

Estranguilião aparece na narrativa no momento em que Apolônio passeia pela praia de Tarso, logo após sua furtiva saída de Tiro. Essa retirada, como vimos, acontece porque o príncipe pressente correr risco de morte, o que se confirma mais tarde, no momento em que Helênico o encontra caminhando na orla de Tarso e o adverte da ameaça de Antíoco. É logo após o diálogo com Helênico que Estranguilião vai ao encontro de Apolônio, como aponta o narrador:

Después de esto, mientras Apolonio paseaba por la orilla en aquel mismo lugar, le salió al encuentro otro hombre llamado Estranguilión. Apolonio le dijo: «Salud, mi queridísimo Estranguilión.» Y aquél dijo: «Salud, señor Apolonio, ¿por qué paseas por estos lugares con talante preocupado?» Apolonio dijo: «Tienes ante tus ojos a un proscrito.» Estranguilión dijo: «¿Y quién ha puesto precio a tu cabeza?» Apolonio dijo: «El rey Antíoco.» Estranguilión dijo: «¿Cuál es la razón?» Apolonio dijo: «Que pedí a su hija en matrimonio. Si es posible, deseo ocultarme en vuestra ciudad.» Estranguilión dijo: «Señor Apolonio, nuestra ciudad es pobre y no puede mantener a una persona de tu rango. Sufrimos, además, una hambruna atroz y una severísima escasez de trigo, y no hay para nuestros ciudadanos esperanza alguna de salvación, y la sombra de la muerte se cierne implacable ante nuestros ojos.» Y Apolonio le dijo a Estranguilión: «Da entonces gracias a Dios, porque me encaminó en mi huida a vuestras tierras: entregaré a vuestra ciudad cien mil modios de trigo si mantenéis en secreto mi huida.» Cuando Estranguilión lo oyó, se arrojó a los pies de Apolonio y dijo: «Soberano señor Apolonio, si socorres a la ciudad en su penuria, no sólo mantendrán en secreto tu huida, sino que incluso, si fuera preciso, lucharán por tu vida.» (HA, 9; trad. López, 1997, p. 97-98).²⁵⁴

²⁵⁴ Em latim, HA, 9.1-24

[RA9] 1. *Post haec Apollonius dum deambulet in eodem loco supra litus, occurrit ei alius homo nomine Stranguillio.* 2. *Cui ait Apollonius:*

3. — *Aue, mi cari. Est illud tibi: Stranguillio.*

5. — *Aue, domine. Quid ita? In hac locis turbata mente uersaris?* 7. *Apollonius ait:*

8. — *Proscriptum uides.* 9. *Stranguillio ait:*

10. — *Et quis tibi Apollonius ait ripsit?*

12. — *Rex Anaxistranguillio ait:*

14. — *Qua ex Apollonius ait?*

16. — *Quia filiam eius 17. Sed si fieri potest, in maiestate uestra uolote. 18. Stranguillio ait:*

19. — *Domine Apolloni, ciuitas nostra pauper est et nobilitatem tuam ferre non potest; praeterea duram famem saeuamque sterilitatem patimur annonae, nec est ulla spes salutis ciuibz nostris, sed crudelissima mors potius ante oculos nostros versatur.*

20. *Apollonius autem ad Stranguillionem ait:*

21. — *Age ergo deo gratias, quod 22. Dabo itaque tibi uestrae feniuntibus milia frumenti modiorum, si fugam meam celaueritis.*

23. *Stranguillio ut audiuit, prostrauit se pedibus Apollonii et dixit:*

24. — *Domine rex Apolloni, si ciuitati esurienti subueneris, non solum fugam tuam celabunt, sed etiam, si necesse fuerit, pro salute tua dimicabunt.*

No primeiro encontro das duas personagens na trama, chama a atenção o modo como Apolônio se dirige a seu interlocutor, que chama *mi carissime Stranguillio* (“meu queridíssimo Estranguilião”), tratamento terno e indicativo de que os dois homens mantêm uma relação cujas origens apontam para circunstâncias anteriores a esse primeiro diálogo registrado no texto. Nas diversas relações interpessoais humanas, geralmente, reserva-se o tratamento “querido” a uma pessoa destacada a quem se estima consideravelmente. Nesse sentido, empregar o superlativo seria, então, uma forma de expressar uma estima ainda mais intensa por outrem. Desse modo, deduz-se que Apolônio e Estranguilião eram, reciprocamente, grandes amigos.

Realizadas as breves saudações, Apolônio sente confiança em revelar ao morador de Tarso a condição perigosa em que vive, pois foge da morte encomendada por Antíoco. Nesse contexto, salta aos olhos o fato de que, tão logo o rei de Tiro esboça sua intenção de se esconder em Tarso, imediatamente Estranguilião apresenta objeções a essa possibilidade. É verdade que a cidade passava por dificuldades – dentre as quais, uma severa falta de alimento; no entanto, quando se trata de amigos, o esperado é que se busque uma forma de contornar a própria situação aflitiva para auxiliar, da melhor maneira possível, àquele por quem se sente estima – essa, pelo menos, é a direção para a qual apontam as ideias de Aristóteles e Cícero. Não sendo essa, porém, a atitude de Estranguilião, parece que seu desejo é, antes de tudo, que Apolônio não fique ali na cidade, a fim de que não haja mais um problema com o qual ele deva lidar. Nesse sentido, de imediato utiliza-se da desculpa da falta de comida para legitimar o não acolhimento do amigo.

Surpreendentemente, no entanto, Apolônio apresenta uma solução bem simples para o problema: como havia levado muito trigo consigo, poderia vendê-lo por um preço irrisório aos moradores da cidade, desde que eles decidissem acolhê-lo e protegê-lo de Antíoco. Essa disposição do príncipe de Tiro transforma, instantaneamente, o comportamento de Estranguilião, porquanto quem antes alegava vários empecilhos para a permanência de Apolônio na cidade, agora assegura que, recebendo o trigo prometido, Tarso não apenas será um refúgio, mas ainda um verdadeiro exército pronto a morrer em prol da vida de Apolônio, caso seja necessário.

Esse comportamento de Estranguilião em muito se assemelha à amizade pautada em benefícios próprios – à qual Aristóteles e Cícero tecem severas reprovações –,²⁵⁵ tanto é assim que, passados poucos meses desde esse momento, Dionísia e seu marido aconselham que o rei

²⁵⁵ ARISTÓTELES, 1991, p. 171 e 174; CÍCERO, 2006, p. 49.

de Tiro deixe a cidade atual e parta em busca de esconderijo em outra região.²⁵⁶ O que transparece nessa atitude do casal é, novamente, a intenção de querer livrar-se de toda forma do estrangeiro – ainda mais agora que Tarso já não padece a penúria da fome. No texto, não é claro se Apolônio percebe essa intenção negativa, mas, de qualquer forma, ele aceita o conselho e empreende nova viagem durante a qual Apolônio acaba enfrentando uma grande tempestade, que resulta para ele em um terrível naufrágio. É nesse contexto que o protagonista chega à praia de Pentápolis de Cirene, onde encontra o pescador pobre e, posteriormente, conhece o rei Arquístrates, seu futuro sogro, e a princesa, sua futura esposa.

Noutra viagem, em certo momento posterior de sua trajetória, Apolônio depara-se com uma complexa situação: sua esposa tem complicações no trabalho de parto, dá à luz uma garotinha, sofre um ataque e é dada como morta. Nessa condição, Apolônio entende que a melhor opção, nesse momento, é deixar a princesa recém-nascida sob os cuidados dos amigos Estranguilião e Dionísia e partir para longe durante um longo período de luto, como vemos na passagem a seguir:

Entretanto Apolonio, mientras navega con enorme aflicción, bajo gobierno divino llegó a las costas de Tarso, desembarcó y se dirigió a la casa de Estranguilión y Dionisiade. Una vez que les presentó sus saludos, él les contó dolorosamente todos sus infortunios y dijo: «Cuanto lloraba por mi esposa perdida, tanto será para mí el consuelo por la hija que se me ha conservado. Así pues, respetabilísimos huéspedes, puesto que debido a la pérdida que mi esposa no quiero aceptar el reino que me estaba reservado, ni tampoco volver junto a mi suegro cuya hija perdí en el mar, sino que prefiero ocuparme en el comercio, os confío a mi hija: que se crie con vuestra hija; acogedla con corazón cándido y bondadoso y llamadla, por el nombre de la ciudad, Tarsia. Además, os entrego también a la nodriza de mi esposa, llamada Licóride, para que crie a mi hija y vele por ella.» Con estas palabras entregó a la recién nacida; dio oro, plata, dinero y también ropas valiosísimas, y juró tajantemente que no se cortaría la barba, ni los cabellos ni las uñas, antes de entregar a su hija para la boda. Y ellos, asombrados de que hubiese hecho un juramento tan solemne, prometen educar a la muchacha con toda lealtad. Y Apolonio, tras encomendar a su hija, embarcó y poniendo rumbo al profundo océano, llegó a las desconocidas y lejanas tierras de Egipto (HA, 28; trad. López, 1997, p. 117).²⁵⁷

²⁵⁶ “Transcurridos unos pocos meses y días, por consejo de Estranguilión y Dionisiade y apremiado por la fortuna, se decidió a zarpar hacia las tierras de Pentápolis de Cirene, para poder ocultarse allí” (HA, 11; trad. LÓPEZ, 1997, p. 99). **Em latim, HA, 11.1**

[RA11] 1. *Et interpositis mensibus sive diebus paucis hortante Stranguillione et Dionysiade coniuge eius et premente fortuna ad Pentapolitanas Cyrenaeorum terras adfinnabatur navigare, ut ibi latere posset, deducitur [...]*

²⁵⁷ **Em latim, HA, 28.1-8**

[RA28] 1. *Inter haec Apollonius cum nauigat ingenti luctu, gubernante deo applicuit Tarso, descendit ratem et petiuit domum Stranguillionis et Dionysiadis.*

2. Qui cum eos salutauisset, omnes casus suos eis dolenter exposuit et ait: 3. — Quantum in amissam coniugem flebam, tantum in seruatum mihi filiam consolabor. 4. Itaque, sanctissimi hospites, quoniam ex amissa coniuge regnum, quod mihi seruabatur, accipere nolo neque reuerti ad socerum, cuiue in mari perdidici filiam, sed potius

Nesse excerto, há três questões a se considerar: em primeiro lugar, Apolônio estima os amigos e neles confia, afeição manifesta no superlativo utilizado, mais uma vez, para se dirigir ao casal – ele emprega a palavra “respetabilísimos” (a partir de *sanctissimi*). Em segundo lugar, o protagonista demonstra claramente a intenção de regressar a fim de presenciar o casamento, porquanto faz o juramento de que não cortaria nem os cabelos, nem as unhas, nem a barba antes de casar sua filha. Em terceiro lugar, Estranguilião e Dionísia dão sua palavra de que cuidarão da pequena Társia – o narrador aponta o verbo *promittunt* (prometem) e o substantivo *fides*, -ei (*cum magna fide*, com grande lealdade).²⁵⁸

Tendo em vista esses pontos, seria natural esperar que esse cenário fosse feliz ou, pelo menos, tranquilo, um contexto no qual a pequena criança crescesse bem e sob a segurança dos tutores. O tempo passaria e, então, já restabelecido do luto, o pai retornaria para buscar Társia, e ambos poderiam recuperar as experiências impossibilitadas pelos anos de separação. Contudo, não é nessa direção que a história avança: Dionísia deixa-se consumir pelo sentimento de inveja, pois Társia torna-se muito bela, a ponto de que sua própria filha parece ser desprezada pelos moradores da cidade, motivo pelo qual a tutora passa a maquinar – sem o conhecimento de seu marido – uma maneira de tirar a vida da criança indefesa de quem prometera cuidar com lealdade, como afiançara a Apolônio. Assim, não restam dúvidas de como a beleza de Társia é o gatilho para a inveja e a “loucura exasperada” (*in insaniae furorem*, “[...] locura furibunda”, HA, 31; trad. López, 1997, p. 119)²⁵⁹ de Dionísia:

Y mientras pasan estas cosas, cierto día de fiesta Dionisiade paseaba con su hija, llamada Filomitíade, y con Tarsia, por la calle. Viendo todos los ciudadanos la belleza engalanada de Tarsia, a todos los ciudadanos y hombres importantes parecía un prodigio y todos decían: «Dichoso el padre de quien Tarsia es hija; aquella, en cambio, la que va a su lado, es muy fea y es una deshonra.» Y Dionisiade, cuando oyó que ensalzaban a Tarsia e insultaban a su hija, trocó sus sentimientos en locura furibunda. Y, sentada sola, empezó a reflexionar de esta forma: «Desde que su padre Apolonio se marchó de aquí han pasado catorce años y no ha venido nunca a recoger a su hija ni nos ha

facere opera mercatus, commendo uobis filiam meam cum filia uestra nutriatur, et eam cum bono et simplici animo suscipiatis, atque patriae nomine eam cognominetis Tarsiam. 5. Praeterea et nutricem uxoris meae nomine Lycoridem uobis commendo pariter et uolo, ut filiam meam nutriat atque custodiat.

6. His dictis tradidit infantem, dedit aurum, argentum et pecunias nec non et uestes pretiosissimae, et iurauit fortiter nec barbam nec capillos nec ungues dempturum, nisi prius filiam suam nuptui traderet.

7. At illi stupentes quod tam grauiter iurasset, cum magna fide se puellam educaturos promittunt.

8. Apollonius uero commendata filia nauem ascendit altumque pelagus petens ignotas et longinquas Aegypti regiones deuenit.

²⁵⁸ Em latim, HA, 28.7

“At illi stupentes quod tam grauiter iurasset, cum magna fide se puellam educaturos promittunt”;

²⁵⁹ Em latim, HA, 31.4

Dionysias uero ut audiuit laudare Tarsiam et suam uituperare filiam in insaniae furorem conuersa est.

enviado cartas. Me parece que está muerto o que pereció en el mar; y su nodriza ha fallecido. No tengo a nadie que me lo impida. No puedo quitarla de en medio excepto con puñal o veneno; y hermosearé a mi hija con sus alhajas.» Y mientras reflexiona consigo misma de esta manera, se le anuncia que ha llegado el capataz, llamado Teófilo. Llamándolo a su presencia dijo: «Si deseas conseguir la libertad junto con una recompensa, quita a Tarsia de en medio.» El capataz dijo: «¿Qué falta ha cometido la doncella inocente?» La malvada mujer dijo: «¿Ya no me obedeces? Tú haz solamente lo que te ordeno. Si no, sabrás lo que son tu amo y tu ama furiosos contigo.» El capataz dijo: «¿Y de qué modo se puede hacer?» La malvada mujer dijo: «Tiene la costumbre, justo después de regresar de la escuela, de no tomar bocado antes de haber ido al túmulo de su nodriza. Conviene que tú te escondas allí con un puñal y cuando llegue, máta-la y arroja su cuerpo al mar. Y cuando llegues y anuncies que el trabajo está hecho, recibirás junto con la recompensa, la libertad» (HA, 31; trad. López, 1997, p. 119-120).²⁶⁰

Dois aspectos também saltam aos olhos: por um lado, a mulher perde a confiança na promessa de retorno de Apolônio, e, por outro, ela é calculista a ponto de planejar – sozinha – detalhadamente o crime, desde o modo de tirar a vida da moça, até o meio de fazer desaparecer seu corpo e apoderar-se de seus bens. Evidentemente esse comportamento põe em xeque seu caráter e sua índole, além de comprometer a lealdade que prometera ao amigo.²⁶¹

No que se refere a Estranguilião, há, de sua parte, um completo desconhecimento das intenções da esposa, como se vê na passagem que trata do momento em que Dionísia confessara

²⁶⁰ Em latim, HA, 31.1-21

[RA31] 1. *Et dum haec aguntur, quodam die feriato Dionysias cum filia sua nomine Philotimiade et Tarsia puella transibat per publicum.*

Videntes omnes ciues speciem Tarsiae ornatam omnibus ciuibus et honoratis miraculum apparebat, atque omnes dicebant: 3. — *Felix pater, cuius filia est Tarsia; illa uero dedecus.*

4. *Dionysias uero ut audiuit laudare Tarsiam et suam uituperare filiam in insaniae furorem conuersa est, et sedens sola coepit cogitare taliter:* 5. — *Pater eius Apollonius ex quo hinc pro numquam uenit ad suam recipiendam filiam nec nobis misit litteras.* 6. *Puto quia mortuus est aut in pelago periit.*

7. *Nutrix uero eius deoessit; neminem habeo aemulum.* 8. *Non potest fieri hoc, quod excogitauit, nisi ferro aut ueneno tollam illam de medio de hoc, quod excogitauit et ornamentis eius filiam meam ornamo.*

9. *Et dum haec secum cogitat, nuntiatur ei uillicum uenisse nomine Theophilum, quem ad se conuocans ait:*

10. — *Si cupis habere libertatem cum praemio, tolle Tarsiam de medio.*

11. *Villicus ait:* 12. — *Quid enim peccauit uirgo innocens?* 13. *Scelestas is mulier ait:* 14. — *Iam mihi non pares?* 15. *Tantum fac quod iubeo.* 16. *Sin alias, sentias esse contra te iratos dominum et dominam.*

17. *Villicus ait:* 18. *Et qualiter hoc potest fieri?* 19. *Scelestas mulier ait:* 20. — *Consuetude si bi est schola uenerit non prius cibum sumat antequam monumentum suae nutricis intrauerit.* 21. *Oportet te ibi cum pugione abscondere, et eam uenientem interfice et proice corpus eius in mare, et cum adueneris et de hoc facto nuntiaueris, cum praemio libertatem accipies.*

²⁶¹ O comportamento de Dionísia sugere uma leitura intertextual entre HA e os contos de fadas, como, por exemplo, *Branca de Neve*. Seja em HA, seja em *Branca de neve* notamos: (I) uma mulher mais velha inveja a beleza de outra mais jovem; (II) a invejosa ordena que um empregado mate sua rival, e, ainda, (III) esse homem demonstra piedade e, por alguma razão, no momento decisivo de sua ação, não mata a belíssima menina. Ruiz-Montero (1983, p. 319 e 327) acrescenta, ainda, que Dionísia evoca a “madrasta má”, o que nos faz lembrar, também, do conto *Cinderela*, dado que essa personagem sofre punições de sua madrasta e de suas irmãs adotivas em razão da inveja que elas sentem de sua beleza. Assim, tal qual apontamos no capítulo 2 desta dissertação, o texto de HA apresenta um eco dos contos orais, e as atitudes de Dionísia para com Tarsia reforçam o diálogo entre nosso corpus e esses contos.

seu crime ao esposo e pediu que ele fingisse com ela o luto pela morte de Tarsia perante a cidade:

[...] ponte por el momento ropas de luto como hago yo y digamos con falsas lágrimas que ella ha fallecido de repente por una afección de estómago. Hagamos aquí cerca en las afueras de la ciudad una tumba muy grande y digamos que ella ha sido colocada allí.» Cuando Estranguilión la oyó, un estremecimiento y estupor se apoderaron de él y respondió así: «Dame, sí, ropas de luto, para llorar por mí mismo, porque me ha tocado en suerte tan malvada esposa. ¡Ay de mí, qué dolor!» -dijo- «¿Qué haré, qué actitud tomaré con su padre, que después de que yo lo acogiera por primera vez, cuando liberó a esta ciudad de la muerte y de la amenaza del hambre, se marchó de la ciudad por consejo mío? Por causa de esta ciudad sufrió un naufragio, tuvo ante sus ojos la muerte, perdió sus bienes, soportó el colmo de la indigencia, pero gracias a Dios ha sido restituido a una mejor situación. Como hombre piadoso, nunca alimentó ningún mal pensamiento en lugar de bueno, ni lo tuvo ante los ojos, sino que, echándolo todo al olvido, es más, incluso recordándonos en su prosperidad, eligiendo nuestra lealtad, recompensándonos y juzgándonos virtuosos, nos entregó a su hija para que la alimentáramos, mostrando hacia nosotros tanta sencillez y amor, que le puso a su hija el nombre de nuestra ciudad. ¡Ay de mí, estoy cegado! ¡Lloraré por una doncella inocente y por mí, que me he unido a la más terrible y venenosa de las serpientes y a una pérfida mujer!» Y levantando los ojos al cielo dijo: «Dios, tú sabes que estoy limpio de la sangre de Tarsia; pide cuentas y véngala en la persona de Dionisiade.» Y mirando a su mujer dijo: «¿De qué modo, enemiga de Dios, podrás ocultar esta infamia innombrable?» Entonces Dionisiade se puso ella misma y a su hija ropas de luto y derramó falsas lágrimas e hizo reunir en su presencia a los ciudadanos y les dijo: «Queridísimos ciudadanos, por esta razón os hemos llamado a gritos, porque hemos perdido a la esperanza de nuestros ojos, nuestras fatigas y el fruto de nuestras vidas: Tarsia, a la que bien conocéis, nos ha dejado sufrimientos y llantos muy amargos y la hemos hecho enterrar dignamente.» Entonces se dirigen los ciudadanos al lugar donde Dionisiade había situado el imaginario sepulcro y por los méritos y favores de Apolonio, el padre de Tarsia, construyeron una tumba por suscripción pública [...] (HA, 32; trad. López, 1997, p. 121-122).²⁶²

²⁶² Em latim, HA, 32.23-37

23. *Nunc uero propter ciuium curiositatem ad praesens indue uestes lugubres sicut ego facio, et falsis lacrimis dicamus eam subito dolore stomachi fuisse defunctam.* 24. *Hic prope in suburbio faciamus rogum maximum, ubi dicamus eam esse positam.*

25. *Stranguillio ut audiuit.* 26. *Tremor et stupor in eum irruit, et ita respondit:* 26. — *E q u i d e m d a m i h i u e s* ut ao lugeam me, qui talem sum sortitus sceleratam coniugem heu mihi!

27. *Pro dolor!, inquit, quid faciam, quid agam de patre eius, qui primo cum eum suscepissem, cum ciuitatem istam a morte et perieulo famis liberaui?* 28. *Meo suasu egressus est ciuitatem, propter hanc ciuitatem in naufragium incidit, mortem uidit, sua perdidit, exitium penuriae perpessus est; a deo uero in melius restitutus est malum pro malo quase impius non excogitauit neque ante oculos illud habuit, sed omnia obliuione ducens, insuper adhuc memor nostri in bono, fidem eligens, remunerans nos et pios aestimans, filiam suam nutriendam tradidit, tantam simplicitatem et amorem circa nos gerens, ut ciuitatis nostrae filiae suae io nomen imponeret.* 29. *Heu mini, caecatus sum!* 30. *Lugeam me et innocentem uirginem, quia iunctus sum ad pessimam uenenosamque serpentem et iniquam coniugem.* 31. *Et in caelum leuans oculos ait:* 32. — *D e u s , t u s c i s q u i a p u r u s* requiras et uindices illam in Dionysiade! 33. *Et intuens uxorem suam ait:* 34. — *Quomodo, inimica dei, celare poteris hoc nefandum facinus?*

35. *Dionysias uero induit se et filiam suam uestes lugubres, falsasque fundit lacrimas. et ciues ad se conuocans quibus ait:* 36. — *Carissimi ciues, ideo uos clamauius, quia spem luminum et labores et exitus annorum nostrorum*

No trecho anterior à passagem citada, Dionísia revelara ao esposo o plano traçado e executado em segredo, como indicam as expressões “[...] decidiendo consigo misma en relación con el crimen que había ideado [...]” (HA, 32; trad. López, 1997, p. 121)²⁶³ e “[...] pensé entre mí [...]” (HA, 32; trad. López, 1997, p. 121).²⁶⁴ Após essa revelação, ela busca incitar o marido no sentido de que ele a acompanhe no falso lamento da morte de Társia, insistindo com Estranguilião para que ele se una a ela no fingimento. Novamente, a mulher deixa transparecer sua falta de virtudes ao instruir Estranguilião passo a passo sobre o que deveria ser feito. Além disso, ela insiste em mentiras: se, por um lado, a causa da morte de Társia é falsa – a menina teria perdido a vida por intermédio de um punhal e não em decorrência de um problema estomacal, como a pérfida mulher pretendia alegar –; por outro, as lágrimas e o lamento de Dionísia são tão falsos quanto a lápide que supostamente encerraria o corpo exânime – sua tristeza é tão mentirosa que ela goza plena consciência para orquestrar a situação e organizar todos os detalhes necessários a fim de enganar a população de Tarso.²⁶⁵

Nessa perspectiva, considerando o argumento de Cícero (2006) de que “na amizade, não há nada de fingido, nada de simulado: tudo é verdadeiro e sincero”²⁶⁶ e, ainda, sua forte recomendação de “evitar tudo o que seja fingido, tudo o que seja simulado”²⁶⁷ num laço verdadeiro, compreende-se que Dionísia não figura como amiga de Apolônio e nem de Társia, haja vista as maldades que a vil mulher perpetra contra a princesa inocente e as tantas inverdades que elabora.

Além do comportamento amplamente dissimulado de Dionísia, é nítida, também, a afetação pela qual passa Estranguilião: no episódio supracitado, ao ouvir a confissão de sua esposa, o homem chega a passar mal, uma vez que sente estremecimento e é assaltado de

perdidimus: id est, Tarsia, quam bene nostis, nobis cruciatus et fletus reliquit amarissimos; quam digne sepelire fecimus.

37. Tune pergunt ciues, ubi figuratum fuerat sepulcrum a Dionysiade, et pro meritis ac beneficiis Apollonii patris Tarsiae fabricantes rogum ex aere collate [...]

²⁶³ “[...] decidiendo consigo misma en relación con el crimen que había ideado [...]” (HA, 32; trad. López, 1997, p. 121) **Em latim, HA, 32.16.**

Tunc Dionysias apud semet ipsam consiliata pro scelere quod excogitauerat, quomodo posset facinus illud celare.

²⁶⁴ “[...] pensé entre mí [...]” (HA, 32; trad. López, 1997, p. 121) **Em latim, HA, 32.18.**
apud me excogitaui.

²⁶⁵ Contudo, não podemos esquecer que também Dionísia fora enganada pelo escravo, o qual afirma ter matado a moça (mas, na realidade, ela fora sequestrada pelos piratas). Na verdade, o fato de a menina sobreviver será uma surpresa para ela. **Em latim, HA 50 19-22**

Et proferens filiam Apollonius coram omnibus populis ait: 20. — E c c e , a d e s t 21. Mulier inada, uti e a T a uidit eam, scelestas Dionysias imo corpore contremuit. 22. Mirantur ciues.

²⁶⁶ CÍCERO, 2006, p. 43.

²⁶⁷ *Ibid.*, p. 83.

estupor. Como amostra de algum vestígio de bom caráter, ele tanto reprova energeticamente a atitude da mulher – manifestando isso ao chamá-la *de pessimam uenenosamque serpentem et iniquam coniugem* (“terrible y venenosa de las serpientes” e “pérfida mujer”, HA 32.30) –, quanto também se comove com o assassinato da cândida Társia, e ainda roga a Deus que castigue Dionísia severamente.

Nada disso, entretanto, tem força suficiente para levar Estranguilião a denunciar o crime da esposa aos seus concidadãos ou a Apolônio. Como se vê no fragmento a seguir, o protagonista finalmente volta para buscar sua filha, momento em que Dionísia emprega mais uma vez as artimanhas da falsidade. Nessa ocasião, ela encontra, no esposo, a segurança do silêncio:

[...] llegó Apolonio después de catorce años a la ciudad de Tarso, a la casa de Estranguilión y Dionisiade. Estranguilión, cuando lo vio desde lejos, se dirigió con paso muy presuroso hasta su mujer diciéndole: «Tú habías asegurado que Apolonio había muerto en un naufragio, y he aquí que llega para reclamar a su hija. ¿Qué le vamos a decir al padre sobre una hija de la que nosotros hemos sido padres?» La malvada mujer cuando oyó esto sintió un estremecimiento por todo su cuerpo y dijo: «¡Ten piedad! Como dije, esposo, a ti me confieso: por querer a nuestra hija, perdí a la de otro. Ahora, pues, ponte por el momento ropas de luto y derramemos lágrimas ficticias y digamos que ella ha muerto de repente por una afección de estómago. Cuando nos vea con un atuendo así, nos creerá.» Y mientras pasan estas cosas entra Apolonio en casa de Estranguilión, retira el cabello de su frente, aparta de su boca la áspera barba. Cuando los vio con atuendo de luto dijo: «Fidelísimos huéspedes -si es que todavía os corresponde ese nombre-, ¿por qué a mi llegada derramáis copiosas lágrimas? ¿No será por casualidad que esas lágrimas no son vuestras, sino mías?» La malvada mujer dijo con lágrimas: «¡Ojalá fuera otro el que llevara hasta vuestros oídos esta noticia y no yo o mi esposo! Pues has de saber que tu hija Tarsia se nos ha ido por una repentina afección de estómago.» Apolonio, cuando oyó esto, estremeciéndose en todo su cuerpo palideció y se quedó durante mucho rato paralizado por el abatimiento. [...]

[...] la malvada [...] dijo así: «Créenos cuando te decimos que si los astros lo hubiesen permitido, al igual que te damos todo esto, así también te habríamos devuelto a tu hija. Y para que sepas que nosotros no te engañamos: tenemos de esto el testimonio de los ciudadanos que, recordando tus favores, hicieron para tu hija un túmulo por suscripción pública, que tu piadosa persona puede contemplar.» (HA, 37 e 38; trad. López, 1997, p. 127-128).²⁶⁸

²⁶⁸ Em latim, HA, 37.1-16 e 38.1-2

[RA37] 1. *Et cum haec Mytilene aguntur, uenit Apollonius post quattuordecim annos ad ciuitatem Tarsiam ad domum Stranguillionis et Dionysiadis.*

2. *Quem uidens Stranguillio de longe perrexit cursu rapidissimo ad uxorem suam dicens ei: 3. — C e r t e d i x e Apollonium perisse naufragio; et ecce uenit ad repetendam filiam suam. 4. Quid dicturi sumus patri de filia, cuius nos fuimus parentes?*

5. *Scelerata mulier hoc audito toto corpore contre muit et ait: 6. — M i s e r e r e , u t d i x i c o n i u nostram diligo, alienam perdidici fuiam. 7. Nunc ergo ad praesens indue uestes lugubres, et fictas fundamus lacrimas et dicamus eam subito dolore stomachi interisse. 8. Qui cum nos tali habitu uiderit, credet.*

Nota-se que a mulher insiste na mentira e ainda dá sua palavra ao proferi-la. Estranguilião, por seu turno, mais que não denunciar a esposa, finge estar de luto como ela. Ele nem toma uma atitude a favor de Apolônio, nem age contra Dionísia, isto é, além de não denunciar os enganos e o crime de sua mulher aos moradores de Tarso, também não avisa Apolônio sobre essas ocorrências, embora fosse supostamente seu amigo. O que suas ações deixam transparecer, na realidade, é a tentativa de salvar a própria pele. Nesse sentido, constata-se que o casal não se constitui como amigo de Apolônio, mas, ao invés disso, os dois atuam como criminosos, antagonistas e falsos amigos (inimigos, portanto), na medida em que mentem repetidas vezes ao rei de Tiro e, mais gravemente ainda, atentam contra a vida de sua filha.

Outro ponto relevante é a lealdade: já indicamos que, para Konstan (2005, p. 16 e 83), esse atributo é um dos indicativos de amizade. E tanto Dionísia quanto Estranguilião rompem com o critério da lealdade quando descumprem conscientemente uma promessa solenemente firmada. Desse modo, ao tomar essa decisão, inevitavelmente o casal assume o papel de inimigo do protagonista.

Nesse cenário, quando reencontra a filha e descobre que a vida dela fora ameaçada por aqueles em quem depositava tanta confiança, Apolônio não toma atitude diferente da busca por justiça:

[...] Al punto Apolonio ordena apresar a Estranguilión y a Dionisiade y tomando asiento en la tribuna del foro mandó que fuesen conducidos a su presencia. [...] Apolonio les dijo [aos cidadãos de Tarso]: «Confíe mi hija a Estranguilión y a su esposa Dionisiade; no han querido devolvérmela.» Estranguilión dijo: «Por la clemencia de tu reino, ¡porque ha agotado los días que le concedió el destino!» Apolonio dijo: «Ved, ciudadanos de Tarso, para su perversidad no es suficiente haber cometido el homicidio que han perpetrado: además han pensado que era necesario jurar en falso invocando el poder de mi reino. Pues bien, con lo que vais a ver os lo voy a hacer patente y con pruebas os lo voy a demostrar.» Y Apolonio, presentando a su hija ante toda la gente, dijo: «¡Aquí está mi hija Tarsia!» Cuando la vio la pérfida mujer,

9. *Et dum haec aguntur, intrat Apollonius domum Stranguillionis, a fronte comam aperit, hispidam ab ore remouit barbam.*

10. *Vt uidit eos lugubri ueste, ait:* 11. — *Ho s p i t e s f i d e l i s s i m i , s i t a m e n i n a d u e n t o m e o l a r g a s e f f u n d i t i s l a c r i m a s ?* 12. *Ne forte istae lacrimae non sint uestrae sed meae propriae?*

13. *Sclerata mulier ait cum lacrimis:* 14. — *V t i n a m q u i d e m i s t u d n u m t i u m a l i u s a u t c o n i u n x m e u s !* 15. *Nam scito Tarsiam filiam tuam a nobis nutritam subitaneo dolore stomachi fuisse defunctam.*

16. *A p o l l o n i u s u t a u d i u i t , t r e m e b u n d u s t o t o c o r p o r e e x j* [RA38] 1. *Scelesta mulier haec eo dicente secundum pactum ferens atque reddens omnia sic ait:* 2. — *C r e d e n o b i q u i a , s i g e n e s i s p e n n i s s e t , s i c u t h a e c o m n i a d a m u s , i t a e t f i l i a m t i b i r e d d i s s e m u s .* 3. *Et ut scias nos non mentiri, habemus huius rei testimonium ciuium, qui memores beneficiorum tuorum ex aere collate filiae tuae monumentum fecerunt, quod potest tua pietas uidere.*

la sacrílega Dionisiade, sintió un estremecimiento en lo más profundo de su cuerpo. Se admiran los ciudadanos. Tarsia ordena que el capataz Teófilo sea traído a su presencia. Y cuando éste había sido puesto ante ella, le dijo Tarsia: «Teófilo, si deseas que se tenga consideración con las torturas y la muerte que mereces y obtener de mi indulgencia, di con voz clara: ¿quién te dijo que me asesinaras?» Teófilo dijo: «Mi ama Dionisiade.» Entonces todos los ciudadanos, una vez hecha con su testimonio la confesión y explicada la verdad de lo sucedido, cogiendo por la fuerza en medio de un tumulto a Estranguilión y Dionisiade, los llevaron fuera de la ciudad y los mataron a pedradas y los arrojaron en medio del campo a las bestias de la tierra y a las aves del cielo para que sus cuerpos fueran también privados de la sepultura de la tierra (HA, 50; trad. López, 1997, p. 142-143).²⁶⁹

Esse final terrível de Estranguilião e Dionísia não encontra reprovações nem nas ideias de Aristóteles, nem nas de Cícero. De um lado, o filósofo grego acredita que a amizade não se sustenta entre uma pessoa virtuosa e outra que fingiu ser também. Sobre a conservação do laço, ele diz “Isso é certamente impossível, visto que não se podem amar todas as coisas, mas apenas o que é bom. O que é mau nem pode nem deve ser amado, pois ninguém tem o dever de amar o mau [...]” (Aristóteles, 1991, p. 198). De outro lado, Cícero ressalta que os amigos devem manifestar reciprocamente não somente estima e afeição, mas, especialmente, respeito.²⁷⁰ Portanto, tendo vista as perspectivas aristotélico-ciceronianas sobre a amizade e o comportamento de Estranguilião e Dionísia, acreditamos estar suficientemente comprovada a condição da falsa amizade mantida por essas personagens para com o rei Apolônio de Tiro, e

²⁶⁹ Em latim, HA, 50.3-28

3. *Apollonius statim iubet comprehendere Stranguillionem et Dionysiadem, et sedens pro tribunal!* 4. *In foro adduci sibi illos praecepit.*

5. *Quibus adductis coram omnibus Apollonius ait:* 6. — *Ciues beatissimi Tarsi, numquid Tyrius Apollonius alicui uestrum in aliqua re ingratus exstitit?*

7. *At illi una uoce clamauerunt dicentes:* 8. — *Te regem, te patrem patriae et diximus et in perpetuum dicimus; pro te mori optauimus et optamus, cuius ope famis periculum uel mortem transcendimus.* 9. *Pro hoc et statua tua a nobis posita in biga testatur.*

10. *Apollonius ait ad eos:* 11. — *Commendaui filiam meam Stranguillioni et Dionysiadi suae coniugi; hanc mihi reddere nolunt.*

12. *Stranguillio ait:* 13. *Per regni tui clementiam, quia fati munus impleuit.*

14. *Apollonius ait:* 15. — *Videte, ciues Tarsi, non sufficit quantum ad suam malignitatem!* 16. *Quod homicidium perpetratum fecerunt:* 17. *Insuper et per regni mei uires putauerunt periurandum.* 18. *Ecce ostendam uobis; et hoc, quod uisuri estis, et testimoniis uobis ex hoc ante probabo.*

19. *Et proferens filiam Apollonius coram omnibus populis ait:* 20. — *Ecce, adest filia mea Tarsia!* 21. *Mulier mala, ut uidit eam, scelestas Dionysias imo corpore contremuit.* 22. *Mirantur ciues.*

23. *Tarsia iubet in conspectu suo adduci Theophilum uillicum.* 24. *Qui cum adductus fuisset, ait ad eum Tarsia:* 25. — *Theophile, si uis tormenta deuitare et sanguini tuo cupis esse consultum et a me mereri indulgentiam, clara uoce dicito, is quis tibi allocutus est, ut me interficeres?*

26. *Theophilus ait:* 27. — *D o m i n a m e a D i o n y s i a s .*

28. *Tunc omnes ciues — sub testificatione confessione facta et addita uera ratione — confusi rapientes Stranguillionem et Dionysiadem tulerunt extra ciuitatem et lapidibus eos occiderunt et ad bestias terrae et uolucres caeli in campo iactauerunt, ut etiam corpora eorum terrae sepulturae negarentur.*

²⁷⁰ CÍCERO, 2006, p. 97 e 99.

não apenas isso, mas, dadas as consequências das atitudes do casal de Tarso, comprova-se que eles figuram também como inimigos do protagonista.

4.4. TÁRSIA E A INIMIZADE

No quadro de relações de amizade de Társia, seu inimigo mais destacado é o proxeneta de Mitilene, o qual, permanentemente, põe em risco não só a vida da princesa, mas também sua integridade física e honra.

4.4.1. Leno

O leno da cidade de Mitilene atua como inimigo de Társia, porquanto compra a jovem com o objetivo claro de explorá-la sexualmente em seu lupanar. Esse objetivo degradante é bem evidente na cena do leilão da moça, quando Atenágoras – o príncipe da cidade – e o proxeneta a disputam oferecendo valores cada vez mais altos para adquiri-la. A cena a seguir se desenrola instantes depois que a princesa é comprada pelo dono do prostíbulo:

[...] La muchacha es adjudicada al lenón, que la introduce en la sala de recepciones, donde tenía una estatua de oro de Príapo, cubierto de oro y piedras preciosas. Y le dijo: «Adora a mi dios, que es el más poderoso.» La muchacha dijo: «¿Es que eres de Lámpsaco?» El lenón dijo: «¿No sabes, desdichada, que has venido a parar a la casa de un lenón codicioso?» Pero la muchacha, cuando oyó esto, sintió un estremecimiento por todo su cuerpo y arrojándose a sus pies dijo: «¡Ten piedad, señor, presta socorro a mi virginidad! Y te suplico que no te prestes a mancillar este cuerpecillo bajo tan vergonzosa condición.» El lenón le dijo: «Levántate, desdichada; tú no sabes que ante el lenón y el verdugo de nada valen las súplicas y las lágrimas.» Y llamó a su presencia al capataz de las muchachas y le dijo: «Que su habitación sea adornada con esmero y que se escriba en ella el siguiente rótulo: “El que desee violar a Tarsia, que es virgen, pagará media libra de oro; después estará a disposición del público a un áureo por servicio”.» Y el encargado hizo lo que su amo el lenón le había ordenado (HA, 33; trad. López, 1997, p. 123-124).²⁷¹

²⁷¹ **Em latim, HA, 33.12-26**

¹². *Addicitur uirgo lenoni, a quo introducitur in salutatorium, ubi habebat Priapum in salutarium aureum, gemmis et auro reconditum, et ait ad eam:*

¹³. — *Adora numen praesentissimum meum.*

¹⁴. *Puella ait:* ¹⁵. — *Numquid Lampsacenus es?* ¹⁶. *Leno ait:* ¹⁷. — *Ignoras, misera, quia in domum avari lenonis incurristi?*

¹⁸. *Puella uero ut haec audiuit, toto corpore contremuit et prosternens se pedibus eius dixit:* ¹⁹. — *Miserere mei, domine, succurre uirginitati meae!* ²⁰. *Et rogo te ne uelis hoc corpusculum tu sub tam turpi titulo prostituere!*

²¹. *Cui leno ait:* ²². — *Alleua te, misera; tu autem nescis quia apud lenonem et tortorem nec pieces nec lacrimae ualent.*

²³. *Et uocauit ad se uillicum puellarum et ait ad eum:* ²⁴. — *Cella ornetur diligenter, in qua scribatur titulus: qui Tarsiam uirginem uiolare uoluerit, dimidiam auri partem uel libram dabit.* ²⁵. *Postea uero singulos aureos populo patebit.*

No trecho acima, é explícita a desorientação de Társia, compreensível tendo em vista tudo por que a moça passou em tão pouco tempo: momentos antes estava a ponto de ser assassinada pelo empregado de Dionísia, no instante seguinte foi raptada por piratas e, agora, era vendida como escrava a um desconhecido. Pode-se imaginar ter sido ainda pior para ela descobrir ser o seu comprador o dono de um bordel, e que os serviços que ela prestaria seriam degradantes.

A ocupação desse homem, seu modo de agir e de falar dão pistas de sua índole: ele não é uma pessoa de virtudes – um primeiro obstáculo para o estabelecimento de uma amizade verdadeira, conforme Cícero e Aristóteles. Além disso, o leno mostrando-se ríspido no modo de falar com Társia, afirma dura e inflexivelmente que as lágrimas da menina não teriam efeito sobre ele: ela seria, sim, colocada à disposição dos clientes. Essa falta de compadecimento da parte dele e o fato de ordenar a uma princesa algo tão ultrajante como submeter-se aos impulsos sexuais de vários homens são dois elementos de sua ação completamente contrários à perspectiva de Cícero, o qual compreende que, a um amigo, não se pede “nada desonesto”.²⁷² A atuação do leno opõe-se, ainda, à instrução do pensador romano aos amigos no sentido de que eles “não peçam um ao outro senão favores conformes à moral e ao direito, e tenham não só estima e afeição um pelo outro, mas, também, respeito [...]”.²⁷³

No entanto, essa não é a única vez que o proxeneta manifesta seu desafeto por Társia ou ordena alguma ação ultrajante ou violenta contra ela. Por exemplo, tal acontece depois que a jovem consegue, por meio de seu sábio manejo com as palavras, mobilizar a compaixão de seus clientes e evitar a ultrajante violação de sua própria virgindade. O conflito, nessa cena, provém do fato de que a princesa obtém muito dinheiro, ainda que seu hímen continue intacto, sendo essa uma condição inadmissível para o dono do bordel:

[...] Cuando la sesión tocó a su fin, la muchacha ofreció el dinero al lenón diciendo: «He aquí el precio de mi virginidad.» Y el lenón le dijo: «¡Cuánto mejor es que estés sonriente y no llorosa! Ea, sigue así, para que cada día me traigas más dinero.» Al día siguiente le dijo otra vez: «He aquí el precio de mi virginidad, que he recogido de la misma forma, con súplicas y lágrimas, y preservó mi virginidad.» Al oír esto el lenón se enfureció porque ella mantenía su virginidad y llama a su presencia al capataz de las muchachas y le dijo: «Veo que eres tan torpe que no sabes que Tarsia es virgen. Si como doncella

²⁶ *Postea uero fecit uillicus, quod iusserat ei dominus suus leno.*

²⁷² CÍCERO, 2006, p. 57.

²⁷³ *Ibid.*, p. 97 e 99.

consigue tanto, ¿cuánto, siendo mujer? Llévala a tu habitación y arráncale tú el himen de su virginidad» (HA, 35; trad. López, 1997, p. 126).²⁷⁴

Percebe-se claramente, pois, que o desrespeitoso proxeneta não tem nenhuma afinidade, benevolência ou piedade para com a filha de Apolônio. A ele tudo o que importa é a possibilidade de angariar cada vez mais dinheiro com a exploração da moça, mesmo que para isso seja necessário submetê-la à violência extrema de um estupro, pois, conforme seu raciocínio, após perder a virgindade, muitos outros clientes a procurariam no bordel e contratariam seus serviços. Dessa forma, verifica-se a completa ausência de misericórdia e impiedade da parte do leno, bem como a falta de virtude e dignidade, requisitos cuja inexistência condena à integral impossibilidade de amizade – no molde aristotélico-ciceroniano – entre ele e Társia. Por fim, a conclusão dessa relação não poderia ser diferente da severa punição merecida (na perspectiva das personagens) pelo proxeneta, o qual termina seus dias sendo executado na fogueira pela própria população de Mitilene.²⁷⁵

O que fica claro na comparação entre o dono do bordel e Atenágoras é que esse último, embora inicialmente manifeste um comportamento mesquinho e devasso contra Társia, após algum tempo por ela demonstra compaixão e age no sentido de auxiliá-la, mesmo que aja de modo ambíguo, como já enfatizamos. O leno, de sua parte, em momento algum demonstra

²⁷⁴ Em latim, HA, 35.7-13

7. *Facta autem huius diei fine obtulit puella pecuniam lenoni dicens:* 8. — *E c c e p r e t i u m u i r g i n i t*
9. *Et ait ad eam leno:* 10. — *Quantum melius est hilarem te esse et non lugentem!* 11. *Sic ergo age ut cotidie mihi*
latiores pecunias adferas.

12. *Item ait ad eum puella altera die:* 13. — *Ecce pretium uirginitatis meae, quod so similiter precibus et lacrimis*
collegi et custodio uirginitatem meam.

²⁷⁵ “[...] El lenón es conducido al foro con las manos atadas a la espalda. Se prepara una enorme tribuna en el foro y, vistiendo a Apolonio con ropas reales despojándolo de toda la miseria del luto que llevaba y cortándole el cabello, le ponen una corona; y sube con su hija Tarsia a la tribuna. Y manteniéndola abrazada en presencia de todo el pueblo, las lágrimas le impedían hablar. Pero Atenágoras a duras penas con la mano consigue de la multitud que guarde silencio. Cuando estaban callados, les dijo Atenágoras: «Ciudadanos de Mitilene a los que un inopinado sentimiento de piedad ha congregado aquí: ved que Tarsia, a la que un lenón muy codicioso ha humillado hasta el día de hoy para arruinarnos, ha sido reconocida por su padre. Ella, gracias a vuestra piedad, se mantuvo virgen. Así pues, para que yo dé más cumplido agradecimiento a vuestra buena fortuna, ocupaos de vengarla.» Y todos gritaron al unísono diciendo: «¡Que el lenón sea quemado vivo y todos sus bienes sean adjudicados a la muchacha!» Y con estas palabras el lenón fue entregado a las llamas»” (HA, 46; trad. LÓPEZ, 1997, p. 138).

Em latim, HA, 46.5-14

5. *His auditis populi ab auriculis eum comprehenderunt; ducitur leno ad forum uinctis a tergo manibus.*

6. *Fit tribunal ingens in foro, et induentes Apollonium regalem uestem deposito omni squalore luctuoso quod habuit atque detonso capite diadema imponunt ei, et cum filia sua Tarsia tribunal ascendit.*

7. *Et tenens eam in amplexu coram omni populo lacrimis impediabatur loqui.* 8. *Athenagora autem uix manu impetrat a plebe ut taceant.*

9. *Quibus silentibus ait Athenagora:* 10. — *C i u e s M y t i l e n e s , q u o s r e p e n t i n a*
Tarsiam a patre suo esse cognitam, quam leno cupidissimus ad nos exspoliandos usque in hodiernum diem depressit, quae uestra pietate uirgo permansit. 11. *Vt ergo plenius uestrae Felicitati gratias referat, eius procurate uindictam.*

12. *At uero omnes una uoce clamauerunt dicentes:* 13. — *L e n o u i u u s a r d e a t e t b o n a o m*
14. *Atque his dictis leno igni est traditus.*

qualquer vestígio de piedade pela princesa; ao contrário disso, tudo o que ambiciona é alcançar vantagem individual e enriquecer, ainda que isso coloque em risco a segurança, a dignidade e a integridade da filha de Apolônio. Portanto, reconhece-se nitidamente um comportamento de inimizade da parte do leno para com a jovem Tárzia.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação, nosso principal objetivo foi o de analisar o viés da amizade em *História do rei Apolônio de Tiro*. Para tanto, inicialmente, revisamos dados relevantes a respeito da origem greco-latina do romance antigo. Essa revisão fez-se necessária pois, como HA figura entre as produções ficcionais em prosa concebidas entre os séculos II a.C. e VI d.C., era preciso compreender, ainda que panoramicamente, de que modo nosso corpus se articula em relação às demais produções romanescas da Antiguidade.

Assim, vimos que é comum no romance antigo os protagonistas formarem entre si um par amoroso o qual se separa por uma conjuntura qualquer, vê-se impedido de viver esse amor e que somente depois de muitas aventuras, ao longo de diferentes regiões por onde viajam, eles conseguem se reencontrar. Embora nas obras gregas esse par consistisse em dois amantes, em HA os protagonistas são um pai e sua filha, o que constitui já uma grande diferença de abordagem do amor. Outra diferença entre HA e os romances gregos é a língua de veiculação: enquanto os *Big Five* foram escritos em grego, HA preservou-se em latim. Um elemento em comum nessas obras é a perspectiva idealista adotada por seus respectivos autores, a qual transparece por meio dos maus sendo punidos, dos bons sendo recompensados, dos protagonistas reencontrando-se ao final da narrativa e até mesmo por meio da manutenção da castidade das personagens principais.

Já em relação ao romance antigo romano, vimos que os elementos afins, de modo geral, são o idioma latino, bem como alguns temas, tais quais o da viagem e, às vezes, o mote do reconhecimento e a utilização de assuntos cômicos. Apesar desses aspectos parecidos, vimos que HA manifesta uma perspectiva diferente da hiper-realista adotada no *Satíricon* e em *O asno de ouro* – produções nas quais, apontamos, os autores se utilizam de exageros para pôr em tela uma reflexão a respeito da sociedade romana coetânea àquela época em que eles viviam. HA, por sua vez, além de ser uma narrativa idealista, também manifesta uma série de problemas estruturais. Como exemplo desses problemas, pode-se mencionar certas ações de personagens aparentemente sem justificativa (por que o rei Antíoco cria um enigma que exporia seu relacionamento incestuoso? Ou por que ele oferece, como uma segunda chance, um prazo de trinta dias apenas para Apolônio? Ou, ainda, por qual razão Apolônio deixa Társia recém-nascida com os amigos Estranguilião e Dionísia ao invés de levá-la ao avô Arquístrates?), o que deixa transparecer um menor cuidado com o projeto narrativo por parte do autor-anônimo de HA se comparado às obras de Petrônio e Apuleio.

No entanto, as falhas estruturais não impediram que HA repercutisse notavelmente ao longo da Idade Média e do Renascimento. Pontuamos, com base em Archibald (1991) e Schmeling (1996) que nosso corpus foi transposto para diversos idiomas e alcançou diversas regiões do mundo graças ao trabalho de copistas. Dentre a grande variedade de versões de HA, uma das mais distintas figura no drama escrito por Shakespeare, *Pericles, prince of Tyre*, do séc. XVII.

Em seguida, a fim de ganharmos suporte teórico que sustentasse nossa leitura de HA relativamente ao funcionamento dos elementos ligados ao sentimento de amizade, pontuamos seus principais conceitos alinhavados por pensadores antigos e modernos. De um lado, em Aristóteles (1991) e em Cícero (2006), destaca-se sobretudo o entendimento de que só poderia haver amizade verdadeira e perene entre pessoas virtuosas; que os amigos são uma espécie de outro “eu”; e que, caso o vínculo de amizade fosse pautado em algum benefício ou vantagem, essa relação poderia se desfazer facilmente no momento em que acabassem as benesses. De outro lado, os pensadores Ortega (2002) e Konstan (2005) proporcionam uma reflexão da amizade que, além de retomar os pressupostos aristotélico-ciceronianos, ainda oferecem uma perspectiva sócio-histórica, por meio da qual é possível uma maior apreensão de como os antigos concebiam esse relacionamento humano.

As considerações delineadas por esses pensadores foram o substrato teórico de nossa análise das relações estabelecidas entre Apolônio, Társia e as demais personagens relevantes para a estrutura de HA. Nesse sentido, concluímos que se constitui uma relação de amizade entre (i) Apolônio e Helênico, o pescador pobre de Cirene, Arquístrates, a filha de Arquístrates, Atenágoras, Társia e a população de Tarso; e entre (ii) Társia e Atenágoras.

Entendemos que esses casos analisados no Capítulo 4 são de amigos e não de meros auxiliares, pois, se se tratassem de apenas personagens auxiliares, eles apareceriam na trama somente uma vez ou, então, não haveria um comprometimento entre eles e os protagonistas da obra. Contudo, não é isso o que verificamos em HA: a narrativa aponta para a ideia de que, após o fim das aventuras, todos os amigos mantêm algum contato com os protagonistas ao longo de anos – menos os falsos amigos, os quais são punidos por suas faltas.

No caso de Helênico, mesmo sendo ignorado num primeiro momento, ele não volta atrás em sua decisão de avisar Apolônio de que Antíoco buscava matá-lo, e mais, ainda rejeitou a recompensa em ouro que seu soberano lhe ofereceu, porquanto pautava sua atitude em uma verdadeira amizade. O pescador de Cirene também figura como verdadeiro amigo, pois, mesmo vivendo uma situação de penúria, ainda assim divide o pouco que tem para auxiliar o rei de Tiro. No final da trama, Apolônio recompensa essas duas personagens não apenas com bens

materiais, mas, especialmente, com a inclusão deles em seu séquito, isto é, ele mantém os amigos junto de si para sempre.

Arquístrates figura não apenas como um amigo de Apolônio, mas, também, como o bom modelo a ser seguido. Destaca-se na relação entre os dois a amabilidade, o apoio e o suporte oferecidos por Arquístrates quando o protagonista era apenas um náufrago. A amizade deles é perceptível no tempo em que passam juntos, na forma como dialogam e até mesmo no laço familiar que os une (sogro e genro). Ao final de sua vida, inclusive, Arquístrates deixa para Apolônio metade de seu reino.

A filha de Arquístrates também desenvolve uma relação amistosa com Apolônio. Esse relacionamento inicia-se por meio da admiração dela pela inteligência do rei de Tiro, e, com o tempo, esse admirar da princesa transforma-se em paixão e os leva ao laço do matrimônio. A amizade desse casal transparece em seus diálogos e na forma de tratamento sempre de muito respeito e afeto – seja antes do casamento ou mesmo após mais de uma década distanciados por um infortúnio.

Já Atenágoras, embora manifeste um comportamento contraditório, como apontamos, destaca-se como uma das personagens que mais auxilia Apolônio, pois ele o encontra em seu momento de maior tristeza no porão do navio e, apesar de não o conhecer, ainda assim esforça-se ao máximo para tirá-lo de sua angústia e fazê-lo recobrar gosto pela vida. É também Atenágoras quem proporcionará – com toda a ambiguidade possível – o reencontro de Apolônio e Társia, e, ao final, ele passa a integrar a família do rei de Tiro como seu genro.

Társia também figura como amiga de Apolônio, pois, ainda que inicialmente se dirija ao porão de seu navio motivada pelo dinheiro que Atenágoras lhe prometera, após interagir por algum tempo com Apolônio – o pai ainda não reconhecido –, ela desenvolve afeto por ele a ponto de não aceitar que um homem tão inteligente pereça naquele estado de consternação. Em razão disso, a menina agarra as vestes de Apolônio e, com todos seus esforços – claramente ineficazes dada a diferença de tamanho e força dos dois –, tenta arrastá-lo para fora daquele lugar escuro. Após o reconhecimento, pai e filha podem finalmente conviver e, desse modo, estabelecer o vínculo paterno antes impedido pela mentira de Dionísia e pela separação. Apolônio demonstra seu amor e amizade no discurso que faz ao revelar a Társia o quanto sofrera pensando que ela estava morta. Após isso, além de promover o casamento da princesa com o príncipe Atenágoras, uma excelente escolha naquele contexto, o protagonista ainda a deixa como rainha de Tiro juntamente de seu marido.

Por seu turno, o povo de Tarso, agindo como uma única personagem, também procede como amigo de Apolônio, tendo-se em vista que acolhe o rei de Tiro, esconde-o e protege-o de

qualquer perigo proporcionado seja pelo rei Antíoco, seja pelas pessoas aliciadas pela promessa de enriquecer ao levar a cabeça de Apolônio a Antioquia; essa mesma cidade constrói uma sepultura para a filha do rei de Tiro e lameneta profundamente sua (falsa) morte. Por sua vez, Apolônio também manifesta amizade tanto na ocasião em que doa cereal à faminta cidade, quanto no momento em que decide homenagear essa região dando o mesmo nome à sua própria filha – Társia. Em Aristóteles (1991), vimos que não é possível a amizade se realizar do mesmo modo do soberano para com seus súditos e vice-versa, pois trata-se de uma amizade desigual. Dessa forma, na perspectiva do pensador estagirita, cada parte deveria retribuir a estima conforme sua condição individual, o que se verifica nas atitudes dos moradores de Tarso e nas de Apolônio.

Há, também, a relação de amizade entre Atenágoras e Társia. A despeito do início adverso dessa relação – pois o príncipe de Mitilene queria fazer da moça sua escrava sexual –, com o tempo, o vínculo entre eles se estreita, especialmente conforme passam a conviver e Atenágoras conhece a história de Társia. Além de mostrar-se muito respeitoso, ele é um dos homens que mais oferece recursos para Társia, o que aplaca a ganância do leno e, de certa forma, diminui sua violência para com a menina. Atenágoras passa a cuidar da princesa como se ela fosse alguém de sua própria família, e, assim que Apolônio reconhece Társia como sua filha, o príncipe de Mitilene a pede em casamento, consolidando-se ainda mais o elo entre ele e a jovem.

Além do mais, como já pontuamos, ao analisar as relações de amizade, foi imprescindível estudar, também, as relações de inimizade, dado que os inimigos estabelecem, semelhantemente, uma relação de amizade, porém como se fosse um vetor em sentido contrário. Assim, os inimigos figuram, em HA, nas personagens do rei Antíoco, de Estranguilião e Dionísia, e do leno. Cada uma dessas personagens deseja o mal ou desencadeia algo ruim contra Apolônio ou Társia. No caso de Antíoco, ele representa o grande risco de vida para o rei de Tiro, pois este, além de propor casamento à sua filha, ainda descobriu o relacionamento incestuoso entre o rei e a princesa. Justamente em razão da perseguição empreendida por Antíoco, Apolônio é obrigado a viver fugindo.

Já Estranguilião e Dionísia figuravam como amigos de Apolônio, pessoas nas quais ele confiava a ponto de deixar sob o cuidado deles sua filha recém-nascida. Todavia, já no primeiro momento da trama em que Estranguilião e Apolônio se encontram, o morador de Tarso de imediato apresenta dificuldades para auxiliar o suposto companheiro. Conforme vimos em Konstan (2005, p. 81), a própria disposição de oferecer auxílio é, por si só, um indicativo de amizade; nesse sentido, desdobrada essa ideia, o contrário também se verifica, ou seja, a

indisposição para ajudar alguém pode indicar uma fragilidade ou até mesmo uma ruptura no relacionamento. A indisposição de Estranguilião, assim, é avessa ao que pontua Cícero (2006, p. 81), quando afirma nas palavras de Ênio que “O amigo certo se conhece nas situações incertas”; isto é, seria precisamente no momento de dificuldade de Apolônio que Estranguilião poderia revelar seu valor como amigo, embora ele não aja dessa maneira.

Além disso, Dionísia quebra sua lealdade a Apolônio quando decide matar a jovem Társia para se apossar de seus pertences e, com eles, adornar sua própria filha. Estranguilião também se mostra falso amigo ao calar-se, em vez de denunciar sua esposa, agindo, dessarte, como cúmplice das maldades de sua esposa. Desse modo, ao oferecer uma falsa amizade, o casal figura, na verdade, como inimigos de Apolônio e de Társia.

Por fim, o leno de Mitilene também é inimigo dos protagonistas. Em primeira instância, dado que submete Társia a uma condição indigna e insalubre, ele figura como inimigo da jovem; no entanto, à medida em que Társia é filha e amiga de Apolônio, o leno é, por extensão, também inimigo do rei de Tiro, pois, ao fazer mal à princesa, ele atinge, igualmente, seu pai. Da mesma forma, ao buscar justiça contra o leno, Apolônio ainda alcança a reparação da honra de sua filha e da sua própria também.

Tratando-se ainda dos inimigos, é preciso salientar o que determina o desfecho de cada uma dessas personagens na trama: Társia perdoa aqueles que se arrependem (Teófilo, por exemplo, o empregado de Dionísia encarregado pela patroa de assassinar a moça; e o próprio capataz do leno), mas permite o castigo daqueles que se mantêm maus (Dionísia e Estranguilião e o proxeneta). Não se pode afirmar que, diante de um suposto arrependimento dessas personagens, seria possível o estabelecimento de uma amizade verdadeira entre elas e os protagonistas, mas, ao menos, os arrependidos poderiam seguir com suas vidas, tal qual aconteceu com Teófilo e com o capataz. Assim, a punição que recaiu sobre as personagens más, no universo diegético de HA, é resultado das atitudes de cada uma delas, e, ainda mais, o procedimento dos protagonistas não manifesta oposição aos pressupostos de Aristóteles (1991, p. 198), segundo o qual se deve oferecer auxílio para que os falsos (ou maus) amigos recuperem-se de seu caráter reprovável. Todavia, acrescenta o filósofo, se houver impossibilidade do resgate desses amigos, não há injustiça em abandoná-los.

Portanto, em síntese, consideramos que, de fato, há verdadeiras relações de amizade em HA, porquanto os vínculos que assim classificamos apontaram para uma relação positiva, a qual possibilitou a Apolônio e a Társia a transposição de suas dificuldades, a proteção contra os perigos e, ainda, a consecução de um final feliz para sua jornada. Por outro lado, as personagens destacadas como inimigas – Antíoco, Estranguilião e Dionísia e o leno –, atuaram

concretamente como forças nefastas, perigosas, traiçoeiras e mortais contra os protagonistas, e, caso dependesse deles a segurança ou o sucesso dos protagonistas, a esses estariam reservados somente a dor, o fracasso, a vergonha ou a morte.

REFERÊNCIAS

- ALBRECHT, M. von. D. novela: novela romana: generalidades. In: ALBRECHT, M. von. *Historia de la literatura romana: desde Andrónico hasta Boecio*. Versión por Dulce Estefanía, Andrés Pociña Pérez. Barcelona: Herder, 1999. v. 2, p. 1101-1107. Disponível em: <https://archive.org/details/von-albrecht-michael.-historia-de-la-literatura-romana.-vol.-ii-ocr-1999/page/n1/mode/2up>. Acesso em: 04 abr. 2024.
- ÁLVAREZ, I. Deseo y narración: el incesto y la *historia apollonii regis tyri*. *Onomázein*, Santiago, n. 8, p. 197-209, 2003. Disponível em: <https://onomazein.letras.uc.cl/index.php/onom/article/view/31685/40899>. Acesso em: 23 mar. 2024.
- APULEIO. *O asno de Ouro*. Tradução, introdução e notas de Ruth Guimarães. São Paulo: Cultrix, 1963.
- AQUATI, C. *O grotesco no Satíricon*. 1997. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo 1997.
- AQUATI, C. Introdução. In: PETRÔNIO. *Satíricon*. São Paulo: Editora 34, 2021. p. 7-12.
- ARCHIBALD, E. *Apollonius of Tyre: Medieval and Renaissance, Themes and Variations*. Woodbridge: D. S. Brewer, 1991.
- ARISTÓTELES. *A ética de Nicômaco*. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- BAKHTIN, M. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini... [et al]. 7. ed. São Paulo: Huicitec; 2014.
- BRANDÃO, J. L. *A invenção do romance*. Brasília: Editora da UNB, 2005.
- CÍCERO, M. T. *Sobre a amizade*. Tradução de João Teodoro d'Olim Marote. São Paulo: Nova Alexandria, 2006.
- ECO, U. *O nome da rosa*. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- ÉSQUILO; SÓFOCLES, EURÍPEDES, ARISTÓFANES. *O melhor do teatro grego: Prometeu acorrentado; Édipo rei; Medeia; As nuvens: edição comentada*. Tradução de Mário da Gama Kury. São Paulo: Editora Zahar, 2013. (Clássicos Zahar).
- FARIA, E. *Dicionário escolar latino-português*. 6. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1994.
- GIL, J. La novela entre los latinos. *Estudios Clasicos*, Madrid, t. 22, n. 81/82, p.375-397, 1978. Disponível em: <https://www.estudiosclasicos.org/eclas-archivo/>. Acesso em: 2 abr. 2024.
- GUAL, C. G. *Historia, novela y tragedia*. Madrid: Alianza Editorial, 2006.
- GUAL, C. G. *Los orígenes de la novela*. Madrid: Istmo, 1972.
- HOMERO. *Odisséia*. Tradução: Antônio Pinto de Carvalho, São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- HUBER-REBENICH, G. Hagiographic fiction as entertainment. In: HOFMANN, H. (ed.). *Latin Fiction: The Latin Novel in Context*. London: Routledge, 1999. p. 158-179. Disponível

em: <https://www.taylorfrancis.com/books/edit/10.4324/9780203479223/latin-fiction-heinz-hofmann?refId=d9f5113c-104c-4347-a2d7-a9b7e76d502b&context=ubx>. Acesso em: 15 abr. 2024.

IPIRANGA JR, P. O romance antigo: teorização e crítica. *Eutomia: revista de literatura e linguística*, Recife, v. 1, n. 14, p. 45-65, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/EUTOMIA/article/view/726/550>. Acesso em: 11 jan. 2023.

KONSTAN, D. *A amizade no mundo clássico*. Tradução de Márcia Epstein Finker. São Paulo: Odysseus, 2005.

KORTEKAAS, G. A. A. *Commentary on the Historia Apollonii regis Tyri*. Leiden: Brill, 2007. (Mnemosyne, Supplements, v. 284).

KORTEKAAS, G. A. A. Introduction. In: KORTEKAAS, G. A. A. *Historia Apollonii Regis Tyri*. Groningen: University of Groningen, 1984. p. 3-13. Disponível em: https://pure.rug.nl/ws/portalfiles/portal/14417158/apollonii_regis.pdf. Acesso em: 17 jun. 2024.

LÓPEZ, M. C. P. *Historia de Apolonio rey de Tiro*. Madrid: Ediciones AKAL, 1997.

MARTINS, R. M. R. *A amizade no "Satíricon", de Petró* 2019. 104 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", São José do Rio Preto, 2019.

OLIVEIRA, N. P. *Hipótese acerca do desenvolvimento do romance antigo greco-latino a partir de uma análise da tópica do romance História do rei Apolônio de Tiro*. 2019. 189 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", São José do Rio Preto, 2019.

ORTEGA, F. *Genealogias da amizade*. São Paulo: Iluminuras, 2002.

PANAYOTAKIS, S. Fixity and fluidity in *Apollonius of Tyre*. *Ancient Narrative*, Eelde, v. 2007, p. 299-320, 2007. Disponível em: <https://ancientnarrative.com/article/view/24475/21925>. Acesso em: 16 abr. 2024.

PANAYOTAKIS, S. The temple and the brothel: mothers and daughters in *Apollonius of Tyre*. *Ancient Narrative*, Eelde, v. 2002, p. 98-117, 2002. Disponível em: <https://ancientnarrative.com/article/view/24320/21770>. Acesso em: 8 abr. 2024.

PETRÔNIO. *Satíricon*. Tradução de Cláudio Aquati. São Paulo: Editora 34, 2021.

RUIZ-MONTERO, C. La estructura de la *Historia Apollonii regis Tyri*. *Cuadernos de filología Clásica*, Madrid, v. 18, n. 18, p. 291-334, 1983.

RUIZ-MONTERO, C. *La novela griega*. Madrid: Editorial Síntesis, 2006.

SANO, L. *Sendo homem: a guerra no romance grego*. 2013. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

SCHMELING, G. (Ed.). *Historia Apollonii Regis Tyri*. (Bibliotheca Teubneriana.) Leipzig: Teubner, 1988.

SCHMELING, G. (org.). *The novel in the ancient world*. Leiden: E. J. Brill, 1996.

SCHMELING, G. The history of Apollonius king of Tyre. In: HOFMANN, H. (ed.). *Latin Fiction: The Latin Novel in Context*. London: Routledge, 1999. p. 119-129.

SILVA, G. S. *Secularização do mito troiano: Ephemeris belli Troiani e De excídio Troiae historia*. 2023, 189 f. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2023.

STONEMAN, R. The Latin Alexander. In: HOFMANN, H. (ed.). *Latin Fiction: The Latin Novel in Context*. London: Routledge, 1999. p. 141-157.

WOLFF, E. Vertus et vices dans l'*Historia Apollonii regis Tyri*. MOM Éditions, Lyon, v. 42, n. 1, p. 319-326.